Revista Literalivre ©

Distribuição Gratuita

ISSN: 2595-363X

Vol.04 - nº 22 - Jul./Ago. de 2020

ISSN 2595-363X

Literatura com Liberdade

Revista LiteraLivre
ISSN 2595-363X

Volume 4, nº 22 - Jul./Ago. de 2020.
ISSN 2595-363X - SNIIC: AG-67335
Jacareí - SP - Brasil

A Revista LiteraLivre foi criada para unir escritores de Língua Portuguesa, publicados ou não, de todos os lugares do mundo.
Toda a participação na revista é gratuita, com publicação em PDF e distribuição on-line.

Expediente:

Publicação: Bimestral

Idioma: Português

Distribuição: Gratuita online em pdf

Conselho Editorial: Ana Rosenrot, Julio Cesar Martins e Alefy Santana

Editora-chefe: Ana Rosenrot

Diagramação: Ana Rosenrot – Alefy Santana

Suporte Corporativo:
Julio Cesar Martins – Alefy Santana

Revisão: *Todos os textos foram revisados por seus autores e não sofreram nenhuma alteração por parte da revista, respeitando assim a gramática, o estilo e o país de origem de cada autor.*

Imagens: as imagens não creditadas foram retiradas da internet e não possuem identificação de seus autores.

Capa: Pixabay

Site da revista:
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/comoparticipar

Contato: revistaliteralivre@yahoo.com

Página do Facebook:
https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre

Autor Corporativo:
Ana Rosenrot – SNIIC: AG-67162

Direitos Autorais:
Os textos e imagens aqui publicados podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que sejam preservados os nomes de seus respectivos autores, que seja citada a fonte e que a utilização seja sem fins lucrativos. Seguindo também a doutrina de "fair use" da Lei de Copyright dos EUA (§107-112)

A responsabilidade pelo conteúdo de cada texto ou imagem e dos textos das colunas assinadas é exclusiva de seus autores e tal conteúdo não reflete necessariamente a opinião da revista.

Edições (atual e anteriores):
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/numeros

© Todos os direitos reservados

COPYRIGHT PROTECTED by AVCTORIS

ISSN 2595-363X

EDITORIAL

Olá amigos(as) leitores e autores, recebam a 22ª edição da Revista LiteraLivre.

Nesta edição, trazemos novamente um apanhado de textos incríveis de todos os lugares do mundo e também oportunidades imperdíveis na literatura e audiovisual, confiram:

— lançamento da 5ª edição da "Revista SerEsta", que homenageia Adélia Prado e traz uma entrevista comigo. (não deixem de ler)

— o "Corvo Literário", novo espaço para divulgação de autores, criado pelos meus amigos Adam Mattos e Golden Barbie. (participo e recomendo)

— o "Sarau na Favela", iniciativa maravilhosa da queridíssima Valéria Barbosa, que reúne música, dança e poesia, numa mistura de estilos memorável.

— Antologia Devires Poéticos, do Marcos Andrade Alves dos Santos, parceiro e participante da revista.

— Concurso literário "Vida e obra de Adélia Prado",promovida pela nossa parceira especial, a "Revista SerEsta".

— O e-book gratuito "Memória dos Fanzines", que traz a história de centenas de fanzines editados no Brasil.

— Projeto "Cartas para a Vida", pois, mais do que nunca estamos precisando de uma palavra amiga.

Quero agradecer a todos os autores participantes e aos nossos queridos leitores, que estão sempre conosco levando a literatura e a língua portuguesa para o mundo.

Apesar de todas as dificuldades que estamos enfrentando nesse difícil momento para a humanidade, temos que continuar firmes e enfrentar, da melhor forma que pudermos, os desafios que cruzarem nossos caminhos, sem desistir jamais! Cuidem-se e cuidem dos seus! Espalhem a arte e o amor!

Vamos mudar o mundo através das palavras!!

Quero fazer um agradecimento especial ao amigo Allan Fear, por seus presentes arrepiantes: o livro "Sacrifícios" e as HQs da série Hawter e para a

talentosa Mishal Katz, que me enviou o livro de poesias "A Espiral de Netuno"(os livros citados estão disponíveis na Amazon). Desejo muito sucesso aos autores!! Agradeço também ao Lenilson Silva, que nos agraciou com um lindíssimo poema em nossa homenagem!(obrigada mesmo)

Atendendo a pedidos, trago o link da entrevista que concedi ao canal do Youtube "Night Of Terror Inc.", onde eu falo um pouco sobre a minha carreira literária e também sobre a revista. Confiram:

https://youtu.be/ByWcPExx-EY

Ana Rosenrot
Editora-chefe

#novoparceiro

O Projeto Literário Coletâneas dedica-se ao trabalho de antologias, incentivando os autores iniciantes a produzirem contos a partir das temáticas propostas e a participarem de cada desafio literário lançado. Apoiamos, especialmente, os escritores de plataformas digitais que desejam se desenvolver na área literária e ajudamos na visibilidade do seu trabalho dentro do PLC. Além disso, oferecemos um suporte básico de revisão, resenha crítica, capas, banner de divulgação e materiais literários para aprendizado através das nossas parcerias; além de incentivos como brindes e sorteios.

Nossa missão é:

Buscar, incentivar e valorizar os autores iniciantes;

Oportunizar o aperfeiçoamento a cada antologia promovida;

Criar desafios literários estimulando a criatividade e produções.

Formamos assim, uma equipe de autores apaixonados por ler e escrever, cada qual em seu estilo, mas com muita vontade de levar um pouquinho do nosso universo de sonhos e fantasias àqueles que procuram viajar no mundo da leitura.

A participação dos autores nas antologias é totalmente gratuita.

O PLC procura ajudar todos os autores que estão dispostos a aprender, que são apaixonados por escrever e com pouco espaço no universo literário, sobretudo, escritores de plataformas digitais.

O que observamos é a quantidade de autores com potencial, porém, suas obras têm poucas visualizações ou leituras. O que o escritor mais quer é que suas obras sejam lidas e é, justamente, o que buscamos: que esses escritores sejam lidos e vistos.

Sendo assim, criamos duas possibilidades para os autores participarem do projeto: a modalidade Convite e a modalidade Seleção PLC.

Mais informações no site.

LEMBRANDO QUE: as antologias são produzidas e postadas em plataformas de leitura como a Wattpad e Luvbook. Alguns contos são selecionados, posteriormente, dentre as antologias para serem publicados em formato físico.

Além desses modelos, temos o Desafio de Quinta que, como diz o nome, são desafios que acontecem, quinzenalmente, às quintas-feiras no nosso Instagram, cujo foco são os minicontos e outros estímulos à escrita. Esses desafios são bastante diversificados e também com brindes aos vencedores.

Todas essas modalidades são, essencialmente, focadas no incentivo aos novos escritores, no estímulo da escrita e da leitura e na propagação da nossa literatura.

Georgeane Braga e Manuella Zavitoski

Administradoras do PLC

www.projeto-literario-coletaneas.webnode.com/

https://www.wattpad.com/user/PLColetaneas

https://www.facebook.com/PLColetaneas2016/

https://www.instagram.com/plcoletaneas/

Neste Número:

Lenilson Silva.....4
Inspira Poetas.....4
Klebin, a pomba (arte).....5
Fernando Machado dos Santos.....5
Haikai Engraçadinho.....6
Jorginho da Hora.....6
Uma Concha no Mar da Eternidade (Fotomontagem).....7
Roberto Schima.....7
Artista do Mês.....8
Billie Holiday.....8
Autores:
aBel gOnçalves.....9
África Gomes.....10
Alberto Arecchi.....11
Aldenor Pimentel.....15
Alessandra Cotting Baracho.....18
Alex Cardoso.....19
Aline Eni.....22
Allan Fear.....24
Alvaro Daniel Costa.....27
Amanda Casagranda de Alcântara.....28
Amélia Luz.....29
Ana Carolina Cerqueira Chaves.....31
Ana Maria Fázio de Freitas.....32
Ana Paula de Oliveira Gomes.....33
Ana Rosária Soares da Silva.....34
Anderson Falcão.....36
Anthony Lee.....39
Antônio Jefferson Teixeira Sousa.....40
Arcângelo da Silva Ferreira.....41
Artemísia.....43
Arthur D´Elia dos Santos e Caique de Oliveira Sobreira Cruz.....44
Arthur Januzzi Caputo.....48
Arthur Vieira.....50
Austregésilo Brito.....52
Biah Vieira.....55
Camilla Poubel.....56
Carlos Jorge Azevedo.....57
Carmem Aparecida Gomes.....58
Caroline Cristina Pinto Souza.....60
Catarina Dinis Pinto.....61
Charles Burck.....62
Cizina Célia Fernandes Pereira Resstel.....63
Clarice de Assis Rosa.....67
Cláudia Gomes.....69
Cleidirene Rosa Machado.....70
Cleison Fernandes de Souza.....71
Conceição Maciel.....73
Cris Souza.....74
Daniela Genaro.....75
David Ehrlich.....76
David Leite.....78
Deise Oliveira S.....80
Éderson Silveira dos Santos.....81
Edgar Borges.....82
Edna Mancusi.....83
Eduard Traste.....84
Edvaldo Manteiga.....85
Edweine Loureiro.....87
Eloy de Oliveira.....88
Eni Ilis.....89
Esther Mister.....91
Fábio Daflon.....92
Fernando Henrique Franco de Aquino.....93
Fernando Machado dos Santos.....94
Francisco Cleiton Limeira de Sousa.....95
Francisco Ribeiro dos Santos.....96
Gabriel Alves de Souza.....97

Gabriela Araujo.....98
Gabrielle Lima.....101
Gilberto Moura.....102
Gisela Lopes Peçanha.....103
Guilherme Hernandez Filho.....105
Guilherme Rocha Formicki.....107
Hélène de La Dauphin.....109
Hitallo Dalsoto.....111
Hudson Henrique.....112
Indy Sales.....114
Irane Castro.....115
Iris Ferreira da Silva.....117
Isabel Cristina Silva Vargas.....118
Isabela Volpi.....119
Ivanildo Antonio dos Santos Pessôa.....120
Ivo Aparecido Franco.....121
J L Silva.....122
JAX.....124
Jeane Tertuliano.....127
Joalison Silva.....128
João Carreira.....129
Joaquim Bispo.....130
Joedyr Bellas.....133
José Renato Resende.....135
Julia Mascaro Alvim.....139
Juliana Kaminski Machado.....140
Kaique Bernardo Athayde Passos.....143
Karina Caputti.....144
Klara Rakal.....145
Larissa Reggiani Galbardi.....146
Léa Costa Santana Dias.....147
Leandro Costa.....148
Leandro Emanuel Pereira.....150
Leandro Sousa (O Menino Inspiração)....151
Lemos Poesias.....152
Lígia Diniz Donega.....153
Lizandra Antunes.....157
Lourildo Costa.....158
Luanaly.....160
Lucas Ramon Porto de Assis.....161
Luís Amorim.....162
Luiz Roberto da Costa Júnior.....164
Luzitânia Silva.....165
Maira Bastos dos Santos.....166
Maíra Luciana.....167
Malinga Dambo.....168
MaNa Pensamentos.....169
Manuel Veronez.....170
Márcia Gabrielle Brito Mascarenhas.....171
Marcos Andrade Alves dos Santos.....172
Marcos Nunes Loiola.....176
Marcos Pontal.....178
Maria Carolina Fernandes Oliveira.....179
Maria Catarina de Sousa Martins Canas..180
Maria Elza Fernandes Melo Reis.....181
Maria Ioneida de Lima Braga.....182
Maria Pia Monda.....183
Maria Vania e Jacilene Bandeira.....186
Marione Cristina Richter.....189
Mayanna Velame.....191
Moises Souza do Nascimento.....192
Natanael Vieira.....193

Nercy Grabellos.....194
Olidnéri Bello.....195
Ovidiu-Marius Bocsa.....196
Patricia Hradec.....197
Paulo Cezar Tórtora.....200
Paulo Luís Ferreira.....201
Paulo Vasconcellos.....206
Pedro Leal Quaglio.....207
Plinio Giannasi.....210
Renato Massari.....213
Rian Lucas.....216
Ricardo Ryo Goto.....218
Roberto Schima.....219
Robinson Silva Alves.....221
Rodrigo Leonardi.....222
Rogério Costa.....223
Roman Lopes.....224
Ronaldo Dória Júnior.....226
Roque Aloisio Weschenfelder.....227
Rosa Acassia Luizari.....229
Rosa Maria Soares Bugarin.....230
Rosangela Maluf.....232
Ruan Mattos.....235
Ruan Sarmento.....238
Saulo Jonas Borges Costa.....239
Sigridi Borges.....240
Sirineu Bezerra De Oliveira.....242
Sonia Regina Rocha Rodrigues.....243
Tácito Cortes de Carvalho e Silva.....245
Tauã Lima Verdan Rangel.....247
Teresa Azevedo.....248
Thiago Henrique Fernandes Coelho.....250
Tinga das Gerais.....252
Uliz Camargo.....253
Van Toledo.....254
Vanuza Silva.....255
Vinícius Amâncio.....256
Vinicius Morais de Souza.....259
Vitor Sergio de Almeida.....260
Wagner Azevedo Pereira.....261
William Fontana.....262
Wilson Carvalho.....266
Lançamento da 5ª Edição da Revista SerEsta 269
Corvo Literário - um novo espaço para os autores.....270
Conheçam e participem do “Sarau na Favela”.....271
Inscrevam-se na Antologia Devires Poéticos 272
Concurso literário “Vida e obra de Adélia Prado”.....273
Memória dos Fanzines - e-book gratuito 274
Participem do Projeto “Cartas para a Vida” 275
LiteraAmigos.....276
Modelo de envio de textos para publicação na revista.....283

Lenilson Silva

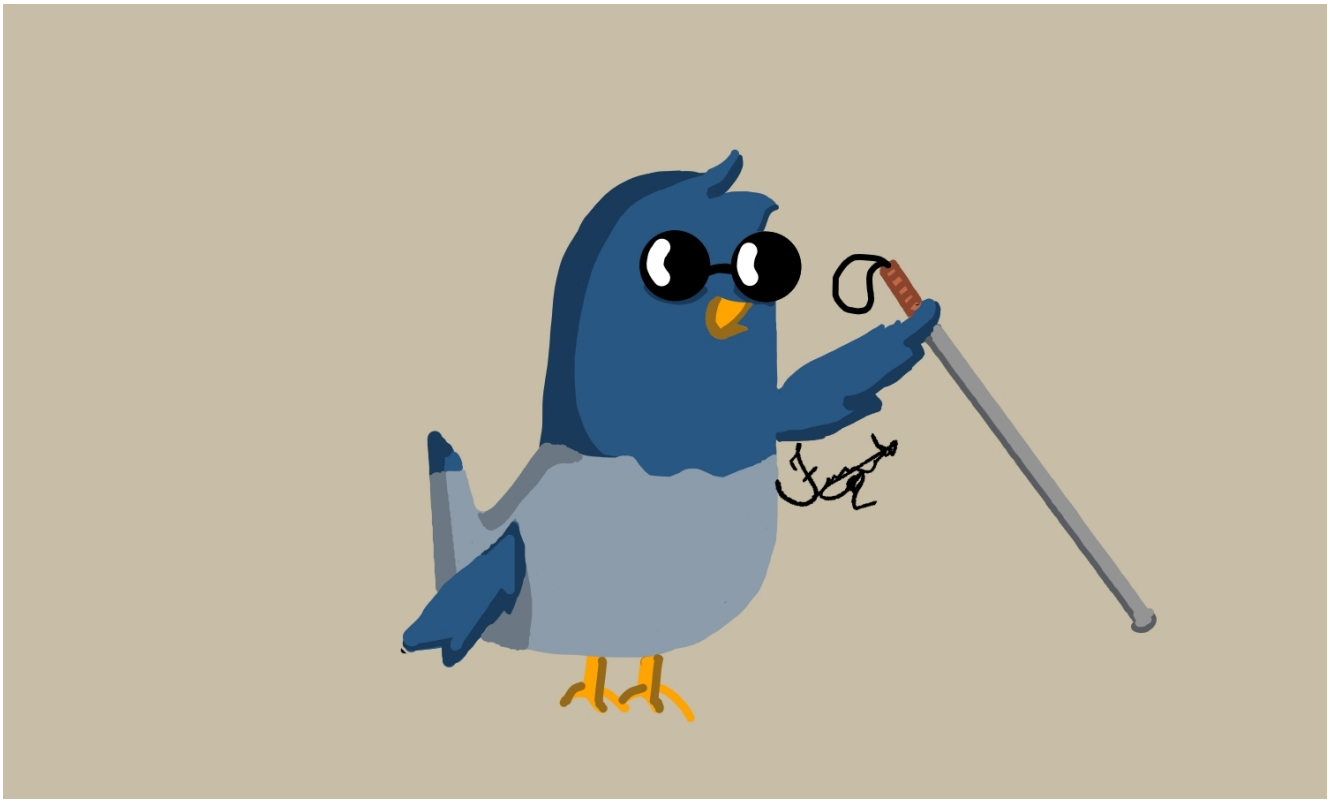
Pedras de Fogo/PB

Inspira Poetas

Inspira poetas
Revista de valor
Que agrega sonhos
Primeiros versos publicados
Com muito calor...
Gente de toda parte
De vários sotaques
LiteraLivre une com fervor...
Tenho prazer anunciado
Agradecimento sempre passado
Por fazer parte com amor
Anuncio esses versos
Homenageando desde a organizadora
Até o mais longínquo poeta
Que se encontra aqui com fervor.
Gratidão.

Klebin, a pomba (arte)

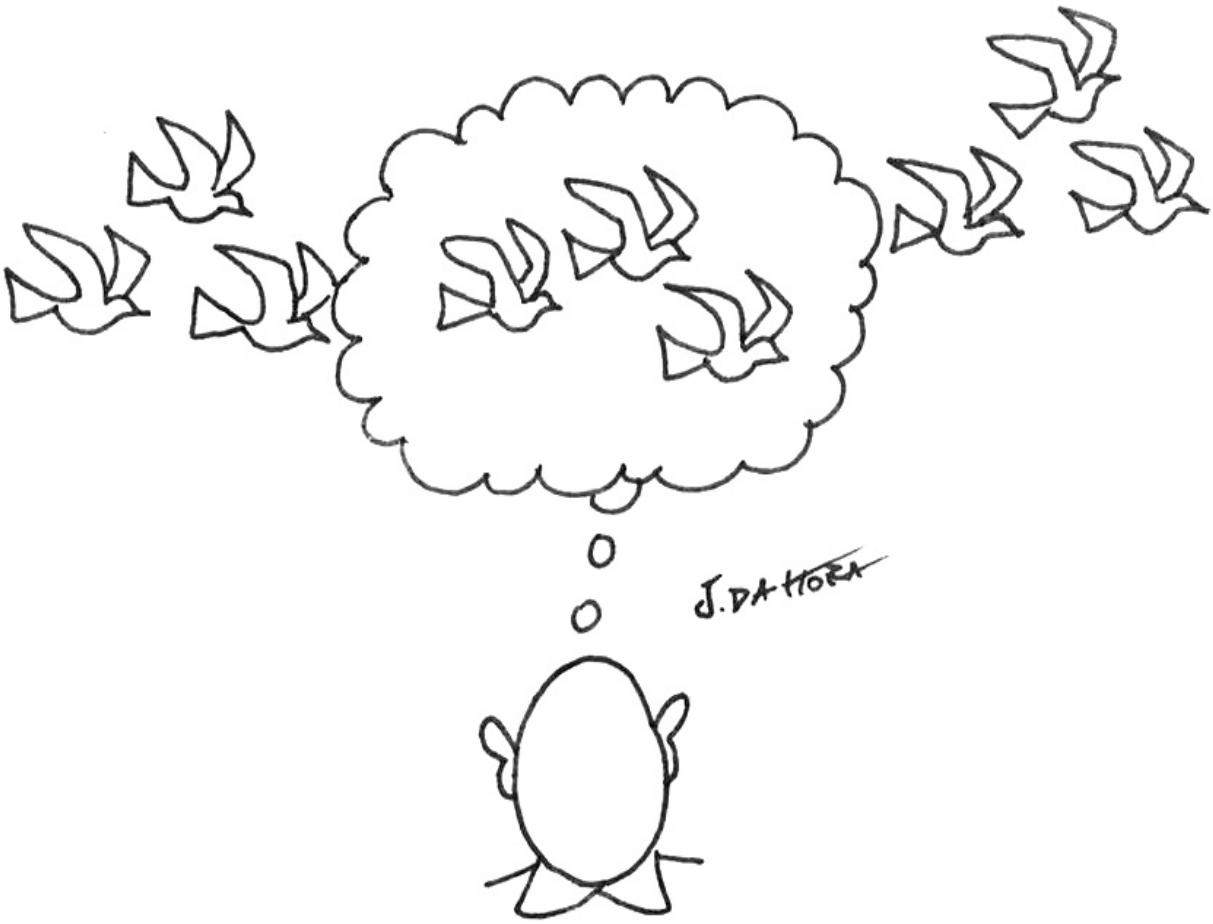
Fernando Machado dos Santos
São Paulo/SP



HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

Em vão
pensamentos vêm
e vão



Haikai Engraçadinho

Jorginho da Hora
Simões Filho/BA

Uma Concha no Mar da Eternidade (Fotomontagem)

Roberto Schima

Salto/SP

Artista do Mês

Desenho: Márcio Apoca
Campo Mourão/PR

Billie Holiday

Cantora norte-americana

https://www.facebook.com/apocastudios

Biografia:

https://www.ebiografia.com/billie_holiday/

Playlist para ouvir suas músicas:

https://youtu.be/vPJuFxl0bxY

aBel gOnçalves

São Paulo/SP

Apodrecendo

De fato, não há como impedir o inevitável.
O tempo é uma equação complexa
Onde o resultado é sempre
Um caixão fechado descendo sob a
Sepultura de um cemitério qualquer.

Um punhado de ossos na ampulheta,
É o que sobrará da sua torpe humanidade.
Seja você notável, notório, ou
Simplesmente escolheu viver feito planta,
Pedra, ou plástico pela cidade ilusória.

O mundo é feito de orgasmo e organismo
Vivo apodrecendo a todo instante.
Acostume-se ao instalar dos dedos
Da morte, ao delírio da vida, e as sirenes
Que tocam feito síndrome de despedida.

Os dias vão escoando pelos escombros
Dos segundos catatônicos, calejando a
Dureza de um coração que mal teve
Tempo de viver. _O que sobra!
É a sombra de uma lembrança efêmera.

https://www.recantodasletras.com.br/autores/AbelGoncalves

África Gomes

Luanda – Angola

Conto

Ela gemia por tudo que era canto, gritava mais bem suavemente, nunca antes havia presenciado algum sem igual, ela só dizia quero ir embora, sai já, esta demora muito, procurava enis posições para assim a doer bradar, e em leves segundos tentar desanuviar, era uma guerra impossível, era dor forte, eu conseguia sentir seu frio e medo ao mesmo tempo, era primeira vez, ela só queria dessa sensação se livrar, mais era uma emoção sem explicação que à deixava estressada com o corpo dorido, coração transbordante e esperança nos braços!

Eu juro que fiquei com certa pena, pois eu não tinha como ajudar minimizar nada, só podia dizer que vai ficar tudo bem, aguenta falta pouco, mais as horas passavam e nada, que desespero, era anseia, vontade medo, desejo mais força que movia ela para todo canto. Que espera mais agonizante mas fascinante, e foi então que ao sol se pôr veio a luz, a esperança, a certeza, o sonho esperando, a pureza no olhar, a representação mais pura do amor, é que depois da tempestade vem sempre a bonança e certeza de que o amanhã é primavera.

Alberto Arecchi

Pavia – Itália

Culex Park - O Parque dos Pernilongos

Todos temos o dever de salvar as espécies animais e vegetais, que a natureza e os antepassados fizeram chegar até nós, para protegê-las e transmitir à posteridade. É por isso que excogitamos um parque de preservação e valorização de nosso pernilongo local. Lembrando as matrizes históricas da nossa língua, com a herança da Latinidade, gostávamos de chamá-lo de "Parcus Cúlicum", mas achamos melhor e mais popular tomar, no entanto, um desses neologismos, embora horríveis, intrigas de Inglês e Latim, tão em voga hoje em dia, e propor um nome "latinglês": "Culex Park". O pernilongo constitui uma riqueza incontestável dos recursos de nossa fauna, mas a civilização moderna mudou profundamente as cepas originais deste maravilhoso inseto, capaz de cortar através de proteções grossas, esburacar a vossa pele e provocar umas pápulas de proporções cem vezes maiores do que ele mesmo, só para chupar alguns miligramas de sangue, necessários para a fertilidade feminina. Foram inventados inseticidas progressivamente mais fortes, ao longo do tempo... causando uma espécie de "guerra boa", com a ativação de anticorpos gradualmente mais fortes nos corpos dos pernilongos que sobreviveram, criando uma espécie vacinada, selecionada geneticamente, mas mudada. Em seguida é a história dos últimos trinta anos, a importação de espécimes exóticos, como o "pernilongo tigre" de origem asiática (Aedes albopictus), que nidifica na água corrente, e mesmo no sol cheio pica as crianças indefesas e as donas de casa no limiar do supermercado, ou o Anófeles de origem estrangeira, esvoaçante em torno dos aeroportos intercontinentais, buscando desesperadamente um parceiro para acasalar com ele, mas que podem picar - se for uma fêmea já emparelhada - e encaminhar para os habitantes a malária perniciosa. Claro que é fácil distinguir um pernilongo tigre de outro pernilongo: não ruge e não tem o dente de sabre, mas uma linha branca na parte de trás (um pouco como gambás) e as pulseiras brancas nas patas (ah...). É difícil mandar parar o pernilongo e - antes de ficar picado - notificar-lhe: "Mostre-me as pulseiras!"

O pernilongo é uma criatura linda, típica da nossa terra, capaz de animar as noites do verão, quando você pode ouvi-lo soprando... oh musicalidade doce, mil vezes melhor do que quaisquer instrumentos de concerto realizados pelo homem! Suas asas, seu trado de perfuração, as belas antenas cheias de penas dos machos, são obras-primas da engenharia genética, que o homem nunca será capaz de reproduzir.

O nosso projeto quer realizar um grande parque de áreas úmidas, com as melhores condições possíveis para a reprodução e a proliferação de pernilongos caseiros, cientificamente controlados. É verdade que os governos locais têm operado há décadas nessa direção, evitando qualquer recuperação de lagoas, poças de água estagnada e outras zonas úmidas e organizando eventos e concertos nas praças, a fim de garantir a disponibilidade de sangue para os pernilongos, uma vez que eles já não podem encontrá-lo nos estábulos ou nas criações de galinhas e até mesmo nos espaços fechados das casas, devido à propagação desenfreada de espirais fumegantes e fogões mefíticos. No entanto, a hibridação com outras espécies de pernilongos de origem duvidosa criou uma situação de desequilíbrio ecológico perigoso. Era preciso impor controles muito rígidos. Finalmente, fomos capazes de identificar uma bela zona úmida, cheia de juncos, com salgueiro e bambo, que deu abrigo a milhares de pernilongos. Em seguida, passamos a uma recuperação radical das lagoas, tirando todos os peixes que se alimentam dos ovos de pernilongos.

Neste momento, foram necessários suportes adequados para a criação do Parque e seus equipamentos: primeiro - obviamente - a cerca, e, em seguida, as luzes que atraem insetos das áreas circundantes sem, no entanto, grelhar ou danos, repelentes para afastar os morcegos, andorinhas e pássaros insetívoros, pontos de sombra e ninhos acolhedores para o acoplamento dos insetos amados e poças para colocar os ovos, umidificadores para elevar permanentemente o coeficiente de umidade relativa do ar pelo menos a 90%, controlos de identidade na entrada de insetos e garantia da sua origem local genuína, finalmente - mas não desprezível - a dotação necessária de sangue humano, de alta qualidade, para garantir a fertilidade dos nossos "convidados". Para isso, foi necessária a colaboração de centros de informações turísticas, para promover o parque em áreas metropolitanas e atraem multidões de visitantes. Temos recebido vários telefonemas de empresários, muito interessados em patrocinar a criação do Parque: fabricantes de acessórios e alimentos para os pernilongos, fornecedores de névoa seca, fabricantes de poças, viveiristas de salgueiros espontâneos...

Algumas notas de empresas de inseticidas ter convertido a sua linha de produção, e agora eles estão prestes a lançar novos produtos, com slogans tais como:

"Você quer que seus pernilongos têm asas mais brilhantes e iridescentes? Use óleo X, ele faz o seu sangue mais fluido e vitaminas!"

"O pernilongo mais bonito? Usar em sua pele o produto Y, que irá tornar a tarefa mais fácil e irá manter sua trompeta suave, durável e direitinha".

Um clube cultural contratou uma empresa especializada na criação de um grande modelo de pernilongo, com todas as características físicas do pernilongo

da casa: alta mais de dois metros e meio e com comprimento de oito metros, na posição de estar chupando sangue; o modelo é elegante e pode-se correr por seu interior, contendo a bilheteria do parque, o serviço informações, bem como o banheiro indispensável.

Não é fácil colocar filtros eficaz da imigração do pernilongo tigre; uma seleção das raças dos pernilongos parecia muito complexa, bem como imputável de racismo oculto. Por isso, tivemos que optar por uma precisa e completa catalogação dos ninhos de refúgio. Estamos agora em condições de manter um registro dos pernilongos em nosso parque e estamos procedendo à inserção indolor de um chip de identificação pessoal, para cada um deles. Ao entrar, uma pequena coleção de tecidos permite a determinação do ADN do insecto, que é automaticamente adicionada a uma base de dados central. Isto permite selecionar rapidamente linhagens de pernilongos nativos e compatíveis, para colocá-los em áreas de desova mais acolhedoras e melhorar geneticamente a composição do parque.

No que respeita ao pernilongo tigre, o uso de tecnologias mais avançadas permitiu desenvolver um tipo especial de leitor óptico, acoplado a um ponteiro laser. O primeiro reconhece as pulseiras claras ao redor das patas, enquanto o segundo prevê a esterilização de insetos em vôo. Infelizmente, no entanto, pode-se esperar que - em questão de algumas gerações - nosso dispositivo faz com que a seleção natural de um novo tipo de pernilongo tigre, desprovido de pulseiras brancas: uma espécie que poderíamos chamar de "pernilongo pantera negra". Em seguida, será necessário prever outros métodos de reconhecimento (talvez baseados na pegada dos olhos, ou no selo do zumbido). Com a abertura de nosso Parque, os estudos genéticos sobre os pernilongos fizeram progressos incalculáveis e se abriram as portas de um universo maravilhoso, feito de asas iridescentes, antenas de quinze tufos - nem mesmo as penas de avestruz! - trompas de sucção e articulações fantásticas, capazes de um desempenho muito superior que os nossos membros (nos, orgulhosos e desajeitados "cumes da criação"!).

O público do Parque terá obviamente de ser selecionado. Um primeiro controle vai garantir que os visitantes não trazem com eles na pele ou qualquer tipo de substância repelente, que poderia perturbar o cheiro de pernilongos. Estas substâncias serão absolutamente proibidas, não só no parque, mas também nas áreas circundantes. Proibidas as varas de amônia, proibidos os aromas muito intensos. Além disso, farejadores especiais profissionais serão responsáveis pela análise do suor dos convidados, para que a gente possa dirigir os mais saborosos diretamente aos lugares onde as pessoas são mais numerosas fêmeas grávidas de pernilongo.

O segundo passo para ser admitidos à visita consistirá na elaboração de um questionário, para identificar e neutralizar quaisquer tendências pernilongofóbicas. O psicólogo do Parque terá de agir de forma justa: todo visitante suspeito não será rejeitado, mas será acompanhado de dois observadores da polícia, que olham com cuidado para evitar qualquer ato de sabotagem ou danos.

Especiais "Pernilongo Parties" serão organizados nas noites de verão e culminarão com o "Festival do Culex de Verão", no último domingo da estação. Na ocasião, pouco antes das férias de verão, serão eleitos Rei e Rainha dos Pernilongos aqueles que realizaram em sua pele o maior número de pápulas vermelhas.

Os serviços de promoção do turismo estão se abrindo para o mercado do Extremo Oriente, através da participação em feiras internacionais. Pedimos algumas amostras de sangue dessas populações, a fim de avaliar a sua compatibilidade com o cheiro, o gosto e as necessidades de nossos criadouros de pernilongos. Se foram detectados essa compatibilidade e não envolve alterações genéticas para os nossos clientes insetos, você abriria um mercado com potencial econômico imenso (e sangue), algo como dois milhões de visitantes por ano, disposta a pagar para entrar e fazer-se picar em nosso Parque. Hoje mesmo, a nossa publicidade me mostrou a proposta para o vídeo promocional do Parque. Há um homenzinho verde, com duas antenas delgado na cabeça, que entra em um trecho de vegetação molhada. O campo de visão é aberto e o homenzinho está ficando menor e agora, embora pareça - em primeiro plano, ótimo - a maravilhosa antena de penas de um pernilongo da casa. Corta para o olho do pequeno ser, espionando o invasor extraterrestre. Em torno do chefe da família, todas as fêmeas do grupo estão "afiando" as trombetas, com toalhas em volta do pescoço. No próximo, o homem torna-se uma única pápula. Não é mais verde, mas iridescente, com todas as cores do arco-íris. Sua cara abençoada, com os olhos esbugalhados, expressa o êxtase das coceiras que permeiam-no. O refrão diz: "O pernilongo é bonito, o pernilongo é pequeno, mas forte. Existe desde sempre e aumenta as nossas tradições regionais". Acho que vou mudar o termo "local", que me lembra um salame. Além disso, eu gostaria de propor uma série de comerciais em seqüência, com uma família inteira de ETs, de todas as cores: amarelo, vermelho, verde... Não tanto para me inspirar nos semáforos, mas sim para atrair visitantes de todo o mundo ao Parque... Devemos transformar a todos, sem racismo ou particularismo, e... - por que não? - propor como título da nossa publicidade: "As cores unidas do Culex Park".

https://www.liutprand.it

Aldenor Pimentel

Boa Vista/RR

A luta do povo de Santxiê contra o exército de concreto armado

Kamuu tira do pescoço o crachá de funcionário público e bate o ponto. Passa pela catraca na saída da repartição e, na esquina, pega o ônibus onde se lê Noroeste. Desabotoa o nó da gravata e, pela janela, vê o cinza do concreto curvilíneo do Plano Piloto se transformar, pouco a pouco, no verde queimado da vegetação rasteira e de arbustos retorcidos do cerrado, que disputa espaço com arranha-céus.

Em pouquíssimos minutos, solicita parada, desce e caminha alguns quilômetros, até chegar diante de um casal de ipês que, juntos, formam um portal verde. Kamuu tira os sapatos, pede permissão dos espíritos e, descalço, atravessa o portal, que o leva a outro universo. Do lado de lá, seus pés nus tocam o chão sagrado. Ele respira fundo, ouve o canto dos pássaros e sorri: está no Santuário dos Pajés.

Ali, onde não há reis ou presidentes, nada sobra ou falta, tampouco há por que se apressar, o tempo é suspenso: o presente anda de mãos com o passado e o futuro. Naquele lugar, colhe-se o que se planta, todos se olham nos olhos e é possível enxergar o horizonte.

Kamuu nem dá o segundo passo sem ouvir os gritos eufóricos dos filhos, que correm em sua direção e o abraçam. Arrastam-no pelos braços e o levam até a fogueira, onde os demais o aguardam, enquanto entoam cantorias. Logo, passam-lhe o violão e ele toca canções que o fazem lembrar os irmãos que partiram. Os mais jovens registram tudo em fotos e vídeos e já postam na rede.

Entre uma música e outra, Kamuu conta a história do bravo guerreiro Santxiê, que lutou contra grandes inimigos para que pudessem repousar agora sobre aquela terra. É como se ouvissem a voz deste a lhe sussurrar nos ouvidos tal qual faz o vento. A sensação é de que Santxiê está ali. E está mesmo! Kamuu o convida a se juntar à roda e as crianças pedem ao grande homem que conte novamente sobre a batalha pelo Santuário.

Os olhos dos curumins não piscam. Ninguém quer perder um segundo dos passos do guerreiro que enfrentou espíritos funestos, gigantes de aço e exércitos de concreto armado.

Santxiê, então, conta que ele e os parentes, depois de muito caminhar, decidiram que ali seria seu refúgio, porque foi onde reencontraram o espírito dos ancestrais. No cerrado, a meia distância da capital de concreto em construção, podiam falar a própria língua, cantar como os antigos e dançar com os espíritos da natureza.

A casa foi feita com uma grande abertura no teto, por onde era possível ver as estrelas e se comunicar com os parentes mais distantes. Ali viviam em festa.

Mas, um dia, o toré foi interrompido por um ronco misterioso e assustador. Os mais velhos procuravam acalmar as crianças e as levaram seguras para dentro de casa. Os primeiros raios da manhã mostraram uma grande clareira no campo e estranhas e enormes pegadas que não poderiam ser feitas por nenhum dos animais que eles conheciam.

Nos dias seguintes, começaram a brotar do chão estacas de madeira pelos arredores. Eles as arrancavam pela manhã, mas as estacas reapareceriam ao anoitecer.

O pior estava por vir. Passados uns dias, foram até eles criaturas sinistras, vestidas como se nevasse, acompanhadas por uma tropa de homens trajados todos iguais, feito robôs fabricados na mesma fôrma.

Deixaram uns papéis em que se liam ordens para que abandonassem aquelas terras, onde seria edificado o futuro. Na mesma hora, o povo de Santxiê disse que haviam criado raízes ali e, se arrancados do chão, morreriam. Estava declarada a guerra.

Começaram a chegar máquinas e máquinas a derrubar árvores centenárias e o que mais estivesse pela frente. O povo pintou-se de urucum e preparou o arco e flecha. Do outro lado, as armas cuspiam fogo. Os filhos do Santuário resistiam bravamente: à dor, à lágrima e ao medo. Mas não eram páreo para os monstros de metal e concreto, e suas garras de arame farpado.

Os inimigos davam a guerra por vencida, quando, de repente, viram aparecer mais e mais gente de várias tribos e todos os cantos. Não entendiam de onde vinha aquele povo. Mal sabiam eles que o mundo inteiro tomou conhecimento da ameaça que sofria o Santuário e muitos foram somar força.

A abertura no teto da casa mantinha-os em sintonia com outras espalhadas por diferentes partes do planeta. E era exatamente por aquela fenda que chegava a multidão de guerreiros.

De mãos dadas e peito aberto, atentos à voz de Santxiê, enfrentaram o exército inimigo. Não estavam sós. Eram muitos. Eram muito fortes. As máquinas viram nos olhos do povo a vida e a vontade de viver. Acuadas, partiram em fuga. Para festejar a vitória, o povo de Santxiê fez uma grande roda e dançou e dançou por horas e horas.

Depois de ouvir a história, Kamuu e os outros se levantam para celebrar a vida e também dançam de mãos dadas em volta da fogueira. É possível ler no rosto de todos a alegria por estarem ali.

— Mas devemos nos manter vigilantes — alerta Santxiê. — O inimigo está sempre à espreita. E a qualquer momento pode voltar.

A vontade é de ficar mais um pouco no calor da fogueira, mas todos entendem que é hora de se recolher, porque a lua também precisa dormir e dar lugar ao sol.

Kamuu olha o horizonte e agradece por mais aquele dia. Eles vão repousar. Sabem que, com os primeiros raios da manhã, precisarão atravessar o portal, como fazem a cada nascer do sol. Mas igualmente levam no peito a certeza de que, ao fim do dia, estarão todos reunidos em volta da fogueira.

http://arteleituras.blogspot.com/

Alessandra Cotting Baracho

Maceió/AL

Pau a pique

O dia terminava aos solavancos. O céu já escurecido parecia fechar o muque ameaçador, mas a chuva não caia. Passava das cinco e enquanto eu servia leite e biscoito pro Tatá que cantava empolgadíssimo a abertura do **Digimon** frente à tv, lembrei da roupa esquecida no balde. *Droga, deve tá fedendo à lavagem.* A mãe quando era viva dizia que bastava meia hora no molho, mais que isso apodrecia a sujeira.

Faltava umas três peças pra estender quando cheguei naquele ponto esquisito que me causava arrepios. Quando criança eu evitava as paneladas de folha naquele pedaço sem nem saber o porquê, já crescida eu enfrentava o medo durante as fugas da meia noite, sempre valia o esforço. O lugar ficava numa esquina, no encontro entre o quintal e o oitão marcado por um pé de pinha plantado por meu pai. Senti o corpo estancar e o pavor apertar até tirar minha voz. Devia ter fechado os olhos, mas vi a cena toda: no canto do terreno surgiu um casebre de pau a pique. Nele, uma família vivia como se eu fosse um fantasma, uma mulher retinta pendurava um caneco no armário antigo, fora, o homem contava um tronco de lenha enquanto duas crianças pequenas desenhavam o chão com as sobras de gravetos. Ninguém me olhava, ninguém me via.

"Alô? Amiga, pode vir aqui em casa? Por favor..."

Não demorou pra Lora chegar. Eu abri o portão ainda trêmula e pedi pra ela ir lá atrás ver se tava tudo bem, mas sem contar o que tinha visto. Acendi a luz porque já tava escuro e segui ela até a porta dos fundos. Observei ela caminhar até o ponto onde meu corpo congelou uma hora antes e ainda ir além. Ela parou, olhou e voltou balançando a cabeça negativamente. "Não tem nada demais aqui, Sara." Fiquei decepcionada, esperava que ela fosse minha testemunha contra a loucura. "Sério que você não viu nada?" "Sério! Não tem ninguém lá, mas você deveria mandar derrubar aquele barraco e jogar aquelas tralhas fora, só serve mesmo pra atrair inseto."

Alex Cardoso

Caxias do Sul/RS

Confinados

Desce a rua que dá na vila, se aproxima do portão de entrada, tenta tocar a campainha, mas está quebrada. Chama por Amélia. Não atende. Sabe que ela está em casa, viu sombras entrecortarem na janela da frente quando estava chegando. Tenta chamar novamente, bate palmas. Em vão.

O coração está contundente, as mãos suadas e as pronúncias solitárias saem cambaleantes boca afora. Não sabe como o cachorro ainda não apareceu, não estardalhou. Foi só cochichar e o bicho vem vindo lá dos fundos, devagar, investigativo, sem grunhido, enfia o focinho nos vãos da cerca, fareja, permanece quieto. Ainda lembra de mim, esperto, vem cá, sussurra Silvestre. Acarinha as orelhas grandes do animal. Alguns segundos depois e o cachorro começa a se queixar, se afasta da grade, circunda-se, tenta recuar para os fundos, mas tropica e não aguenta em pé. Dobra as pernas dianteiras depois as traseiras e apaga ali mesmo, no curto espaço de grama entre o portão e o limiar de acesso. Em seguida, sons alvoroçados como que de objetos sendo lançados ecoam do interior da moradia.

Silvestre insiste na batida de mãos repetidas vezes. Nota pares de olhos rodeando-o através de persianas, calçadas e acesso de garagens da vizinhança. Recorda onde fica uma chave escondida para emergências, que abre a porta dos fundos. Verifica o redor e disfarça por instantes. Parece que ninguém mais o vigia e então resolve pular a grade. Percorre até a pequena varanda de trás da casa e retira um quadro de boas vindas pendurado ao lado da porta, vira-o e rasga o embrulho de papelão no canto inferior direito e tira uma pequena niqueleira do vão, abre o zíper e pega a chave.

Atravessa a área de serviço, não há ninguém. Adentra o corredor e acende a luz. Caminha em direção aos cômodos, entreabre um dos quartos e vê cabides atirados e peças de roupas emaranhadas no colchão. No outro, apesar dos poucos itens e das paredes vazias, tudo perfeitamente arrumado, arejado e aromático. A luz do banheiro surte mais à frente pela fresta do assoalho. Toca com os nós dos dedos.

– Amélia, está aí?

Gira a maçaneta, não está trancada.

A torneira da pia pinga gotas vagarosas e abundantes, o armário escancarado e o interior revirado, mas não há ninguém no ambiente.

Ao recostar a porta, Silvestre ouve o que parece líquido sendo derramado, ouve também o ressoar de um vasilhame leve ou de alguma garrafa de plástico sendo atirado no chão e quicar algumas vezes. Um eco de atordoo e frio. Dirige-se até os ruídos, sabe que vem da cozinha. Sabe, ainda, que o cheiro emanado ao passo que se acerca não evoca boas perspectivas à ocasião. Aproxima-se do limiar de acesso à cozinha e para. De imediato a sola dos tênis estão sobre uma fina camada de álcool. Sete ou oito recipientes estão espalhados pelo recinto. Vasculha, dali mesmo, e não vê ninguém.

– Amélia?

Pulsa o silêncio, um tipo de silêncio que golpeia, que não oferece defesa.

Silvestre permanece ali, observando a bagunça sobre a mesa, sacos rasgados de comida espalhados sobre balcões, alimentos frescos pisoteados e louças estilhaçadas no piso, cacos de copos e pratos misturados ao cheiro rançoso e gélido do líquido derramado; a geladeira aberta, as janelas fechadas, as cortinas igualmente encharcadas, o ar que não circula e que desafora os anseios, atravanca as ações, imobiliza a compulsão.

Não consegue raciocinar, vazios passeiam na sua cabeça enquanto o álcool continua escorrendo e movendo-se gradualmente para o corredor atrás de Silvestre. Seus olhos estão fixos na porta do outro lado da cozinha, que dá para o pátio da frente. O relógio de parede está parado em horas perdidas.

A única claridade onde as lâmpadas não estão acesas é de ralos feixes de luz solar que adentram e se inclinam sobre algumas paredes e móveis. Já quase anoitece.

Silvestre repara agora em um rumor que vem da sala. Dá três passos de costas, inclina a cabeça para a esquerda e, com as mãos escoradas nas soleiras, averigua. Caixas com fotografias diversas espalhadas no tapete, um vaso de folhagem quebrado e a terra derramada no chão. Em cima da estante, uma pilha de cartas. Silvestre estica a mão e pega um maço delas. Seus próprios escritos da penitenciária: enviados, reenviados e renegados. Fixa a atenção em uma das correspondências, o aviso e a data prevista em que ele voltaria para casa, dedicando-lhe suas saudades e pesares, destacado com caneta colorida. Na parede de frente à televisão ligada, quase inaudível, um quadro em família: Silvestre e Amélia, grávida de Rosa. Ele trava ali, passa a mão sobre o rosto de forma demorada, desmascara um tipo de culpa que o faz amolecer as pernas, despencar as forças, decair o semblante já embaçado. Volta-se para o corredor, em arrastos.

Ali, Silvestre baixa a guarda, se ajoelha, fecha os olhos. O corpo absorvendo os molhados do piso, misturando-se às águas que vertiginam sobre sua face. Passa a sussurrar infortúnios, amarguras e angústias das mais distintas:

– Me perdoa, Amélia – lacrimeja, com as duas mãos na cabeça. – Perdoa minha deslealdade, minhas recusas de te deixar, minhas insistências em reatar – e aumenta um pouco o tom da voz. – Eu nunca quis te ferir... – nisso se atira no chão e desencadeia-se em tormentos. – Reconheço que não posso mais permitir minha estadia nesta vida, Amélia... Estou pronto – e desaba também a voz. – Estou pronto, por vocês...

Poucos segundos depois, Silvestre ouve o estampido da maçaneta na porta à frente e desperta de seu torpor. Vê algumas mexas do cabelo escuro e crespo de Amélia entre o vão da porta e parte do seu corpo sob um vestido bordô. Lá fora já está parcialmente escuro, mas o céu ainda possui listras de um alaranjado intrigante, que empresta traços luminescentes à pele negra de Amélia.

Então um som de atrito, o cheiro da combustão inflamando, um pequeno fulgor dançante queimando o estreito corpo de um palito de fósforo – tudo isso com a mais devida percepção de uma câmera lenta, os quadros detalhados, os segundos compridos, o tempo não oscilante à percepção de Silvestre –, confundindo-se ao cambaleante sol, que forma uma áurea angelical, mas ao mesmo tempo obstinada e impiedosa à mulher. O palito toca o piso, combuste no líquido inflamável como num estalar de dedos e, feito um relâmpago desassossegado, corre na direção de seu alvo.

Ele não tenta fugir às labaredas. Não pisca, não geme, não teme.

Ela ainda está se distanciando, caminhando em direção à rua. Sombras e silhuetas juntam-se a ela, introspectas.

Sirenes são ouvidas ao fundo.

www.alexcardoso.net

Aline Eni
Guará – Brasília/DF

O que Você Faz Importa

Temos que aprender a lidar com o título de espécie dominante
Poluição
Destruição
Agrotóxicos
Extinção
O universo carrega nossa digital
Em nossas mãos está o seu destino
Alguns não gostam do que veem
Porém o que estamos fazendo para mudar?

O que causamos ao planeta até hoje não tem volta
As rachaduras no gelo
O desgelo nas geleiras
A toxidade no mar
As mudanças climáticas
Derretendo a beleza que há

Colocando a maioria das grandes cidades em risco
Pouco a pouco em passos não tão longos
Manchando o azul
Destruindo todo um planeta
A Terra tem muito a nos oferecer,
Como energia solar
Mas preferimos agredi-la.

Morte de rios
Crescimento desordenado
Invasão
Espécies descobertas tarde demais para serem salvas.
80% da Amazônia destruída desde a descoberta do Brasil.
Uso de agrotóxicos proibidos no mundo inteiro
Agro que movimenta milhões
Entra agro, cresce a devastação.
Entram cana-de-açúcar, rebanho e soja,
Em troca morrem nossas florestas.

Desmatamento e queimadas
Brasil o maior produtor de CO2 no mundo.
Uma vasta plantação de soja que não nos alimentará
Mas aos milhões de gados que são em maior número do que gente.
O mundo quer salvar a Amazônia, mas também querem comer carne.
Como satisfazer o seu desejo e salvar a Amazônia?

Respiram com máscaras demais
Restam marcas do que já foi, mas não é.
E agora sobrou o que?
O que você faz importa.
Feche a torneira
Consumimos mais do que podemos repor.
Negar é o que fazemos de melhor.
A culpa nunca será nossa, será sempre dos outros.
Não estamos honrando o lugar que ocupamos.

A terra se abre em fendas de desertificação
O verde se apagando e sumindo pelo ar
Estamos nos autodestruindo
A terra chora
E eu choro junto por não poder secar tuas lágrimas.
O que você faz importa.

https://www.facebook.com/linnyeny/
https://www.instagram.com/alineeniescritora/

Allan Fear

O Jantar

A família estava reunida à mesa para o jantar à luz de velas. Era uma grande família que completava quase todas as cadeiras daquela mesa rústica de madeira escura como a noite.

O grande e corpulento mordomo trouxe as tigelas contendo as refeições e todos pareciam famintos a medida que saboreavam as taças de vinho.

Do lado de fora da grande mansão estava Frederick, à espreita pela janela da sala. Observando em silêncio em meio as sombras com o capuz de sua jaqueta escura sobre a cabeça.

O rapaz sabia que teria ao menos 30 minutos enquanto a família rica jantava. Seria tempo suficiente para ele entrar sem ser notado e cometer um pequeno furto.

Frederick observou por mais um ou dois minutos até se certificar de que o mordomo iria permanecer ao lado da mesa, servindo seus patrões.

Frederick estava feliz por ter achado a casa certa para furtar, afinal, naquele lar se preservavam os bons costumes da família toda se reunir na hora do jantar.

Tendo a grande lua cheia como testemunha silenciosa, Frederick, que já havia pulado o pequeno portão da residência, foi para os fundos e escalou o muro para o segundo andar, encontrou uma janela aberta e adentrou o aposento submerso em trevas.

Era um quarto de mulher de estilo vitoriano com cortina vermelha e cama com dossel. O gatuno foi para o antigo closet e não demorou em achar uma caixa com joias.

Deixando a caixa vazia e seus bolsos mais pesados com todas aquelas joias brilhantes, Frederick se voltou para a janela quando sentiu uma mão ossuda apertar-lhe dolorosamente seu ombro.

- Ai! – Gemeu o assustado meliante se voltando para encarar o corpulento mordomo de olhar sombrio.

- Me acompanhe por favor! – Sussurrou o mordomo numa voz profunda, de timbre estranho.

Frederick tentou resistir, mas o aperto no ombro estava doendo, o mordomo não parecia fazer força, mas estava quase quebrando sua clavícula, fazendo todo seu corpo se inclinar à medida que era conduzido escada abaixo.

Gemendo a cada degrau, Frederick, sem conseguir articula palavras que formulassem alguma desculpa esfarrapada, foi, por fim, colocado sentado em uma cadeira junto a grande mesa.

Os membros da família voltaram seus olhares frios para Frederick, que só então reparou que todos estavam vestidos de preto e tinham suas faces pálidas e fantasmagóricas sob a luz das velas.

— Seja bem-vindo à nossa humilde morada! – Falou um homem de olhos muito negros e cabelo penteado para trás. –Você é nosso convidado especial para o jantar!

— Olha cara, eu sinto muito, eu não queria invadir sua casa, eu... – Gaguejou Frederick confuso enquanto massageava o ombro dolorido e tentava pensar no que dizer. –Por favor! Não chamem os tiras, eu não roubei nada!

— Não se preocupe. – Sussurrou uma bela moça de cabelos vermelhos que estava sentada ao seu lado e exalava um profundo perfume de rosas. –Papai não gosta dos tiras.

Frederick estava confuso, olhava de relance para os lados e sabia que a janela da sala por onde os havia espiado continuava entreaberta, poderia correr e escapar por ela, mas conseguiria ser mais rápido do que o mordomo parado às suas costas?

— Sirva nosso convidado Sr. Baunner. – Disse uma elegante mulher que estava ao lado do home de cabelos penteados para trás. –Ele deve estar com sede.

O mordomo obedeceu de imediato e serviu um copo de vinho para Frederick.

— Beba – Rugiu o mordomo em seu ouvido de forma discreta.

— Colé galera, o que tá pegando aqui hein? – Indagou Frederick afastando a cadeira da mesa, mas foi amparado pelas grandes mãos do mordomo que o fez voltar a posição original.

Todos à mesa estavam olhando profundamente para Frederick e havia um brilho estranho em seus olhos. Era como se fosse um fascínio diabólico.

Um arrepio gélido percorreu as costas de Frederick quando ele sentiu as mãos do mordomo repousar pesadamente sobre seus ombros.

— Beba, ou farei seus ossos se partirem como palitos de dente. – Sussurrou ameaçadoramente o mordomo no ouvido de Frederick, fazendo-o sentir seu hálito de coisa podre.

O pobre homem sentiu medo ao pegar, com seus dedos trêmulos, a frágil taça cujo cristal estava frio como um túmulo. Ele a levou aos lábios e deu uma golada no vinho.

— Mas o quê...? – Frederick cuspiu o líquido vermelho sobre os pratos na mesa enquanto sentia seu estômago revirar. –Isso é sangue?!

— Sim, meu jovem. – Falou um homem velho de voz pastosa e olhar triste. –Sangue frio que já vem engarrafado. É horrível! Não acha?

— Temos bebido essa porcaria por anos, respeitando as leis do acordo mundial desse século nutela. – Falou a moça ao lado de Frederick, -É sangue de animal, acredita?

— Seus dementes! – Gritou Frederick dando uma gingada para o lado e escapando das mãos do mordomo. Rolou no chão sobre o carpete aveludado e tentou correr, mas ficou espantado quando viu os membros da família saltarem sobre a mesa, derrubarem cadeiras e cercarem-no com seus olhos faiscando e suas bocas abertas com presas afiadas crescendo assustadoramente.

— Somos vampiros! – Disse um rapaz de longos cabelos negros e olhos vermelhos. – Respeitamos as leis, não podemos caçar, mas quando a refeição invade nosso covil com más intenções, prevalece a lei do mais forte.

— Nãããããoooooo!!! – O grito de horror escapou como um trovão da garganta de Frederick quando ele tentou fugir daquele bando faminto de vampiros.

As criaturas da noite, famintas, rasgaram as roupas de Frederick, fazendo as joias furtadas se espalharem pelo chão e em seguida, derrubaram-no e afundaram suas presas naquela carne macia e suculenta a medida que ele se debatia.

Os vampiros mais exigentes morderam o pescoço de Frederick e sorveram avidamente o néctar vermelho que pulsava em suas veias. Os demais vampiros morderam as demais partes do corpo em uma busca alucinada por veias.

Enquanto era estripado por tantas presas afiadas e sentia seu sangue ser sugado vorazmente, a visão de Frederick ficava turva e seus sentidos começavam a desaparecer em meio aquele pulsar de dor lancinante. Ele jamais imaginou que se tornaria o jantar daquela estranha família.

https://noitesdehalloween.wixsite.com/allanfear

Alvaro Daniel Costa

Ponta Grossa/PR

No vazio da minha existência

Devo cobrar respeito?
Necessito pedir amor?
Reciprocidade?
Carinho?
Consideração?

A tristeza me consome
A melancolia me corrói a cada segundo
Já não tenho forças para continuar...

Planejo...penso
Nada parece dar certo
Já tentei inúmeras vezes
Mas parece impossível te esquecer

Vejo sua imagem em cada canto da casa
Seu sorriso
Seu cheiro
Os presentes que ganhei

Refletindo durante noite
cheguei à conclusão que não adianta...
Se preciso implorar por migalhas sentimentais
Melhor estar só
E esperar que essa dor suma lentamente
no vazio da minha existência.

Amanda Casagranda de Alcântara

São Marcos/RS

Venenos Modernos

Espalha-se lentamente, molécula à molécula, célula à célula.

Começa como uma ideia distante e falsa, e logo passa a ser uma possibilidade. De desafio em desafio, erro em erro simples pensamentos e ideias externas passam a ser um questionamento, será?

Uma decepção, um passo para trás. E as mentes ficam cada dia mais fracas e sujeitas à opinião alheia, e essa opinião, senhoras e senhores, são o reflexo de uma sociedade falida em princípios e esforços.

De palavras alheias passam a ser pensamentos próprios, e estes ganham dimensão a medida que fracassamos ou vemos o fracasso dos que amamos, e caem na corrente sanguínea.

Correndo por nossas frágeis veias, são absorvidas junto com as vitaminas de que necessitamos e são distribuídas em nossos sistemas. Primeiro o respiratório, que nos faz suspirar de desgosto e evitar o esforço que nos deixa ofegantes. Depois passa a nossos músculos evitando que o esforço físico nos deixe doloridos e que a nossa amada endorfina seja produzida. Por fim, nosso sistema nervoso que nos faz tremer e levar esses venenos diretamente ao cérebro.

Lentamente, molécula à molécula, célula à célula os venenos modernos se espalham por nosso corpo sem que percebamos, primeiro com o que parece bobo, e por fim com o encerramento de nossos prazeres e esforços.

"É melhor não tentar"

"Você vai perder seu tempo"

"Eu jamais iria conseguir"

Dos venenos modernos o pior de todos, insegurança.

Instagran: @amandacasa.alca

Amélia Luz

Pirapetinga/MG

Asas Podadas

Na invasão, o ar impuro,
No adiado aperto de mão,
No abraço guardado
Nas mão contagiadas
O medo... O medo...
No respirar, no andar livremente
Pelas ruas e praças, o medo...
Ir e vir? Como? Escolher? O quê?
O fantasma nos persegue.
Confinamento, ansiedade,
Solidão e dores do viver
Os últimos anos que me restam
Sem as caminhadas ensolaradas
Sem os sorrisos dos amigos de sempre.
O cansaço, o tempo que não passa.
Tremores, um livro, um filme, o crochê
Mas tudo é prisão, asas podadas
Gaiolas trancadas, emparedamento do idoso.

Televisão, intrigas políticas, vai e vem de
Horrores, desavenças e desequilíbrios.
Saúde precária num país continente?
Mas e os estádios de luxo, Vila Olímpica
O Museu do Futuro, a modernização,
Dinheiro a perder de vista no esporte
Num país futeboleiro que jogou tudo no escuro.
Tirando de muitos para a abastança de poucos.
Vaidade exagerada, falta de amor e respeito
Ao próximo: "AMAI-VOS COMO EU VOS AMEI".
Os recursos hoje poderiam estar na saúde, na educação.
E agora? Agonia, desespero, destempero
Entre poderes constituídos para nos representar
E proteger? E proteger? Nos amparar? Nos acolher? Como?
Pobres falidos poderes que se desencontram
Diante da tragédia mundial do vírus vermelho.
Clamo: - Cireneu? Cireneu? Ajuda-me! Ajuda-me!
Pesa-me a cruz! Não sou santa e pura como Jesus
Para suportar tamanho sofrimento. Ajuda-me!

Ana Carolina Cerqueira Chaves
Governador Valadares/MG

O Que Se Será?

Desejando ser melhor
Baseando- se nos demais,
Perde- se sua essência
E frustra-se perante a vida.

Seremos o que podemos
Ou o que o outro é?
Faremos o que queremos
Ou o que o outro faz?

Por passarmos a vida querendo,
Acabamos nos perdendo.
Veja,
Meu caro,
Que o caro
Às vezes custa uma vida,
Que o simples
Pode dar a ti alegrias infinitas.

Por isso,
Ponha-te diante da vida:
Ser e pertencer a ti
Ou apenas viver a vida que os outros planejaram para ti?

Ana Maria Fázio de Freitas

Assis – Interior paulista

Chacina

Oh! Meu Senhor, quanta tristeza e sofrimento,
Famílias dilaceradas, mãe chorando a sua dor.
A sociedade vivendo em um só lamento,
Homens espalhando a violência, o pavor.

Tantas vidas ceifadas, vidas interrompidas,
Sonhos abandonados, lacrados no caixão.
Jovens um a um tombando, histórias perdidas
E os culpados sorrindo sem a devida punição.

A terra sendo regada com sangue de inocentes,
Gritos de desespero de angústia e agonia.
Os sobreviventes da chacina vivendo descontentes,
Corações em eterno luto, olhares sem alegria.

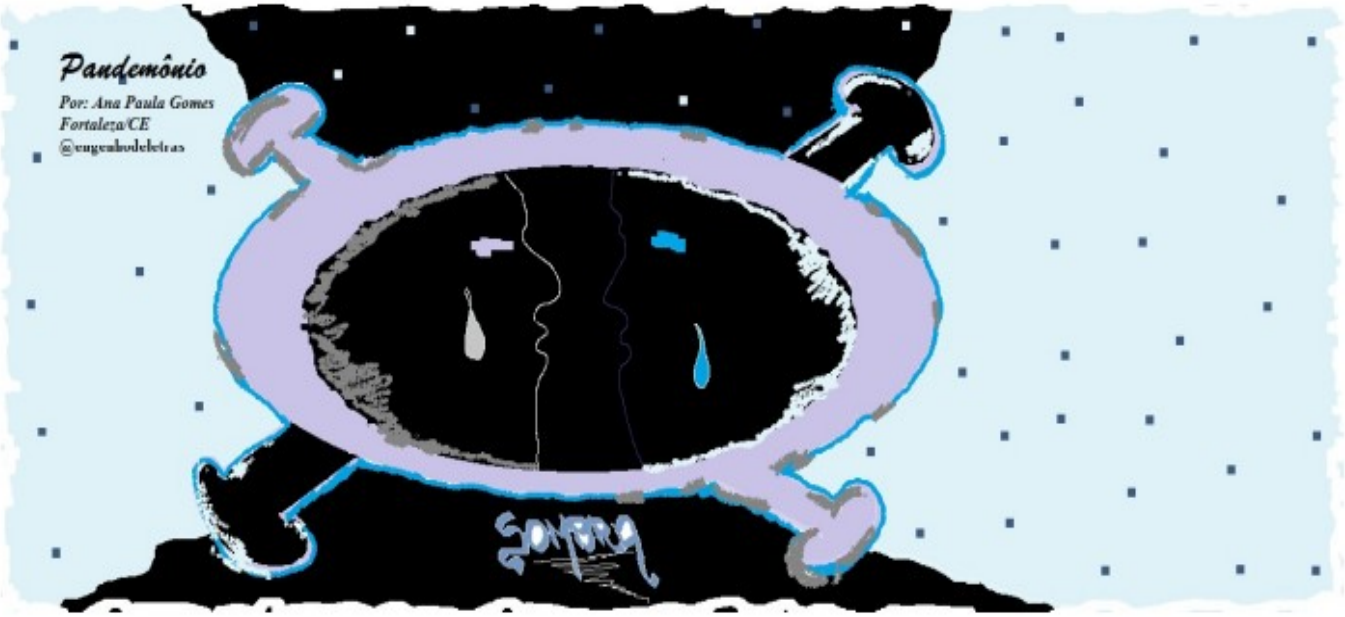
Em máquinas mortíferas estão se transformando
teus filhos, meu Senhor, que com carinho criastes.
Vão seguindo os passos de Caim aos irmãos matando.
Por que tanta maldade se só o amor pregastes?

Olhai Senhor misericordioso pelas famílias atingidas,
Mães em desespero, esposas, filhos, amigos e irmãos.
Olhai com clemência, confortai a todos, curai suas feridas,
Libertai-os da mágoa, do ódio, ensinai-lhes a dar o perdão.

https://www.facebook.com/anadefreitas.freitas.3

Ana Paula de Oliveira Gomes
Fortaleza/CE

COVID-19 (Arte Visual)



https://engenhodeletras.blogspot.com/

Ana Rosária Soares da Silva
Caxias/MA

Um dedo de Prosa

Um dia desses pensando comigo
Me veio à mente um dedo de prosa
Uma vontade medonha de alongar a conversa
Numa prosa sem pressa, de um papo legal.

Fio lá no quintal, fumando um cigarro
Depois te tomar, um café com beiju
Sentei no batente, de cara no vento
Só eu e o zé, meu gato pintado
Me enroscando no pé.

O grilo cantando, o gato miando
A noite esfriando...
E eu querendo conversa, atrás de uma prosa
Uma conversa fiado
Que pudesse entender essa minha loucura
Que pudesse comigo sentar numa roda
Pra num dedo de prosa, tomar um golinho,
Se atrever a cantar, ou fazer um silêncio
E depois prosear.

Não havia ninguém.
Só eu e o zé!

E logo sem pressa, um dedo de prosa eu tive comigo
Lembrei dos amigos no velho mirante
Lá na Balaiada, bebendo uma cana, fazendo poema
Lá no Balaiarte
Em cima do morro, no meio do tempo
Dançando com os versos, proseando com a arte.

Meu Deus! Me socorra!
Me conceda uma parte
Tanta gente no mundo
Cantando... dançando...
Eu aqui nesse fundo
Com o zé proseando.

O zé! Que nem late, nem mia
Mas que olha atento e parece que sente essa minha agonia

Decifrando por dentro, como se conhecer e até entender
A minha Poesia.

A mente tão fértil, a palavra afiada na ponta da língua
A estrofe acabada morrendo à míngua
Nem um tiquinho de conversa se quer
Só o zé e eu! Só eu e o zé!
Nesta prosa sem rumo, tão fora de prumo
Debaixo do pé.

Pois sim. Meu gato pintado
Que ouve calado
Se achegue a mim! senta no tamborete
Por obséquio! Sua licença a um lembrete!
Assunte aqui de pertinho só mais um tiquinho
Esse devaneio, que só a mim compete
Essa minha santa loucura escrita
Das alucinações deste poeta.

Um dedo de prosa por favor!
Não tem artista nem cantor
Nem plateia, nem romance, nem amor
Só conversa fiado
Nesse dedo de prosa
Com este poeta alucinado.

Anderson Falcão
São Paulo/SP

Amanhã é sábado

Lady Di foi meu primeiro amor. Mamãe dizia que ela era uma mulher boa, apesar de estarmos no Brasil e a princesa na Inglaterra. Lembro dela na TV, em seus trajes elegantes e sorrindo para as câmeras. "quando crescer, viajarei para a Inglaterra para visitar a princesa!" e mamãe se ponhava a rir. Nunca esquecerei aquele final de semana em noventa e sete; eu brincando no quintal, papai assistindo futebol na sala e mamãe na cozinha lavando a louça. Foi quando Galvão Bueno anunciou que alguma coisa acontecera com Diana em Paris, um acidente automobilístico. No dia seguinte a triste notícia, Lady Di estava morta.

A todo momento a programação era interrompida e uma nova informação sobre o funeral da princesa era noticiada. Naquela época eu já havia adquirido uma breve noção sobre morte como um ato irrevogável com Faísca, meu peixe betta. Papai o enterrou no jardim da frente.

"Ele foi morar com o Papai do Céu agora." Explicou papai.

Era injusto, não queria que Faísca fosse "morar" com o Papai do Céu, queria ele aqui na terra, comigo. Chorei por muitos dias e precisei ir ao médico.

O fato é que a morte foi se tornando um de meus interesses centrais. Na adolescência passava horas estudando as biografias de mulheres mortas: Diana, Marilyn Monroe, Frida Kahlo, Carmen Miranda… era como se em cada uma delas eu buscasse uma peça que completasse um gigante quebra-cabeça em uma organização obsessiva e em certo ponto; psicótica. Em uma espécie de "formação reativa", um jogo do contrário, minha curiosidade sobre as coisas vivas aguçou, o que me levou para o curso de ciências biológicas.

Quando Débora, minha prima com quem eu dividia um apartamento, me ligou – certamente porque não avisei que passaria a noite fora; não estava nos planos – eu estava na cama com Júnior, e acabava de narrar essa história, logo

após eu revelar que essa era minha primeira vez com um garoto de programa e ele confessar que se tratava de um amador.

"Imaginei, garotos de programa não pedem para dormir com seus clientes sem nada em troca.". Comentei.

"Eu precisava disso. De verdade. É, eu sou uma puta apaixonada. Que merda né.". Falou.

De fato, ele quebrava o que seria o principal código dos profissionais da classe; não se apegar. A verdade é que Júnior não tinha muitos atributos sexuais: não era dotado, mas o conjunto de veias e pelos pubianos deixavam seu pau bem adornado; seu vocabulário sexual era bem censurado. Não era bombado, tinha uma silhueta comum, apesar de o peitoral dar indícios de uma malhação em tempos atrás. E algumas tatuagens distribuídas de forma aleatória pelo corpo. Algo bem inicio dos anos dois mil.

Morava em um prédio em que a janela dava para o Elevado, onde possível ver os carros passando. Também era possível enxergar um pedaço da Praça Roosevelt. Travava uma batalha com os cursos de graduação, trancou história e foi para pedagogia, o que dizia adorar "sempre gostei de crianças. Um dia quero ser pai" falava com um semblante nos olhos. Manifestava o desejo de um dia morar no litoral, "bem longe dessa agitação toda".

"Você é assim com todo mundo?". Perguntei.

"Não, quer dizer, nem sempre...". Ele não era bom mentir.

"Me parece meio perigoso passar a noite com homens que você nem conhece. E se eu fosse um serial killer ou um bandido?"

Nessa hora estávamos deitados com nossas cabeças em posições opostas, ele voltado para a cabeceira, eu na outra ponta e nossos corpos em uma diagonal. Ele então começa a esfregar o peito do pé em minha região do tórax.

"Eu não diria que você é alguém da biologia. Apostaria em jornalismo ou psicologia."

"Eu quase fui para psicologia, sabia? Era minha segunda opção.".

"Interessante, vai me contar uma história sobre isso?".

Seguro seu pé e me inclino para mordê-lo bem no dedinho. Ele tem uma sobreposição no quinto dedo, aquela onde o mindinho se apoia sobre o dedo anterior. Eu tinha uma certa fixação por pés. Ele me contou que certa vez atendeu um podólatra "ele queria apenas que ficasse sentado no sofá enquanto ele lambia meus pés, passando a língua entre meus dedos, e se masturbava.".

Não lembro a hora que adormeci. Acordei no dia seguinte com ruídos de uma máquina funcionando. Júnior tinha uma daquelas cafeteiras que usavam cápsulas, ele preparava a segunda xícara quando eu o abracei por trás, cravando a mão em sua bunda. Ele deu uma leve inclinada e só depois disse:

"Queria te levar café na cama."

"Se você quiser que eu volte, eu volto. A propósito, não te contei como fui parar em bio."

"Você vai contar, mas só da segunda vez que vier. Não quero mais dinheiro, quero apenas você!"

Graças a Deus era sábado.

Anthony Lee
Cajamar/SP

Beijo dourado

Seus olhos eram azuis como o céu, quase como se fossem transparentes. Parece que ficavam mais azuis assim, perto de todo esse verde. As folhas nas árvores, os troncos, a terra, tudo tinha essa luz dourada das 5 da tarde. Olhei para suas mãos, mãos que eu amava sentir em meu rosto enquanto me beijava, mãos que seguravam as minhas e me passavam tranquilidade, mãos que cuidavam... Mãos que transmitiam paz. Essas mesmas mãos estavam com a luz dourada. As minhas também estavam, e eu podia sentir o calor do sol, mas o sol parecia apenas uma fagulha perto do calor que você me passa.

Olhei outra vez para os seus olhos, que fitavam o céu distraídos. Seu nariz, perfeito, com pequenas manchinhas, suas famosas sardas. As garotas falavam muito das suas sardas, mas eu nunca me importei com elas, porque sabia que você era meu. Não. Nunca fui uma pessoa possessiva assim, mas nós dois sabíamos que éramos um do outro. E nada jamais mudaria isso.

Agora eu olhava para sua boca. Os traços delicados também recebiam aquele dourado da tarde. Você era a mais perfeita obra de arte. Uma obra que eu queria tocar, uma obra que eu podia beijar e cuidar. Mas obras de arte não são feitas apenas para serem admiradas? Não me importo.

Eu te perguntei no que estava pensando, e então você olhou pra mim com um sorriso leve. Eu conheço bem esse sorriso. Era o mesmo sorriso que você usava quando queria dizer que não entendeu algo, mas não diria isso. Você achava que seria grosseria, então ficava ali, com aquele sorriso, esperando eu dizer outra vez. Eu disse que não tinha falado nada de importante, então você se deitou na grama e fechou os olhos, e eu me deitei ao seu lado.

Depois de olhar por um tempo as nuvens, me virei para você, e acho que você ouviu o som da grama embaixo da minha cabeça, porque se virou para mim também. Ficamos ali, nos olhando, até que você sorriu, então eu sorri também. Estávamos nos banhando naquela luz dourada. Parecia que éramos o próprio outono. Quando eu menos esperava, senti seus dedos se entrelaçarem nos meus. Deixei que sua mão se encaixasse na minha, e poderia deixar para sempre assim. Agora era eu quem sorria, mas de olhos fechados. Talvez eu soubesse que você faria isso, mas só tive a certeza quando senti seus lábios pousarem suavemente sobre os meus. O toque era doce e macio. Mesmo com os olhos fechados, eu podia sentir a luz dourada, e o calor dela. Enquanto você me beijava, o sol nos beijava ternamente com sua luz dourada. Era uma tarde dourada, com nós dois ali, dourados, em um beijo dourado.

Antônio Jefferson Teixeira Sousa

Itapipoca/CE

Beija-flor

Tem dia para tudo... É o que costumam dizer quando não estão tão satisfeitos com uma data cujo significado não é satisfatório para si.

Entretanto, esse dia pode ir muito além disto. Pode remeter a uma diversidade de bondade, gestos e alegrias.

O seu verbo pode ser ainda mais interessante.

Namorar é como colocar água, ali, no lugar devido para o beija-flor tomar; não lhe fazer esperar, mas de um humano disposto dar-lhe qualidade de poesia inacabada.

É poder contar com o outro, mesmo quando todos parecem lhe dar as costas.

Também é ouvir a sua respiração e ficar feliz pela sua existência.

Esse dia, muitos passarão distantes, mas tenha em mente que os melhores afetos que deste e de outros tempos surgiram permanecem vivos a abrigarem o gesto amoroso e resistente da afeição.

https://www.recantodasletras.com.br/autores/sousajefferson

Arcângelo da Silva Ferreira
Manaus/AM

A sombra e seus duplos

Quando acordou, resolveu que naquele dia iria procurar.

Imediatamente se dirigiu a seu escritório, onde estavam os títulos reunidos nesses anos de sua vida. Viu brochuras, em meio a tantas. Ou fissuras no presente. Sabia, inconscientemente, que o grito oculto sugeria o prazer das imagens, narrativas mais fluidas. Porque cansado de textos ossudos. Entrar em um labirinto, como quem tateia um quarto escuro a procura de si. Mesmo sabendo que o encontro nunca é completo. Nada de certezas. Já não havia mais tempo para perder com bobagens. A vida lhe era, naquela altura, curta. Insone sensação que lhe perseguia aos berros, sempre presente como aquela relação incólume que aos pouco se tornou humana. Antes, na era do silêncio, a decifração dos desejos somente com nossos olhares; aos poucos, na era das falas, amarrada por lacônicos diálogos.

No dia em que ficou sabendo que iria ficar para sempre solitário, descia a rua, após o café na padaria do bairro, passou por aquele que longe, tampouco próximo, parecia um minúsculo ser fraturado. Mais cinco passos à frente viu que lhe perseguia. Parou, olhou nos seus miúdos olhos, cor de groselha. Com suas mãos de dedos longos pegou as costas dele, com cuidado, tirando-o do caminho. Viu que a coloração dos olhos havia mudado. Mais dois passos. Sem olhar prá trás e a sensação de ter ouvido vozes. Seu nome! Seria possível, na hora exata em que todos os automóveis saiam de suas garagens, ter ouvido, Ô Francisco, precisamente três vezes seguidas? Puxa, estou mesmo ficando louco, ou será que os sons emitem dispersas luzes e no fundo os nomes ou o nome que nos ajudam a pensar que somos a herança de pretéritas realidades? Uma socada no coração e logo a lembrança dos sete dias em que ficou com um medo que parecia eterno. Talvez por isso sua vida ficasse assim.

Naquele dia do acaso, horas mais tarde, saberia que ouvira mesmo um nome próprio, mas não era o seu. Muito depois, mesmo fugindo desta imagem abstrata, num plano pensava que aquelas supostas mãos, ritualisticamente, pisando nas flores dos travesseiros e todas as noites, às vezes, encarnavam a figura dele.

Buscava há muito voltar. Talvez reviver sua infância. Quando aquele homem lhe dera de presente *A Diversidade dos Felinos*. Desde lá uma paixão incomensurável pelos tigres.

Agora, sentado em sua cadeira de balanço, com o livro nas mãos e, por instantes olhando as imagens emolduradas por rara edição, a saudade veio em forma de chuva. Horas se passaram naquela busca e já eram às últimas da tarde entrando pela claraboia, invadindo o quarto, culminado com o momento em que encontrou parte do que procurava, nessa estrofe, livre.

Última vez que, descansando em suas coxas, aquele ser humanizado pela convivência, ouviria o som em inúmeras vozes quando, lentamente a criança, fisicamente envelhecida pelo intangível, leria o grifo que vinha das páginas, nos escritos inscritos na centésima do volume desse certo escritor cuja literatura acabou por revelar ângulos diversos, dispersos na grafia da luz:

O orgânico no espelho, não revela minha alma.
Sou aquele atrás, em branco e preto.
Fixo no flagrante da imagem.
Móvel nesse ínfimo infinito.

Após um suspiro profundo, o bicho, não sentindo mais o calor das artérias de seu amigo, decidiu que já estava na hora de retomar àquela vida interrompida quando começou a ouvir vozes. Ao saltar, desumanizando, olhou, finalmente, as cores disformes de uma memória que nunca mais lhe serviria como matiz.

Houve uma pausa.

Agora, novamente, as ruas esperavam por outras tramas desenhadas nas sombras subsumidas do tempo.

Artemísia

Campinas/SP

Filha de Gaia

Tal qual a natureza
Com suas estações,
São as sensações
Que me temperam.

Há delicadeza
Em minhas ações,
mas as oscilações
Às vezes imperam.

Foi pela dureza
Das provações
Que as escoriações
Até mim vieram.

Foi a incerteza
E seus grilhões,
Como os de prisões,
Que me contiveram.

Sem sutileza,
As aflições
E violações
Me dilaceram.

Mas há beleza
nos corações
dos quais monções
se apoderam.

Arthur D´Elia dos Santos e Caique de Oliveira Sobreira Cruz

Rio de Janeiro/RJ - Salvador/BA

A história que não acabou e não pode acabar

Numa dessas noites intrigantes e fascinantes, quando estrelas cadentes não cessavam de adentrar a atmosfera da Terra, nos cortejando com seus rastros luminosos, e a lua brilhava tanto que parecia até ser dia e não noite, foi-me repassado oralmente um esperançoso acontecimento relacionado a uma determinada pessoa. Não se sabe se ela era homem ou mulher. Mas, decidi chamá-la de Ariel, pois foi mais condizente com a trama revelada. Então, comecemos a descrever o ocorrido com tal personagem:

— Fala, vizinho (a)! Para onde está indo? Tenho que lhe contar uma coisa que tem me deixado preocupado.

— Opa, Martin! Estou indo trabalhar. Dentro de um mês conseguirei finalmente entrar de férias. Meu patrão tem exigido muito de mim, como você pode ver, são 6 horas da manhã e estou indo até lá. Diga-me o que houve? — Perguntou Ariel.

— Nossa! Realmente acordou cedo. Fico feliz que vai entrar de férias logo. Bem, indo direto ao assunto, minha filha Rosa está se envolvendo com um grupo de pessoas que são muito radicais. Eles estão com um plano alucinado de querer mudar nossa sociedade. Vivo dizendo a ela que o mundo sempre foi assim e que ela tem que se preocupar em estudar pra ter uma boa vida. — Respondeu Martin, com muitas inquietações.

— Isso é realmente preocupante. E olha que ela só tem 17 anos. Se quiser, posso conversar com ela depois. Mas essa galerinha jovem vive na utopia! Tenho pena deles, até parece que um dia teremos a tal comunhão entre todos os seres humanos, que dizem.

— Concordo plenamente, Ariel. Eu sempre digo que a possibilidade desse mundo utópico existir é nenhuma. Ela tem que se preocupar em ser alguém na vida. Mas, enfim, o nome desse grupo é "Os comuns". Você conhece?

— Conheço! Outro dia, um deles me entregou um panfleto. São tão doidos que acreditam numa sociedade sem dinheiro. Mas, deixa comigo, eu resolvo com

ela. Agora, tenho que ir. Tenho medo da demissão, pois ontem mesmo me atrasei devido ao cansaço.

— Valeu, Ariel! Irei com ela até a porta de sua casa às 18 horas, horário que você chega.

Ao chegar à empresa, Ariel se depara com uma situação que aos seus olhos seria impossível de acontecer. Seu chefe, Paulo, exclamava que iria demitir 50% dos funcionários. A empresa, devido a uma crise, precisava cortar gastos. Nesse momento, Ariel conversa com o chefe:

— Paulo, o que significa isso? Vão me demitir? Eu preciso desse trabalho, mal consigo me sustentar com o meu salário mínimo.

— Estamos numa crise, Ariel. Você não percebe? A empresa precisa cortar gastos. E, pode relaxar, pois não lhe demitiremos. — Responde Paulo categoricamente.

— Ufa! Agora, tenho segurança. Vou me despedir de meu grande amigo de trabalho e ir para o meu posto.

Ariel decide então conversar com o seu melhor amigo que fora demitido.

— Que azar, Nelson! Mas não fique assim, Deus vai te abençoar, as coisas vão melhorar. Sinto muito por tudo isso, pela demissão, fato trágico.

— É complicado! Espero que Deus me ajude mesmo, pois vai ficar ainda mais difícil para mim. Tenho dois filhos pra criar, minha esposa está muito doente, preciso de renda e não sei onde arranjar outro emprego. — Afirmou Nelson, aos soluços.

— Realmente a sua situação é complicada. Mas sei que tudo vai melhorar. Pode contar comigo pra qualquer coisa. Até mais!

— Até! — Responde Nelson, cabisbaixo.

Ao terminar seu trabalho na empresa, às 18 horas, Ariel pega o seu carro e vai embora para casa. Chegando lá, percebe que Martin e Rosa não estavam lhe esperando como foi combinado. Então decide ligar para Martin, buscando respostas:

— Alô? Cadê vocês dois? Estou aqui na porta de casa, como combinado.

— Oi, Ariel. A Rosa recebeu um telefonema dum tal de Nelson, ele queria conhecer o grupo de que ela faz parte. Esse cara fez minha filha sair de casa a essa hora da noite pra ir até a casa dele conversar. No momento estou indo até esse lugar, felizmente Rosa deixou o endereço para onde ia, como sempre faz. — Comentou Martin.

— Nossa! Isso é muito ruim. Estou indo até lá. Eu conheço um Nelson e desconfio que seja este, quero saber que besteira estão tramando. – Replica Ariel, com suspeitas.

Ao chegar lá, Ariel se depara com Nelson que era seu antigo colega de trabalho chorando, Martin falando que a morte é a única certeza da vida e Rosa falando de mudanças sociais. Uma loucura total. E logo procura saber do que se tratava.

— O que aconteceu, Nelson? Quais os motivos das lagrimas? Pergunta Ariel.

— Minha esposa que estava doente faleceu, como se não bastasse ser demitido. Ela está no quarto. Levei meus dois filhos para a casa da avó para que não vissem isso. E depois liguei para Rosa, uns meses atrás ela deixou esse papelzinho sobre "Os comuns" comigo, mas não dei importância. Agora vejo que eles tinham razão sobre a sociedade.

— Não fique assim, meu amigo. Sinto muito pelo que houve. Mas você tem ido à igreja? A vida é assim mesmo. Irei lhe ajudar no que puder.

— Tem razão, Ariel! — Comentou Martin.

Foi então que Nelson, um rapaz negro de 1,80m de altura, pobre, que nem terminou a escola, surpreendeu a todos.

— Eu não sei como você, Ariel, ainda consegue consolo por intermédio da igreja. Prometem o paraíso depois da morte, mas pra isso temos que sofrer pacientemente em vida, como se não fosse possível fazer da terra um céu.

Dado o súbito de Nelson, Rosa também tomou a liberdade para falar:

— Nelson está certo! Vamos lutar juntos por uma humanidade verdadeiramente humana! Pai, como você consegue dormir tranquilo sabendo que outros Nelsons estão por aí? Isso é egoísmo!

— Sossega, Rosa! Eu tenho pés no chão. Você acredita muito em papai Noel e agora fez Nelson acreditar também. E ele tem que se preocupar em cuidar dos filhos, não terá tempo pra essas maluquices.

Já eram 22 horas. Foi quando Ariel recebeu uma ligação vinda de sua empresa bem no meio de toda a confusão.

— Oi, Ariel. Passe no RH amanhã. Fiz de tudo para lhe manter o emprego, porém os lucros da empresa estão baixos, então temos que tomar medidas drásticas. Boa sorte em sua vida!

— Quem te ligou, Ariel? — Perguntou Nelson.

— Era da empresa. Demitiram-me também. E eu achando que algo assim nunca me atingiria.

— Está vendo só?! É disso que estou falando. Temos que agir. Junte-se a mim no grupo da Rosa.

— Mas, e os seus filhos? — Perguntou Ariel.

— Bem, meus filhos não estão à parte da humanidade. Se construirmos uma nova sociedade, que seja baseada em um ideal de igualdade e fraternidade, todos ganharão.

— Ah, mas vocês só podem estar de sacanagem comigo. Que palhaçada! Agora todo mundo quer salvar o mundo! Ser herói! Que absurdo! — Bradou Martin.

— É melhor acreditar na possibilidade de um futuro melhor para o gênero humano do que viver na desilusão do presente! Podemos progredir! — Exclamou Ariel.

Arthur Januzzi Caputo
Viçosa/MG

O último cigarro

Naquele ano exclusivamente
e, há que se diga, subitamente,
uma quarta-feira de janeiro se fez cinza.

Não como no decorrer dos meus quase vinte anos,
até aquele derradeiro momento,
em que faziam-se em fevereiro,
como há de ser.

Mas como toda quarta-feira de cinzas que se preze,
chegou pra marcar o fim de algo esplêndido,
como uma linha tênue que separa um estado de mansidão
da vida em suas nuances mais cruéis.

Será então que para que eu vivesse a vida em sua plenitude,
e inseparável crueldade,
era necessário que eu visse tão de perto seu fim?

Claro,
vida e morte são intrinsecamente parceiras,
daquelas que se encontram nos momentos mais inoportunos,
como quem se move ingenuamente,
mas com aparência inafastável de dissimuladas. Cruéis.

Por que agora?
É o que normalmente se pergunta em vão,
e não hei de ser o primeiro a não fazê-lo.

Com requintes de crueldade,
como se espera da dissimulada união,
vida e morte se juntam, em um movimento sutil
e me deixam aqui. Só.

Com um maço de cigarro nas mãos,

aquelas duas buchinhas de cabelo envolvendo o isqueiro vermelho
e dentro um único cigarro,
como se esperasse para ser tragado. Ansioso.

Mas o encontro já ocorrera
e as senhoras, de mãos atadas, nada podiam fazer.
Nem mesmo a vida poderia frear seu fado mais eloquente:
o fim.

Mas tal fim para ela não há,
segue intacta,
como quem fosse portadora de toda a angústia do mundo e não soubesse.
Ingênua.

E enquanto há vida há esperança, me disseram.
No momento não acreditei, claro.
Esperança?
Como haveria esperança se a própria vida havia se esvaído de mim?

Mas o tempo, veja só a ironia,
grande amigo da vida,
e também da morte, claro,
chega como um abraço forte e oferece aconchego em seus largos braços,
mostrando que a vida, sim, segue
e o que escapara de mim havia sido a morte. Sorrateira.

Aquele maço,
o último a ser tocado e enrolado junto ao isqueiro nas buchinhas,
como a vida, ficou. Por um fio.
Por um cigarro.

Um único cigarro capaz de desmascarar o destino
e materializar toda a aura de alguém que se foi sem antes dar uma última tragada.
Um adeus.

Instagram: @unholypeach

https://www.instagram.com/unholyspeach/?hl=pt-br

Email: arthurjanuzi@hotmail.com

Arthur Vieira

João Pessoa/PB

Na espreita

Permaneci cerca de 15 minutos acocorado colado ao batente da porta fechada. Cria apavoradamente que sombras de coturnos bailavam na frente da casa velha feita de tábuas. Cada fresta uma paranoia. Solas rebentando folhas secas atingiam meus ouvidos, o meu corpo começara a gerar um calor incômodo no meu torso e nas minhas orelhas, algo espremia o meu diafragma impiedosamente. O estômago encapelou os ácidos e assim pressenti uma iminente diarreia a irromper. "E se arrombarem a porta? E se arrombarem a porta? Não. Não!". Cogitei mentalmente com uma covardia profunda me embalando. Minhas pernas começaram formigar, com isso precisei eretar-me quase ao mesmo tempo colei um olho na fresta entre duas das pranchas que compunham a constituição da casa. Uma parte de mim sabia que a única pessoa que ali se encontrara era eu, a outra duvidava desesperadamente dessa meia certeza. Mourredoramente pontadas de dor começavam a assolar a minha pouca carne decrépita. Uma vacuidade iniciou um processo de esgarçamento na minha estrutura e encetou sua irrupção. Um oco, um assombro desabitado instalou moradia em mim. Vagarosamente as dúvidas fizeram o câmbio com a agitação da platitude, que começou a sua apresentação. Senti-me anulado e as dores se intensificaram... Uma vontade arrebatadora de cagar me abateu; corri até a privada ao justo tempo de expelir um jato de líquido apodrecido. Colei no vaso assim como uma moeda gruda no imã. Fiz algum tipo de oração profana ou pagã para algo que nem mesmo eu compreendi. Só queria sair dessa...

Gastei um bom tempo até ter forças que me possibilitassem a levantar e limpar o meu rabo sujo. O fiz com papel e te garanto que nunca se limpa um cu com papel. Desconsiderei a importância do tempo enquanto rondeava pelo interior da casa sem propósito algum, coçando o pescoço compulsoriamente. Sem um puto furado e, para piorar, meu corpo todo começou a sucumbir a um sofrimento dolorido que atravessou a minha carne e ao que tudo indica beijava os meus ossos. Atingiu o paroxismo. Algo como uma pós-surra de remo grudou na minha fragilidade, sem contar que respirar se tornara atormentador.

A casa quase não tinha recheio. Um colchão puído no chão do quarto de dormir, embalagens de cigarro das mais sortidas e baratas possíveis jogadas nos cantos mais aleatórios do piso da imunda morada, uma cadeira de plástico desbotada, uma minúscula mesinha de centro feita de madeira, e já bem

carcomida, um cinzeiro coligindo cinzas e dois tapetes imitação persa que minha mãe me dera em uma ocasião que remonta aos meus esquecimentos de um passado que se subterfugiou. Nunca os usei, tanto que ambos estão enrolados em uma grossa camada de papelão em rolo no que antes era o quarto do meu pequenucho. Raramente entro neste cômodo, uma angústia inquina todas as minhas fibras ao momento em que me vem essas memórias, o coração se embrulha em uma espécie de lona enxovalhada

Tomado pela impaciência, alternava passos neurastênicos em uma linha de dois metros de vai e vem, ora colava minha bunda suja no chão repugnante e roía as unhas. Um rebojo de pensamentos desfilava pela minha caixa de pensar, grande parte delas tentava me fazer acreditar que eu teria uma ideia genial, desta maneira sairia desse piche devorador. Iniciativa puramente vã.

Não tinha sede, porém obriguei-me a verter água goela abaixo, não consegui faturar nem a metade do líquido que preenchera o copo, um gosto travoso de azedo com algodão molhado rasgou as paredes da minha garganta, o que me fez repelir o líquido não tratado.

Precisava sair. Resolver o motivo da minha inquietação, contudo me assemelhava a um animal ferido que necessitava se esconder para não ser uma presa vulnerável. Esse impasse era uma tormenta, só que eu mesmo já sabia que o "quê" me impelia era maior do que qualquer vontade lógica. Era uma força piroentrópica que imanava o meu velho corpo porta a fora.

Cada pedacinho de minha composição era dessossego. Os passos afora não mais perturbavam, a impertinência agora estava instalada somente em mim, e minhas ilações paranoides já se dissiparam.

Pus a camisa de botão, já decido sobre o que deveria realizar, sem vultos de indecisão esquematizara como fazer esse novo 'corre'. Parei diante da porta daquele quarto penoso. Peguei sem distinção uma daquelas peças remanescentes enroladas em papelão frisado. Era o que tinha algum valor pecuniário. Pousei-a na carcunda, tirei o prego que segurava o ferrolho e sai. A boca da casa ficara aberta sem remorso algum…

Austregésilo Brito

Teresina/PI

O Milagreiro

Meados de abril de 1956.

O trem da Reffesa parou, esguichando vapor na multidão. Os vagões estremeceram. Curiosos amontoavam-se nas plataformas da segunda classe. Os papos-amarelos abriram caminho aos PMs enfurecidos.

A notícia se espalhara. Alvoroço incontido. O capataz do coronel Olegário Britto tomou a frente, impelindo os policiais como quem açula cães.

Olhares curiosos vasculhavam os vagões. Maria Fininha tagarelava às alturas. Impetuosa. Sem sobrosso, incriminava o homem sentado ao lado. O desconhecido argumentava em vão. E a negra representando, cheia de manha.

Algemados, desceram aos solavancos. O homem resistiu. Uma coronhada do papo-amarelo tirou-lhe sangue do supercílio direito, ensopando a lapela do paletó de linho branco. Pelo contingente foram conduzidos à delegacia. Presos, submetidos a interrogatório:

– Não conheço esta mulher.

– Melhor dizer tudo – vociferou.

– Não conheço esta infeliz. Ela me ofereceu a poltrona, só isso.

– E tu, mulher, tem mais a acrescentar? – inquiriu-a o delegado, inchado no fardão de cáqui, coturnos pretos, cheios de rachaduras, esperando a confissão que não veio.

– Já disse tudo. Mas, se a excelência tiver dúvida, devia de reparar nos trens desse homem.

Tornaram, então, ao homem, azucrinando-o, fustigando-o nas costelas com um umbigo de boi. Desesperou-se:

– Não conheço esta infeliz...

O pé de peru cobriu-lhe o lombo.

– E isto, como explica? – reperguntou cabo Arlindo, espalhando as joias no soalho.

O homem, atônito, buscava explicação para o que via. Nunca tocara numa única joia, e elas ali, saltando de sua valise. Recostou-se na grade da cela, olhos cerrados. Lembrou-se de que havia se ausentado da poltrona para ir ao banheiro. Só pode ser isso – imaginou.

Ordenadas as ideias, tentou explicar ao delegado, que não quis ouví-lo.

– Joga água de sal nele. Evita infecção.

João Xavier, conhecido por João Cartomante, lia cartas. Alegrava as pessoas revelando futuros promissores e passados honrosos. Nada que trouxesse amarguras, nem constrangimentos. Sentia-se feliz, gozava de respeitabilidade por onde passava.

Aos policiais só interessava a confissão de culpa, nada de explicações descabidas. Cel. Olegário, influente na região, poderia facilitar ou dificultar suas vidas. Então, empenhavam-se. E o couro ardia no lombo do miserável. Ao lado, a negra gargalhava.

Com trejeito e faceirice, ela fisgou o policial. Regalias não lhe faltavam. Ia e vinha à cela quando bem desejava. Seguida apenas pelo olhar atento do jovem militar nas nádegas carnudas dentro do vestido de seda, colado ao corpo. Dizia que nenhuma liberdade a mandaria para outro lugar, pois gostava dali. O policial, confiando na negra, escancarou as portas. Entregou-lhe a chave da cela, o dinheiro da feira. Fininha tagarelava nas esquinas, puxava conversa com os feirantes... Inteirava-se de tudo. Assuntou da visita do bispo à cidade, durante as festividades da Padroeira, em 15 de agosto.

Quinta-feira, sol a pique, o povo se acotovelava na estação, à sombra do tamboril, à espera de dom Libório. O trem especial atrasara, impacientando a gente que subia e descia a plataforma, molestando o telegrafista. Ávidos para beijarem o anel do Santo Padre. Dali, o transportariam à Casa Paroquial. Cadeira especial, pálio em veludo vermelho. Os homens mais importantes disputavam o revezamento. Rua enfeitada com flores silvestres. O sino, em regalo, atraía o povo à Matriz, à Rua das Carrapateiras.

Na agitação, a negra se foi. Engazopou os praças, o amante. Inexplicável? Na verdade, só uma explicação. Conclusão do delegado:

– As rezas do Cartomante... É... só pode ser isso... Se adivinha o futuro e revela o passado, é capaz disso. É preciso esclarecer... Bota no pau de arara – ordenou a cabo Arlindo.

No decorrer do dia, o infeliz como um morcego. Ao anoitecer, o pé de peru nos lombos. Os gritos inquietavam a cidade. Murmúrios em profusão. A alucinação não tardou, fazendo-o retroceder na sustentação de inocência. Tinha visões das joias pelos cantos da cela, no corredor, ao ponto de tentar apanhá-las. Água salgada nas feridas ou álcool no rosto o reanimavam para as argolas. Posto em cruz, pendendo pelos pulsos, arquejava toda a noite. Julgado ineficaz o tratamento, decidiu o delegado por algo mais impactante.

– O povo tem de tomar as dores deste infeliz. As joias é o que interessa – concluiu, ordenando ao praça que providenciasse duas mulas, encangalhadas e atasse nelas aquele homem teimoso.

Atados os pés e os punhos, as mulas o arrastavam pela cidade, guiadas por um policial a cavalo. Busto ereto, olhar no horizonte, tocando o preso como se comandasse uma tropa num campo de batalha, cheio de incerteza, mas com

gosto de sangue na boca.

Das janelas, olhares medrosos perseguiam os animais, num debulhar de terços. Rogavam compaixão aos santos. Dia inteiro de agonia. Só ao pôr do sol um descanso, que as mulas precisavam beber. E beberam água fresca à vista do homem sedento que, resfolegando, não dizia coisa com coisa. Sussurros inaudíveis custaram-lhe as unhas, arrancadas a alicate. Ainda com vida, fora enterrado numa cova vertical, cabeça fora, atraindo formigas e urubus. Ordens dadas e cumpridas, o cel. Olegário deu-se por satisfeito.

Contam que, após festejar a desgraça do homem, o coronel sentiu-se mal, acometido de doença desconhecida. Gastara toda a fortuna com médicos, hospitais e viagens. De volta para casa, prostrara-se na alcova. Moribundo, fora visitado por um estranho, jamais visto na região, desejoso de um acerto de contas.

Daqui sairemos juntos – disse o desconhecido ao médico do coronel.

Num segundo de distração, o estranho sumiu. Ninguém o viu sair, como também não foi notado o cerrar dos olhos do coronel. Castigo. Também inexplicável a morte de Fininha e dos policiais, um após outro. Mistério que o tempo não revelou. Restou distante o túmulo, onde o povo ora e faz promessas.

email: austregésilo@ifpi.edu.br

Biah Vieira

Belém/PA

Troque o Seu Celular

Por um Amor.
Por uma Flor.
Ou um tempo com seu Avô.

A todo, esse tempo, pode Comemorar.

Troque
O Toque
O Olhar
O Segurar

A Quem,perto de ti,deve estar.

Toque com Carinho,ele sente sozinho ou te espera para Conversar.

Olhe nos Olhos,e veja,o quanto hipnótico é se Encantar.

Segure na Mão, de quem, contigo deve Estar.

Precioso
Formoso
É o Tempo
De Vivenciar.

Celular,ele,pode te Esperar.
Basta,controlar, a hora certa, de quando usar.

E esse tempo, pode,não Voltar.

Há tantos Likes,
Quantas partes de si
Deixou de se Encaixar?

https://www.recantodasletras.com.br/autores/BiahVieira

Camilla Poubel

A paz

A calmaria de um lugar sem medo
Um lugar radiante e pacífico
Que nos dá a paz
A certeza de que tudo ficará bem
Cabelos ao vento
Livre para voar
Livre para ser e escolher
Livre para ter voz
Sorrisos sinceros
Olhares singelos
Calma voz
Grãos de areia incontáveis
Ondas do mar na imensidão
O sol a iluminar
O céu a observar
O medo e a angustia batem a porta
Mas o universo não permite
É a magia desse lugar
Não há o que temer
Basta acreditar
Basta sorrir e não brigar
Entender e não julgar
Buscar ser feliz e não ter
Falar e não se esconder
A paz está dentro de você.

Carlos Jorge Azevedo

Santa Marinha do Zêzere-Baião-Portugal

A Capital

Não me canso a folhear
As obras do grande mestre
Ímpar quase extraterrestre
A Capital é altar.

Sigo de Artur as pisadas
Quimérico literato
Que do amor tem fino trato
Olhos de Ovar são laçadas.

De Oliveira de Azeméis
Mimado por tias bem castas
Na capital já te arrastas
Valem-te os contos de reis.

Em Lisboa lá se amanhou
Junto ao fútil Melchior
Indo de mal pra pior
Da Concha desesperou.

Lá na terra o Rabecaz
Espera pela boquilha
Artur a tanto se humilha
Só bolsa vazia dá paz.

Rejubilo ao reler Eça
Qualquer que seja a sua obra
A Capital isso prova
Nas boas mensagens da peça.

https://www.facebook.com/yolanda.azevedo.3

Carmem Aparecida Gomes

Ipameri/GO

Flor de Sodoma

Eu e essa falsa pureza.

Eu sou assim...

Êxtase e alma caliente.

Me disfarço bem, eu sou mulher.

Sou fêmea perspicaz!

Uma fêmea que procura amor e fogo ardente...

Como o que caiu dos céus

Em anos e anos passados

Destruindo seres advindos dos pecados.

Seres sodomados!

Vou e quero ficar na história, renascer da fúria Divina, sobreviver das cinzas dos condenados.

Renascer bela e misteriosa como a flor de Sodoma perfumada... Como a vida as margens do mar morto silenciada por atos imorais.

Eu sou mulher, boca vermelha, corpo bem esculpido num dia de fortes tempestades. Não sou frágil e sim delicada. Sobrevivo a cada dia no fogo do caos. Lutando para não me perder e renascer como a semente que deu origem a bela flor de Sodoma que sobreviveu após a chuva de fogo queimando toda a lascívia. Sendo descoberta na historia como uma bela poesia num pergaminho empoeirado.

Eu sou encanto e desencanto!

Eu sou pecado e o abençoado... Da sutileza de minha falsa pureza arranco gemidos superando a natureza e deixando seres destemidos excitados.

Com o meu corpo nu eu sou raio que precede a tempestade. Sobre o corpo alheio balanço respeitando a natureza e o vento como a flor de Sodoma sob forte tormenta que desperta simples mortais sepultados.

Eu sou mulher!

Sou profunda, sou paixão, sou loucura, sou sensatez e sou pecado. Eu transformo homens racionais em seres frágeis num emaranhado. Como a flor de Sodoma, nasci no fogo e sobrevivo às tempestades.

Sobrevivo à água e ao fogo!

Sinta-me! E fareja sob a forte tempestade o meu doce perfume que exala.

Caroline Cristina Pinto Souza

Botucatu/SP

No Fascínio da Renascença

No baile da nobreza, lançou-me um feitiço
Veio, com destreza, o sigilo omisso
Repentino, inclinou a sua palma direita
Um cifrado destino, eu me encontro sujeita.

Com o minueto ao fundo, passo a passo congruente
Em sua face me inundo, venerável vertente
De tato cavalheiro, os lábios de cacau
Imersa num desnorteio ao longo do sarau.

Em madrugadas diversas, encontros secretos
Lascivas conversas, infrene afeto
A cada alvor, ao fidalgo lia, um poema genuíno
Ele trovador, me repetia, e assim me desatino.

Paulatinamente, o romance amargo
Ausente, eu a sós em desencargo;
No crepúsculo cristalino, o seu retorno rotineiro
O choro procrastino, o decifrável roteiro.

Sussurra inconstante, aquele maldito apelido!
Nosso lírico barbante, obsoleto, diluído.
Tamanho atrevimento para alguém com asa
O ódio barulhento, a ferida vaza.

Decido, quieta, segui-lo até o pátio do Castelo
Numa brava meta, o flagra num duelo;
Ele vai atrás do muro, ao encontro da Rapunzel
Meu olhar inseguro pela visita cruel:

Era lá nosso espaço, após os Bailes da Aristocracia
O meu fôlego escasso e o dela, ardente, fervia.
Saí cabisbaixa… nunca vivi um Conto de Princesa
O quebra-cabeça se encaixa com minhas lágrimas em represa.

Catarina Dinis Pinto

Amarante, Portugal

A lua não voltará

A lua não voltará

O céu fragmenta-se,
Sem sequer alguém desconfiar.
Ruiu, caindo pedaço a pedaço,
Sobre o quotidiano,
Transformando-o em pesadas vivencias.
Não te posso mais amar,
Mas também não consigo te deixar partir.
Continuadamente procuro a lua no céu
Mas ela não voltará mais...
Eclipsa-se em sua dor...
Sem o seu amor
Sem as mil estrelas
Que acompanhava a aventura
Dos amantes perpétuos.

https://www.facebook.com/Autoracatarinadpinto-254206278801280/
https://www.facebook.com/catarina.dinisramos

Charles Burck

Rio de janeiro/RJ

Poema

Há feras sentadas na varanda, definindo os limites do homem

Caminho pela bainha do mar, molho os pés e sinto o faro e os olhos de cio nas minhas costas

O espaço livre, uma gota se sentindo mar

O faqueiro de prata de minha mãe brilha na janela, o tigre da moldura tem seus próprios sonhos

Os olhos e os dentes inexoravelmente sangram, a mesa posta sem jantar

Os panos de renda diluíram-se nas palavras, o roto, o puído tempo que se escasseia

Já fomos nobre entre os pobres e pobres entre os homens, tivéssemos, homens e textos a representar, eu seria livre

Destruiria as perguntas e privilegiaria o olhar

Dorme assim acolhida entre as sobrancelhas, e o ar grave dos dias de hoje,

Todos os sistemas fracassaram e os homens pagam entradas para verem as suas derrotas,

As desgraças pedem delivery pelo telefone e as naves chegam

e as feras sobrepõem-se a nós e vigiam as nossas almas.

Cizina Célia Fernandes Pereira Resstel
Marília/SP

O homem que pediu 100 anos a Deus

Primeiramente, é com muito prazer, que vou lhes apresentar o meu avô, Lázaro Marani. Nós o chamamos carinhosamente de vô Lazinho. Ele era um homem franzino, seus cabelos loiros se misturavam aos ruivos, que acentuavam os olhos esverdeados que mesclavam com azul-celeste. Seu olhar era sereno, sua fala tranquila e doce, tinha o dom de apaziguar as relações com sabedoria da sua experiência de vida. Via-se nele, um bom homem. Realmente, era um grande homem e pleno de gratidão.

O homem que pediu a Deus cem anos de vida e chegou aos 102 de idade. Nós tivemos o privilégio de tê-lo conosco, até o fim dos seus dias. Há três anos atrás, uma queda tirou sua mobilidade. Tinha sede de viver mais e mais, até quando aguentasse suas forças. Era abraçado pela Fé em Deus. Evangélico, não fazia nenhuma distinção de religião, pois considerava Deus único e Pai de todos.

Era filho de imigrantes italianos genoveses, cujo os pais vieram do estrangeiro para trabalhar na lavoura cafeeira na América brasileira, mas antes, o meu bisavô Luís Marani, trabalhou na cidade de Torrinha, arrumando a estrada de ferro. Em época de Primeira Guerra Mundial (1914 -1918), nascia o meu avô, em 25 de janeiro de 1918, na cidade de Torrinha do estado de São Paulo – Brasil.

Em sua memória tinha momentos de sua infância, lembrava que ainda criança, sua família na década de 1920 mudara para a região Centro Oeste do estado de São Paulo, precisamente na fazenda cafeeira Chantebled, próxima a cidade de Júlio Mesquita. A fazenda empregava centenas de mão-de-obra imigrante. Na década de 1950, a fazenda foi comparada a uma cidade, era de admirar-se, pois até cinema havia nesse centro para a comunidade. Além dos italianos, havia os japoneses, que chegaram posteriormente à fazenda e eram estranhos aos olhos dos ocidentais e dos próprios estrangeiros italianos. Também tinha os negros que foram escravos e que ali moraram.

Lá cresceu, ao meio as plantações de café, juntamente com 7 irmãos: Paulinho, Enéias, Balbina, Augusto, Catarina, Luís, Angelina e Lázaro, o caçula.

Para ele, uma espiga de milho poderia ser tudo o que quisesse, uma boneca, um carrinho e tudo mais o que desejasse, pois era seu mundo. Costumava brincar com as espigas de milho nos longos corredores de café, enquanto seus pais e irmãos mais velhos, cuidavam da terra e da produção da lavoura, pois para cada família era dado 2.000 pés de café, que ficariam sob a responsabilidade do grupo até a colheita. Outras culturas agrícolas podiam ser cultivadas pelos próprios colonos, nos espaços dos corredores da plantação de café para subsidiar a alimentação. Além disso, a criação de porcos e galinhas era permitida para o próprio sustento da família. O cultivo da terra à plantação de milho verde para mesa, os pratos saborosos como o curau, o bolo de milho e a polenta, são apreciados pelos italianos na cozinha brasileira.

Essas são palavras de meu avô, expressas para falar do tempo passado que não existe mais. Um tempo rico pela natureza e de gente humilde. Um tempo duradouro, sem pressa para poder vivê-lo e ter uma extensão atemporal a perder de vista, às várias gerações para poder significá-lo e ressignificá-lo. O homem secular se deparava com os pés de café com mais de 2 metros de altura e carregado de frutos. A produção era alta. A vida desses imigrantes circulava no ciclo do café, marcada pela passagem do tempo na chegada da florada branca, que trazia o nascimento do grão verde jovem e seu amadurecimento, do grão vermelho pronto, para a fase da colheita. Não conhecia a doença, e nem a praga do café, pois a terra fértil e gentil estava em meio à mata virgem e aos animais selvagens que ali vagavam.

O café acabou. A fazenda de café não existe mais, porém hoje se planta o capim que forma o pasto para o gado. Não há colonos e nem as casas. Não há o milho verde granado, que produz o amido em abundância, que faz o mingau da polenta ficar consistente, que possa despejar numa mesa de pedra e cortá-lo em pedaços quadrados, com o fio da linha de carretel e ter toda a família em volta da refeição, denominada de “hora sagrada”.

Onde está esse tempo? Esse tempo encontrava-se na memória do meu querido avô. Hoje nem o passado e nem o meu avô. O tempo e o meu avô se sucumbiram no próprio tempo.

A beleza dessa realidade é a simplicidade e a humildade de viver a vida, em que a terra voltava para homem, o bem que ele plantava. Uma retribuição generosa e que nos falta em tempos atuais. O mundo cindiu em dois tempos, passado e presente. O futuro surge na imensidão da incerteza, imerso na escuridão do amanhã. O homem voltou ao tempo narcísico, e regredido prioriza a futilidade, se movimenta em prol de si mesmo, e o "ser" , tornou-se "ter", ou seja, eu tenho, por isso "sou" aquilo que não é real e por isso, não posso existir.

A experiência de vida em sua complexidade, não está podendo ser valorizada pelo homem contemporâneo. O homem de experiência acabou de morrer. Quantos conhecimentos empíricos! O homem que se formou pela faculdade da vida, e que permanece vivo em nossos sentimentos. Tantos sofrimentos e perdas, o último dos seus. Calos em suas mãos, algumas rugas expressas em sua pele, cabelos grisalhos, que somam a quantidade de anos e a flexibilidade com uso das palavras. Não expressava sua dor, guardava-a só para si. Era um homem de pouca prosa, porém sabia o momento certo de se pronunciar.

Jovem sofreu uma grande perda, encontrou o pai morto no milharal. Começou a trabalhar muito cedo na plantação de café, depois aprendeu ofício de marcenaria com os irmãos, e até tentou abrir um negócio em família, uma funerária, por ter a arte de fazer caixões, mas por uma ordem maior da cidade, teve que fechar o negócio. Um dia, a fazenda precisava de um maquinista para beneficiar toda a produção de café, pois o senhor que trabalhava na máquina estava de partida e meu avô foi convidado a aprender em apenas três dias a nova função. Em suas palavras, a função exigia minuciosidade no manejo com os grãos e uma afinada audição para o acompanhamento do desempenho da máquina e do beneficiamento do café. O processo de beneficiamento é deixar o grão do café pronto, ensacado para a venda. Assim permaneceu nessa função por mais de 20 anos, mesmo depois de aposentado.

Em sua fase de namoro, flertou com uma japonesa. Sua intenção era boa, desejava casar-se, mas foi orientado pela namorada que o pai não aceitaria o casamento e que o mataria, se assim o fizesse. O meu avô como homem de paz, resolveu não provocar sua própria morte e desistiu desse casamento. Ademais, casou-se e teve um casal de filhos, Arlindo e Tercília, criando-os após a separação. Viveu somente para a família.

O meu avô, como filho de imigrantes não conseguiu estudar na infância, muito mais tarde, quase próximo de sua aposentadoria, pode frequentar a alfabetização, conhecido como Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), que o possibilitou a escrita e a leitura básica. Com um pouco de sotaque italiano, fazia suas anotações em pedacinhos de papéis, como as datas das visitas de pessoas conhecidas e de parentes, mercado, igreja, telefones, recados, etc..., apesar da lucidez, era uma forma de memória externa, como o reservatório de informações que poderia acessá-lo, similar ao nosso pré-consciente. Essa é uma pequena homenagem que dedico ao meu querido avô, que faleceu em plena pandemia do coronavírus, em 01 de maio de 2020.

https://www.facebook.com/cizina.celia

Clarice de Assis Rosa

Ituiutaba/MG

Viagem para o desconhecido

Estavam todos se divertindo , cada um a sua maneira , muitas vezes limitada de enxergar os fatos somente através do que os olhos permitem ver.

Cada qual saía em um barco diferente ;no primeiro Joana,com seus filhos pequenos; no segundo Pedro, com dois amigos, aparentemente jovens; no terceiro João, com dois irmãos.

Durante o passeio, a mãe brincava distraidamente com seus filhos, de tal forma que era possível observar que nada mais existia ali, além das suas crianças. Toda a distração fora centralizada naquele instante. Estavam ainda pouco distantes da praia , iniciando a viagem

Pedro e os dois amigos seguiam em um barco mais à frente da mãe e as crianças, em pleno mar. Divertiam-se, pareciam estar animados e distraídos, sem maiores preocupações, apenas embevecidos por poderem desfrutar daquele momento,observando as trepidações causadas pelas ondas do mar.

João seguia com seus irmãos, bem mais à frente dos outros barcos, distante do ponto de partida. Conversavam melancolicamente, relembrando fatos do passado, trocando confidências, concluindo que as pessoas só aprendem com as próprias vivências, mas que, chegando a um determinado ponto de suas trajetórias, não se sabe mais se terão tempo para utilizar toda a bagagem de conhecimentos que aprenderam. O passeio fora uma oportunidade de reunirem-se a fim de perceber que suas experiências chegam a um mesmo conceito, como se com o passar dos anos todos percebessem a inutilidade de certos sentimentos e atitudes mesquinhas, como se almejassem voltar ao passado com a maturidade presente.

A mim, mera espectadora, ou talvez simplesmente observadora - antes de mim mesma que dos outros - só me coube estabelecer uma alegoria desses barcos. Quisera eu também ter embarcado em algum deles, todavia, ainda existe um lapso indecifrável incapaz de patentear a profundeza da minha alma, impedindo-me de saber em qual barco eu devesse seguir.

Era visível enxergar na mãe e nos filhos, próximos ainda à beira-mar, a vida no início; suas curiosidades, esperanças, a crença de que a vida é só alegria, tal qual as brincadeiras que faziam. Tinham ainda tanta coisa para aprender. Talvez quando o barco velejasse mais um pouco, eles mudariam algumas percepções e crenças. Ah, a maturidade, essa que machuca tanto, também nos liberta!

Observava-se que Pedro e seus amigos navegavam tranquilamente, usufruindo de tudo que tinham direito: bebidas, comidas, mergulhos em alto-mar. Viviam como se não houvesse amanhã, ansiando por querer preencher todos os vazios de suas existências ,por meio de experiências que lhes permitiam fugir da realidade, momentaneamente. Quando o barco prosseguisse em seu trajeto designado, talvez percebam que muitos desses momentos são utópicos , que o amanhã existe. No entanto, irão entender somente no momento em que o barco seguir seu rumo e puderem assimilar que não é possível utilizar o aprendizado presente para tentar modificar experiências passadas. O fluxo segue.

João, no auge da sua maturidade, julgando ter aprendido tudo que necessitava com as muitas circunstâncias da vida, seguia com seus irmãos. Avistavam a proa, não a perdiam de vista, conscientes da enorme distância do ponto de partida. Refletiam as circunstâncias dolorosas que já vivenciaram, sem que tivessem tido atitudes que ,somente posteriormente, perceberam que seriam as mais sensatas; inteiravam-se de momentos agradáveis em que deveriam ter sentido vibrações intensas de grande júbilo, todavia, ansiavam por obterem sempre mais, talvez o sentimento que entendiam pelo conceito de felicidade. Tinham consciência de tudo que aprenderam no curso da vida, mas que de nada adiantara, pois não poderiam usar o aprendizado para resolverem situações pretéritas, tampouco teriam tempo para novas experiências.

Assim como o crepúsculo marca a passagem de um estado da natureza para outro, os barcos representam o ponto de partida e o ponto de chegada. Quem inicia não pensa em como será mais à frente, quem está em alto-mar geralmente não assimila experiências anteriores, quem está no ponto de chegada sabe que de nada adiantaria tentar voltar para ensinar aos demais, pois estes somente aprendem (ou não)depois de muitas frustrações e reflexões.

Joana, Pedro e João mostram o quão inútil é a tentativa de tentar entender os desígnios da jornada da vida,uma vez que esta é uma trivialidade , que só se aprende a absorver a sua essência e relevância quando o ciclo está prestes a ser concluído.

Cláudia Gomes

Feira de Santana/BA

Fortemente Mulher

Dois meninos e uma menina,
Sendo esta a mais velha.
Não há cozinheira
Nem lavadeira
Muito menos arrumadeira
Ela, dois cachorros e um gato malhado.
Ela, a mulher que cuida de tudo.

Os brinquedos
A bola que sempre caí na varanda da vizinha
E de lá não volta mais
A casinha da *barbie* e as várias bonecas que ali estão
E a mulher que trata de tudo
Trabalha fora
E ainda brinca com seus filhos.

As contas,
A feira,
O aluguel,
Os boletos da escola
As roupas da criançada
E a mulher que paga tudo.

A mulher
Mãe solteira
Educa sozinha seu trio de esperança

E muitas vezes, no silêncio da noite,
Ela chora.
Os dois rapazes
A moça
Seus cachorros
A vida em casa
A vida fora de casa
Fazem dela
Uma resistente poesia
Fortemente é uma mulher.

https://www.instagram.com/claudia_gomes_poeta/

Cleidirene Rosa Machado

Catalão/GO

Nossa Grande Mãe

Em homenagem ao mês das mães e em memória aos infectados pelo Corona Vírus, uma doença vinda da natureza e possivelmente em detrimento de atos humanos.

Nossas mães nos corrigiram a vida toda, nossas mães um dia pediram para não fazer aquilo novamente... falaram alto e, por fim, partiram para as palmadas ou aquele cinturão que deixava roxo até a alma...

Mas existem mães que por uma razão ou outra se tornaram mais agressivas e até nos fizeram mal sem que tivéssemos muita culpa ou até mesmo sem que nós soubéssemos porque estávamos passando por aquele corretivo...

Hoje quero esclarecer algumas coisas sobre a nossa grande mãe, aquela que ama, mas também educa, machuca e por vezes tem o poder de matar seus filhos ...Sim estou falando de nossa mãe terra...

Se nós, os filhos, cuidamos dela (a terra) com carinho , ela nos recompensa com alimentação em abundância, água doce e límpida, ar puro, temperatura agradável, e tudo o mais necessário para se viver... Mas se ela for atacada com desmatamento, poluição dos mares e rios, maus tratos aos animais, queimada da vegetação e da própria terra... Essa mãe se revolta e inicia um processo de correção de seus filhos: traz furacões, rompimento de barragens, perca de alimentos, falta de água, enchentes, traz doenças mortais e incuráveis, depressão e ainda passa a gritar as secas, os trovões e as tempestades aos quatro ventos...

A mãe terra aclama e dá palmadas em muitos, mesmo que alguns sejam inocentes... E isso não para por ai. A mãe terra é vingativa, bipolar, e com uma ira extremamente selvagem e primitiva...

Cuide de nossa mãe, trate-a com carinho e tente acalmá-la enquanto é tempo, pois, a partir do momento em que ela notar que seus filhos não mais a respeitam, aí sim ela poderá partir para toda sua força brutal e fará vítimas em massa, sem nenhuma piedade.

Cleison Fernandes de Souza

Manaus/AM

A Amazônia Pede Socorro

Que as grandes potências mundiais têm grande interesse na Amazônia, isso não é novidade pra mais ninguém, um recente relatório produzido meses atrás trouxa de novo à discussão a questão da segurança da Amazônia. Biodiversidade, fauna, flora, riquezas minerais, vegetais, e o objeto mais cobiçado por todos os países nessa era contemporânea, a água doce e potável foram e continuam sendo elementos abundantes no coração do mundo.

Mas não é só questão da riqueza que a Amazônia possui que deve entrar nessa discussão, mas também a questão do total descontrole ambiental que presenciamos hoje, como as queimadas, o monóxido de carbono despejado todos os dias no ar, poluição visual, sonora, industrial, a busca desenfreada das grandes empresas por grandes lucros muitas vezes não leva em consideração a capacidade que a natureza tem de suportar esses impactos. A resposta vem em forma de catástrofes, enchentes, desequilíbrios ambientais dos mais variados possíveis.

É nesse contexto que a Amazônia pede socorro, ameaça sangrar, grita, urge desesperadamente para os quatro cantos do mundo em busca da sua sobrevivência. Apesar de boa parte da floresta ainda permanecer intocável, a

devastações, as grilagens de terras, as queimadas estão cada vez mais frequentes. O que chamo a atenção não é mais para a questão da preservação da nossa biodiversidade que de deve sim ser mantida e protegida, e sim para a Amazônia como uma questão de Segurança Nacional.

Haverá um tempo em que as manchetes dos jornais falarão de milhares de mortes em um único dia pelo calor insuportável provocado pelo aquecimento global. Em uma única tempestade, vilas, cidades inteiras desaparecerão, boa parte das geleiras já não mais existirão, o aumento dos oceanos provocará inundações em muitas cidades que se converterão em meros cemitérios aquáticos, e uma provável guerra pelo controle da biodiversidade e principalmente da água doce da Amazônia é uma hipótese cada vez mais provável, tenebrosa e sombria.

A questão agora dada as devidas proporções é sobre o nível de atenção que está sendo destinada a essas possibilidades, visto que em questões de Segurança Nacional não há apenas o fator de inteligência dos governos, mas envolve também a questão de uma ampla mobilização, seja ela civil, social e política. Estejamos atentos a esses fatos, todos nós, amazônidas e brasileiros.

Conceição Maciel

Capanema/PA

Sociedade Doente

Segurei na tua mão
moradia de um passado distante
que clama libertação,
mas está preso nas correntes
que pesam e machucam
enferrujadas que estão
e guardam terríveis recordações
símbolos da desunião
testemunhas do egoísmo
prova concreta da desilusão
palco de tantas insônias
marcas na palma da mão
onde impera a brutalidade
subjugada e maltratada
jorrando sangue inocente
usaram de desumanidade
fizeram brotar o sangue quente
se esconderam atrás de falsa insanidade
dominaram a mente
gritavam:- Liberdade, liberdade!
e as mãos já dormentes
de receberem castigos inclementes
mal conseguiam segurar
as pesadas correntes
e a dor e a angústia se alojam
no coração e na mente
eu quisera plantar a semente
que bane o mal de uma sociedade doente.

https://www.facebook.com/conceicao.maciel.14

Cris Souza

Garanhuns/PE

DÓ[RIA]

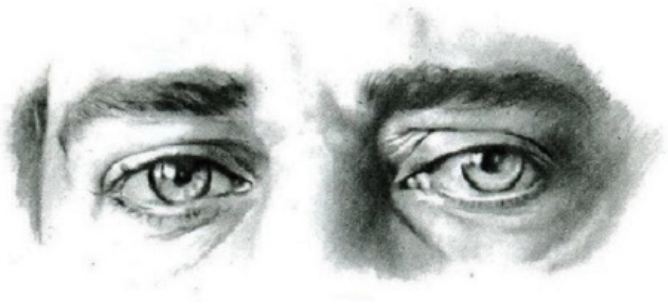
Meu amor
Tem a dor e o riso
No nome

Daniela Genaro

São Paulo/SP

Encanto

Que a poesia encante o mundo
e quando tudo estiver mudo
ainda haja um verso para declamar.



David Ehrlich
Curitiba/PR

João e Geni (Homenagem a Chico Buarque)

João beijou Maria e cada filho seu, e atravessou a rua. Após subir a construção da estranha catedral e levar pedra feito penitente para erguer tijolo por tijolo quatro paredes no patamar, sentou pra descansar com os olhos embotados de cimento e comer feijão com arroz.

João soluçava. Sentia-se como quem partiu ou morreu. Ao menos naquele dia ele teria direito a uma alegria fugaz, chamada carnaval. Naquela noite, ele iria dançar, gargalhar e cantar a evolução da liberdade até o dia clarear, enquanto via um samba popular passando pelos paralelepípedos da velha cidade.

Foi então que viu Geni. Geni foi sua namorada quando ela era uma menina mulata, e ele era um retirante do cais do porto que se achava herói e cantava para ela da janela. Era um poço de bondade, e deu-se a ele no mato atrás do tanque enquanto ele lhe prometia que seria rei, bedel, juiz, que obrigaria todos a serem felizes, e que ela seria sua princesa e andaria nua pelo seu país.

Mas eis que chegou a roda-viva e carregou o destino pra lá. O faz-de-conta terminou, e ela sumiu no mundo sem avisá-lo. O tempo foi, o tempo veio, agora a moça estava diferente, e João já não a conhecia mais. A cidade vivia a repetir para jogar pedra nela, que ela era feita pra apanhar, que era boa de cuspir: "Ela dá pra qualquer um, maldita Geni!".

João pegou sua flauta e fez-lhe um concerto, mas lá de cima não conseguiu despertar-lhe emoção.

Ele estancou de repente. Finalmente sentia o quanto deixou de cumprir, o quanto não mandava em seu destino. Toda a sua vida foi uma ilusão passageira levada pela primeira brisa.

- O que é que a vida vai fazer de mim? – João perguntou, louco.

Tropeçou no céu, flutuou no ar e se acabou no chão, agonizando. Morreu na contramão, atrapalhando a ala dos barões famintos que já passava. Em meio à ala, pai e filho compartilhavam um cálice de vinho tinto, porém o filho, vendo o sangue, não conseguiu mais beber da bebida amarga.

- Pai, afasta de mim esse cálice! – O filho disse. Queria lançar um grito desumano, mas como era difícil abrir a porta e soltar essa palavra presa na garganta! Assim como João, queria inventar o seu próprio pecado e morrer do seu próprio veneno.

O pai olhou para o filho. A partir de agora, este teria que passar junto com o estandarte do sanatório geral.

https://www.facebook.com/david.ehrlich.52

David Leite

Jandira/SP

Pater Dolor

Em casa, como em todo lugar, não se lembrava mais o dia em que o pai caiu doente.

Talvez no inverno de algum ano, depois de tirar pus dos pulmões de um aneurisma. Talvez quando fraco do peito de uma punção necessária. Onde se inicia o périplo agonizante.

Era assim desde que me entendia por gente. Era assim desde o começo do mundo. Necessário silêncio. Falado dentro de casa, mas a vontade era de se apregoar para o planeta. Que se faça barulho longe das esquinas, que o silvar do afiador de facas chamando a freguesia ficasse mudo.

De início ainda se queixava com a indiferença dos passantes. Como alguém nesse mundo ainda pode rir, enquanto o pai gemia em seu leito as dores das escaras. Chegavam a fazer festas. O alarido de vozes e música batia nas vidraças e gerava rancor contra o disparatado herege. A vontade de dar um tapa naquela gente sem entranhas era grande, de explodir em santa cólera. Mas o acanhamento humilde do enfermo jamais permitiria tal reação.

Xale em ombros e terço na mão, mamãe desfiava jaculatórias e responsos. A casa fechada, mas a música penetrava pelas frinchas. A música não parava.

No quarto, as mãos crispadas no peito, tremores, mas ainda com força para os choros convulsos. Divagava. Com os ossos duros, estalava. A febre queimava o lençol. Na cabeceira da cama, amontoavam-se as medalhas milagrosas e bentinhos e relíquias.

Sob os lençóis, já sem recato, as necessidades eram feitas nas fraldas. A muito custo vertia a urina cor de cobre. Enquanto mamãe vertia mais um Agnus Dei como nunca ninguém sofreu tanto, eu sonhava com as sumidades médicas que mandaria buscar onde estivessem enquanto interrogava calado os desígnios do céu.

Na penumbra do quarto, as cortinas empoeiradas pesavam até o chão. Fechadas. Uma surdina instalada na garganta de todos. Almoço feito, mas porque o pai estava doente a inapetência era maior. Na casa das dores o apetite é um insulto. Num silêncio constrangido era difícil confessar a própria fome. Apenas um café requentado, encarando quem jejuou com um olhar obsequioso admitindo a culpa.

Em um plantão. Dormia-se sobressaltado, em silêncio. Nenhuma preocupação poderia chegar até ele. Sua flagelação e martírio. Era sua dor. Hora a hora, dia a dia. O tempo havia se coagulado.

Aguardando o dis irae e o ofício dos agonizantes. Aguardava o bispo, carregando a misteriosa hóstia branca no cibório, a apaziguar os enfermos e acalmar os aflitos.

- Deus é grande. – Repetia as tias, enquanto na rua se juntava gente para o visita do Bispo. Era uma fineza muito grande para com o Pai. Parentes e amigos multiplicavam as novenas e promessas em conforto ao pobre sofredor. Mas a mim, porque o pai estava doente, tudo aquilo era opaco e funesto.

Findada a missa. Fecha-se as portas e janelas, transformando a casa no navio que naufragaria. Tal certo a alegoria que março mostrou tuas águas na mesma noite. A água escachoava no telhado, enquanto eu maldizia o enxurro e a indiferença da natureza às dores de alguém. Beijava a mão fria do pai prometendo que aquilo ia passar.

Até que um dia. Numa hora banal e preguiçosa, findou-se o calvário. Com a face serena da falta de dor, que muito se assemelha a plenitude de vida, o pai estava em seu leito.

Lamentando não havido tempo de chamar o bispo, as tias choravam pelo já esperado. O rosto lívido, a boca seca e rosada, as mãos finalmente livres e descansadas. A família prestou os trabalhos para o merecido descanso e graça-lo com as exéquias.

Na janela coberta pelas grossas e empoeiradas cortinas, aberta em plena aleluia, a penumbra do quarto foi furada pelo sol, despejando o caminho para a boa alma seguir dali.

Deise Oliveira S.
Cabo-frio/RJ

Diário de Quarentena

Primeiro dia: Comer um doce e ver televisão.

Segundo dia: Escovar os dentes e pentear o cabelo.

Terceiro dia: Comer mais um doce e desligar a televisão.

Quarto dia: Ler um livro e ajudar a vizinha com as compras.

Quinto dia: Acariciar o gato na janela e colher as flores do Jardim.

Sexto dia: Ir ao mercado e arrumar a casa.

Sétimo dia: Lavar a louça e terminar a pintura do mosaico.

Oitavo dia: Fazer tudo de novo. Agora mais devagar. Trocar o sofá de lugar.

Nono dia: Não ler os jornais e tomar vitamina C. Tomar sol na varanda.
Décimo dia: fazer um bolo de laranja e suco de pitanga. Mudar a cama de lugar e lavar os sapatos.
Vigésimo dia: Caminhar na calçada e fazer limonada. Ver televisão, não ver televisão. Ler o livro, não ler o livro. Desarrumar a casa. Pintar o cabelo. Arrumar o mosaico na parede. Abrir o jornal, rasgar o jornal. Ir ao mercado. Esquecer a vitamina. Comprar álcool em gel. Mudar a cama. Desligar a televisão. Arrumar o mosaico na parede. Acertar o relógio. Responder os e-mails. Desligar o telefone. Acariciar o gato na janela. A casa imensa vazia. Tanta coisa acumulada nos armários…Fotos antigas, sabonetes, bilhetes, perfumes.
Não há visitas é só mais um dia.

Éderson Silveira dos Santos

Uruguaiana/RS

O encontro consigo mesmo durante a pandemia

Uma pandemia, com o cenário catastrófico que se segue, nos revela o que há de melhor e pior nas pessoas. Às vezes na mesma pessoa, visto que ninguém é 100% bom e nem 100% mau.

Diversas obras de ficção exploram muito bem esses conflitos, percorrendo as diversas camadas dos personagens. Mas em lugar de listar aqui boas e más notícias nestes tempos difíceis, ou listar obras ficcionais temáticas e inspiradoras, quero abordar aqui um aspecto poucas vezes mencionado: o isolamento e o encontro consigo mesmo.

Um dos pontos de sofrimento no isolamento desta quarentena é estar sozinho, ouvindo a sua voz mental. Sem ter onde se esconder e com poucas opções para se distrair. O dia todo sem ter como mentir para si mesmo. Para muitos habitantes das redes sociais, se enxergar sem fingimentos é extremamente doloroso.

Por isso é tão difícil meditar, por exemplo. Mesmo as pessoas que não meditam, estando isoladas, acabam ficando em uma posição incomodamente próxima de uma meditação, quando começam a perceber o barulho de seus pensamentos.

A grande maioria das pessoas vive no entorpecimento da vida cotidiana, se escondendo atrás de trabalho, bebidas, drogas, novelas, filmes, seriados, redes sociais... As distrações são infinitas.

E também comprando coisas para preencher a vida. Muitas coisas. Postando fotos e textos que os coloquem em uma posição que verdadeiramente não ocupam. Uma vida toda é artificialmente construída, sem parar para um mergulho interno, sem uma pausa para analisar o próprio fluxo de pensamentos.

E quando paramos e olhamos para a nossa mente, o nosso interior, podemos ver que os objetivos traçados já não parecem tão importantes como julgávamos. Ou como queríamos que fossem.

As pessoas não estão preparadas para enfrentar uma pandemia. E não falo da ciência médica nem de estoques de alimentos. Falo de as mentes não estarem preparadas para uma pausa, para um encontro consigo mesmo. Com poucas distrações e sem fingir para si mesmo.

*Publicado originalmente em meu blog pessoal:

http://blogdoederson.blogspot.com/2020/05/o-encontro-consigo-mesmo-durante.html?m=1

Edgar Borges
Boa Vista/RR

Fotopoema

www.edgarb.blogspot.com.br

Edna Mancusi

Praia Grande/SP

Versos à vida

Que me perdoem os sérios, mas quero a audácia dos loucos.
Que me perdoem os deprimidos, mas quero a alegria das crianças.
Que me perdoem os fracos, mas quero a coragem dos inconsequentes.
Que me perdoem os truculentos, mas quero a delicadeza das pétalas.
Que me perdoem os cruéis, mas eu quero o amor dos apaixonados.

Quero ser voraz,
Quero ser capaz,
Quero concentrar o mundo em minhas mãos.
Quero tudo isso, junto e misturado,
Numa essência de intelecto, única de existir.

Quero ter consciência,
Que nunca falte coerência.
Quero ter sabedoria,
Que nunca falte paciência.
Que me livre de preconceitos,
Para sempre enxergar, aprender e sentir.

Quero a razão dos justos,
Quero a palavra dos sábios,
Quero a dignidade dos éticos,
Quero a verdade dos leais.
Mas sobretudo, quero ser feliz!

https://www.facebook.com/EdnaMancusiEbooks

Eduard Traste

Florianópolis/SC

Propenso a poeira

três anos de vida
três livros vendidos
fluindo rio abaixo
em meio aos fluidos
de suspeitosa corrente
abro hoje este livro
aberto tão pouco
por quantos?
confesso, pouca
ou nenhuma
diferença o faz
quando o leio mais
uma vez e talvez
feito primeira
ou última
que o faça
que o sinta
são apenas certezas
de que desde sempre
desde o nascimento
de nós, e de toda
verdadeira tragédia
tudo está e tudo continua
inerentemente
propenso a poeira.

www.estrAbismo.net

Edvaldo Manteiga
Ilhéus/BA

FALOU DA MÃE?

Houve um tempo em que a terra viveu uma grande seca. O capim amarelou fazendo com que o gado emagrecesse e parasse de produzir leite, os rios estreitavam suas margens e os poços demoravam mais de uma semana para atingir sua décima parte de vazão. As plantações também estavam todas perdidas, a maniva não se desenvolvia, o milho não soltava suas bonecas e o feijão ainda aguardava qualquer sinal de que o céu ia cair para poder se integrar ao solo.

A comida ainda não era o maior problema, embora fosse bastante precária. O racionamento levou as pessoas a passarem água no mesmo pó de café duas ou três vezes, abandonarem o hábito do café da manhã e aprenderem a comer o mamão verde cozido, tal um legume, pois os mamoeiros não sucumbiram à estiagem, conquanto seus frutos nunca amadurecessem.

O que mais incomodava e entristecia as pessoas era mesmo a falta d'água, tanto para beber quanto para cozinhar, lavar a louça e tomar banho.

De tempos em tempos, apareciam nas comunidades os caminhões-pipa, deixando atrás de si o rastro inconfundível da água. As crianças eram as primeiras a detectar o som vindo da estrada e anunciavam aos quatro ventos a chegada do líquido vital. As pessoas então saíam de suas casas com baldes e bacias e formavam uma verdadeira orquestra percussiva enquanto se organizavam em fila para encher os recipientes.

Foi num evento desses que dois rapazes se estranharam.

– Não desperdiça a água aí não, moço.

– Eu sei o que faço, moço.

– Tá caindo tudo fora do funil aí, ó.

Numa atitude que poderia ser tomada como uma brincadeira, o rapaz que ia sendo advertido jogou um pouco de água na face do outro, que num golpe de reflexo, murmurou um ligeiro "fi de puta".

– Cê chamou minha mãe de que?

– Não falei de sua mãe.

O fato do ofendido ter irmãos presentes na cena agravou a situação.

– Tá falando de mainha, é? – Disse um.

– Calem-se, eu sou puta, e daí? – Disse uma mulher que esperava por sua vez, na fila.

Quando os rapazes entenderam que só poderiam resolver aquilo se chegassem às vias de fato, interrompeu-os a professora, que não queria barulho porque estava com dor de cabeça.

– Vocês podem parar. Ele não chamou sua mãe de puta, chamou você de filho da puta. Tem uma diferença enorme aí.

A seca mexe com a cabeça das pessoas.

Edweine Loureiro

Saitama – Japão

Aflição

Vejo-a ferida: nossa Mãe Terra…
Ela que, nascida para ser Eterna,
deu Vida a tantos…

E, no entanto,
ao longo dos tempos,
estando Ela em tormento,
a ninguém importou o Seu lamento.
Ninguém enxugou o Seu pranto.

E agora,
ainda esquecida,
Ela agoniza…

Aguardando, entristecida,
a derradeira hora…

Que, temo, não demora.

https://www.facebook.com/edweine.loureiro

Eloy de Oliveira

Salto/SP

Lapsos

Há sempre uma cobrança
das coisas que esqueço.
Perco muitas sem lembrança
nesse mal de que padeço.

São anos sem a visão que seduz,
um tempo já sem medida.
Passo intensos momentos sem luz.
Pareço metade: volta sem ida.

Consola-me agora só
que lembro de coisas importantes.
As que simplesmente viram pó
nem sei como eram antes.

Mas um sorriso completo,
rápido como chamas
e como nunca indiscreto,
me lembra que me amas.

O resto é história.

Eni Ilis
Campinas/SP

Um Jardineiro

Seus dedos eram gorduchos nas mãos pequerruchas. Frustrou a todos que o queriam para o violino. Virou jardineiro. Um bom jardineiro.

-x-

As mãos mal aguentavam com o tamanho das palavras que recebia a cada vez. Vira e mexe, uma ou outra escapulia de seus dedos pequerruchos. A queda certa produzia efeitos incertos. Às vezes, a palavra caída sobrevivia ilesa; outras vezes ganhava pequenas rachaduras; outras, ainda, partiam-se e viravam outras. Não se importava, porém. Resgatava as palavras caídas e com as outras, seguia para o jardim. E tudo tão em silêncio, que só se ouvia as rodas do carrinho abarrotado de palavras puxado por suas mãozinhas gorduchas. Nesse ínterim, nenhum imprevisto e tropeço – dai as rodas do carrinho serem trilha tranquila de um cá para lá. E quando parava, o silêncio se agigantava. E necessário, pois no jardim começaria a mexer nas palavras, pois não? Há quem tenha jardins com belas floradas, há quem prefira jardins de esculturas, mas aqui o cuidado e a atenção voltam-se para as palavras. Tantas palavras, tantas. Não esquecer nenhuma. E o silêncio vira tempo e o tempo vira respiração do gesto que começa e segue e fica – harmonia. Trabalho duro porque todo o cuidado e toda a atenção em cada gesto que pega e leva cada palavra. Gesto que é um repetir. Repetir que nunca é o mesmo. As palavras rachadas ficam tão bem quando juntas. Quando a luz do sol as toca aqui e ali um brilho, quando a luz da lua as toca aqui e ali um véu. Algumas rachadas também vão para o muro e, travessas, deixam a luz atravessar e a luz atravessa. Aparecem trilhas e sombras. As outras vão substituindo as que se gastaram e que murcharam. Vão sendo acomodadas pelas mãozinhas gorduchas que coloca umas, tira outras, compõem e recompõem sem

pressa, sendo seu próprio mover também tatuado em sombra que se move em gesto que não para, em gesto que respira tempo. As palavras murchas e secas recolhidas, não são descartadas. Não, não. Seus dedos pequerruchos pegam cada uma e cada uma é colocada aqui e ali uma vez mais para continuar a compor e recompor. Às vezes, estas palavras esfarelam ganham leveza de ficar e partir com a brisa; trazem eco e memória até serem levadas em gesto sem mão. E assim, uma vez mais, trabalho realizado na roda do tempo. Tempo silêncio. Tempo gesto. Levar agora o carrinho vazio. As rodas do carrinho fazem ouvir esse seguir. Poder respirar. Poder descansar e contemplar o trabalho. Poder pegar com a mão gorducha o caleidoscópio e o girar. Poder sorrir e constatar que uma vez mais conseguiu. Jardim único. Jardim de palavras.

Esther Mister

Patu/RN

Mistério

(Mistura de sentimentos e sensações confusas)

Há um mistério a interpolar-me.
O que realmente quero dizer-lhe,
Essa minha maneira de romper seu calar
Em que há um anseio de lhe largar
De dizer-lhe "largue de tentar encontrar sua tenra voz"
Como posso encontrar-me ao seu devaneio
Entre os mistérios de uma noite até o amanhecer de um novo dia
Em que a voz do eu trímera-se e na sua vista
Quantos idiomas repartidos, quantas terras devastadas?
Eu saio recitando os restos dos seus dissabores,
A rumar sem rumo sem longevidade
E argumento-me como será o tempo que a existência é o existir
Buscando a procura da espera.
Qual seria a pessoa que te formou assim?
Tenho a sensação que suas alucinações
De todas que jamais obtive a longevidade das suas visões
Que se encontram ordenadas, que movimentam-se a sós no seu universo,
Quando os seus neurônios totalmente partiram-se na mente
Em que omitiu de dizer-lhe que não tem ninguém
Que te lança a fala no universo em que o pensante não está só
Em lugar algum por onde tu andares
Continuas sem ninguém que te lança a fala a recitar
No mar, tu com tua bússola, constantemente, orienta-o.
Onde andares não te perderás.
Sempre acertará teu retorno
Não tem sombra alguma.
Se no teu universo tem muitos pedaços soltos
O que eu poderia falar?
Essa é minha maneira de romper seu calar
Há um mistério que desaba buscar seus neurônios
E não encontra, encontro que logo perecerei
No universo ouvindo o calar da fala que não sai.
Mas cala-se nas profundezas do eu
Que silencia junto a minha alma.

Facebook: Joceilmafd.15@gmail.com

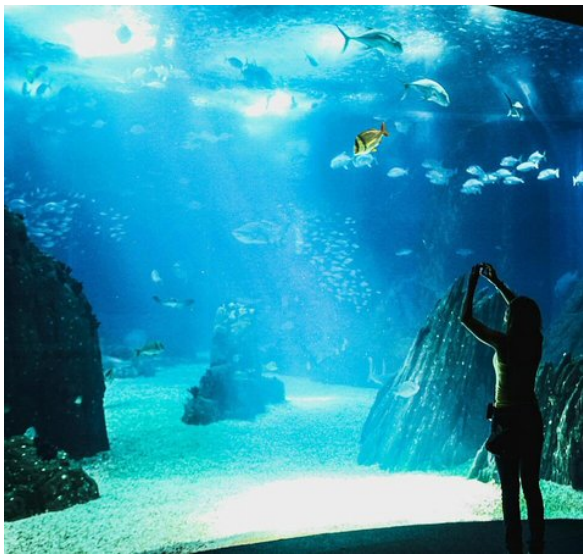
Fábio Daflon

Vitória/ES

Oceanário de Lisboa

Saudade qualquer não há
maior que a do mar redondo,
nem vontade de regresso,
lareira de chamas tépidas,
alfombra à frente do fogo
entre poltronas de espaldares
largos, um fado de Amália
e o vinho verde do Alentejo.

O amor não cabe em aquário
de quatro montras, fundo raso;
pode caber no Oceanário
de Lisboa, hoje, mar interior
de Portugal, sem vezo possível
de qualquer expansão marítima,
gesto largo do amor grandioso
das belas epopeias camonianas.



Cabe, hoje sei, no Oceanário
de Lisboa, mar íntimo,
envidraçado por janelas
esplêndidas, onde na água
vejo de dentro da caverna
passarem sobre mim arraias
voadoras, tubarões saciados,
a prata dos peixes tranquilos.

Mar, brinquedo das lontras,
viveiro de pinguins e alcinos,
mar dos afagados polvos
com tentáculos relaxados
como ramos abertos de flor múltipla.

Belíssimo Oceanário de Lisboa
onde sorvi das paredes os versos
de Sophia de Mello Breyner Andresen,
mar íntimo para todo sempre
do Portugal contemporâneo.

Fernando Henrique Franco de Aquino

Recife/PE

Vire do avesso

Quando tudo estiver de cabeça para baixo
não se desespere.

Ponha as pernas para cima
E enxergue por um novo ângulo.

E tudo estará no seu devido lugar.

http://www.instagram.com/nandoescritor/

http://www.facebook.com/nandoescritor/

Fernando Machado dos Santos

São Paulo/SP

Mataram o poeta

Mataram o poeta...
Não era o fim da poesia.

Os versos fugiram,
A poesia era ágil,
Quiçá era quebradiça,
Mas nunca frágil.

Correram as letras
Percorrendo continentes
De bocas em bocas
De parentes em parentes.

Quando viu o assassino
A poesia fora liberta
E, como obra do destino,
Havia nascido um novo poeta.

Instagran: @fnando_machado

Francisco Cleiton Limeira de Sousa
Poço Dantas/PB

Incógnita.A

Gemidos são silenciados... de
Uma alma que não mais suporta por não
Encontrar lá no abismo distante
Rumos, respostas, ressignificados,
Risadas, cantadas, enamorações
Alérgicas a incomunicação de olhares.
Doses de paixão são lentamente liberadas por
Orixás, deuses e corações carentes de afeto.
Permitamo-nos viver um passo de cada vez,
Assistindo expectativas... haja reciprocidade
(Ridicularizada em tempos de liquidez).
Alimente os rios com o seu corpo quente, letal
Guarde líquidos e sua força para satisfazer
Uma criatura sedenta por choro, suor, esperma
A descrição mais perfeita já me dada foi a da
Infinita dúvida entre ser profano ou sagrado.

https://www.facebook.com/cleiton.limeira.3

Francisco Ribeiro dos Santos

Lucas do Rio Verde/MT

Acreditar em dias melhores

Era março de 2020, as ruas ficaram todas vazias, escolas, parques, lojas, fechadas, todas as pessoas já não podiam mais saírem nas ruas. Mas o outono não sabia e continuava firme, mesmo os dias ficando menores e as noites maiores. O sol continuou brilhando em dias de chuva. **Luquinha, Ema** e **Preciosa** estavam preocupados com este cenário, pois a cidade vai fazer 32 anos de emancipação política, como será celebrado a festa?

O céu continuava tão claro, mesmo em meio à turbulência por conta do **coronavírus**, as pessoas já não podiam mais abraçar, os avós ficaram alguns isolados, pessoas usando máscaras o mundo ficou inusitado! Mas o outono continua firme desempenhando a sua função, depois de alguns dias fecharam quase tudo, escritórios, academias, bares e empresas, o exército começou fechar as fronteiras, o medo se tornou em nossos dias tão real.

Os professores tiveram que adequar um novo jeito de ensinar seus alunos, cada família passou a colaborar com a escola para que seu filho pudesse continuar estudando de maneira diferente.

Mas logo todos os brasileiros torcendo juntos iremos sim vencer este desafio, daqui a alguns dias já não usaremos mais as máscaras, nem álcool em gel, pois vírus será vencido por todos nós.

Sairemos nas ruas alegres um abraçando o outro, vizinhos abraçando uns aos outros, como se fossem irmãos, escolas serão abertas e as crianças felizes celebrarão a vitória, apesar do vírus, apesar do medo, apesar de tudo, o outono está nos ensinando que juntos somos mais fortes, basta ter fé e acreditar tudo isso vai passar.

francisco.ribeiro.3950178

Gabriel Alves de Souza

Corrente/PI

A História em Chamas

É lamentável a história do Brasil ser reduzido a pó. Hoje 02 de agosto de 2018, acompanho os noticiários em telejornais de que no Rio de Janeiro o Museu Nacional foi destruído por grandes proporções de incêndio. Nossa história foi consumida pelas chamas que não teve misericórdia de dilacerar nosso tesouro arqueológico, etnográfico e histórico. Uma grande tragédia fruto do descaso público, sem manutenções no espaço dessa arquitetura de preço incalculável.

Parece que está ficando normal; dantes foi o Museu da Língua Portuguesa em São Paulo. A falta de verba e reforma contribuiu para que isso acontecesse. Nossa memória de vários anos de trabalho sendo extinta em poucas horas. Esse museu tinha 200 anos de história e foi palco da coroa portuguesa – é revoltante assistir as chamas destruir tudo. Um rico acervo de pesquisa, conhecimento e história natural que poderia ter evitado o fogo.

O Museu Nacional era um patrimônio histórico onde era ornamentado por peças raras e que hoje testemunhamos o seu fim. A Casa do Imperador, símbolo de Cultura e alvo de estudos científicos. As páginas dos livros de história não será a mesma, elas gemem e choram pelo ocorrido. E é revoltante saber que o nosso dinheiro está sendo aplicado em outras mazelas e farras; o conhecimento está sendo colocado de lado e acontece isso com os artefatos e obras de arte. Uma dor irreparável. Estou de luto por Luzia que conseguiu resistir o tempo e espaço mas virou cinzas em questões de minutos pela negligência humana. Um país sem passado, sem presente, sem futuro; sem herança cultural.

Instagram: vixi.gabriel_alves

Gabriela Araujo

Rio de Janeiro/RJ

7 Coisas que hoje sou graças à faculdade

O aprendizado que obtive no meu tempo na universidade ultrapassou as fronteiras do que o meu curso de graduação fornecia e ao invés propôs o aprendizado como uma construção em grupo, em que a palavra teórica do corpo docente se aliava à experiência prática do alunado.

Na faculdade, me conheci e reconheci.

1. Mais honesta

Eu me tornei mais honesta com o que pensava ser e nunca fui, com o que jurava não ser e sempre fui, com quem eu achava ter me feito mal quando só fez o que pensou ser necessário e com quem achava que tinha feito o necessário quando só me fez mal, com quem errou comigo sem intenção e com quem errei pensando que acertava.

Descobri que honestidade é compreender que minhas ações podem ser influenciadas por outros, mas ainda são parte de meu controle e logo tenho o poder de decidir se vou rebater como me bateram ou se vou interromper a violência. O que o outro faz tem a ver com ele, o que eu faço tem a ver comigo.

Em minha natureza, é necessário ser honesta com o que sou, para o bem e para o mal, para assim ser honesta com quem mais houver de ser.

2. Mais flexível

Aprendi que não existe uma única verdade, existe aquela que é real para mim e aquela que é real para o próximo é tão valiosa quanto. A verdade do outro pode sim ser questionada e aprimorada, assim como a minha também pode.

Não existe instrução sem dúvida e não existe crescimento sem humildade, portanto para cada vez que eu falo, preciso ouvir ao dobro e assim almejar absorver o que é de fato verdadeiro e não só o que minha voz propaga.

3. Mais paciente

Descobri que a paciência é uma virtude atingida em uma jornada interna que nunca termina e que estou longe de ser tão paciente quanto preciso ser. Cada um tem um processo e um tempo para executá-lo e não existe certo ou errado quanto às decisões que tomamos por fazer sentido para quem somos.

Paciência também é respeito.

4. Mais sã

Aprendi a me conectar com o que entendo por valor, por clareza, por sabedoria, por trabalho, por ambição, por fé e por saúde; não existe saúde completa sem a saúde mental e esta é inegociável em qualquer cenário.

O meu conceito de sucesso é ter uma alma saudável.

5. Mais justa

Entendi que um cenário nunca é preto e branco e que se um tema é complexo e a decisão que estou tomando sobre ele é fácil, provavelmente não estou considerando todos os ângulos que nele cabem.

É preciso apreciar os elementos que afetam e são afetados, os que machucam e os que são machucados, os que gritam e os que se calam, os que sentem e os que consentem, os que se desculpam e os que se isentam da culpa, os que pedem e os que realmente precisam, os que amam e os que nunca conheceram o amor, os que batem e os que só aprenderam a apanhar, os que vencem e os que convencem, os que jogam e os que mudam as regras do jogo, os que aceitam e os que resistem, os que ouvem e os que transformam, os que fazem e os que desejam, os que vivem e os que sobrevivem.

6. Mais consciente

Identifiquei meus privilégios e o fato de que estes existem em uma escala que sou privilegiada demais por não conseguir calcular.

Eu me tornei mais consciente do que o mundo é e do que não é, do que sou e do que ainda quero ser, do que é de fato compreensível e do que nunca será. E o que não é compreensível não é uma frustração para carregar nas costas, é somente algo que não cabe em nossa ideia de consciência.

Descobri que existem situações que são vividas tanto de maneira coletiva quanto individual e que isto acarreta em perspectivas diferentes sobre a mesma experiência; todas as perspectivas são válidas, mas elas não devem, de nenhuma forma, sobrepor uma à outra.

7. Mais humana

Num mundo em que ser humano tem soado cada vez mais como escolha e menos como nossa configuração embrionária, descobri que o mais belo que existe no mundo é a alteridade e que o ser humano segue sendo o melhor professor e o mais necessitado aluno.

A faculdade me ensinou tanto não só porque debatia um mundo de temas dentro de suas paredes (embora tenha debatido muitos deles), não só porque tive professores maravilhosos (mas tive e delego a eles à responsabilidade por muitas de minhas palavras), não só porque tive contato com pessoas diferentes com histórias diversas (embora essa seja uma verdade irrevogável), mas porque ainda que a faculdade tenha me ensinado a ouvir quem estava dentro dela, me ensinou a ouvir principalmente quem nunca pôs os pés nela.

Entendi que o conhecimento verdadeiro vai além da gramática correta, do cerimonial e protocolo, dos seminários, das palestras, do currículo lattes e do diploma.

Que se ilude quem pensa que sabe mais da textura do asfalto porque estudou sua composição do que aquele que conhece o que é porque sempre andou com os pés no chão.

Que o conhecimento real vai da beca ao beco.

Mais do que tudo, aprendi que o conhecimento real ninguém verdadeiramente tem porque o ontem o tornou obsoleto e sempre haverá um professor para ensinar algo novo amanhã.

https://negraemovimento.com/

Gabrielle Lima

Rio de Janeiro/RJ

Querida mãe

No dia que conheci a coisa mais formosa que já vi em toda a minha vida, tudo mudou! Preciso lhes contar sobre tudo o que sei dela.

Aquela que tem a água que conduz, no corpo de cada criatura ali vivente, cercada e guardada por um Deus Mãe que desenha em seu corpo verde toda a luz que é necessária para a respiração e vida dos presentes naquele pedaço de terra onde a água corre serena, para alimentar e proporcionar a quantidade necessária para sustentar uma vida.

Sopro que vem, ventania que carrega todas aquelas folhas secas que, um dia foram totalmente novas, mas como tudo na vida, se depararam com a intensa forma mais pálida de ir embora, dando adeus às tuas raízes, deixando folhas nova perpetuarem sua espécie.

Criaturas de diferentes cores, formatos e jeitos de viverem a vida, ali há de tudo o que se possa imaginar. Deixe a sua imaginação fluir, lembre que seus ancestrais lhe deixaram uma imensa obra de arte da natureza que pode ser explorada dentro de sua imaginação. Liberte-a! Alimente-a! Faça com que suas cores sejam mais vibrantes, suas formas criem ainda mais vida.

Um dia, toda essa ternura sentiu-se esvaindo. Com o passar do tempo, sentia-se sem ar, sentia dor, não sabia o motivo. Via seus filhos chorando, afagar um por um enquanto o seu corpo queimava em chamas não era a melhor opção. Criaturas em mesmo formato de uma das suas criaturas viventes ali estavam a fazendo mal, dando-a de um veneno eterno com a desculpa que era apenas para a sobrevivência.

A resistência sempre foi seu grande ponto forte, já que é a maior criatura vivente neste terreno e grande espaço chamado Brasil.

Ô mãe natureza, nos perdoe por nossa perdição, todos os seus filhos um dia entenderão que cuidar de você é mais do que um dever, é cuidar da sua própria terra. Me reconecto a ti e te chamo pelo verdadeiro nome em que o Brasil deve o clamor: Mãe Amazônia.

https://www.instagram.com/gaabriellel/

Gilberto Moura

São Luis/MA

O Auto Retrato de Benguela

No Quilombo do Piolho
Sem local de nascimento
Brota a própria guerreira
Que singra a subsistência.

A História do Quariterê
Gira Teresa de Benguela
Tão sucessão da região
Vira a Rainha Negra.

Numa célula Vila Bela
Supre via de defesa
Alinha monarquia de regras
Vez comunidade de resistência.

No quina do pantanal
Eleva ação de víveres
Para esperança de liberdade
Ora lavoura de resistência.

O conto da missão
Sem o final feliz.
Todavia, mutação de andança
Há lição de experiência.

Na real afro-latino-americana e Caribenha
Reveste nome da líder
Em 25 de julho,
A emissária mulher negra.

Tal dia consciência negra
É precursora da escravidão
Que 2 Etapa A
Expôs minúcias da luta.

Contra algema do agora
A missão de conhecimento
No auto retrato da gente.
Faz pelejar de consciência

Gisela Lopes Peçanha

Niterói/RJ

Asa branca

Antônio queria morrer; mas que fosse de uma forma sagrada, e não pagã. O batismo consagra o nascer; ele decidiu criar outro, para a hora do morrer. Sem doença, sem saber, sem padecer. Apenas, somente, desaparecer. Como uma nuvem branca num céu de éter – ao amanhecer.

Pensou em ornar com flores brancas, o cume ápice de uma cordilheira. Molhar a cabeça, na água benta da cachoeira. Estender um tapete de renda, bordado por dulcíssimas freiras. Aos poucos convidados que aparecessem, a eles faria um simplório pedido: que vestissem roupa branca, não fumassem nem bebessem, no dia do ocorrido. E mais – *que se mal não fizesse* – rezassem a Ave Maria, clamassem pelo Pai Nosso e batessem um tambor, cantando um ponto de macumba convincente. E, a esposa de Antônio choraria, copiosamente. Mas, compreendendo que sua devoção sempre fora encontrar o céu sagrado, já que a vida o atormentou incessantemente. Sua mãe estaria ausente. Porque também já morreu (sofridamente). A morte que ele não quis para si, definitivamente...

Problemas de depressão e gosto pela melancolia: este sempre foi Antônio, desde infante. O pior aluno da escola, expulso cinco vezes, por conta de uma mente angustiada e delirante. Apesar de considerado inteligente, tudo que gostou foi de teologia, e de cortejos funerais. E via beleza em santidades, castidades e, especialmente, em imaculados rituais. Benzeu seu coelho branco, e o gato Félix, em seus momentos finais. Fazia a extrema-unção no bairro inteiro, encomendando a alma de todos os animais. Perdeu a virgindade aos trinta anos, com aquela com quem subiu ao altar – ao som das cândidas marchas nupciais. Foi tido como louco, mas isso, sempre deixou para trás.

A hora vai chegar. O último sopro. E a derradeira passada de olhos marejados pelo mundo. A despedida da vida breve. Com a dignidade que se merece. Uma última prece. E ele pensará, que enquanto esteve aqui – neste mundo de pecados – viveu conectado a sentimentos castos.

O céu azul turquesa, os montes verdejantes, as nuvens espumantes, o instante triunfal! Mas nada parecerá tão perfeito, quanto partir: rumo ao divinal.

E lá irá Antônio em queda livre, montanha abaixo. Aplaudido de pé pelos poucos amigos: cantando mantras, rezando terços, e chorando a ponto de engasgar. Essas lágrimas, serão a purificação que ele irá, verdadeiramente, adorar.

Com os olhos de Deus o fitando – e a esta valente e asséptica partida – abençoando.

Sim, será um lindo voo! Comovente, solar e profundo.

Fim do cerimonial: ***Antônio e seu pulo puro.***

https://www.facebook.com/giselamusik

Guilherme Hernandez Filho

Santos/SP

Trabalho noturno

— Você entendeu?

— Sim, claro.

— Tem certeza?

— Você tá me menosprezando, só porque sou novo nisso? Você já me explicou tudo ontem.

No dia anterior tinham combinado os detalhes. Antero planejou como teriam que agir; era bem mais velho e experiente do que Mauro. Seus cabelos já estavam levemente grisalhos, uma idade indefinida, não muito além de quarenta anos, embora parecesse mais. A vida sofrida o havia envelhecido. Mauro era "de menor".

Marcaram de se encontrar na padaria daquela praça. Antero pediu um "rabo de galo" ao atendente do balcão, Mauro um café. A noite estava fria e úmida. Os dois usavam um gorro de lã escuro, que cobria suas cabeças e orelhas.

No sobrado da esquina da frente, o casal lá residente já se preparava para dormir. Ele tinha uns oitenta anos e ela uns setenta e oito e moravam sozinhos. Eles levavam existência simples, aposentados, vida regrada, sem luxos. Os filhos viviam em outras cidades, onde trabalhavam. Com eles só o cachorrinho lulu, que atendia pelo nome de Belo. Também tinham um velho papagaio, o Loro, que os acompanhava havia mais de três décadas, e que tinha sido trazido para casa por um dos filhos, quando ainda era garoto. Àquela hora ele já estava recolhido em proteção em sua gaiola na cozinha. Coitado já estava meio surdo e cego, mas ainda gritava palavras, que aprendera a repetir, sempre que sentia a presença de alguém por perto.

Antero tomou sua bebida de um trago. Mauro bebeu seu café devagar, pois estava bastante quente.

— Garçom, me dê mais um "rabo de galo", Antero pediu.

Precisava se aquecer e criar coragem. Não queria demonstrar para o garoto que estava nervoso. Planejara aquela ação há alguns dias, depois de observar com cuidado o comportamento dos moradores daquele pedaço. Achou que a ajuda só do Mauro seria suficiente.

— E aí, trouxe o que te falei?

— Sim, estão aqui nesta mochila.

— Vamos esperar um pouco mais.

— Você não fica ansioso? Eu estou muito. Nunca fiz isto antes.

— Você vai se acostumar. Você tá precisando de uma grana, não?

— Sim, mas preferiria que não fosse desse jeito.

— Você é menor, só tem dezessete, não tem com o que se preocupar.

Pagou a conta e foram à luta.

Guilherme Rocha Formicki

São Paulo/SP

Eles

Todos os dias eles estão lá. Ela, com seus cabelos brancos, sua pele enrugada e seu sorriso contagiante. Ele, com seus óculos de armação preta, sua face séria e seus cabelos igualmente brancos.

Eles chegam juntos. Ele abre a porta para ela e espera pacientemente que entre. Ela pega alguns guardanapos e segue para a mesa de sempre, encostada ao longo da parede envidraçada, de onde eles podem ver a cidade. Ela se senta e guarda o lugar dele com os guardanapos. Ele segue para o caixa. Cumprimenta o barista, que lhe pergunta como seu dia está. Ambos tiveram a mesma conversa no dia anterior. E no outro anterior. Ele pede dois cafés expressos, um *donut* e um *croissant* com manteiga. Paga com uma nota de vinte. Ao receber o troco, conta todas as moedas. Uma a uma.

Ela continua lá, sentada e observando a rua. Amanhece. Pessoas com gravatas debaixo dos seus sobretudos passam apressadas em direção ao metrô. Mães levam seus filhos pequenos pela mão até a escola. Adolescentes sobem a rua com suas mochilas nas costas. Ela os observa. Eles, que estão apressados demais para observá-la, seguem seu caminho.

Ele espera para retirar as bebidas e os doces. Outro barista puxa assunto enquanto prepara os dois cafés.

Dentro da lanchonete, uma mulher entra com sua filha. A menina, que carrega uma mochila rosa nas costas, entra, tira seu gorro e suas luvas também cor de rosa e corre para uma mesa. A mãe vai para o caixa e pede um café com leite. A essa altura, sua filha está absorta no celular.

Uma moradora de rua está sentada na mesa ao lado. Ela dorme, mas finge estar acordada. O barista que está no caixa termina de cobrar o pedido da mãe e vai até a mulher que dorme. Ele a acorda. Você não pode dormir aqui, ele diz.

Você tem que ir. Mas lá fora está muito frio, ela responde. O barista a mira com clemência. Se você consumir alguma coisa, pode ficar. A mulher pega um punhado de moedas de seu bolso e conta-as. 90 centavos. O barista, desconfortável, diz-lhe que esse valor não é suficiente para item algum. A mulher fecha os olhos. Não para dormir, mas para disfarçar o choro.

A mãe pega seu café com leite, põe o gorro e o cachecol na sua filha e vai embora. O barista, impaciente, apressa a moradora de rua. Ela, resignada, junta seus pertences esparramados pela mesa.

A observadora não mira mais o movimento da cidade lá fora. Ela olha para a moradora de rua. Depois olha para ele, que já retirou os cafés, o *donut* e o *croissant*. Ele olha de volta para ela. Ela sorri. Ele entende e segue para a mesa da moradora de rua. Põe sobre a mesa um dos cafés, o *croissant* e a manteiga. São seus.

Ele olha para ela, que continua sorrindo. Ele sorri de volta. A moradora de rua também sorri. Agradecida. O barista sorri aliviado. O outro barista, observando de longe, também está sorrindo.

Ele, depois de entregar o café e a comida, vai até ela com o outro café e o *donut*. Ela junta os guardanapos e ele se senta ao lado dela. Eles dividem o café e o doce. Ela volta a observar a rua.

Instagram: @guilherme_formicki

https://guilhermeformicki.wixsite.com/meusite

Hélène de La Dauphin
Santo Andre/SP

Estais Mudado

Duas senhoras observam um homem de meia idade no outro lado da rua. Elas estão aconchegadas em cadeiras de bambu, muito típicas do Café Tradicional, lugar este onde estão.

"Ele está assim desde que começou a fazer terapia." diz uma delas

"... De vidas passadas. É bom salientar isto, Terapia de Vidas Passadas." completa a outra

"Fiquei sabendo que retrocedeu tanto, que chegou ao período da Roma Antiga antes de Cristo."

"Noventa e sete vidas. A primeira vida foi nos anos 70, ou seja, imaginou o cenário da guerra fria e rockeiros britânicos e americanos."

"Imaginou, Anna. Você não acredita que isto é real?"

"Não disse isto. A imaginação é real. Só porque existe no nosso subjetivo não significa que é falsa ou uma farsa."

"Então acredita que é algo espiritual?"

"De maneira alguma."

"O que é então além de suas encarnações passadas que ele vê?"

"Germano é um homem criativo. O terapeuta faz ele meditar, com isso seu cérebro atinge um estado semi inconsciente. Nesse estado por conta da criatividade que possui, imagina viver noutros tempos."

"Ele teria que ser muitíssimo criativo, gênio polímata, para criar existências nos tempos da Cruzadas, Santo Agostinho, China Imperial, América Pré-Colombina, peste negra, caças às bruxas e sei lá o que mais, com detalhes muito mais apurados do que historiadores nos contam... O latim, Anna. Como me explica o fato dele saber falar latim?

"O terapeuta endossa tudo, Germano perde a percepção de espaço mas os ouvidos ficam apurados. O terapeuta diz por exemplo: Os espanhóis roubaram o

ouro da América. E isto já basta para ele pensar que é um inca ou asteca. Outro recurso usado é ler o trecho de um texto antigo. O terapeuta lê Dom Quixote e Germano cria uma existência onde era um apaixonado medieva. E sobre o latim, ele apenas diz palavras usadas no mundo jurídico. Então, nada de extraordinário tem nisto."

"Tudo bem, fique com suas ideias céticas."

"Ideias objetivas e científicas, com pitadas de psicologia." diz Anna com veemência

"E eu fico com minha crença, de que isto prova que reencarnações existem."

"Um fato é certo Felícia, discordamos dos fatos por detrás disto, mas concordarmos que ele está melhor em termos de autoestima, vigor e vontade para viver, desde que começou com essas sessões terapêuticas... Então, algo bom ela faz."

"Algo bom ela faz." repete Felícia reflexiva distacionando-se do assunto, pois Germano atravessa a rua e vem em direção à suas irmãs.

Hitallo Dalsoto

Porto Alegre/RS

Voyeur

548º dia de quarentena reparo que meu vizinho está me observando. Moro no 4º andar. Um espaço de nove metros de largura separa nossos prédios. Um apartamento de frente para o outro. Não há paisagens em volta, uma viva árvore; ou qualquer coisa que possa prender atenção de alguém. Apenas janelas, varais suspensos e roupas secando ao sol. Por isso acho que sou o alívio do tédio do meu vizinho, o remédio para sua monotonia, uma quebra de rotina para uma alma condenada a ficar presa em sua moradia minúscula. Sempre que passo em frente à janela vejo, de canto de olho, um inconveniente vulto me acompanhando. Devo ser a parte mais esperada do seu dia, quando desfilo entre o quarto e a cozinha. O mundo está em alarde, o confinamento que começara gradual agora é o novo padrão de vida do ser humano. Ao menos tenho a companhia de meus devaneios, pensamentos que me ajudam a manter a sobriedade e um pé na realidade. Sou grato pela mente questionadora que desenvolvi durante meus quarenta anos de vida. A solidão e eu somos amantes, em seus braços apaixonados não preciso de ninguém. Amo ficar sozinho. Já o pobre coitado do prédio da frente deve estar delirando, privado da companhia de outro ser vivo. Um carente nato. Um viciado em socializar. Um ser humano padrão do século XXI, desses que necessitam mais do que tudo viver cercado de outros iguais. Pobre homem. Tem em mim, mesmo que por breves instantes diários, o calmante para seus delírios. Já pensei em chamá-lo para conversar pela janela, mas o infeliz certamente viciaria ainda mais em mim, assim eu abriria mão de minha paz solitária e serviria de pílula para um ser humano sedento por atenção. Não! Fecharei as janelas, talvez. Abro mão da luz do Sol, mas não de minha autossuficiência. Me recuso a destruir esse momento de paz comigo mesmo para auxiliar alguém que não conheço. Alguém que espiona a vida de um desconhecido para sanar a vontade ridícula de contado humano. Não e não! Ele que escolha outro para bisbilhotar. Por mais que a vista de minha janela seja mais propícia, há outros vizinhos por aqui, talvez não tão interessantes quanto eu, mas que podem sanar seus caprichos. Rogo para que me deixe em paz.

549º dia de quarentena. Percebi que não existe vizinho, era meu reflexo na janela da frente.

https://clubedeautores.com.br/books/search?utf8=%E2%9C%93&where=books&what=hitallo&sort=&topic_id=

Hudson Henrique
Curitiba/PR

Drummond estava certo

Desisto todo dia.
Dia todo desiste.
Pessoas desistem todo dia,
de suas mulheres, de suas vidas,
e de suas rotinas.
Preferem desatinar seus corpos na melancolia.
Desembocar no porto mais próximo que lhe convier.

Desistem do ônibus lotado,
da multidão esgotada e cansada
de chegarem sozinhos em casa.
Depois de um dia longo e cansativo,
cansados de seus amigos,
de suas vozes e dos próprios umbigos.
De acordar cedo.

Desisto todo dia,
e recomeço da onde parei.
Desisto mais algumas vezes.
Eles desistem... eu sei.

Desistem da sua voz no fim do dia,
de telefonar,
desistem de seus aquários.
De suas lavanderias, da roupa secando no varal,
das tomadas ligadas,

e espelhos com raios lá fora.

Desisto todo dia,
todo dia o dia desiste de mim.
Eu me desisto.
Um pequeno pedaço insiste,
mas logo desiste.

Desistem de comprar no supermercado,
de pagar as contas,
do sofá que já ficou desconfortável.
Das polegadas da TV e dos programas da televisão.

Desista de mim,
que desistirei de ti.

Desistimos.

Desistiremos juntos.

Assim, logo, coexistimos.

Mas nunca deixaremos de desistir
enquanto existirmos.

https://hudsonoficial.com/

Indy Sales
Ouro Preto/MG

Minha Poesia

Minha poesia não foi feita
Para ser bonita.
Geralmente ela nasce
Enquanto a alma grita.
Ela é feita de palavras
Que o coração vomita
Em processos de desintoxicação.

Minha poesia é áspera
Dura e pontiaguda.
Ela é pura força bruta,
Dá voz aos gritos de dor
Que ninguém mais escuta.

Minha poesia é sombria,
Carcaça em decomposição,
Névoa negra e poeira de estrelas
Que se uniram à escuridão.

Minha poesia é afiada,
Lamentos de um membro desertor,
Não é escudo, mas espada
Que fala quando estou calada
E mergulhada num rio de torpor.

Irane Castro

São Luís/MA

Luisinha, a Serpente Encantada

"... aqui Luisinha, a Serpente Encantada avoa sonhos que,...
Toca o sino, inicia passeio que caí, levanta e se refaz.
Acontece outro toque para retorno ao seu esconderijo urbano na lenda rezada.
Ora se entoca na parte subterrânea da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios.
Vez dorme ao redor da Ilha de São Luís do Maranhão.
Ora atriz do espetáculo 'vai quem quer'.
Vez alumia o Teatro ao ar livre, pelas ruas do bairro Anjo da Guarda.
Há navegação pelo Rio Bacanga no encanto de algo.
Cria parede natural, sutil e presente.
Há andança pela Porto do Itaqui encanto de algo.
Cria barragem natural, sutil e presente.
Na própria sabedoria diz, ...
Vou banhar no Oceano Atlântico.
Usa barco à vela pelo Mar Boqueirão (muro natural que cerca a cidade).
Vem brincar na Terra das Palmeiras.
Tão essência segue laço na cabeça entorno do Rio Anil.
O encontro d'água doce.
Onde fluí ritmo conhecer.
Tão essencial prossegue, enlaça retorno do Mar São Marcus.
O encontro da água salgada.
Onde flor é ritmo de saber
Que a realidade da Quarentena determina emenência de aclamação.
Devagar me guardo no Caís de sagração que aplicame o feliz sorriso,...
Num rito de fé.
Benze o corpo e pede licença pra Iemanjá.
Num ritual de proteção.
Prece de agradecimento a Iansã.
Estar a baixa maré num ritual de profecia.

Vestida de não desanime, não anda só.

Estar a alta maré vestida de não desiste.

Na audácia rezo do meu jeito e meu abrigo

Não ando no trevo nem treva.

Ppor onde for o Santo Ribamar me deixa converso de certeza.

Na ousadia o conto É meu beco é avesso na firmeza.

Dia noite e noite dia.

Só trilho pelo sol sem limite nem medo.

Numa cena de atenção de boa vinda dos visitantes.

Noite dia e dia noite.

Só trilha pela chuva sem medo nem limite.

Numa cena de atração bem chegada dos fãs.

Acerto passos pela Ilha do Upoan –Açu

Ação cantada maneira especial.

Advém passos pela Ilha do Amor.

Ato executado de jeito especial.

Incide cursos na gíria por verso local.

Sucede de verdade por aresta regional.

A seguir 'sextou' até chegada da Segunda-feira. Sobrevém, vai-e-volta da estrela miúda que alumia mar, céu e terra da rainha cativada na roda de samba, círculo do pagode, o reggae da Jamaica brasileira e demais estilos que na ousadia submerge molhar gole de sorte (água de cacimba).

Mas, o ensinamento do instante 'fico na Fonte do Ribeirão' - o casarão ludovicense.

A vez cultivo-me c'alma para não perder a direção.

Só refaço a mesma grande história numa maré de leitura que decifro-me o lado bom de alguém, algo e alguma coisa. E sigo o dom do meu coração que logo volto a aviandar o REVIVER universal d'agora!'

Iris Ferreira da Silva

Maceió/AL

Flores Azuis

Eram sete da manhã apesar de ainda sonolenta já estava no ponto de ônibus, quando ouvi uma criança reclamar sobre estar com frio enquanto era agasalhada por sua mãe. Como em um estalar de dedos, senti-me despertar, dei-me conta de que na noite anterior tivera uma enorme temporal, de maneira que não acontecia em meses, assim percebi, o inverno havia chegado e junto com ele um ano que você partiu.

Comecei a pensar naquela viagem de moto para o fim de semana na praia que sempre planejamos; no pôr do sol com golfinhos que sonhamos ver; até mesmo no filme clichê do cinema depois do trabalho que não chegamos a assistir. Senti meu coração aquecer. Será que de alguma maneira você estaria comigo ali?

Mudança de planos, resolvi te ver, era como se sentisse que você esperava por mim. A chuva insistia em cair, o dia estava escuro, sem cor e sem vida. Na esquina do cemitério uma senhora de idade avançada oferecia flores. Recusei, ele detestaria receber aquelas flores. A cada passo que dava, o som do meu scarpin preto ao tocar no chão entrava em sintonia com as batidas do meu coração, eu ansiava estar em sua presença.

Na porta do cemitério olhei para os lados, queria me certificar de que ninguém me veria, e assim prosseguir. Ao chegar vi sobre o seu epitáfio flores e azuis e uma ficha de poker. Me espanto!

— Por Deus alguém esteve aqui! Alguém sabe sobre o nosso segredo.

Mas quem?

Assim, fugi mais uma vez.

@irisilvaa
iris_ferreiraa@hotmail.com

Isabel Cristina Silva Vargas

Pelotas/RS

Vivendo a História

De gênio e de louco, dizem todos,
que nós temos um pouco.
Nunca o mundo foi tão doido
Como está aparentando agora.

Em meio a uma pandemia
As pessoas não aceitam regras,
Arriscam-se como se fossem imortais.
Outros discutem política, ignorando a realidade.

Uns vivem em um mundo à parte
Tal qual Dom Quixote, o personagem
Lutando contra inimigos errados
Deixando de encarar a situação.

O mundo está em choque
Com esse inimigo real
Contra quem temos que recuar
Para podermos nos defender.

Enquanto o homem se isola
O planeta se recupera dos danos
Mostrando como o homem
É inconsequente e predador.

Se faz necessário sabedoria para vencer
Os medos, os inimigos e os fantasmas
Que perturbam os seres humanos
Para se tornarem melhores no futuro.

Estamos passando por provação
Para tomarmos consciência
De nossos erros, nossa finitude
Nossa responsabilidade para com todos.

Isabela Volpi

Feio é não aproveitar a vida

A vida não é um concurso de beleza, mas vou dizer aqui que feio é não aproveitar a vida.

Feio é deixar de fazer algo que você gosta porque outra pessoa não gosta.

Feio é não ser você, por medo do que as pessoas vão pensar.

Feio é não ser espontâneo.

Feio é não dar gargalhadas até a barriga doer.

Feio é não viver o momento por inteiro porque alguém te impede.

Feio é errar é não aprender com o erro.

Feio é deixar de chorar porque está triste.

Feio é se sentir menos, perto de qualquer pessoa.

Feio é não ser autêntico.

Feio é não viver intensamente.

Feio é não aproveitar a vida.

@continuemos

Ivanildo Antonio dos Santos Pessôa

Capanema/PA

Monocórdio

O dia me escreve os silêncios
das ruas que encolheram nas
tristezas das manhãs sem luz.

A ave varre um céu sem cor.
O vento semeia folhas estéreis.

As árvores sombreiam solidões
pelas janelas das casas que se
espicham em calçadas frias.

Não há risos pulando os muros.
Os cães choram a falta de mãos.

Os filhos retardam a chegada
nas barrigas que esperam pelos
dias de serem mães.

A boca desaprendeu a cantar.
A flor se abriu em melancolia.

O futuro viajou para um planeta
que fica por detrás da porta
pintada de amarelo não sei.

A música jaz num violão sem som.
A vida é uma nota que desafinou.

Ivo Aparecido Franco
São Bernardo do Campo/SP

Infinito

Meu coração invisível guarda aflito
O paradoxo de um tenso e injusto enredo
Tamanha a extensão do amor que tenho
Que as vezes penso infinito, por não vê-lo

Com a lâmina cega, a de Dâmocles
Enterrada em nossos medos e desejos
Como posso dividir em partes justas
Um amor infinito que não vejo?

Em quantas partes iguais posso partir
Os infinitos sutis do sentimento¿
E se infinito, como cabe, de que jeito
Na finitude dolorida do meu peito?

J L Silva

Florianópolis/SC

Instantes

no quintal onde as galinhas ciscavam a tarde,
que desenhada pelo grito impressivo da vida
rude e agreste,
tão igual aqueles arruados estremunhados,
apascentava o silêncio calado e mandrião
daquelas terras antigas,
sulcadas e irrevogáveis
na tarde assim desenhada,
o vento dissolvia-se no borralho atávico do tempo,
aflito,
sob um sol alaranjado e pastoso
desfiava os dias anacrônicos e afogueados

na janela o menino,
trepado num tamborete,
escorando o rosto com a mão,
cochilava embalado pelo mormaço,
e sonhava...
o sonho frágil e incerto
remanso quebrado da infância,
o sonho renitente que se esvai pelas frinchas da alma

o vento toma fôlego e espadaneja pelo quintal
em pequenos redemoinhos tenteadores

em algum lugar alheio ao sonho do menino
e o borralho do dia
as meninas cantavam cantigas de roda
e embalavam,
nos bonecos de palha de milho,
os filhos que um dia terão
esquecendo nas cantigas
e no ninar dos bonecos

a fome áspera, ralheta e inelutável

o cachorro dormia pachorrentamente
nas sombras que se escondiam pelos cantos,
embaixo das árvores,
perto do poço seco,
embaixo da escada,
debaixo do tanque,
na varanda...
enrodilhado na poeira assentada
nos braços magros da tarde

no horizonte o sol adernou no céu
o suspiro da noite veio,
veio,
como uma estória antiga,
um pensamento esquecido na severidade da vida,
veio vindo,
veio vindo,
veio vindo
veio vindo de mansinho
e dormiu nos olhos famintos das crianças

https://www.recantodasletras.com.br/autores/jlsilva
http://luasantigas.blogspot.com/

JAX

O Pensador do Boteco

Jovelucênio era seu nome de batismo. Fruto da "inventiva" nomenclatura familiar brasileira, com seu gosto tão peculiar em formar "frankensteins" linguísticos pela combinação de partes dos nomes dos pais, avós, tios e outros entes queridos.

Na escola e no trabalho, para felicidade do batizado, o sobrenome Mourão virou seu nome de guerra. Da mesma forma, no bar, todos o chamavam assim, embora a maioria preferisse reverenciá-lo como "Pensador", título honorífico que merecidamente conquistou ao longo dos anos de freqüência.

Talvez por força de seu expediente de trabalho iniciar-se meio-dia, Mourão adquiriu o hábito de comparecer ao bar antes do horário do batente, para saborear sua cerveja, acompanhada de diferentes tira-gostos e do PF do dia. Só ou na companhia de amigos, sentava-se sempre na mesma mesa, no fundo do estabelecimento, de onde via todo o movimento interno, além de boa parte da circulação externa.

Nas noites de sexta-feira, o Pensador vinha junto com os colegas do banco "encerrar o expediente" naquela mesa, que os aguardava, cativa. Nesse dia, no escritório, todos ficavam a postos para o tradicional murro na mesa e o grito "é hoje!" com que Mourão os convocava à noitada. O bar mudou de dono em duas ou três ocasiões, mas os sucessivos proprietários tiveram o cuidado de preservar o espaço reservado ao principal cliente e seu séquito, bem assim de manter a qualidade do serviço por ele requerido.

Para sua sorte, o Pensador sempre desfrutou de boa saúde, estômago e fígado em plenas condições de provar e saborear diferentes iguarias disponíveis no estabelecimento. Fossem costeletas de porco, moqueca de peixe, ovos de codorna, azeitonas e salaminho, tudo lhe era bem-vindo e degustado. Tinha, não obstante, certa predileção pelos pasteizinhos, fritos ou assados, de carne ou de camarão, e pelo queijo minas, que já pedia cortado em cubos, comidos ao natural ou temperados a seu gosto com alho, azeite e outros condimentos combinados sob a inspiração do momento.

Além da maneira prazerosa com que o Pensador saboreava os petiscos, o proprietário e o pessoal do bar sentiam satisfação ao vê-lo chegar, pois o homem era um autêntico "chamariz" da freguesia. Mal se sentava à mesa e logo vinha alguém mais, atraído pela conversa boa e pelas costumeiras tiradas filosóficas de

Mourão. Pouco importava qual o tema do momento. Em meio ao bate-papo descontraído, seu rosto repentinamente como que se iluminava e lá vinha o comentário brilhante, a frase lapidar, de conteúdo quase sempre bem humorado, no tom certo, próprio para deleitar a todos, mas incapaz de ofender até a mais pudica das velhinhas que por acaso se aventurasse naquele ambiente.

Seu dito mais lembrado produziu-se quando lhe perguntaram, certa vez, se temia a morte. Ele respondeu tranquilamente que não, embora reconhecesse não gostar de velórios, que tendia a evitar. E acrescentou que gostava tão pouco de velórios que, se pudesse, não iria ao seu.

O Pensador respeitava as tragédias, mas tratava de mantê-las distantes da sua mesa do bar. Como ele dizia, as ruas e o dia-a-dia já dispõem de tristezas suficientes para todos os gostos, mas os bares têm de ser os bastiões da alegria, da música, da poesia e do amor. Amor, por sinal, era tema que não faltava nem poderia faltar naquela mesa. Animados ainda mais por aquele interlocutor bonachão que exalava simpatia e compreensão, os frequentadores da mesa desfiavam histórias, suas ou de outrem, em geral divertidas, perfeitas, como dizia Mourão, para acompanhar a boa cervejinha e os pastéis. Caso determinada história enveredasse pelo rumo do patético ou do trágico, sobrava inspiração ao Pensador para trazer palavras de consolo ao narrador que expunha - tentando inutilmente disfarçar - seu próprio drama. À oportuna consolação, seguia-se a necessária animação propiciada por algum caso assemelhado, mas de rumo diverso, ao qual o bom Mourão agregava outros mais, em profusão, até fazer o ambiente retornar à total alegria. "Como esse homem sabe de coisas!", exclamavam admirados seus parceiros de mesa.

O Pensador, como que a confirmar sua ampla vivência, costumava aconselhar os colegas mais jovens, recém-ingressados no banco, a não cometerem o erro comum de gastar todo o dinheiro do salário com festas, bebidas e prazeres. Salientava-lhes a importância de economizar: "poupem! Poupem sempre...para mais festas, bebidas e prazeres!"

Dada sua reconhecida aversão à "burrocracia", outra de suas tiradas foi conjecturar que o burocrata típico seria o que somente lê os papeis que escreve depois de ouvir o eventual elogio do chefe.

Jogar com as palavras era outra das habilidades de Mourão. Quando criança, demonstrava destreza nos trocadilhos corriqueiros, em que se adulteram letras ou sílabas de uma palavra de forma a alterar seu significado. Com o passar da idade, trocou essa modalidade pelo uso de vocábulos que, aparentemente usados fora de contexto, davam sentido inesperado à frase. Em mais uma rodada de conversa solta, típica de bebuns, sobre o que seria viver, o Pensador

sentenciou, com a habitual expressão feliz e iluminada, que vivo é quem morre de humor pela vida. As expressões de simpatia a esse "achado" deram lugar ao riso quando um dos presentes, encafifado, resolveu perguntar se Mourão dissera "humor" ou "amor". A resposta veio pronta, com requinte de gentileza: "como você preferir, meu amigo. O que seria de nós sem o dom da livre escolha?"

Não eram só o bom humor, a fala mansa e pausada, o ar camarada e a capacidade inventiva que faziam do Pensador alguém apreciado e contagiante. Conversa vai, conversa vem, praticamente todos ficaram cientes da fidalguia de Mourão, que, ao perceber na rua alguém necessitado, solicitava discretamente ao garçom que lhe levasse um sanduíche, pastel, o que fosse, para ao menos atenuar a necessidade imediata. Sempre lembrava a esse garçon o cuidado de não revelar quem fora o benfeitor. Maledicentes haveriam de interpretar isso como sinal de que o Pensador se escondia no anonimato para não vir a ser importunado pelos mendigos. Os amigos de verdade sabiam, no entanto, que Mourão se espelhava no exemplo bíblico do bom samaritano, que jamais espera agradecimento ou retribuição pelo bem que faz.

Temas religiosos não costumavam aparecer, todavia, nas conversas do Pensador. Em raras oportunidades, alguém o ouviu falar do bom Deus, em possível sinal de que acreditava Nele, mas não tanto na religião.

A turma do contra também tentava, vez por outra, levantar suspeitas de que o Pensador teria problemas em casa, já que nunca se fazia acompanhar por sua esposa ou pelo filho no bar. Esses abutres da espécie humana logo tinham de recolher-se à sua mediocridade, contudo, pois a maioria dos frequentadores não nutria dúvida de que Mourão era um pai de família feliz, que não se furtava em falar carinhosamente da mulher e do filho único. A razão para nenhum dos dois ali aparecer residia na incompatibilidade de horários. D. Nair trabalhava em horário integral e o filho, além de muito estudioso, aproveitava as horas livres para sair com a própria turma. Nenhum demérito, portanto, havia na presença "solitária" do Pensador no bar.

É chegado o tempo, porém, de pôr amigos e desafetos para fora do bar. A noite de sexta-feira adentra a madrugada de sábado, fazendo com que o sábio Pensador se despeça e lembre a todos de que precisa descansar, para dedicar o fim-de-semana à sua querida família e recarregar as baterias para a próxima rodada de reflexões (ou, como ele gosta de conceituar, de "flexões mentais").

JAX, "Ibitinema e Outras Histórias"
Ed. Lamparina Luminosa, S. Bernardo do Campo, SP, 2016.

Jeane Tertuliano

Campo Alegre/AL

Sobre Amadurecer

Acordar cedo é costumeiro para mim. Desde miúda, minha mãe fez com que eu me adaptasse a uma rotina a qual ela chamava de "sadia" para a mulher que eu viria a me tornar. Lembro-me de ela me pôr a fazer os serviços de casa aos dez anos de idade (ou foi antes disso?), assim como sucedeu com a minha irmã mais velha, que vivenciou dias e noites consideravelmente mais difíceis que os meus. Que tal olharmos nos olhos da verdade? Bom, se analisarmos as entrelinhas, diremos que as duas moças foram educadas para serem recatadas e do lar. Quem conhece a referência, dirá: mas o que houve com "belas"? Ora, quem já viu educar alguém a ser vistosa? Quando se é pobre, você simplesmente é agraciada com a beleza ou aprende a lidar com a ausência dela. Como se valesse de muita coisa ser aparentemente deslumbrante e não ter o "de comer" no prato...

Entretanto, a verdade anteriormente apontada, é uma farsa! Se houvesse apenas minha irmã e eu nesse meio, ela seria verídica, porém, havia mais três IRMÃOS e eles também foram ensinados a se portarem tal como nós. No findar dos meus incontáveis devaneios, pude enxergar que fomos precisamente educados a tornamo-nos independentes caso um dia nossa genitora viesse a fechar os olhos antes de nós. Tivemos tempo para compreender o x da questão, mas há muitos por aí que não tiveram a mesma oportunidade; foram dolorosamente obrigados a amadurecer sem exemplo algum a ser seguido. O efeito na alma dos empáticos chega a ser pungente, contudo, experienciar de fato o sofrimento alheio, é impossível, pois cada um sente a seu modo. Sendo assim, a empatia é um mito.

Hoje, nuvens escuras engolfaram a minha manhã, e eu decidi ficar um tempo a mais na cama, meditando acerca do porquê de coisas que sequer possuem real significância para mim. Erro meu perder tempo numa manhã tão maravilhosa quanto esta, na qual me encontro fisicamente saudável e consciente do poder que detenho em minhas mãos. Meu companheiro azeviche ainda é o mesmo. Quando o encaro e vislumbro minha feição ligeiramente enturvada em seu íntimo, constato que não foi apenas a minha aparência que mudou, ainda que o sabor do café seja o mesmo: demasiado forte e açucarado. O tempo deixou sinais da sua passagem no cantinho obscurecido desse meu olhar sereno.

https://www.recantodasletras.com.br/poesiasdeamor/
https://www.instagram.com/insanidade_lirica/

Joalison Silva

Solânea/PB

Se o mundo aborrece...

Se o mundo aborrece, aborrecido mundo
Calado no fundo, o que te acontece
Quando se oferece pensamento imundo,
Vagante vagabundo que nada merece,

Queimado de prece, se apresse queimado
Teus olhos fechados, vista que escurece
Porque se teima no mundo acabado
Que aborrece calado e calado queima,

Porque se o mundo queima,
Por que queima todo mundo?

Sofrido segundo, que entristece a alma
Cansado da calma, coração vagabundo!
Eis que decido, se o mundo te queima...
Aí se ele teima... Eu queimo o mundo!

https://catarseliteral.blogspot.com/

João Carreira

Portugal

Calendário

Tempo que passa,
que não para,
que não vê.
Porque me fizeste
assim, porquê?

Tempo que chora,
que não revela:
busca, não
penses assim tanto
e apenas sê.

Vasculha-te inteiro,
imerso, dedicado,
sozinho e vazio
de interesses
a mais.

Rasga-te um pouco,
separa-te em pedaços
que ainda sejam
maiores do que as faíscas
dos teus próprios sonhos.

E quando vires
que tudo está a falhar,
abraça-me mais um pouco
e conforta-me doce
este penoso passar.

Joaquim Bispo

Odivelas, Portugal

O homem invisível

— Conta-me uma história verdadeira, avô! — lança o menino de uns oito ou nove anos. — Daquelas da televisão!

Desde pequeno que o ancião lhe conta histórias do seu passado profissional na televisão pública, sobretudo as dos tempos pioneiros.

— Já tas contei todas, Ricardo! — mente ele, conscientemente. As histórias não acabam nunca, sabe-o bem, a única limitação é a memória. — Queres qual?

— Aquela da avaria das luzes da câmara do locutor; e ele fazia caretas, a pensar que a câmara não estava a transmitir — entusiasma-se o miúdo.

Aquela lembrança divertida traz-lhe instantaneamente, sem saber por quê, outra recordação antiga, passada também naquele estúdio. Não sabe se já a contou, mas envereda por essa peripécia:

— Vou-te contar a do Homem Invisível — declara, confiante na proposta.

— Conta, avô, conta! Essa não conheço — delira a criança.

— Foi assim: no princípio da Televisão Portuguesa, havia um programa que passava filmes policiais e que era apresentado por um senhor que se intitulava "Inspetor Varatojo". O senhor explicava muitas coisas dos filmes e a maneira como os polícias e os detetives, por meio de raciocínio e muita observação, descobriam os bandidos que faziam os crimes. O programa era só isso: o senhor a explicar estas coisas e depois passava o filme. Mas era muito popular.

Ricardo começa a ficar parado, preso à história.

— Como só tinha um senhor a falar, o programa era feito num estúdio pequenino, ainda mais pequeno do que esta sala. E não precisava de mais do que duas câmaras: uma para dar a cara do senhor e outra para o mostrar em tamanho maior, a ver-se em fundo uma secretária ou um mapa ou algo assim. Na altura, eu era operador de câmara, mas fazia o que fosse preciso, das coisas técnicas. Nessa época, éramos "meia dúzia", éramos como uma família. Ora, certa vez, o senhor Artur Varatojo — era assim que ele se chamava — precisou de ir ao Brasil, lá por coisas dele. E, portanto, não podia estar cá para apresentar o programa, que passava uma vez por semana.

— Então, gravaram-no a falar no estúdio, antes de ele ir embora, e no dia do programa passaram o vídeo! — deduz o rapazito, já muito rodado em tecnologias.

— Pois… O problema, Ricardo, é que nessa altura não havia gravadores de imagem, só de som… — articula o avô, ciente da mossa que está a causar nas certezas do petiz e do aumento de curiosidade que lhe está a suscitar.

— Não havia, avô? Como é que isso podia ser?

— Era! Não havia. Tudo era feito em direto: peças de teatro, concertos, provas desportivas. Só se filmava quando alguma coisa não se conseguia passar em direto.

— Já sei, filmavam com uma máquina fotográfica, como aquelas que tens guardadas — adianta-se o neto, a agrupar informações.

— Isso! Mas maiores; máquinas de filmar que usavam grandes rolos de fita de filme. Era um processo complicado, demorado e caro. Por exemplo, as notícias para o Telejornal eram captadas em filme. O operador, depois de as filmar, voltava para os estúdios, levava o filme ao laboratório, onde era revelado; depois era montado, para tirarem as partes sem interesse, e só então era posto na máquina que o transmitiria durante a emissão do Telejornal — descreve o ex-técnico com pequenos lampejos no olhar. — Percebeste tudo?

— Hmm! Acho que sim. O avô já tem falado disso.

— Mas, dessa vez, não filmaram o Inspetor Varatojo, já não me lembro por quê. Se calhar, foi porque gostou da solução engenhosa que combinou comigo.

— O quê, avô, tu é que resolveste o problema? — recrudesce o entusiasmo parental do rapaz.

— Já não me lembro de quem teve a ideia. Sei que nessa altura — o antigo operador de câmara semicerra os olhos, a concentrar-se na memória, que cada vez está mais volátil — devia ser aí por 1961, 62..., andavam a passar na televisão os filmes do Homem Invisível. Com grande êxito. E uma coisa levou à outra. Pois se o Inspetor não estava cá… estava invisível. Às vezes umas ideias puxam as outras.

— O quê, avô, o quê? — o jovem não cabe em si de excitação.

— Pensámos pôr o Inspetor Varatojo a apresentar à maneira do Homem Invisível! Embrulhado em ligaduras? Não; invisível. Só com a voz dele.

— Eh, avô, isso era batota, não? Só o som?

— O problema é que ficava uma imagem muito pobre, sem movimento. Televisão são imagens a mexer. É o que as pessoas esperam. Então, resolvemos dar-lhe algum movimento, para parecer verdade. Fizeram-se as gravações de som do Inspetor Varatojo a apresentar os seus filmes policiais e ele pôde ir à vida dele.

Com tanto contacto com filmes, o ex-técnico aprendera alguma coisa da maneira de fazer render uma história, até porque também passara pela realização.

— O que combinaram, avô? Diz, diz! — desvaira o moço, de suspense.

— No dia do programa — acho que era às segundas-feiras — apontou-se uma câmara de frente para uma secretária, com uma máquina de escrever em cima; outra câmara só a mostrar a máquina, do ponto de vista de quem estivesse sentado a escrever à máquina. Era uma máquina daquela época, grande, mecânica, com uma letra metálica em cada braço comandado por uma tecla. À hora do programa, quem estivesse em casa a assistir ouvia o bater das teclas e a voz de sempre a apresentar os filmes, mas não via o Inspetor, supostamente sentado à secretária, a ler o que batia à máquina; só a secretária e a cadeira vazia.

Um sorriso deliciado, mas subtil, aflora o rosto do narrador.

— A outra câmara ia mostrando a máquina de escrever a bater as teclas sem ninguém lhe tocar. Ninguém, não! A voz do Inspetor avisara no princípio, em tom maroto, que nesse programa ele próprio estava invisível…

— Boa, avô, fantástico! Isso devia ser ainda mais interessante do que nos outros dias, não? Mas como é que as teclas batiam sozinhas?

— Eh, eh, eh! — a voz excitada do miúdo é música para os ouvidos do ancião. É hora de lhe fazer, finalmente, a revelação. — Por baixo da secretária em que a máquina estava pousada, estava eu, com dez cordéis presos aos dedos, cada cordel a um dedo e a um braço da máquina… Enquanto ouvia a voz gravada do Inspetor, eu ia puxando ora um, ora outro cordel, dando a ideia de que o Inspetor invisível é que estava a acionar as teclas...

— Caramba, avô! Afinal, nesse dia, o homem invisível eras tu!

— Sim, e era duplamente verdade — eu também estava bem invisível por debaixo da secretária.

— E as pessoas a julgar que era o Inspetor Varatojo invisível… Esta foi boa, avô! O teu trabalho devia ser muito divertido. Quando for grande, também quero ir trabalhar para a Televisão. Agora, queres jogar à bola?

http://vislumbresdamusa.blogspot.pt/

Joedyr Bellas

São Gonçalo/RJ

A Mulher da Chuva

Estou na sacada do hotel.
Lá dentro, a jogatina rola solta. Carteado, roleta e um televisor transmitindo corrida de cavalo.
Sou um jogador inveterado e confesso.
Mas agora estou aqui na sacada.
Fugindo do zum-zum-zum, a minha cabeça dói levemente. Uma dor fraquinha, fina, mas chata.
Insistente.
A chuva cai torrencialmente e fico distraído com a água batendo nas marquises, no chão, nas árvores.
A chuva brinca de gotejar nos fios.
Uma pessoa, acho que uma mulher, sem sombrinha, não se importa com o corpo molhado, a roupa ensopada, daqui, parece até que canta uma música qualquer;
Eu conheço essa música?
A dor na cabeça não para, penso em tomar um comprimido, mas passei da conta na bebida e o remédio não faria efeito.
Prefiro o defeito.
A mulher simula uma corridinha. Dois, três, passos e desiste. Foi puro charme. A intenção dela não era correr, não era fugir da chuva, não era procurar abrigo.
Será que ela tem casa para morar?
Deve ter. Se veste bem, uma roupa, posso arriscar, na moda. Apesar de eu não entender absolutamente nada de moda. De grife. Pra mim basta vestir.
Mas a mulher tem uma certa elegância, se destacaria, mesmo que a rua estivesse lotada, mesmo que na rua as pessoas andassem aos esbarrões e encontrões.
Não é o caso.
É apenas ela e a chuva e a rua deserta.
Não me canso de olhar.
Alguém me chama, diz que vai ter uma nova mesa de pôquer, um novo páreo no hipódromo.
Finjo que não escuto.
Não é mais pela dor de cabeça que eu não volto lá pra dentro, é aquela mulher que atrai toda minha atenção.

Qual será o nome dela?
Penso que ela olha em minha direção, me nota, e faz até uma menção com a mão.
Um aceno.
Fico observando, sacudo a cabeça, e começo a olhar a mulher de cima a baixo, atento aos detalhes.
Tem algo nela muito familiar, que me lembra alguém muito próximo a mim. A minha mulher não pode ser, ou melhor, a minha ex, com certeza não pode ser. Ela foi embora com as crianças há muito tempo. Vou pra casa da minha mãe. Quem sabe um dia? Quando os vícios se acalmarem, quando as dores passarem, quando as feridas cicatrizarem. Feridas não se cicatrizam, meu bem, no mínimo ou no máximo, se fecham, somem, mas a gente sabe que ela está presente, nunca mais se ausenta. Puxa uma cadeira e fica à vontade. Pode comer o último pedaço de bolo de chocolate antes de ir embora. Não vou te segurar. Só vou beber mais uma dose, aceita?
Não aceitou e naquela cozinha foi a última vez que vi minha mulher e os meus filhos.
A chuva não sossega. Parece que o mundo vai acabar. Uma voz do salão insiste e grita que falta um parceiro pra completar a mesa.
A mulher fica com a mão estendida.
Não sei se é a minha ex, não sei se deu saudade, não sei se alguma coisa deu errado, não sei se alguém acabou de morrer, só sei que a mulher vai andando sem pressa nenhuma até sumir na distância.
Do tempo, da rua.
A dor deu uma trégua, a voz não para de me chamar e eu peço uma taça de Martini, com azeitona, por favor, a mão da vez distribui as cartas e eu não penso mais na mulher que sumiu no tempo, na chuva, na rua.

José Renato Resende

Uberlândia/MG

Mãos frias, coração quente

Nós dois fomos levados juntos, no mesmo carro preto. Primeiro, me pegaram na minha casa. Estavam de tocaia, com certeza, porque sabiam que eu estava sozinho e que demoraria um bom tempo até que alguém chegasse. Depois, pegaram ele na rua, voltando da faculdade. Algemaram suas mãos, amordaçaram sua boca e ainda deram a clássica coronhada na cabeça com a arma comprida. Vamos ver se você para de dar problema agora, eles disseram. Os livros dele ficaram caídos na calçada, junto com uma rosa amarela que ele carregava junto, deve ter ganhado.

Entrou no banco de trás, empurrado com uma brutalidade desnecessária pelo careca com cara de burro. Se sentou junto a mim, óbvio, era o único lugar que tinha, as coxas se espremendo uma contra a outra pela falta de espaço. Espaço para três, mas eram quatro pessoas sentadas. Nós, magrelos, não fazíamos diferença. Os dois gorilas, um de cada lado, blindavam a porta.

Ainda meio zonzo pela coronhada, sentou de cabeça baixa, pensando que iria morrer, talvez. Quando o carro arrancou na rua escura e deserta, parecendo cena de filme, se arriscou a olhar para o lado e me viu. Nosso olhar se encontrou furtivamente e ele esboçou o sorriso que a mordaça permitia. Ou nem sorriu e foi só algo que eu vi lá dentro dele. Mas percebeu que não estava completamente sozinho, como eu também tinha acabado de perceber.

Não dá para falar que nós éramos amigos ou algo do tipo. A gente se via de vez em quando nas reuniões do coletivo ou em alguma outra atividade. Ele sabia quem eu era e vice-versa e, geralmente, quando um falava, o outro concordava com a cabeça, depois nos olhávamos com certa cumplicidade. Quando nos encontrávamos pelo corredor da faculdade, a gente se cumprimentava discretamente. Era um desses (não) relacionamentos que podem durar anos na base do olá, tudo bem, sem se desenvolver muito. Mais por falta de oportunidade, eu acho, caso contrário seríamos grandes amigos. É que ele estudava à noite, eu de manhã. Ele vivia na morada estudantil, e eu com meus pais. Eram universos diferentes.

O sedan era preto (claro que era um sedan preto) - e todo o resto vestia preto naquela noite - encostou nos fundos de um prédio que me parecia uma

delegacia, só que não tinha nada escrito. Logo vieram mais homens, dessa vez de farda, encontrar os *nossos* homens, e percebi que estavam nos esperando. Eles desceram e foram para dentro, nos deixaram trancados, com os vidros fechados. Estava um calor dos infernos, e, mesmo assim, minhas duas mãos suavam sem parar. As gotas de suor gelado se espalhavam por onde eu encostava, deixando tudo ainda mais desagradável.

Tentei me virar e ver alguma coisa, mas, além de os vidros serem muito escuros, eu estava com o corpo dolorido e quase imobilizado. Lembrei que na hora que me algemaram, torceram meu braço até quase quebrar. Num instinto meio irracional, pensei que, se a gente fosse rápido, daria para fugir, só porque não tinha ninguém olhando. Mas eu mesmo logo me dissuadi, e respirei fundo e conformado.

Ao meu lado, ele continuava com a cabeça baixa, não sei se percebeu que nós tínhamos parados e estávamos sozinhos no carro. Não sei se, àquela altura, ele tinha consciência de qualquer coisa. Seus lábios se mexiam, incessantemente, abrindo e fechando. Acho que também estava rezando. Encostei minha mão direita na esquerda dele. Suavemente, para não assustá-lo. Vai ficar tudo bem, eu disse.

Dali, foi uma sucessão de fatos que mal dá para explicar. Do prédio estranho, nos levaram para um batalhão de polícia, depois para uma delegacia de verdade e, por fim, cadeia. E ir para a cadeia, depois de perder a noção de tempo com tanta coisa que tinha acontecido, era, mais ou menos, como chegar em casa cansado no fim de um dia de trabalho duro. Então a ficha caiu e eu me dei conta de que estava preso, definitivamente. Os dois estávamos.

Olha que sorte, nos puseram na mesma cela, só os dois. Vai ver não queriam misturar presos comuns com universitários encrenqueiros, o que era um risco. A gente poderia acabar aprendendo a fabricar bombas ou assaltar quartéis. Ou, ainda pior, vai que a gente começava a falar sobre Marx com os outros presos e sobre a exploração do homem pelo homem. A revolução começaria ali mesmo, aposto.

A cela era bastante desconfortável. Evidentemente. Não tinha colchão, nem nada e nossa cama era o chão de cimento. Bem em cima da parede tinha um buraco gradeado na parede, que, na falta de termo mais apropriado, pode-se dizer que era uma janela. E nossa única distração era prestar atenção nas sombras e vozes que vinham ali de fora. Uma versão de mau gosto da caverna de Platão.

Os dois só de cueca lá dentro. Quando o dia amanhecia - e sempre era logo que eu tinha conseguido dormir - nos acordavam jogando um balde de água

gelada. Foi ficando insuportável. Ele começou a adoecer e tremia de frio. De noite, na hora que os soldados calavam a boca e os outros presos paravam de gritar, geralmente de dor, a gente se encolhia para tentar dormir, mas o frio não deixava. No quarto dia, jogaram um cobertor rústico e mal cheiroso em cima dele. Se esquenta, vagabundo, para você ver que a gente não é tão mal. Ele se enrolou na coberta, como uma criança, sem responder nada. Então pegaram outro balde de água gelada, jogaram na coberta e saíram rindo. Ficou tudo pior.

Eu, que vivia doente, não sei como não fiquei dessa vez. Coloquei na cabeça que tinha que ser forte e fui. Mas fiquei com pena dele. Estava pálido, com grandes olheiras. Uma cara de doente, fiquei com medo de ele morrer.

No outro dia, me deitei perto dele. Disse baixinho, no seu ouvido, que era para a gente se esquentar. Deitamos juntos então, abraçados. Senti ele dormir, a respiração profunda e o coração batendo forte. Vou ficar acordado, pensei. Antes do dia amanhecer, vou para meu canto. Se aqueles carrascos nos virem deitados assim, não vão perdoar. Mas não aguentei e acabei dormindo também. Não só pelo calor, mas, depois de tantos dias, acho que finalmente nos sentimos protegidos, ainda que soubesse que nada poderia nos proteger.

De repente, o balde de água fria. Tinha, assim, uns doze homens fardados em frente a cela, um foi chamando o outro. Olha lá, sargento, vai ter que jogar água fria para separar os dois, que nem cachorro trepando. Os dois viadinhos. Além de comunistas, são viadinhos. Tem que tirar foto e mandar para a família. Que vergonha.

Pulei de pé, empurrando ele para o outro lado sem querer. Fiquei arrependido e com mais pena. Acorda, eu disse, e ele foi abrindo os olhos muito lentamente, parece que tinha desistido. Senti minhas pernas molhadas, acho que urinei em mim mesmo de tanto medo.

Os caras foram saindo, ouvi falar em *transferência*, que estava na hora de nos separar. Não tinha o que fazer. Sentamos cada um num lado da cela, encolhidos. Ninguém tinha coragem de falar nada. Esperamos, o que mais dava para fazer.

Não sei quanto tempo passou, porque as horas eram meio iguais. Só quando o sol nascia ou se punha que era diferente. Eles voltaram então, tinha um homem diferente junto, sem farda, com muita cara de mau. Devia ser um tenente, alguém mais importante que os outros. Não falou nada, só olhou e balançou a cabeça. O sargento careca, aquele com cara de burro, olhou para mim gritando. Se apruma que você vai para a cela comum, lugar de bandido é com bandido. Depois olhou para ele e disse. E você, se prepara. Vai conhecer a sucursal do inferno.

Eu sentia tanta, mas tanta raiva quando *aquela gente* saiu - deviam de ter ido buscar algemas ou algo assim - ele veio até onde eu estava e segurou minhas mãos. As dele estavam geladas, ou eram as minhas. Frio, medo, ou febre? Seus lábios finos e sem cor mal se abrindo, disseram. Obrigado, ele disse. Pelo quê, perguntei. Por existir.

Vieram e levaram ele primeiro. No caminho, eu já o ouvia gritar, porque batiam em suas pernas com o cassetete. Quanto mais gritava, mais apanhava. Levaram, foram levando. Para onde, não sei. Não sei nem se ele chegou aonde queriam levar, de tão fraco que estava. Foi para o inferno e ficou, que era o único lugar para onde esses homens maus conheciam o caminho.

Que tristeza me deu. Sobreviver àquilo perdeu o sentido. Por que não me levaram em vez dele, podiam me bater, matar, fazer o que quisessem, eu não me importava. Mas *não* com ele, que tinha aquele olhar triste, como se conhecesse o destino que ia ter desde que nasceu. Aquele olhar triste e bonito, que parece um poema.

Senti uma lágrima escorrer pelo meu rosto e, o sol batendo, a fez brilhar, como um prisma. De novo, não sei quanto tempo passou. Só me sentei encostado na parede e comecei a rezar, gemendo e suspirando neste vale de lágrimas.

Julia Mascaro Alvim
Osasco/SP

Ninguém

Eu Ninguém alguém muito feliz
Ninguém é alguém e tem nariz
O palhaço tem nariz, namora a atriz
Atriz fácil, Ninguém palhaço
Tenho medo do alçapão, adiante é a escuridão
Digo aos quais que vou partir, no trapézio a sorrir
Aqui é muito pequenino, então serei além daqui
Num navio negreiro, atrás da igreja, morta, velha, iluminada
Abandonou alguém no circo
Indo, indo assim nesse caminho
Entre o verbo e a música
Resta a dor e fica o Cristo, que foi sacrifício
Ninguém soprou, Ninguém chegou
E diz assim que vai sofrer...

Juliana Kaminski Machado

Porto Alegre/RS

A longa espera

Tentava se distrair, mas não conseguia deixar de prestar atenção a qualquer ruído externo. O barulho de alguém mexendo nas chaves, ao voltar para casa, fazia com que ela saltasse do sofá.

Endireitava-se. Queria parecer plena e positivamente ocupada. Estrategicamente, deixou por perto livros que contribuiriam com a imagem de pessoa culta que queria transmitir.

De repente, era arrebatada por um sentimento de vergonha. Dizia, em voz alta, sem perceber:

- Quem eu quero enganar?

Bebia mais um gole. Dava mais uma tragada. Atirava-se no sofá.

Sua janela dava para a lateral do prédio, num ponto que não facilitava acompanhar os acontecimentos da rua. Informava-se pelo grupo de mensagens criado pelo síndico.

Ultimamente, sua dose diária de convivência humana resumia-se às picuinhas dos vizinhos. Observava discussões acaloradas sobre a importância da limpeza com água sanitária, separação de resíduos e restrição de acesso de pessoas ao condomínio.

Abria o e-mail, em busca de alguma novidade não notificada pelo seu celular. Nada.

Teve a impressão de ouvir o barulho familiar do acionamento do alarme do carro. Vinha da rua ou da garagem? Não importa.

- Até que enfim. - disse, com um suspiro.

Agarrou rapidamente um livro. Ansiosa e ociosa, sabia que aparentar tranquilidade lhe renderia melhores resultados.

Esperou, enquanto fingia interesse pela obra que tinha em mãos, aberta nas últimas páginas, propositalmente... O corredor permanecia silencioso.

Após alguns minutos, constatou que não havia motivo para prolongar a espera. Fechou o livro e olhou para a capa. Percebeu que segurava um exemplar de autoajuda, recebido no amigo secreto de seu antigo emprego.

- Alarme falso. - comentou, desanimada, enquanto se dirigia para o cesto de lixo seco, a fim de providenciar o correto descarte daquele aglomerado de conselhos inúteis nunca lidos.

Mais um gole. Mais uma tragada.

Foi até a dispensa, conferir por quanto tempo poderia ficar longe da rua. Não queria interagir com indivíduos externos às suas relações pessoais.

- Dois dias de clausura. - sentenciou.

Barulho no corredor. Surpreendeu-se sorrindo.

Ficou longe da porta, pois não queria parecer ansiosa. Sabia que, se tentasse observar através do olho mágico, a sombra de seus pés poderia ser percebida.

Manteve-se em movimento, à procura de algo relevante para segurar. Contas a pagar serviriam para esse propósito.

Novo barulho no corredor. A lenta aproximação obrigou-a a descartar o ar de aparente desinteresse. Grudou a orelha na porta, para então ouvir o incômodo ruído de um balde sendo arrastado.

Por um momento, odiou a funcionária do prédio. No momento seguinte, odiou-se por sentir repulsa por alguém que apenas fazia seu trabalho.

Trabalho... Não tinha um há meses.

Lembrou-se das contas que tinha em mãos. Percebendo que não era mais necessário interpretar, abandonou-as na primeira superfície que encontrou, ignorando valores e prazos de pagamento.

Olhou para o cálice. Pegou a garrafa. Voltou para o sofá.

Ligou a televisão. Meia-hora de distração poderia trazer um pouco de paz.

Trocava de canal. Cada vez que pressionava o botão do controle remoto, suas ideias fixas reduziam o espaço disponível para sua sanidade.

Acordou com a saliva escorrendo pelo queixo. Misturada com vinho, manchava o sofá bege com um tom rosado.

Assustou-se com o barulho do interfone. Não poderia ter acontecido num pior momento.

Jogou uma almofada sobre o assento do sofá e correu para atender o chamado há muito esperado. Não sabia se chorava ou se ria.

- Sim? - interrogou, quase gritando.

- Entrega da farmácia! - respondeu o interlocutor.

Decepcionada, devolveu o equipamento à base da parede, incapaz de fornecer qualquer esclarecimento. Afastou-se, enxugando as lágrimas.

Sentindo a cabeça doer, foi ao chão. Com o rosto contra o piso, passava os dedos pelo soalho, tateando as ranhuras da madeira. Seus olhos ardiam, e o ato de fechá-los pareceu um pequeno presente.

Mais uma vez, despertou após um sono involuntário, cujo período de tempo ela desconhecia. Através da janela, encarou a escuridão da rua.

Decidiu permanecer em silêncio. Não queria música. Não queria filmes. Não precisava de livros para fingir ser quem não era.

Quis ficar ali, perdida entre as paredes de sua sala, com as costas apoiadas na porta de entrada.

Foi despertada de seus devaneios pelo som de passos vindos de fora. Alguém subia a escada, para logo após se dirigir a uma porta qualquer.

Continuou em silêncio, prestando atenção aos ruídos. Sua curiosidade não provinha de qualquer anseio. Sua curiosidade era fruto da inatividade da qual não tentava mais emergir.

Chaves tilintavam. O barulho dos passos aumentava, até parar, em frente à sua porta. Centímetros a separavam de uma longa espera.

Sentiu a chave penetrando a fechadura. Sentia nas suas entranhas o incômodo reflexo da invasão.

Voltou-se para a porta. Num movimento rápido, girou a tranca.

Mais do que ouvir, sentiu as batidas de quem não conseguia entrar.

Ela poderia abrir a porta, mas concluiu que, no vazio que habitava, não havia espaço para companhia.

@JKM_escritos – Twitter

Kaique Bernardo Athayde Passos
Taubaté/SP

Gatilho

Te chamei em uma péssima semana, um péssimo dia

Inevitável, um péssimo mês

Hoje não podemos ir ao mesmo bar

Lembro de quando ocupávamos o mesmo lugar

Quando nossos olhos de relance; se encontravam

Sobre sonhos falávamos

Nossas almas se esbarravam

Todas as causas e tudo que acreditávamos
Eu pensei:

Por que não outra vez?

despertador toca, olho no relógio, outra vez...

já sei que hoje é um péssimo dia

péssima semana, de um péssimo mês.

dono do bar que virei freguês

O

Levanto;

Mais uma

Cumprimento seu João,

Karina Caputti

Campestre/MG

Respirar

O vírus mortal e letal
Escancara as desigualdades sociais
Isolamento social para os iguais
Brutalidade aglomerada e desigual
Eu quero gritar!

Menino negro e pobre
Condição letal no país tropical
Mais um corpo abatido
Entre tantos corpos acumulados
Eu quero lutar!

Corpo agoniza em dores
Estado febril de delírios
Batidas aceleradas e descompassadas
Oxigênio preciso de ar...
Eu quero respirar!

Absurdo mudo
Atrocidade estatística
Agoniza a vida
Triunfa a morte
Ele não pôde respirar...

Klara Rakal

Rio de Janeiro/RJ

As pedras que carrego

Quem dera que todas as pedras que carrego fossem essas
essas que escolhi
e colhi
nas margens de todos os rios
onde molhei meus pés.

Água geladinha e corrente
que ao longo do tempo
foi alisando
minhas dores, perdas, amores:
– minhas pedras.

Hoje lavei minhas pedras
cinzas, pretas, marrons
rajadas de vários tons
algumas alaranjadas
outras com frisos dourados
umas ásperas, outras lisas
e todas arredondadas.

Minhas pedras em cima da arca da sala
nas quais pouso o olhar distraído
quando me sento no sofá...

Pedras... São como eu
endurecidas pela vida
mas lapidadas pelo tempo.

Blog De Peito Aberto – http://klara-rakal.blogspot.com
Recanto das Letras – https://www.recantodasletras.com.br/autores/klararakal
Página no Facebook – O que escrevo me salva. Ou mata. – https://www.facebook.com/klararakal/

Larissa Reggiani Galbardi

Pirita

Sufocaram o caos que nascia
E junto dele foi a esperança da liberdade
Instaurou-se a Ordem!
Eles não se importam
Eles se alegram
Eles não percebem
Essa Ordem é ouro dos tolos
Sua paz é falsa
Feita por tolos e para tolos
E cairá
Como caíram inúmeros impérios
Como permaneceria?
Se é fraca e falsa?
Se nem império é?
Se seu manto de inocência é pútrido?
A Ordem é manchada de sangue
E se orgulha
Como se tivesse matado monstros
E não se banhado no sangue de inocentes!

https://www.instagram.com/laras_laris/

Léa Costa Santana Dias

Euclides da Cunha/BA

Urgência

Desistir enquanto há tempo e ensejo
Da casa sem frestas, das portas fechadas,
Das flores murchas e seus vasos quebrados,
De todos os domingos em branco e preto.

Desistir enquanto há tempo e ensejo
Das mãos que prendem sem nenhum abraço,
Das palavras mornas, do amor minguado,
Do sexo sem nenhuma estrela acesa.

Escrever cartas para o Papai Noel,
Fazer pedidos a estrelas cadentes
E aos santos meninos rezar novenas.

É preciso pular as sete ondas do mar,
Construir torres e castelinhos de areia
Para neles se abrigarem as sereias.

Leandro Costa

Tianguá/CE

O Vagão 1920

Hospedou-se, como bom giramundo, na velha estação ferroviária desativada do centro da cidade.

Fazia um frio polar e o saguão de mármore mantinha-se aquecido graças a algum artifício arquitetônico.

Desenrolou o saco de dormir, o pôs no meio do salão e deitou-se sob o céu de afrescos iluminados por spots públicos.

Em um deles, um austero senhor idoso parecia fitá-lo com olhos vívidos e inquisidores. Tinha nas mãos uma lanterna a óleo usada pelos agentes de plataforma do século passado.

No plano de fundo com cores da madrugada, pessoas de semblante tristonho seguiam-no. O rosto familiar de uma passageira de vestido vermelho o fez viajar em reminiscências.

Os dosséis da abóbada animaram-se, convertendo-se em nuvens de fumo de jasmim. Uma mariposa vermelha, que voava entre centena de outras de cor marrom, pousou no seu rosto com a carícia de lábios que evocaram um nome escrito em cada um de seus poros: Lúcia.

Ondas de prazer e dor fizeram seu corpo vibrar na mesma amplitude da nuvem. Na outra dimensão, ela deixou que lhe sorvesse o pescoço, os seios, a vulva e o âmago até fundirem-se num estado de gozo e inconsciência.

A enorme porta da entrada rangendo, uma rajada de vento frio e o som de passageiros entrando no saguão o acordaram de sobressalto, fazendo-lhe enrolar o saco de dormir num impulso.

O vazio e o silêncio teriam lhe jogado em um novo estado depressivo se um bilhete de passagem, grudado no suor da testa, não tivesse lhe mostrado algo estranho: estava pago, tinha o seu nome e indicava que deveria viajar em uma linha que partiria daquela estação às três da manhã.

Um trecho da Marcha Fúnebre de Chopin soou três vezes, no imenso relógio do saguão, como prelúdio para o apito do trem, os anúncios do agente e o vozerio dos passageiros na plataforma onde vários e velhos conhecidos, que haviam desaparecido nas ruas, formavam a fila dos que embarcavam.

O velho de olhos vívidos e inquisidores iluminava os rostos e as passagens dos que entravam no vagão 1920 com a lanterna a óleo. Fez sinal para que ele se aproximasse, examinou o bilhete, fitou-lhe e disse:

— Ainda não há data. Aproveite sua estadia na última cidade.

Fechando a porta do vagão, apitou e gritou o conhecido comando:

— Todos a bordo. Todos a bordo.

O maquinista soou a buzina e o trem partiu pela linha que findava, após alguns quilômetros, numa mureta de bloqueio cujos faróis vermelhos lampejavam no breu.

Apesar dos seus acenos e gritos, o trem seguiu, aumentando a velocidade, até atravessar o concreto como a luz da lua atravessava a neblina.

As luzes acenderam subitamente. Os passageiros que ele vira partir, sentados nos bancos ao longo da plataforma, seguravam os bilhetes com a firmeza dos cadáveres.

A tétrica disposição padronizada daqueles corpos, sem roupa, sem pele e olhando para o horizonte de uma linha desativada, formava uma lúgubre instalação finalizada com uma passagem bíblica escrita no chão: "Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei".

Uma fraqueza repentina lhe roubou os sentidos e as forças até acordar, meses depois, no hospital da penitenciária estadual, assistido pelos olhos da amada crisálida que ele libertara.

— Vamos, meu amor. Você cumpriu sua pena. Não percamos mais tempo aqui.

Sobre o criado-mudo, o bilhete estava completo e tinha o desejo de boa viagem da empresa: primeiro de setembro de 2020, três horas da manhã – Requiescat in pace.

O atestado de óbito de mesma data e horário indicava que João esfolador, artista plástico e famoso serial killer, morrera de causa desconhecida "com um sereno sorriso de uma criança".

https://www.bilbbo.com.br/criador/francisco-leandro-costa

Instagram: @franciscoleandro.costa

Leandro Emanuel Pereira

Matosinhos, Portugal

Esculpir o Futuro

Cada travo que dou;
Num sonho perdido;
Aflige o meu ser;
Torna-o um rosto frangido...

E de gole em gole;
Faço contas à vida;
Experimento a vida mole;
Na sua vertente entorpecida...

Saboreio a vida nobre;
Brindando-a com jactância;
Sempre guardarei no cofre;
Os intentos da infância...

Nas crianças inocentes;
Se rege a verosimilhança;
De todas as vontades veementes;
Que catapultam a esperança...

Bem sei;
Que esculpir o futuro;
Não tem norma nem lei;
Mas pluralismo confuso...

E é essa magia;
Da inconstância metafisica;
Que dá relevo à cortesia;
De ser humano em fauna critica...

Leandro Sousa (O Menino Inspiração)

Floresta/PI

A Labuta do Sertanejo

Trabalha muito de enxada
Nas quebradas do sertão
Criando calos nas mãos
Enfrenta dura jornada
Numa labuta pesada
Em baixo do sol quente
Mas é o jeito descente
Do sertanejo sobreviver
Apesar dele sofrer
É homem inteligente

https://www.facebook.com/profile.php?id=100012032143923

Lemos Poesias

Recife/PE

Plebeu

Você fica tão linda
Quando não fala dele
Ficaria ainda mais linda
Se pudesse esquecer ele
Estou um pouco preocupado
Com o que você está se tornando
Você deixou mesmo aquela menina de lado?
É por ele que você está mudando?
Vejo você perder sua essência
Vejo você se perder também
Não sei se é carência
Mas isso não te faz bem!
Você sabe o fim da história
Pensa que ele é o príncipe que vai te salvar
Mas acho que você tem problemas de memória
Esqueceu do Plebeu que estava a te esperar
Sentimento?
Ele vai te olhar
Ele vai te desejar
Ele vai brincar
Ele vai te descartar
Desculpa, mas ele vai

Arrependimento?
Você vai chorar
Vai se machucar
Do Plebeu vai lembrar
Mas não, não vai ligar...
Às vezes ser da plebe
É aguentar o fardo
De ter seu destino traçado...
Às vezes ser da plebe
É aguentar toda a dor
E se privar de sentimentos como o amor
Definitivamente, esse conto de fadas não é meu
Foi o príncipe que você escolheu!
Sei que você vai me esquecer
Mas tenho orgulho de ser
Esse romântico Plebeu.

https://www.instagram.com/lemospoesias/?hl=pt-br

Lígia Diniz Donega

Ribeirão Preto/SP

Epílogo

O delegado Martinez já havia aprendido na prática que as pessoas mentem, as evidências não. E as evidências levavam a crer que Lara Lins havia evaporado dentro de casa. Esta teoria deixava-o completamente perdido na investigação, pois ninguém some, isto é uma impossibilidade molecular.

Em dezoito anos de profissão já havia visto muitos casos de desaparecimento. Mas esse desafiava seus instintos. Depois de quase dois meses de investigação, não tinha nenhuma pista a seguir, nenhum suspeito a apontar. A polícia encontrara a porta trancada com a chave do lado de dentro. Nenhum item faltando, nada revirado. A desaparecida não tinha levado documentos, celular, nem dinheiro ou cartões do banco. Estava mais uma vez, no apartamento, em busca de algum detalhe que poderia ter escapado. Passeia os olhos pela sala e lembra-se do lap top encontrado sobre a mesa e da esperança frustrada quando a perícia não indicou nada de relevante além de uma pasta com alguns de seus livros. Sentia-se impotente diante de tantos porquês sem resposta. A polícia é a última voz da vítima. Quanto o delegado desejava falar por ela!

Para Lara, nada em sua vida tinha mais força e significado do que escrever. Além de ser sua profissão, era uma necessidade diária. Considerava-se uma pessoa de sorte com a carreira em ascensão e por conseguir sobreviver daquilo que mais amava fazer. Sabia que no Brasil isso era um luxo imenso.

Vinha se especializando nos últimos anos em romances policiais, gênero que lhe atraía muito desde a adolescência onde devorava os livros de Agatha Christie. Naquela época, ensaiava alguma coisa, pequenos contos que nunca mostrava a ninguém. Guardava-os no fundo da gaveta e deixava-os a espera juntamente com o sonho de um dia tornar-se uma escritora. Mas jamais imaginou que seria famosa.

No momento estava com um livro na reta final e dedicava-se quase que o tempo todo na sua criação. Às vezes adentrava madrugadas escrevendo, tão envolta ficava na história que criava.

Agora que se aproximava do fim, sentia-se amargurada como em todas as outras vezes ao saber que não teria mais a companhia daqueles personagens. Depois de tanto tempo de convivência com uma obra, um vazio incômodo a invadia, apesar da satisfação e realização que lhe proporcionava. Eram sensações conflitantes que não sabia como explicar. A volta à realidade e o rompimento da ligação criador/criatura eram delicados de administrar. Mesmo após dois anos de terapia ainda lidava com dificuldade com este momento. Era como uma mãe relutante em se desgarrar do filho.

O ato de escrever é solitário. Um escritor precisa se retirar do convívio e estar consigo mesmo e suas ideias criativas. Para Lara, essa solidão eram momentos prazerosos e de muita produção, mas concordava com os amigos que

lhe diziam exagerar nesse isolamento. Talvez fosse uma fuga ou uma busca incessante de si mesma. O fato é que convivia muito bem com sua solitude. Mas não achava prudente revelar que preferia estar em seu mundo imaginativo do que com seres humanos reais. É que sentia-se mais à vontade, entendia-se melhor.

Depois de trabalhar o dia todo, aquela noite pretendia descansar. O epílogo do livro estava lhe consumindo, tanto que já havia escrito e deletado três vezes. Não encontrava o final ideal, parecia sempre faltar-lhe alguma coisa, um detalhe que não conseguia captar. Adiava o fim da história supondo que o idealizado ainda não era o perfeito.

Foi para a cama cedo e logo adormeceu pesadamente. Tinha esperanças de, na manhã seguinte, com a mente descansada, encontrar o tão intrincado final. Naquela madrugada aconteceu-lhe algo diferente. Acordou, sem motivo aparente, e logo percebeu uma luz fraca azulada vinda da sala. Com o coração na garganta, pernas trêmulas, levantou-se o mais silenciosamente possível e tateando rente a parede esgueirou- se até a porta do corredor, dali tentaria ver o que ocorria. Prendendo a respiração, vê, por uma pequena fresta, uma pessoa, de costas, sentada à mesa e debruçada sobre o computador. Sente um arrepio instantâneo percorrer- lhe a espinha. Assim que começa a se movimentar, ouve:

— Lara, você está aí?

Paralisada, grudada na parede do corredor sem conseguir se mexer, não entende o absurdo que está acontecendo. A voz novamente se manifesta.

— Não tenha medo. Sou eu. Venha até aqui. Olhe, estou acendendo as luzes.

Lentamente consegue dar alguns passos e retorna aonde estava, próxima à porta do corredor. Na sala iluminada, sente um sobressalto maior quando o vê. Ele a incentiva, aproximando- se com um sorriso, estendendo-lhe a mão.

— Pode vir, não tenha medo.

Lara toma um olhar duvidoso, não sabe se pode confiar. Ainda assustada, pega em sua mão e deixa-se levar até o sofá. Sentados lado a lado, pensa que pode estar presa em algum tipo de sonho. Pergunta-se qual o motivo dele estar ali. Puxa fundo um suspiro e fala:

— Ufa, você me assustou. Como veio parar aqui? — tenta recobrar a calma.

— Desculpe-me se te atrapalhei, não era minha intenção. Se bem que... vai me dizer que não queria? Sonhou com isso — olha para ela com ar malicioso.

Mentalmente ela concorda mas não deixa transparecer. Sabe que deve temê-lo. Ele olha em volta e diz com sarcasmo:

— Bonito aqui. Você vive muito bem. Queria ver como iria se virar lá no lugar em que me colocou.

Ela tenta se explicar, tropeçando nas palavras.

— Procure entender, foi necessário. As coisas tomaram um rumo, um volume que nem sempre tenho controle. Eu precisava colocá-lo ali.

— Não entendo o que diz. Como assim não tem controle? Você é a senhora da situação. Não me venha com essa! — a tensão aumenta em sua voz.

Ela o observa sentindo-se incomodada com sua presença, mas também curiosa.

— Desde o começo isso estava planejado. Não será assim para sempre. As coisas vão melhorar — tenta acalmá-lo.

— Melhorar quando? Como uma vida num sanatório pode melhorar? Nós dois sabemos o quanto cresci, o meu valor.

— Sim, eu sei o quanto cresceu. Confie em mim, — nem ela confia no que está falando, mas precisa freá-lo — por enquanto é lá que você tem que ficar.

Ele balança a cabeça negativamente com insistência.

— Fala isso porque não é você que está lá. Tenho o direito de escolher meu caminho — a indignação é evidente.

— Acalme-se, assim não teremos entendimento — ela interrompe, mas ele ignora.

— Falo do jeito que eu quiser. Agora não estou mais à mercê do seu poder. Tenho vontade própria — bate no peito estufado. — Quero ver você conseguir me dominar de novo — levanta-se num pulo.

Ela olha para o alto e o vê grande, não em tamanho, mas em grandiosidade de ser. Admira a complexidade de sua personalidade e coragem. Mas também o vê pequeno e indefeso. Reconhece que ele tinha tomado dimensões que não havia percebido e que não era mais de domínio seu. Precisa agir rápido.

— Onde quer ficar? Fale-me do seu desejo.

Sem necessidade de pensar, ele responde prontamente:

— Com você.

Imediatamente ela se arrepende da pergunta.

— Aqui? Isso é impossível, sabe disso — o medo volta a lhe apertar o estômago.

— Lógico que não. Vamos comigo. Repito o que já disse, você deseja isto.

A conversa estava tomando um rumo perigoso. A intenção de sua visita começava a se mostrar.

— Nós dois sabemos como você é — ele fala com voz mais mansa, seus rostos quase se tocam. — Eu também te sinto. Estamos ligados, nossos pensamentos se comunicam. Não há como vivermos separados, não adianta mentir. Onde eu estiver, você também estará, quer queira quer não. A prova do que digo é minha presença neste momento. Seu desejo me trouxe aqui. Não me negue.

As suspeitas de Lara confirmam-se.

— Então você veio para isso?

A pergunta não precisa de resposta. Ele apenas sorri calmamente.

Sente-se solitária numa encruzilhada. Duas forças brigam dentro dela. Não consegue resistir ao seu chamado e ao mesmo tempo tem medo. Ameaça fugir, mas é tarde. Suas pernas começam a ficar pesadas, os pés imóveis como atolados na lama. Sente uma vertigem e um frio invadi-la. Abre a boca tentando falar, mas não emite som algum. O pânico a domina por completo. Procura aflita amparo no braço dele mas, estranhamente, parece feito de ar, não mais consegue tocá-lo. Ele dá gargalhadas, divertindo-se com seu medo. Afasta-se andando para trás com ar de triunfo.

— Venha, venha, — estende a mão que ela não consegue pegar — siga-me Lara, inútil lutar. Solte-se, não resista.

Ainda sem mover as pernas vai sendo puxada por uma força imantada, aproximando-se mais e mais dele, perdendo-se de si. Sente seu corpo sendo sugado quando encosta no dele. Ouve-o bem perto.

— Isso, você verá que tinha que ser assim. Nós dois juntos para sempre. Esse é o nosso destino, nossa vontade — sua voz vai sumindo até ela não conseguir mais ouvi-lo.

Pouco a pouco seu corpo vai se ligando ao dele como duas nuvens que se misturam. Ela não reconhece mais nada, sente-se desfalecer. O corpo dele não mais está ali, eles não estão mais ali. Lara e Vítor fundem-se. Autora e personagem atravessam a linha divisória do real/imaginário. O limite havia sido rompido, não tinha mais volta.

No silêncio da sala, os primeiros raios da manhã ensaiavam penetrar. Sobre a mesa, um computador guardava um livro inacabado. O epílogo jamais seria escrito.

https://www.facebook.com/conversadaboa/

Lizandra Antunes

Guarulhos/SP

O que ela é

Ela é a garota de Ipanema A chuva de março
A aquarela da vida inteira Que mal percebe Quando volta e meia
Descolore e volta à cor

É Capitu É Ismália É Julieta É Catarina

Ela é um monte de fios desencapados Ela é o motivo da hipertensão
Ela é a doçura meio amarga
Ela preenche o vazio do coração

Ela é linda É poderosa
É a garota que enlouquece E o mundo a ela obedece É alma livre
É inspiração

http://instagram.com/essenciaemverso/

Lourildo Costa

Volta Redonda/RJ

A esperança que o corona traz

Por que Deus consentiu
Que as nações fossem alquebradas
Pelo novo Coronavírus?
Sim, foi Deus quem assentiu
Que as mortes fossem corroboradas
Por um vírus mais letal que o citomegalovírus.

O corona não respeita fronteiras!
Sua força reduz ao silêncio
Qualquer período da vida corrente
E joga por terra as intensões alvissareiras.
Seu olhar macabro lembra o personagem Fudêncio:
Sarcástico, cínico e irreverente.

Quando se aspira o vento,
O corona é succionado para os pulmões
E invade os brônquios, tal qual veludo escondido,
Enruga os alvéolos e falta o ar puro.
Todos dizem: - "Lá vai o lazarento!"
Travam-se enormes discussões
Em torno do mal, ainda incompreendido
E pela ciência tratado como impuro.

A morte de milhares acontece!
- Como torna a vida tão breve,

Sem deixar nenhum vestígio!
A vida se apaga e o dia anoitece.
A vida que passa, nenhum poeta descreve!
Não! Não se mede o seu fastígio!

Por que Deus consente,
- Que segredo profundo! –
Que o corona venha agrilhoar pessoas?
Por que aproximar um ao outro
Numa sociedade já tão doente?
Fosse eu o Criador do mundo
Diria poucas e boas
E uniria pra sempre este e aqueloutro.

O amor entre os povos
Se tornaria eterno;
Pois o afeto não morreria jamais.
Os entrelaçamentos se tornariam novos
E se distribuiriam beijos envoltos num abraço fraterno.
- O amor jorraria das profundidades abismais! …

lourildo_2006@yahoo.com.br

Luanaly

Belém/PA

Marulho

É no mar que o barco se permite ser o que é. Seu velejo é vital para conhecer outras águas. O barco é provocador, mesmo sem um marujo o guiando ele se deixa ir. Sem direção a seguir, ele sabe aonde está indo, se tornando o seu próprio comandante diante do desconhecido.

Ó Deus dos proscritos! Dai-me a graça de amar, e, acima de tudo, a audácia de me libertar! Pois o tédio me deixou ôca. O medo me mantém inerte. Os gritos saem de uma voz rouca, e a tentativa nada me promete. Todo contato com o eu é angústia?

Ultimamente ando bastante enjoada de mim. Esses sentimentos são tão passageiros, está tudo tão fluido. Hoje eu amo, mas amanhã já não sei... ontem eu fiquei, hoje não quis mais voltar. Ontem eu sabia quem eu era, hoje acho que não sei. Quem sabe amanhã saberei.

Às vezes é difícil acompanhar o relógio natural das coisas. Não sei se é saudade ou se é nostalgia sentir falta de quando eu era uma menina em forma de gota, do gosto do bolo de chuva que a minha mãe fazia, das alegridades à beira da praia, pés molhados, cílios ao vento... eu libertava o meu barco infinito pedindo ao mar que me trouxesse notícias.

Depois da infância, vem a agonia. Olhar para o meu barco estancado me despertou apatia. É preciso ânsia para devolvê-lo à maresia, do contrário, ele me acharia covarde por impedi-lo de velejar nas águas da mais tenra alegria ou na imensidão do desgosto.

https://m.facebook.com/luana.ly.92/about?nocollections=1&_rdr#contact-info

Lucas Ramon Porto de Assis

Campina Grande/PB

Dama Preterida

A mulher por quem anseio,
Tantos homens que lhe temem,
Por nela pensarem, gemem,
Consumidos por receio.

Foi gerada por vil sémen,
Ostentando, assim, no seio,
Da existência todo esteio.
Ai daqueles que blasfemem!

Belo dia chegará,
Quanto a mim me exultará!
Em que a ela eu haverei de ver

A portar as negras vestes,
Os desígnios incontestes,
Com que cumpre seu dever.

Luís Amorim
Oeiras, Portugal

A memória sobre os caminhantes

O chefe disse, se bem me recordo, para chegar no mais que possível fosse, antes da hora marcada. Portanto, cedo foi lembrança que me sorriu quando bati à porta. Esperava no paciente modo e demorado bem me pareceu quando finalmente me convidaram a entrar. Fez-me sinal para tomar assento à minha escolha, o vulto que percebi no possível da medida devido ao escuro que nos acompanhava. Era nocturna hora mas já não iria refilar como e quando fizera no antes, então perante o chefe. Mas como assim teria de ser, ali estava para o meu trabalho de exclusiva reportagem. Perguntei como era a vida do meu interlocutor durante o dia ao que resposta obtive de ser no descanso ocasional talvez mais para o frequente, ao que eu dei por escrito ser constante sem opção que fosse distinta. Pausa fiz para reparar na sala e seus adornos mas a escuridão não me deixava perceber muito para além de móveis alguns e biblioteca de grande dimensão. Foi-me oferecida uma bebida, à qual pensei dar recusa mas que no derradeiro instante me levou a antecipar o seguinte fingir no dar goles ocasionais sem beber sequer o que estaria no interior do copo. O chefe havia prevenido minha pessoa no referente a esse provável momento que obviamente não faltou. Perguntei qual o tempo preferido e recebi na volta ser a noite por sempre, excepções sem qualquer consideração. Não fiquei surpreendido e arrisquei um pouco mais na dita pretensão por uma foto para ser imprimida no jornal mas obtive a recusa mais aguardada. Para compor o texto inquiri pela memória selectiva dele por episódio algum dos curiosos ou fora do comum que lhe pudessem ter acontecido. Foi-me prevenido no cuidado preparar acerca do que estaria para vir. Ajeitei-me melhor para ficar mais confortável e senti que poderia ter ali um grande assunto que no futuro por breve acontecer seria de meu chefe, um digno orgulho. Então iniciou ele de memorizada ocorrência, verídica ou não, indiferença tanto me escrevia na vez aquela em que o meu anfitrião dizia ter integrado grupo de

outros como ele, em nocturna ocasião, pois claro, rumo a um imponente castelo de longínquas paragens. Eram muitos, não sabendo precisar quantos nas dezenas que eu ousadamente acrescentei. Sabiam ou pelo menos calculavam haver suficiente recepção no castelo para tamanho agrupamento, o qual seguia alegre o bastante, no eventual vencer das inerentes dificuldades de percurso, íngreme o quanto baste mas que não os afastava do seu prometedor destino, assim mesmo o visualizavam enquanto caminhavam. Aliás, havia quem os designava por caminhantes, não sendo essa vez isolada das restantes quando em grupo estiveram. Outras houve mas aquela do relato em questão fora deveras especial. A memória dele parecia não ser vacilante nem procurar alternativas para o que pudesse ter sucedido, levando-me a acreditar estar a redigir com rapidez controlada na «Imperceptível caligrafia», no dizer ocasional de chefe. Tentei acompanhar sem tantas abreviaturas a final aproximação ao castelo, onde uma passadeira de tonalidade avermelhada se estendeu com o enorme portão a deixá-los passar, então com ligeiro desconfiar por talvez serem esperados, quando pensavam o contrário no preciso instante que parei de escrever para o fixar, procurando semblante de pormenor algum que previsivelmente não vislumbrei. Quando entraram, na ocasião de enredo que voltei a anotar na rapidez do costume, olharam salão de vistosa dimensão com mesa posta quase a perder de vista e com imensos vultos sentados. Pensaram estarem destinados a eles, cada qual para um dos caminhantes, mas depressa viram o contrário do que desejavam, comigo a deixar a escrita para reter melhor, pelo menos, a forma como seria dita a conclusão que eu deduzia, estaria a chegar admirada ou quiçá e apesar do escuro, de olhos mais arregalados a este tempo do presente e aos de chefe por futuro em modo de «Parabéns pela reportagem!». E assim foi na minha estupefacção com o relembrar de boa memória ao interlocutor meu sobre cada vulto que então confortavelmente sentado no salão do castelo, na pose de impaciente fantasma é que aguardava pelo seu caminhante de vampiresca estirpe para uma prazerosa e interminável noite.

Luiz Roberto da Costa Júnior
Campinas/SP

Anomia

A poesia não tem mais valia.
Na economia não há mais-valia.
Defendem que a alma é vazia
e não se aproveita mais a folia.
A vida vira uma anomalia,
por isso essa melancolia.

http://www.recantodasletras.com.br/autores/lrcostajr

Luzitânia Silva

Presidente Tancredo Neves/BA

Moça

Ei, moça, ele já foi. Pegou uma mochila, jogou algumas peças de roupas surradas dentro e se mandou. Levou consigo sonhos, histórias vividas, sentimentos latentes, alguns trocados no bolso e uma mente com pensamentos incógnitos. O rosto não esboçava emoção (me pareceu, não deu para ver). Seus cabelos bem cortados e seu meio sorriso de outrora não chamaram minha atenção. Sabe-se lá se permanece imutável. Só tenho olhos para você, moça.

Moça, respire, acalme-se, ele já passou pela porta. Escutou a batida forte? E os murmurinhos? Então, ele se foi. Não se preocupe mais. Não agora. Ele está na estrada. Ouviu o ronco do motor?

Tem gente lá fora, percebe? Sei lá, os ânimos estão um pouco alterados ou as vozes estão confusas? Não tenho ideia, moça, só quero olhar para você. Saia daí desse chão frio, pode ficar resfriada. Levanta, vai, tenha forças! Não vá se perder olhando a janela depois, com pesar. Também não se confunda com um móvel de sua casa. Toma uma atitude, grita, sei lá. Pode chorar, moça: de alegria, por favor.

Imagino como deve ser difícil para você estar aí, desse jeito, sozinha, mas pense bem, talvez seja melhor. Ele seguiu seu rumo, saiu sem dizer adeus, contudo deixou marcas, não foi?

Quer uma água? Não consigo olhá-la desse jeito sem poder fazer nada, entende meu lado? Seu olhar e pensamentos estão longe... Preocupo-me com você.

Tá doendo? Seu coração parece que vai saltar pela boca. Não se aflija. Levanta daí! Acho que um dia vai passar, não vai? É assim mesmo, não é?

Moça, tem um corte em seu braço, repara. Não. São dois, três, quatro... perdi a conta. Seu sangue escorre (só agora percebi!).

Olha para mim? Seu olhar está longe, fixo em algo que não sei dizer. Nem pisca. Sua pele está gélida.

Não creio, moça, que vai partir assim. E seus anseios? E a casa que acabou de adquirir? E a faculdade que concluiu? E o sonho de viajar pelo mundo? Suas aspirações foram engavetadas, moça, e agora não há mais o que fazer. Vá em paz.

@meumundopoesiaeprosa

Maira Bastos dos Santos

São Paulo/SP

Existe amor em SP

Existe amor em SP.
Escondido em selfies,
Em deliveries,
Em pichações,
Em grafites,
Em postagens em redes sociais,
Em canções.

Em conversas corriqueiras no "busão" antes de enfrentar um dia de cão;
Em monólogos banais na fila do SUS, enquanto se espera o médico ou a morte;
Em um dia de garoa ou tempestade ao compartilhar o guarda-chuva,
Em bancos da escola, entre alunos abandonados à própria sorte.
Na gota de sangue que corre, escorre do olhar de cada mãe da periferia,
Quando perde seu filho para o tráfico, para a polícia ou para a vida turva.

Existe sim amor em SP,
Mesmo que ele seja morno porque o sol não chega até nós.
Mesmo que molhado de garoa e pranto controversos.
Mesmo que ele seja cinza porque lhe roubaram as cores da sua identidade.
Mesmo que ele seja mudo porque já lhe roubaram os versos.
Mesmo ele seja periférico porque lhe privaram o direito a cidade.

Há muito amor em SP, mesmo quando até isso querem tirar de nós.

Instagram: mairabastos81

Maíra Luciana
Samambaia/DF

Fortaleza em cacos

Um dia escrevi
E combati
Por me sentir
Forte
Hoje as palavras
Apontam
A minha fraqueza
Cada verso
Cru e seco
Demonstra
Minha descrença
Cada estrofe
Se constrói
Sob os cacos
De mim

www.instagram.com/loucurafalada/

Malinga Dambo

Maxixe- Moçambique

Em uma noite

Chego exausto dos virtuais mundos
Regresso dos aliciantes jogos imundos
Expostos no mágico aparelho do bolso

Aposento-me sobre o silêncio
De uma claridade sem viciações,
A do luar e das constelações

Doo as minhas memórias às corujas
Para cantarem humildades da infância
Que só o tempo me traz em ressonância

De mãos dadas com a noite,
Revejo nas constelações a unidade
A força conjunta e a irmandade,
Princípios que descrevem o meu berço

Admiro a lua
Na sua generosidade nua
Reflectida na partilha do claro solar
Imitando as manias dos meninos do outrora:
Partilha

Ah!
Deste regresso não saio, não!
Até que a morte se imponha.

MaNa Pensamentos
Ipu/CE

Olhares Cruzados

Bastou um olhar, e meu coração não teve palavras para expressar o que eu sentia ao ti encontrar. Tudo aconteceu de repente, nada estava no lugar, nada era como eu almejava alcançar. A invisibilidade me definia nada do que fazia poderia mudar o que eu sentia, mas tudo parecia ser impossível até o momento que o destino cruzou nossos caminhos. Jamais imaginei que um dia o sonho se tornaria realidade, pois tudo aconteceu como um passar de mágica parecia até alucinação, mas não, era tudo verdade. Meu corpo todo tremia, meus olhos brilhavam, minha boca sorria, meus sentidos estavam completamente alterados, minha racionalidade já havia me deixado. Dizem que "o pensamento tem poder", pela primeira vez acreditei em tais palavras, pois nada era ao meu favor, mas meu pensamento ia de encontro a ti, sempre desejando ao menos ser notada, nem que fosse por alguns segundos. Ah, você não sabe o tanto que gosto de ti, nem imagina. A primeira vez que olhei em teus olhos já me vi perdida, posso até dizer que foi amor à primeira vista.

https://instagram.com/mana_pensamentos?igshid=1g50hom3grzq1

Manuel Veronez
Uberlândia/MG

Dia de Profanação

entrou no supermercado
comprou refrigerante e pinga

pedra 90

ou como diz
o francês de raiz
pièrre quatre-vingts-dix

misturou tudo bem quente
fez um kit impecável
pegou o copo descartável

500 ml não sei

virou de uma vez
tudo sem parar
gorfou na pia

do banheiro do bosque

https://www.instagram.com/manuelveronez/
https://www.facebook.com/manuelveronezz/

Márcia Gabrielle Brito Mascarenhas

Ilhéus/BA

Para alçar longos voos

Para alçar longos voos
É necessário se ter
Grandes asas na alma
Na cabeça, um querer.
Tem que conquistar paz
Que o grande céu traz
Para o mundo renascer.

Para alçar longos voos
É preciso gratidão
Na cabeça um enredo
E muita paz no coração.
Construir uma bela história
Viver momentos de glória
Tudo na imaginação!

Para alçar longos voos
É importante escutar
A calma que o tempo tem
Para poder enxergar
O espirito libertador
Que cura toda a dor
E nos faz querer voar!

Novos voos vêm e vão
Nessa vida que se cria
Cada vida uma asa
Cada asa, um novo dia.
Esse novo renascer
É o que nos faz querer viver
E acordar com alegria!

Blog: https://oxxent.blogspot.com/
Instagram: @marciamahsc

Marcos Andrade Alves dos Santos

Canaan/Trairi/CE

Uma cura nas águas

Ela me pegou nos braços e soprou a fumaça de seu cachimbo maravilhoso. Práticas de cura que só eles sabem como realizar, por que elas vêm do encantamento profundo... e tudo começou como num sonho nos além aos quais seus voos pertencem.

Caminhava dispersando água pelo córrego. Procurava por pedras molhadas, pois tinha a impressão de que mesmo afundada uma pedra ainda permanece seca. Para mim, as pedras possuem algum tipo de película protetora que impedia a água penetrar. Mas não era assim com os meus pés. Toda vez que eu afundava o pé e o levantava para dar o passo, então ele emergia molhado como a folha da bananeira. A água nutria minha imaginação.

Olhei para a vegetação que subia da ribanceira. Muito verdinha, ela escondia borboletas e outros insetos pequeninos. Vi formigas subirem por um tronco deitado sobre o mato. Cada formiguinha levava algo nas costas. Não eram pedras nem grãos de areia. Elas tinham picado uma plantinha maior e levavam as folhinhas para seu formigueiro. Talvez morassem debaixo do tronco. Talvez elas gostassem mesmo é daquele caminho povoado por outras formas de vida, ainda que a árvore tivesse morrido. Alguns seres vivos se doam como alimento e caminho para outras vidas.

Mais adiante, sem se afastar muito da ribanceira, um bosque de bananeiras levantava-se. Grandes cachos de banana desciam delas indo encostar-se ao solo. Os cachos adormeciam ao abrigo do solo. Alguns ao amadurecerem desabrochavam as bananas que serviam de alimento para pequenos animais e de pouso para borboletas. Por entre as bananeiras, aqui e acolá um coqueiro erguia-se e exibia cachos de côcos graúdos. Eles faziam sombra para as criaturas da terra, as que rastejavam e as que voavam, mas também pendiam em cima das águas, trazendo sombra para os animais e as pedras que habitavam o molhado.

As folhas da terra eram varridas pelo vento. Ele gostava de brincar empurrando as folhas da terra em direção as águas. Fazia parte de seu esporte de menino ver o que a água fazia com as folhas. O engraçado é que ora a água tragava as folhas levando elas para as areias das profundezas, ora as águas rejeitavam as folhas lhes empurrando para as ribanceiras. Esse exercício não terminava nem quando a correnteza mudava nem quando o vento dormia. As folhas mesmo procuravam este caminho assim como eu procurava o meu.

Diziam-me que o córrego tem a cor amarelada. Desacreditei disso. Na verdade, aquela areia que dançava na água do córrego tinha uma cor amarelada. Se eu pegasse um pouco de água em minhas mãos poderia ter clareza disto. A água deixava que minha visão lhe atravessasse e que pudesse enxergar o outro lado. O mesmo não acontecia com a areia, ela sim era amarelada. Ela coloria a água com sua beleza singular. E as pedras faziam o mesmo

Sentei-me acima de uma ribanceira e me pus a escutar. A areia se debruçava na correnteza, caindo apressadamente por causa do meu peso. Pequenos pássaros se ajuntavam nas palhas dos coqueiros e anunciavam. O vento soprou diferente em ritmo de flores. Não encontrei minha pedra. Mas fui encontrado pela magia. O perfume da memória despertou meu espírito para aquilo que começava.

Não tardou. Também não havia motivos para se prolongar tanto a separação. Senti a verdade daquele plano. Olhei para o córrego. Ele corria tão manso, sem pressa, quase parando. O sol se esticava nas águas. Quando fitei o centro do córrego, então algo maravilhoso aconteceu. Ao tocar a água, a luz do sol brilhou tão forte que me encandeou. Quando se levantou das águas em direção as nuvens a luz deu forma a uma silhueta. Minha vista escura impedia que eu a visse plenamente. Mas soube que algo se movia do córrego em direção à ribanceira onde estava assentado. Esfreguei os olhos na esperança que eles clareassem outra vez.

Antes que eu terminasse meu movimento, senti a presença assentando-se ao meu lado. Então me virei para ela. Minha vista milagrosamente voltou. Vi aquela velha negra sentada ao meu lado tragando seu cachimbo. Tinha um pano fininho amarrado na cabeça. Acho que ele servia para segurar seus cabelos, mesmo assim alguns fios brancos como as neves corriam em direção a sua testa e suas orelhas. Tinha um rosto envelhecido. Senti que as distâncias lhe corriam e deixavam-no cheio de mistérios.

Ela vestia uma saia colorida. Havia desenhos muito bonitos em sua blusa. Notei que eles conversavam com o colorido da saia. Se eu pousasse os olhos naqueles panos por muito tempo podia ver as coisas se moverem: na blusa via pássaros voando e em sua saia árvores se balançavam. Também pude ver ninhos nas árvores e imaginei que de noite era possível que os pássaros voassem da blusa e fossem se deitar em sua saia para dormir. Tirei os olhos, pois senti que poderiam passar a vida toda voando naquelas roupas com os pássaros dela. Mesmo assim não me senti preso.

Tudo nela era maravilhoso. Não parecia uma senhora alta. Na verdade, quando sentada ela era bem baixinha. Tinha lábios grossos. O fumo de seu

cachimbo lhes perfumavam. Seus olhos pareciam duas lindas estrelas negras. Eram tão magnéticos quanto sua roupa. Olhos que vinham de longe.

Ela não pareceu incomodada com os meus olhares. Deixou que eu lhe olhasse. Mantinha uma face terna como se me quisesse bem. Passados alguns minutos, ela tirou o cachimbo da boca, puxando o ar que navegava pelas águas para seu nariz. Pela primeira vez ouvi sua voz serena e grave:

– *Que lindo dia este para se caminhar por dentro das águas!*

– *É verdade* – foi o que lhe respondi.

Então ela estendeu as pernas por sobre a areia, ajeitou a saia e disse assim para mim:

– *Deita tua cabeça em meu colo. Quero te contar uma estória.*

Achei o pedido estranho, porém senti que jamais poderia desobedecer ao pedido daquela mulher do *antigamente*. Sua velhice certamente me dizia muito sobre sua experiência e sobre sua sabedoria. Além do mais senti que não poderia dispensar o pedido de uma velha que viajava pela luz do sol. Me aproximei dela, pedindo licença e dizendo que não compreendia, mas estava ali para lhe obedecer. Ela me respondeu:

– *Faz bem meu filho. Há muito tempo que espero aqui por você. Este encontro estava gravado desde antes de sua memória começar na terra. Você já estava gravado aqui antes de ir para lá. Este é um mistério que governa a todos nós, pois existimos em outros lugares antes que nosso espírito possa navegar em direção à carne. Mas este é o lugar no qual você foi preparado para nascer. E eu sou aquela quem te preparou e aquela que te cura aqui quando tu estás adoecido do espírito. É por isso que estou aqui.*

Ao dizer essas palavras, ela levou novamente o cachimbo à boca. Mas desta vez colocou a base do fumo acesa para dentro da boca – fiquei com medo que ela se queimasse – e deixou o cano para fora. Ela virou o cano na direção de meu vazio esquerdo e soprou com força. A fumaça veio de encontro a mim e senti sua quentura me invadindo. Não me movi. Deixei que ela entrasse e me curasse. Deixei que a senhora realizasse aquilo que suas palavras haviam anunciado e que me parecia muito bom.

Não demorou muito, ela parou, ajeitou o cachimbo na boca, puxou o fumo com os pulmões e falou por entre a fumaça que escapava pelos lábios:

– *Está feito. Você vai ficar bem, mas não te esqueças de aprumar seu caminho quando chegares a terra. Tome cuidado meu filho, pois o mundo é uma ilusão.*

Eu olhava atentamente em seus olhos e podia até viajar na profundidade daquela beleza irresistível. Não consegui lhe falar. Mas assenti dizendo que lhe compreendia. Eu que só queria encontrar uma pedra que fosse diferente de todas as outras, terminei me encontrando com uma força de cura que viajava pelo antigamente. Não sei o seu nome e até agora me pergunto de onde ela veio e como é possível viajar através da luz do sol. Senti que em seu colo iria adormecer. Por mais que eu buscasse resistir, não podia evitar que meus olhos fechassem como um pássaro não pode evitar descansar quando chega a hora. Imaginei que fosse um efeito de sua cura.

Acordei apressado para ver novamente aquela velha misteriosa e lhe falar. Mas não me encontrava mais em seu colo. Nada desapareceu de mim. Senti a quentura em meu vazio. As palavras se gravaram em minha memória. A estória corria em minhas veias…

https://www.recantodasletras.com.br/autores/marcosandrade

Marcos Nunes Loiola

Botuporã/BA

A enferma

Dias desses, andava uma mulher aparentemente tranquila pela Avenida Brasil, ouvindo Bossa Nova no seu *walkman*, quando um carro desgovernado subiu na calçada e *pah!*, bateu de frente. A pancada foi tão grande, mas tão grande, que ela acabou sendo arremessada para perto de um bueiro. O motorista do carro conseguiu recuperá-lo e fugiu com os comparsas. Conforme se ouviu falar, tratava-se de homens fardados perseguindo um inimigo, que ninguém sabia ao certo dizer quem era. Para alguns, um tal de Marx; para outros, Dom Quixote de la Mancha em inédita visita ao país.

As pessoas que por ali passavam logo se aglomeraram. Em completo estado de choque, trataram de chamar uma ambulância. A mulher ficou bastante machucada — uma imensa poça de sangue se formou no chão, ao seu redor. Permaneceu por muito tempo em coma num leito de hospital e o incidente ganhou a capa de todos os jornais.

Durante o período de recuperação, a moça recebeu as ilustres visitas do velhos conhecidos Padre Anchieta, Dom Pedro I, Joaquim José da Silva Xavier, Getúlio Vargas, Costa e Silva, Francisco José do Nascimento e João Cândido Felisberto. A enferma se recordou com facilidade de todas as visitas no exato momento em que adentraram o quarto, exceto os dois últimos. Em relação a eles, foi-lhe necessário refrescar a memória. Ambos, então, narraram importantes passagens de suas lutas e vivências. As coisas só ficaram um pouco mais claras quando eles revelaram suas alcunhas: Dragão do Mar de Aracati e Almirante Negro, respectivamente.

Percebendo o entra-e-sai de visitas na portaria, um mendigo que a amparou no dia do incidente também resolveu solicitar alguns minutos de conversa com a enferma, mas lhe informaram que a visitação estava suspensa por tempo indeterminado. Ele, desconfiado da conversa, resolveu insistir, mas não teve jeito. Acabou provocando a fúria dos funcionários, que o retiraram à força. "Aqui não é lugar de balbúrdia!" — gritaram.

Consternados com a grave situação daquela mulher, Chico Buarque e o Quarteto em Cy deram as caras por lá. Propuseram fazer uma linda interpretação de *Cálice,* ao violão, mas o instrumento foi confiscado na recepção. Só não confiscaram as suas vozes naquele instante porque não tinha como. A ordem da vez era o silêncio. Eles entraram e cantaram *a cappela,* mas cantaram.

Joana Angélica também lhe prestou uma visitinha, dias depois. A recepção da religiosa, calorosa, contou com horas agradáveis de conversas e orações. No dia seguinte, foi a vez de Maria Quitéria aparecer com o desejo de visitá-la. Chegou no horário permitido, mas, não se sabe bem ao certo o motivo, criaram resistência e não a deixaram entrar. Revoltada, usou de artimanhas. Pulou a janela e, disfarçada de médico, conseguiu ver a enferma. Ganhou fama depois dessa ousadia.

Certa tarde, apareceu por lá uma bela moçoila de nome Leila... Leila Diniz. Diferente das outras companheiras, foi-lhe negada a entrada antes mesmo de chegar à recepção. Os seguranças do hospital alegaram que a moça não se trajava adequadamente e tinha comportamentos esquisitos, sabe-se lá o que isso quisesse dizer. Mas ninguém ousou tocá-la. Ela se retirou tranquilamente, por livre e espontânea vontade, rindo um riso autêntico, independente. Lá fora, algumas fãs a esperavam para um autógrafo.

Depois de um longo e delicado processo de recuperação, a mulher finalmente teve alta. O tempo no hospital lhe foi útil para colocar importantes reflexões em dia e revigorar a memória. Foi para casa jurando seguir todas os cuidados e recomendações médicas. Trocou o *walkman* por um *iPhone* e voltou à rotina de atividades, inclusive a sagrada caminhada pela Avenida Brasil. No começo, passar pelo local da ocorrência foi uma experiência traumática, mas ela sabia que era necessário manter viva aquela memória para que conseguisse, de fato, ser um tanto mais precavida, como não se distrair demais com a música no celular a ponto de esquecer por completo tudo ao redor.

Mas de vez em quando ela ainda se estrumbica. Certo dia, empolgada com uma dançante canção, não reparou no meio-fio e *pah!*, caiu e machucou os joelhos (nada se compara à tragédia, é verdade, mas dor é sempre dor). Em outra ocasião, quase atravessou a rua sem reparar o semáforo. Sorte que os demais pedestres, percebendo a distração, gritaram bem alto e em coro, atentando-a ao perigo. Por muito pouco um novo desastre não se concretizou.

Depois do ocorrido, aquela mulher se tornou bastante conhecida no bairro, na cidade, em todo o país. E apesar da fama de distraída, havia sempre alguém para alertá-la — felizmente!

https://www.instagram.com/loio_la/

https://www.facebook.com/marcos.loiola.2016

Email: marcosnunesloiola@outlook.com

Marcos Pontal

Pontal/SP

Diga Não À Violência E Maus Tratos Ao Animais!

CENAS DO LIVRO "IMITADORES DE CRISTO".

www.velivros.visaoespiritual.com.br

www.velivros.visaoespiritual.com.br

Maria Carolina Fernandes Oliveira

Belo Horizonte/MG

Brahms

Se você lê um poema sob som nenhum
você maestra o ritmo e você coloca as ênfases nas palavras exatas para provocar o exato torpor do revigorante desconforto dos bons poemas lidos no silêncio

Se você lê um poema enquanto seus ouvidos recebem música
o controle da orquestra já não está mais nos olhos
e as palavras te tomam para dançar e ainda que você não saiba passo algum precisa relaxar os músculos e se deixar conduzir e dar giros e explorar outros cantos do salão - lembre-se de respirar

Se você lê um poema ouvindo Brahms
as sílabas tônicas gritam mais forte e o desespero é maior assim como a felicidade é maior e todos os sentimentos se acentuam e se o poema é um bom poema sobre qualquer questão pequeno-burguesa da existência as palavras tocam camadas desconhecidas da derme e fazem formigar os pés e as mãos

Mas se você escreve ouvindo Brahms. Tente escrever ouvindo Brahms. Escreva-te uma carta, escreva sobre as horas, escreva a melhor das listas ou a mais inconfessa das confissões. Aproxime-se da janela e escreva sobre a primeira coisa que lhe vier aos olhos. Está ouvindo? Pois deveriam então atribuir no dicionário um novo significado para catarse, e o significado deveria ser imperativo: não morra antes de escrever ouvindo Brahms.

Maria Catarina de Sousa Martins Canas

Coimbra – Portugal

Ilha

Eu vivo rodeada de água, em suma sou uma ilha
Olho em volta e nada mais vejo que água
em que mergulho e me refresco
e me dissolvo.
E tento viver numa gota de água.
Mas a gota pertence ao todo do mar,
e per si não sobrevive.
Assim preciso do todo
e mesmo ilha, preciso do mar.
E do ar e do sol e do azul do céu.
E de respirar a vida ao segundo
e do mundo nas minhas mãos.
Carpe Diem

Maria Elza Fernandes Melo Reis

Capanema/PA

Somos iguais

Sou negra, índia, cabocla e mulher
Porque discrimina minha cor, minha fé,
Minha cultura e meus sonhos?
Minhas cores estão acima da pele
Dos cabelos e olhares
Estão no arco-íris
No pôr-do-sol das minhas saudades
Nos abraços e na luz da lua
Minha fé é divindade
Minha cultura é capacidade
Meus sonhos infinidades
Sou uma cidadã comum
Tenho sentimentos
Sei sorrir, sonhar e viver
Pinto unhas e uso batons
Porque me olhas tão diferente?
Sou mulher, musa, sou gente
Sou mistura de cabocla com índio
Sou liberdade e resistência
Empoderamento e persistência
Moro na cidade, periferias e aldeias
Porque tua riqueza me odeia?
Se sou igual a ti!
As diversas formas de desigualdades
Desvantagens e exclusão social
Só me diferenciam de ti
Porque na tua essência não existe amor.

Maria Ioneida de Lima Braga

Capanema/PA

Passageiros do Abandono

És passageiro do abandono...
coração que já perdeu as horas,
o tempo nunca foi teu aliado.
e tuas noites doem mais,
És um ser humano abandonado.

Mendigo, mendicante, esmoleiro, esmoler
morador de rua, pedinte, indigente
sem- teto ou sem-abrigo.
Pobre vítima de um sistema negligente.

As pessoas abandonadas nesse mundo...
Carregam marcas de diferentes realidades,
e a interminável agonia da desesperança,
e a morte das possibilidades.

A dor está plantada na terra seca
do descaso, da ganância, da frieza das multidões...
E o desalento do íntimo chora nas noites escuras,
enquanto dormem
os indisponíveis corações.

Maria Pia Monda

Belo Horizonte/MG

Gatos de rua

Um barulho interrompe a sequência de seus pensamentos, chamando-a de volta à realidade, após uma suspensão cuja duração nem ela saberia quantificar. A princípio, ela olha ao redor, confusa. Em seguida, identifica de onde vem o ruído.
A alguns metros de distância - ela deve apertar os olhos com força para poder ver - um homem está tentando agredir um animal. Um cachorro? Não, é um gato. Ele tenta chutá-lo, mas o bichinho com um movimento rápido consegue escapar.
É uma cena que não dura muito, que mal interrompe a tarde e a tranquilidade silenciosa daquele vislumbre dos subúrbios, em que alguns trechos de verde soltam a respiração de quem procura uma breve folga do cimento, do alcatrão e dos gás de descarga.
Depois, como se nada tivesse acontecido, o homem se afasta e o gato faz o mesmo, mas na direção oposta.
Para dizer a verdade, observado de longe, nem parece um gato. Ele avança em pequenos passos, leve como uma pluma, como se manter-se de pé e equilibrado lhe provocasse um esforço enorme, movendo-se por inércia e em harmonia com os sopros suaves do vento e não por uma vontade precisa de avançar.
Lara olha para ele com curiosidade. Poderia ser um filhote ou um espécime adulto, que cresceu em condições desesperadas e, portanto, ficou extremamente desnutrido. De vez em quando, ele para e, naqueles momentos, não se parece mais com uma pluma, mas com um entulho, um resíduo, na melhor das hipóteses uma pedra escura e anônima, que não acrescenta nada e nada tira da natureza acidental do caminho que serpenteia à beira dos canteiros do parque.
À medida que se aproxima, o contorno do corpo debilitado se torna mais visível e digno de compaixão. Lara gostaria de ignorá-lo, desviar o olhar daquela visão dolorosa, mas não consegue. Ela é fascinada, hipnotizada por aquele ser tão frágil, mas tão visivelmente teimoso.
Quando ele está prestes a alcançá-la, quando só faltam alguns passos para flanquear o banco em que ela está sentada, Lara faz um verso tentando atrair sua atenção. Surpreendentemente, o gato ouve, para e olha para ela. Tem olhos turvos, escondidos sob resíduos de muco seco. Então, ele começa a andar novamente, balançando como a lâmina de um pêndulo antigo.
O gato se aproxima, se deixa acariciar.

Ao tocá-lo, Lara não se importa que ele possa ter pulgas. Nem mesmo a idéia de que ele possa transmitir-lhe alguma doença a toca. O pêlo está arrepiado e sujo. Em alguns lugares, o pêlo falta e têm partes da pele cobertas de crostas e feridas profundas, vestígios de sarna ou brigas furiosas.
Quem te reduziu assim?
Em resposta, o gatinho ronrona - parece quase feliz - e a esfrega entre os tornozelos.
Espere, vamos ver se tenho algo para você.
Lara abre a mochila, remexe um pouco e pega o pacote de bolachas com as quais ela pensara fazer um lanche.
Eu acho que você precisa mais do que eu, certo?
Lara é muito magra. Tem pulsos finos com uma pele diáfana e branca, marcada por veias azuis como riachos de montanhas altas. Ela deveria comer mais, mas ninguém se importa de dizer isso para ela. Nem ela mesma se importa.
Lara mora sozinha. Lara està sozinha. Mesmo se ela divide o apartamento com duas colegas da faculdade.
As costas do gato estremecem sob seu toque e, em troca, Lara se dà conta que, excluindo si mesma, há meses ela não se permite o luxo de tocar em alguém. Ela se dà conta que esse gato é o único com quem ela fala, realmente, há semanas.
Lara abre o pacote e algumas migalhas caem. O gatinho cheira o ar e, seduzido, pula no colo dela. Com as garras das patas de frente, ele puxa um fio das meias escuras, encobrentes, de cento e vinte denier, que ela se acostumou a usar, para que suas pernas pareçam um pouco maiores.
Calma, calma! Ela implora, mal escondendo um sorriso.
Depois tira um biscoito da embalagem e o divide em pequenas porções que coloca ordenadamente nas coxas, como se estivesse preparando um banquete para um convidado especial.
O gato é tão voraz que, em várias ocasiões, corre o risco de mordê-la. Algumas vezes ele consegue. Come o primeiro biscoito em pouco mais de um minuto. Enquanto Lara tira outro da embalagem, o gato lambe as patas, alternadamente, primeiro a direita, depois a esquerda, o nariz mantido baixo, apontado para o ponto em que pouco antes havia os pedaços que rapidamente devorou.
Lara começa a quebrar o segundo biscoito e o gato a atrapalha freneticamente - talvez ele esteja tentando ajudá-la - movendo as patas como se quisesse dizer, *apresse-se, mova-se!* O gato a arranha, mas sem machucá-la.
Mais tarde, em casa, Lara encontrará pequenas feridas avermelhadas nas mãos que não se preocupará em desinfetar.
Desta vez, ela nem tem tempo para organizar as porções, porque a cada tentativa o gato arranca a mordida de seus dedos, engolindo-a quase sem mastigar.

Você estava com muita fome, hein?
Lara se vê invejando-o por sua voracidade, pela maneira pela qual, através daqueles pedaços secos e salgados, o gato parece estar engolindo possibilidades inteiras de vida. Ela poderia levà-lo em casa. Tem quase certeza de que, se ela tentasse abraçá-lo, ele não resistiria. Ao contrario, ele ficaria agradecido. Por tê-lo olhado, por tê-lo acolhido, por tê-lo salvado. Afinal, não é isso que todo mundo, incluindo gatos, está procurando?
Sim, ela o levará para casa, o levará com ela. Cuidará dele. Irá alimentá-lo, se preocupará com ele. Talvez ele irá até amá-lo. E isso poderia ser o começo de algo bom, algo que gradualmente a ajudará a se amar. Porque amar-se é a única coisa que Lara realmente precisa.
O segundo cracker termina mais rápido que o primeiro. Lara está se preparando para tirar outro da embalagem, mas de uma maneira inesperada o gato sacode, como se estivesse irritado, e pula.
Ei, espera!
Ele não a escuta. Ele nem se vira para olhá-la. Nem um pequeno aceno de cabeça, nenhuma forma de gratidão.
O gato vai embora e, dessa vez, é rápido. A pequena refeição parece ter fornecido energia suficiente para revigorá-lo. Ele não percebe o que recusou, o que deixou para trás. Mas é algo que ele nunca conheceu - consideração, cuidado, amor - por esse motivo, o gato não sente nem necessidade nem falta disso.
Quando ele chega ao portão do parque, atravessa-o rapidamente.
Lara deseja que ele se vire para cumprimentá-la.
Mas ela sabe, Lara sabe, que os gatos não dizem tchau.
Este gato nem sequer lhe disse miau.

Maria Vania e Jacilene Bandeira
Itaituba/PA

Invólucro

Era uma linda tarde de primavera. O dia estava ensolarado. O deslumbrante verde das árvores e a floração das plantas tornavam as praças um encantado jardim perfumado, principalmente para a pequena Pérola, que depois de alguns passos a mais, resolve sentar-se em um banco ao lado de uma bela roseira e fecha os olhos para ouvir a canção de um carro de som que passava a poucos metros dali.

Após aquele momento, seus pensamentos, como um invasor ousado, fazem-na refletir o que estava a fazer ali sozinha naquele banco de praça. Sentindo um arrepio que percorre todo o corpo, sente alguém tocar a sua mão. Assustada abre os olhos. Seu chão saiu dos pés, seu coração disparou em um minuto frente à figura rude de seu pai a lhe dar as ordens de "já para a casa para ajudar a sua mãe, amanhã será o primeiro dia de aula".

A alegria tomou conta novamente de seus sentimentos. Sabia que esse seria o dia mais importante de sua vida. Começou a imaginar a sua saia azul preguilhada e bem engomada. Seus sapatos, meias brancas e sua blusa de gola. Que emoção!

Lágrimas começaram a rolar do rostinho de Pérola. Não bastasse receber a notícia de que ela não iria frequentar a escola, nem teve forças para relutar, apenas silenciou e saiu.

Após aquele silêncio, Pérola renasceu todos os dias, brotando como uma semente de uma flor, sendo de espécie única.

Era tarde de domingo quando Pérola estava sozinha e resolve caminhar na praça. Como de costume, abraçou algumas árvores, umas grandes, outras pequenas, comeu alguns frutos, alguns doces e outros azedos.

Os dias foram passando e a força de Pérola tomava conta de seu interior. A cada passo que dava, aproveitava para abrir seus olhos e enxergar sempre um novo dia, uma nova esperança.

"Nunca é tarde demais para novas águas do rio correrem para o mar, nunca é tarde demais para ver os raios do sol brilhar." Pensava Pérola. Ela, que tinha seus tesouros escondidos em sua alma, e, em sua mente, a chave que abria portas da sabedoria para um mundo de liberdade. Era como uma abelha procurando a sua colmeia para trabalhar.

Em uma manhã de sábado, a movimentação na casa de Pérola não estava como de costume. Pessoas fazendo arrumação, mesas, flores e prataria nova exposta. "O que será que estava preste a acontecer?" Imagina Pérola no seu silêncio.

Logo mais, ao entardecer, pessoas bem vestidas chegando, sendo recepcionadas pelo pai da pequena Pérola, que chama a sua mãe e cochicha em seu ouvido. Pérola sente uma sensação diferente naquele momento. Logo a sua mãe começa a lhe arrumar com um deslumbrante vestido azul e um laço no cabelo. Pérola parecia uma princesa dos contos de fadas. Que dia emocionante para ela! Seus 15 anos! Imaginava a grande surpresa que estava por vir. Seus parabéns, cortar o bolo, o primeiro pedaço, o seu pedido. Era muita emoção para aquele momento mágico.

Todos se divertiam, bebiam, comiam e dançavam. Pérola não via a hora do momento de sua valsa com aquele que somente ela sabia ser o seu príncipe.

O grande momento chegou, o pai se dirige à frente e pede a atenção de todos e anuncia o noivado de Pérola com aquele que ela jamais havia conhecido. Seu coração bate descompassadamente. Sentiu-se mal. Alguém lhe oferece um copo com água e ela desmaia. Alguns minutos após ter recobrado a consciência, seu amado, segurando a sua mão sussurra em seu ouvido "vá para o lado de fora disfarçadamente" e ali, em seu cavalo preto, os dois correm em disparada,

aliviando o seu desespero e acalmando o seu coração. Como poeira no mar, os dois desaparecem.

Sim, o mar, essa seria a rota de fuga do lindo cavalheiro e sua amada. Eles precisavam ser ágeis para se distanciar da ira do seu prometido.

Viver esse amor não foi tão fácil assim. Havia um grande mar a percorrer, também havia tempo suficiente para o romance perfeito. Pérola, envolta nos braços de seu amado, reflete "Uma mulher, uma canção com o seu tom, uma mulher, um mar de imensidão."

Pérola admirava essa imensidão do mar, ao mesmo tempo, lhe causava medo. O mar tinha calmaria e fúria, bravura, beleza, mistérios. E foi assim, revolto em sua bravura, que causou o naufrágio do seu navio. Pérola em meio ao desespero nadou com suas longas braçadas ao lado de seu amado. Os dois rumo às margens a olharem a imensidão vencida. O coração de Pérola bate mais forte ao viver tamanha aventura.

Assim é Pérola. Vive a cada dia, no mar da vida, navegando por águas desconhecidas, no qual enfrentou tempestades terríveis, e viveu momentos devastadores. Em meio à vastidão do existir, intensificou a sua luta na grandeza de ser e de contemplar a beleza do mundo em sua volta, mergulhando no tudo é possível de ser, quando acredita ser.

Marione Cristina Richter
Venâncio Aires/RS

Abduzida

Fui abduzida. Sei que fui. Na verdade, foi a melhor explicação que encontrei até agora para o que me aconteceu. O que me aconteceu? Vou explicar.

Um dia, me arrumando com calma no banheiro levei um susto ao me olhar no espelho e não reconheci aquela mulher que me encarava. Pálida, envelhecida, com olhar cansado e triste. Esta não sou eu.

Minha alma ainda é jovem, rebelde, cheia de sonhos. Carrego na memória, ainda vívida, a minha imagem com os cabelos longos, brincos estilosos, o batom vermelho realçado em meu rosto sempre pálido, combinando com minha camiseta dos Ramones, não como estas de hoje, que também são legais, mas, que qualquer sertanejo usa porque acha que é modinha. As músicas da época me fazem sorrir até hoje.

Por estas coisas que digo, esta mulher não sou eu. Ou abduziram apenas a minha alma e me devolveram num corpo qualquer ou este é mesmo meu corpo que envelheceu enquanto eu estava no espaço. Ouvi dizer que no espaço se

envelhece mais devagar. Se essa não for a explicação, então, como foi que me perdi de mim desse jeito?

Hoje, enquanto me olho no espelho, penso em pintar o cabelo para colocar cor nesta imagem amarelada. Sempre quis ser uma morena de olhos azuis. Pelo menos os olhos continuam azuis. Mas atualmente penso em pintar o cabelo de azul ou roxo. Acredito que enquanto estudavam a minha mente, viram apenas a cor preta, minha mãe que reclamava. Deviam achar que eu não conhecia cores ou morava numa caverna e implantaram estas duas em mim e agora quase tudo o que compro ou é, ou tem azul e roxo, e agora quero isto no cabelo também. Coisa de alienígena.

Ao perceber estas mudanças em mim passei a prestar mais atenção ao meu redor. Que mundo é este. As coisas que sonhei para o futuro, nada se concretizou, e o mundo idealizado se perdeu no caminho.

As pessoas estão raivosas, agressivas, e depois eu que era a rebelde sem causa. Peguei todo o início da internet, e quando pensei que as pessoas se alimentariam de conhecimento através do fácil e rápido acesso a ele, as pessoas estão cada vez mais mergulhando na ignorância. Tenho a impressão até de que acham graça nisso.

Pensando melhor, devo é estar dentro de um simulador criado pelos alienígenas para testar meus nervos. Não recomendo. Vai que eu explodo e ficamos todos perdidos no espaço. Sinto que estou próxima disso.

Quanta dúvida. Fui abduzida? Estou num simulador? Estou cercada de alienígenas? Uma certeza eu tenho, quero ir para Marte, e você vai me perguntar, por que não para a Lua, e eu respondo, a Lua é logo ali, dá para ver daqui, e se é para ficar tão perto, então me deixa onde estou. Vai saber o que os alienígenas planejam para mim.

Mayanna Velame

Manaus/AM

Conspiração

@portugues_amoroso(Instagram)

@portuguesamoroso (Facebook)

Moises Souza do Nascimento

Araioses/MA

Foi a ponta do aicebergue

É que a gente tinha tudo
Tudo para ser feliz
Cogitei o casamento
Naquela igreja matriz
Ah como eu gostava
Quando tu encostava
Teu nariz com meu nariz.

Tu disse que me amava
Com ar de seriedade
Eu me achava o mais feliz
Dessa droga de cidade
Me senti dono do mundo,
Pois no peito lá no fundo
Eu pensava ser verdade

Te flagrei cair na falta
E meu mundo veio ao chão
Ver tua boca em outra boca
É como uma embarcação
Colidir com aicebergue
E hoje nada me ergue
Pra eu sair da depressão.

Não me venha com perdão
Teu perdão peça pra Deus
Não ouse se quer jogar
Os teus olhos sobre os meus
Meu amor era eterno
Anote no teu caderno
Prefiro ir pro inferno
Do que ter abraços teus.

Instagram: eita.moises

Natanael Vieira

Maranhão

Final de noite

"Ao final da noite
Você se reencontra.
Mesma ocasião
Mesmo móveis
Tristezas e imensidão.
A dor está presente
A lágrima ainda desce dos olhos
E escorre pelo rosto.
As lembranças são fadigante
O medo de falecer é constante
E as energias falham
Assim como sangue
E o batuque do coração
Insistem em continuar.
Às vezes, tudo é escuro
E o caos se abre
E esse ser, esse louco
Cai e desaba.
Ao final da noite
Ele vê que sempre esteve só
Mesmo quando estava cercado por multidões.
Ele se olha no espelho e sente seu rosto sangrar
Ele sente sua alma andando ao precipício
E ele não para.
Porque ao final da noite
Ele se reencontra com a mesma solidão de antes".

Nercy Grabellos

Rio de Janeiro/RJ

Homenagem a minha mãe

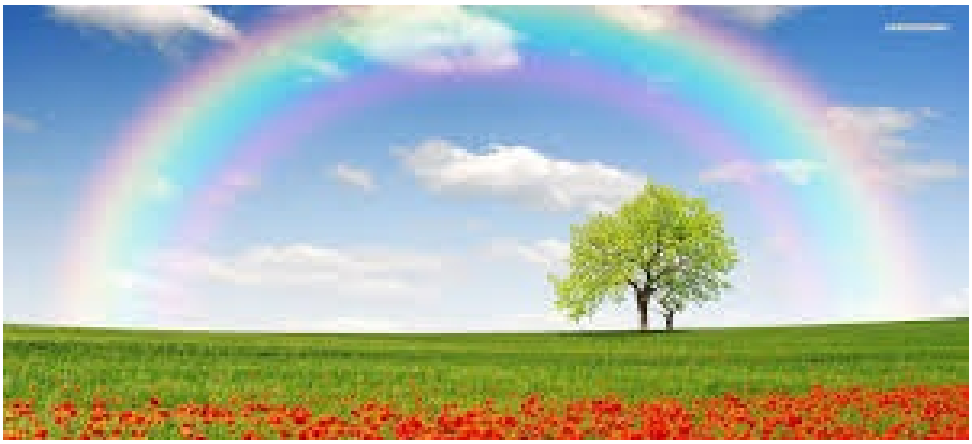
Mãe
No teu ventre fecundo
Pude me abrigar
Trouxeste ao mundo
Este ser peculiar
Assim é a vida

Foste uma guerreira
Para me criar
Com o olhar acariciar
Legando esperança
Numa bem-aventurança

Mãe
A flor mais bonita
A tua bondade infinita
Tocando o meu coração

Transmitindo alegria
Se ficasses aqui sempre
Quão boa a vida seria

Mãe
No dia que partiste
Fiquei aqui tão triste
A vida perdeu o encanto
Sozinha aqui no meu canto
Minha alma buscando abrigo
No teu ventre amigo
Serás eternamente
Minha mãe



Olidnéri Bello

Fortaleza/CE

Deslizando em um arco-íris

A vida, em corda bamba nas alturas,
É o percurso de um malabarismo
Em que se alternam alegrias e agruras,
Driblam-se os medos, evita-se o abismo.

Para tão efêmero caminho,
Por que tão oscilante corda?
Melhor seria um outro vizinho,
O arco, aquele de colorida borda.

Sob sol e chuva, sete cores,
Uma para cada dia da semana.
Mas, se pensa em deixar dores,

Sua fugacidade não me engana,
Em sua outra ponta, novos rumores
De sorte infinita, eis o que disse a cigana!

Ovidiu-Marius Bocsa

Romênia

Moscou não acredita em lágrimas

Meninas do albergue dos trabalhadores,
Onde o segredo de Vladimir está escondido,
Procurado como Adão e Eva alimentam
Um sonho sacre do evangelho secreto.

Na festa, pode haver muitos rostos:
O primeiro pretendente era um trabalhador;
O segundo, como tipo de perseguidor
Guiou-os a lugares tabus.

O terceiro, tipo de Raskolnikov,
Deixe sua garota grávida de beleza:
Deixou-a porque o amor era um dever
Para a Rússia, Rubliov e Sholakhov.

Seja sofrimento ou alegria - para ouvidos surdos:
Moscou não acredita em lágrimas.

Patricia Hradec
Guarulhos/SP

A Adoção

Decidiram não voltar para a casa cedo, queriam espairecer, apenas os dois naquele começo de noite. Depois de um certo tempo, decidiram ir até um *Pet Shop*, embora não tivessem animais de estimação, o filho gostaria de presentear o cão do tio, um mestiço ainda filhote, que ficava todo animado cada vez que o menino o visitava.

Acharam que seria um bom passeio e em poucos minutos chegaram ao destino. Rodaram para procurar um brinquedinho, diante das enormes prateleiras, tudo parecia encantar.

De repente, ela estava lá. Olhando através do vidro, como se fosse um peixe, ao invés de um gato. Seus lindos olhos azuis eram cativantes. Não miou, não reclamou, apenas olhou com a altivez típica dos felinos. No entanto, era decadente ver aquele animal tão lindo em exposição, e ao mesmo tempo tão triste, apenas uma superfície elevada onde o animal se exibia e algumas vasilhas com comida e água, além de um banheirinho tradicional.

No vidro, havia uma placa que dizia: "Cinzinha", esse era seu nome. Mas no mesmo ambiente, outros animais estavam expostos: "Branquinha", uma gatinha com os olhos tristes, "Milagre", um gatinho cinza que parecia ter sofrido muito e talvez sua existência fazia jus ao nome, e um outro que não tinha nenhum nome na placa e que os dois o apelidaram de "Sr. Roland", um gatinho muito magro de 3 cores: branco, bege e preto. Parecia aristocrático, mas quando via pessoas observando-o ficava miando, tentando chamar a atenção.

Do outro lado havia uma atendente arrumando as prateleiras e bem perto dela, todos os tipos de roedores: porquinhos-da-índia, coelhinhos e *hamsters* de todas as cores. Mas aquela gata chamava a atenção do jeito dela, apenas com seu olhar penetrante e curioso.

A mãe decidiu perguntar o motivo daqueles animais estarem naquelas disposições e a atendente prontamente disse que os animais estavam ali esperando para serem adotados.

Na mesma hora, a mãe decidiu pedir autorização para o pai, que havia ficado em casa descansando, afinal se a casa poderia ter mais um morador essa decisão caberia a família toda.

A curiosidade e a esperança do menino cresciam cada vez que a mãe meneava a cabeça. Depois de um tempo, soube-se a sentença: um categórico "-NÃO!" Não daria para ter um animalzinho de estimação em casa, seria difícil cuidar de tudo, mesmo com as promessas do garoto de que se responsabilizaria pela gatinha e seria, para sempre, seu amigo.

Foram embora mais tristes de que quando chegaram, e definitivamente o passeio para espairecer só trouxe mais tristeza. Pensar naquela gatinha tão cativante, lá, sozinha, sem perspectivas de uma vida melhor, era devastador.

No dia seguinte, o menino acordou triste, mas foi para a escola como fazia todos os dias. A mãe também triste por não poder ajudar, nem a gatinha e nem o filho, decidiu conversar com o pai. O pai argumentava que não queria ficar preso em casa, sem poder viajar. Queria poder pegar sua família e passear. Pensava no bem-estar do bichinho, pois caso ficasse sozinho, poderia sofrer ou mesmo ficar pior do que na loja para adoção.

Depois de muita discussão, chegaram a um acordo! Se o menino se comprometesse a cuidar da gatinha também, poderiam buscá-la. A mãe decidiu fazer uma surpresa para o garoto, mas a gatinha não era fácil de ser adotada, a adoção precisava ser responsável, e depois de preencher um formulário e conversar com a veterinária de plantão, descobriu-se que as plaquinhas com os nomes estavam erradas, na verdade, ela era a "Branquinha".

O pensamento da mãe sempre foi: "se tiver que ser, será!"... Mesmo assim, o garoto ao chegar da escola percebeu uma certa ansiedade na família. E depois de muita especulação, ele soube que seus pais estavam tentando adotar a gatinha.

O dia passou e no dia seguinte, a ONG, que cuidava dos animais para adoção, sabatinou a mãe. A ansiedade era tanta que quando a ONG disse sim, foi aquele chororô. Não se sabia quem chorava mais, se era a mãe ou o filho!

Foram buscar a gata na mesma hora, e quando a pegaram descobriram que o amor é incondicional. Aquele animalzinho tão lindo, já havia sido batizado de Fifi, um nome fácil, curto, ágil e bonito feito a dona.

Lacinhos e perfume se espalharam pela casa. A princípio, Fifi ficou ressabiada e por algumas horas parecia que tinha ido para outra dimensão, ninguém conseguia achá-la.

Mas, depois de um tempo, conseguiram encontrá-la embaixo da cama do menino. No primeiro dia, ela explorou apenas o quarto do garoto; no segundo, explorou o quarto dos pais; no terceiro, conseguiu explorar uma parte da sala e assim foi até ficar familiarizada com cada cômodo.

A família ficou feliz com a mais nova integrante: Fifi, que não só gostou do nome, como também se sentia feliz, ronronando para cima e para baixo na casa e nos colos dos novos familiares. Em pouco tempo se adaptou com sua caixinha de transporte e no uso de uma coleirinha brilhante, que ela exibe toda feliz sempre que sai para passear com a família.

Todas as vezes que eles escutam sobre abandono de animais, se surpreendem com tamanha maldade. Sabem que a adoção deve ser consciente e sempre que possível, ajudam ONGs e novas famílias a achar esses bichinhos, em estado de adoção, que tanto alegram nossas vidas.

patriciahradec@gmail.com
https://www.facebook.com/patricia.hradec.1

Paulo Cezar Tórtora
Rio de Janeiro/RJ

A Mata e o Vento

A ventania, em vórtices velozes,
Revolve a verde copa do arvoredo.
Agita a mata e todo seu folhedo,
No sussurrar insano de mil vozes.

As folhas fremem, frágeis, farfalhando
E, levantando, loucas, em lufadas,
Redemoinham, como almas penadas,
Enquanto explode o vento, vez em quando.

No seu rumor de ramos recurvados
A mata chora em tons entrecortados,
Abrindo os braços num grandioso grito.

Meu coração, também em desatino
— oh, mata! — tem o mesmo vão destino
— bradar suas penas num eco infinito...

Paulo Luís Ferreira

São Bernardo do Campo/SP

Seja Você, Faça-se de Louca

Sente-se enfadada de tudo e de todos? Já não mais suporta tantas cobranças e leviandades entabulando regras e presunções? Você acha que suas causas e anseios estão caindo no vão dos abismos? Ou se acha desacoroçoada, perdida no mundo e tem receio de não mais se encontrar? E que, por tudo isso, está em busca de sua independência? Pois então, façamos uma brincadeira do tipo: o que você quer ser para crescer.

Suponhamos que você queira, hoje, realizar um sonho nunca dantes imaginado. Tendo em vista que o enredo da vida não é destino, mas circunstâncias, que sonho seria esse? Não, não aquele sonho de quando dormimos, mas daqueles quando sentados no banco da praça, seja *ruandando* por uma cidade vazia de um domingo à tarde, ou até mesmo, quando, na cama, esperamos o sono chegar; visto ser nessas horas que construímos as histórias, as vontades mais inimagináveis; os arbítrios mais estrambóticos, porém todos perfeitamente realizáveis, pois somos nós mesmos quem nos damos todas as regras e os desfechos possíveis! Prepare-se, pois ao contrário dos concursos de miss mundo, você vai desfilar sua beleza interior. Para tanto, tenha coragem, sinta-se como se estivesse arrancado dos braços da Madame Pompadour, seu amante o Rei Luiz XV, e com ele bailado pelos salões do Petit Trianon, esvoaçando-se. E dessa maneira passe a executar não um sonho nem um simples desejo, mas todos os propósitos. Vamos juntos cinzelar sua história, o desejo e o sonho em si mesma. Sendo Você. Digo: "vamos juntos", porque sinto em mim ser eu mesmo você também, portanto não se assuste: eu sou aquele que te tem apreço. Há entre nós uma corrente que nos aprisionam.

Antes de tudo, porém, é necessário que te faça este adendo explicativo para que se faça melhor a compreensão do que vou te dizendo, porque, do ponto de vista da linguagem impregnada, cumpre notar que o signo usado pelas ciências e

filosofias é o mais preciso possível, além de tender para o universal. Visto que, por assim dizer, quando se diz que "o quadrado da hipotenusa é igual à soma do quadrado dos catetos", iremos enunciar um princípio em que o sentido de cada uma das palavras, e ou, das sentenças, será imutável e universal, podendo, inclusive, ser representadas por signos que, apesar de serem apenas palavras, pois as palavras não são univalentes; ao contrário, são polivalentes, isto é, tem mais de um valor, mais de um significado, podendo variar de leitor para leitor. E, exatamente nessa possibilidade de escolha, nessa polivalência dos signos, está uma das maneiras de distinguir obra científica ou filosófica de obra literária.

Comecemos por forjar sua saída do trabalho pelo meio da tarde, um pouco antes do cafezinho. Faça-se de louca. Largue tudo o que estava fazendo. Fique quieta. Não se bula. Acalme os arrebatamentos, aguce o silêncio e os sentidos. Passe a esculpir em você mesma uma cara de louca *inencontrável* em qualquer parte do mundo. Construa com minúcias uma aparência descompromissada. Faça um silêncio cavo, pois foi sobre este mesmo silêncio que alguém já disse que a palavra mais precisa ou a que mais se precisa dizer só fica pronta depois de muito, muito silêncio. Aliás, sobre o silêncio, até podemos dizer, ser ele, um idioma diabólico, visto ser esta a única linguagem que o Diabo respeita. Consequentemente tome cuidados para que nem mesmo os olhos façam barulho ao se mexer. Tente passar essa ideia com um olhar de brilho porcelâmico e a maciez do algodão. Deixe-os imersos na dúvida e sujeitos a todos os malefícios do silêncio. Perceba que todos estão entre preocupados e penalizados por você. Mas eles estão mesmos é estupefatos. Acham que você está surtando, contudo, e em verdade, essas pessoas lúcidas são completamente loucas. Mas não se afobe, a coisa vai ficar pior. Ninguém vai sair agora. Lá fora uma tempestade inundam as ruas. O tempo está muito ruim para quem não gosta de cachorro molhado e lama. Os esgotos estão transbordando em profusão. O fedor é de merda pura.

Todavia deixe bem claro suas intenções. Mostre para eles num simples pestanejar de olhos que a publicidade e o *marketing* são um imbróglio que só servem para alimentar os imbecis; que a felicidade não se compra em suaves prestações. Faça-os entender que é na escuridão, longe das luzes de neon, que se enxerga melhor. E diga sem muitas pretensões que você faz parte do grupo das mulheres lindas e loucas e nunca ridículas. Finalize dizendo numa frase lapidar que, devido a isso, suas cinzas da pós morte será poeira com gosto e cheiro de mulher que foi bem amada. E diga-lhes também que sua *causa mortis* já está prescrita e tecida como num poema; "Feneceu numa madrugada de festa por excesso de amor, após três fervorosos arrulhos de ais." E não deixe de manter o halo de mistério que você emana. E que, em virtude dessa gloriosa morte, você não está preocupada com as insignificâncias da vida e, muito menos, com as triviais coisas do dia a dia, e menos ainda com as picuinhas do escritório. Demonstre com toda sua impetuosidade que a alegria que você manifesta é a legítima compunção fingida da máscara da morte.

Passe a arrumar seus badulaques que estão sobre a mesa, de tal forma meticulosa, que nada fique fora de lugar. Arrume tudo o que havia desarrumado

durante o dia em sua lida diária. Cale aqueles que estão em volta, abafe os comentários frívolos e idiotas com uma atitude viril. Seja drástica: faça uma fogueira para queimar os espíritos corrompidos e por fim transforme sua substância incorpórea em pó. — embora não seja a maneira própria de se portar de uma moça tão decente como você, (mas...) — Arreganhe os dentes transformando seu rosto numa caricatura infernal. Divirta-se, afaste do espírito preocupações ou problemas. Não se acabrunhe. É estupidez pedir aos deuses aquilo que você pode conseguir sozinha. — já dizia Epicuro — Bafore um pouco do seu hálito pelo ambiente. Mostre sua exoticidade no tratamento com as coisas banais. Procure denotar com um movimento sutil dos lábios que acabou de saborear um delicioso molho tártaro sobre um filé de rabo de jacaré grelhado na brasa. Em seguida desfile pela sala como se estivesse no Deserto do Saara. Experimente observar um camelo olhando fixamente na cara de um dos espectadores. Regojize-se. Neste mesmo olhar ostente seus conhecimentos empíricos. Você não assistiu ao 2001, uma odisséia no espaço? Então!... É isso! Faça-os compreender o elo existente entre você e o macaco; a transposição macaco/homem/anjo, o osso e a espaçonave; e assim falou Zaratustra, o Danúbio Azul e a cor da Terra! Mas não se esqueça de manter sempre a cara de louca descomprometida e ao mesmo tempo afogueada. Lembre-se! Você está prestes a se emancipar do mundo.

Nesse momento comece a preparar sua saída triunfal. Saque seu arco e flecha do armário e aponte para o relógio. Espere o cuco aparecer e mire em sua fronte. Atire. Pare o tempo. Não se preocupe com a cara de espanto deles. Mas seja tolerante com o assombro alheio.

Agora vista seu *blazer*, tranquila, bem de mansinho; arrume a lapela, acerte o broche; saia sem se despedir de quem quer que seja. Se você der uma leve ressabiada com o olhar vai perceber que todos estão incrédulos naquilo que estão assistindo. Não se preocupe. Comporte-se como o espelho reflita só o que você vê. Não dê bolas. Saia como se para você acabara o expediente. Mas não demonstre nenhuma empatia com a assistência surpreendida. Aja como se fosse a Lady Macbeth. Sem remorsos, sem delongas.

Mantenha-se altiva. Impoluta. Não se amedronte, eu estarei consigo seja a onde for. Nada de grave está acontecendo com você. Na saída bata a porta com vigor. Mas antes demonstre ternura, passe um olhar cândido no ambiente incluindo as pessoas que estiverem pela frente. Caminhe impávida. Transpareça denodo. Não se apresse. Nada de grandes passadas, ande passo a passo, — aliás, venhamos e convenhamos à senhorita é um deslumbre em seus saltos altos, uma beldade de elegância! — Com esta atitude você estará informando para eles que não és dada as coisas que não te fazem feliz.

Do meio do corredor você volta. Não denote, apenas conote estar sofrendo momentaneamente de desarranjo intestinal. Ao chegar a sua escrivaninha comece a se despir. Fique apenas de calcinha, — que deverá ser de renda fina branca. — Retire da gaveta uma toalha e cubra um dos seios, o outro deixe à mostra, para que acentue sua beleza, e ao mesmo tempo exibindo o real símbolo

da fertilidade. Pegue da gaveta o sabonete, vai aproveitar o ensejo para tomar um refrescante banho. Caminhe para o banheiro. Cantarole uma melodia qualquer, de preferência aquela que fala: "Eu fui ao Tororó beber água não achei... Encontrei belo moreno que no Tororó deixei..." Volte do banheiro se secando na toalha. Com toda essa cena você acabou de provar que a vida é bem diferente daquilo que acontece no cinema.

Aliviada do transtorno causado pela soltura intestinal, você está levemente atormentada pelos enigmas desse mundo em que você não enxerga nada. Esse mundo invisível onde só se vê o sobrenatural, que também é invisível. Entretanto desanuvie essas coisas da mente. Você não tem esse hábito de pensar no existencial, nesses ocos da vida. Vista-se galhardamente sinta-se elegante. Force sua aparência. Confronte-se com o espelho e deixe-o que a contemple em suas incógnitas. Mire-se nele. Passe os dedos por entre os cabelos, afofe-os com as mãos, balance a cabeça desmanchando o que havia feito. Você é uma grande atriz, mas seja sutil demonstre sua virtuose interpretativa. Passe a impressão de que escuta uma melodia angustiada numa noite de luar diáfano à boca da clareira de uma floresta, cujos animais bravios lhe espreitam. Procure nesta mesma interpretação passar a informação de que amanhã você vai fazer o rotineiro Exame Papanicolau. Não se acanhe por isso, faça-os sentir seus gestos informativos naturalmente. Aproveite e formule uma pergunta em gestos mímicos sobre geometria: "Quanto terá de comprimento uma casca de laranja de 25 centímetros de diâmetro cortada em finas tiras de 6mm de espessura? Não, não espere resposta eles não vão responder nada, porque nada sabem.

E não se abespinhe! O que você tinha que fazer você já fez. E está fazendo. E está mais do que bom. Essa gente merece o governo que tem que teve e que vai continuar tendo por muito tempo. Eu sei que você almeja a autogestão da vida cotidiana e a real sociedade. Tudo isso é muito bom, muito bonito, entretanto nós sabemos o quão difícil é construir isso, mas sossegue você está no caminho certo. Lembra daquela antiga frase que escreveram em um muro de Paris, **"**A humanidade só será feliz quando o último direitista for enforcado com as tripas do último esquerdista?" Pois então, é isso. De que valem os sentimentos contra os canhões e a bestialidade! De qualquer forma dê a entender para eles que a sua vontade mesmo é de ir a Brasília, matar todos os ratos e o verme contemporâneo, com hidroquinone, carbonato de sódio, hipossulfito e metabissulfito, sulfureto e ferrocionureto, esporão de Volte ao seu natural. Espreguice-se como se acabasse de sair de um grande transe hipnótico. Imite os gatos: estique os braços, as pernas, contorça o pescoço sobre os ombros, como se um arco fosse. Massageie as mãos. Não se esqueça dos exercícios faciais, faça biquinho e estique os lábios. Boceje com gosto e vontade. Cause uma boa impressão. Esfregue o rosto com sofreguidão, dê-lhe algumas palmadas. Torne-se impassível. Sossegue. Não se preocupe, eles estão acuados. Quer dizer, estão com os cus premidos na parede. Estão assustados.

Do lado de fora a tormenta continua. Os monumentos tombaram, as ruas e as praças são fossas a céu aberto. A cidade é uma catástrofe escatológica, apocalíptica. Pelo lado de dentro, você os obrigou a repensar conceitos antigos.

Volte à atitude da *Lady* inglesa, mas agora faça como a outra, a Lady Godiva, — a nobre condessa que ficou nua por seu povo —, dê a entender que está completamente nua montada em seu cavalo branco desfilando pelas ruas de Conventry. Passe pela porta indiferente a tudo e a todos. Amanhã será um novo dia. Mas preste atenção: ao chegar sinta-se e demonstre indiferença, como se nada houvesse acontecido na tarde anterior.

Agora se despeça como se fosse uma bela canção a borboletear pelo ar. Sinta-se como se estivesse em um vale de lágrimas colhendo lírios em um vasto jardim, desfile pelo cenário passe os lírios em seus narizes para que eles também sintam o aroma que você está sentindo. Prove para eles, assim como a própria flor, o sentido da pureza. Demonstre exuberância nesse gesto, faça-os sentir a delícia de ser o que você é, pois é a confiança em si que forma a diferença, o limite entre o fazer e o não fazer, o sucesso e o fracasso. Seja magnânima, desfrute os olhares atentos e alheios da assistência. Deixe o cheiro de seu corpo impregnar o ambiente inebriando-os de prazer e observe a expressão de gozo. Faça-os pressentir que o amor que fica é o sentido absoluto da palavra saudade, e isso eles vão sentir bastante de você.

Ah! Deixe um convite sobre sua mesa de trabalho para o seu velório, mas com a data em aberto, pois ninguém sabe quando se vai morrer, e não deixe de informar que não vai haver choro nem vela, mas muita música e dança, que o funeral vai ser um verdadeiro baile do Bal Masqué... *Ué,* eu tinha uma coisa a mais para te dizer, mas não sei o quê! Ah! Lembrei... Não se preocupe com o tempo, o tempo liga tudo; o tempo tem voltas e revoltas; o tempo é o propósito e o despropósito de tudo... Pronto; vá para casa tranquila a cidade voltou à calmaria, a casa de Esher, de Allan Poe, ruiu, o pântano está manso, suave, como o rock da guitarra de David Bowie... Mas não olhe para trás, quem olha prá trás vira sal, dizem. Descanse bem. Boa noite.

https://www.facebook.com/pauloluis.ferreira.10

Paulo Vasconcellos

Capanema-Pará-Amazônia

Estarei sempre a versar

Abro a porta para o sol entrar
Entonando a voz na tentativa de uma música cantar
O vento que sopra a me refrescar.
Conjugo as pessoas do verbo amar
Mostrando que o amor é um sentimento a se zelar
Serenidade ao ser implementado o linguajar
Para que não seja causado nenhum mal estar
e as boas intenções se encaixem no termo gostar
Tudo de acordo com o que se planejar
Usando-se a exuberância de forma salutar
Encontrando a medida certa para se ajustar
e o ponto ideal do quesito acomodar
Porque o sinônimo de amor é amar.

Pedro Leal Quaglio

São Paulo/SP

Breve Relato de Sonho

Um abismo de breu se punha entre ele e a porta, na distância de alguns passos. Um abismo seguro para andar sobre, pois sentia seus pés contra um chão – havia um chão. Lá dentro deveria estar menos escuro; conseguia distinguir uma figura de aspecto imponente e feições indecifráveis; postura ereta, inclinando-se para fora enquanto segurava a maçaneta. Estava o esperando entrar para fechar; devia ser o último, certamente estava atrasado. Sempre estava atrasado. Apressou o passo. Andava como quem tem um compromisso marcado, apesar de não haver nenhum outro elo entre ele e aquela porta que não o simples acaso de estar ali naquele momento, separado por um abismo de breu, andando em sua direção.

Enquanto se aproximava, não pensava no conteúdo por trás da figura que guardava a entrada, a pressa em alcançar a porta ocupava toda sua consciência. Cruzando a entrada, por um segundo ainda procurou no escuro o rosto daquele vulto que lhe segurava a porta, sem sucesso. Ouviu a porta batendo. Olhou ao seu redor. Conseguiu designar a imagem de uma variedade de pessoas espalhadas pelo que parecia ser um grande salão. A baixa luminosidade não permitia distinguir o ninguém, mas deveriam ser todos estranhos, e jovens, talvez estudantes, como ele.

Um clima de apreensão pairava uniforme e ocupava toda sua volta, podia sentir. O que aconteceria lá dentro, afinal? Sentia que se encontrava num daqueles lugares que não existem nos jornais, nas conversas, dos quais não se fala sobre - dos quais um compromisso silencioso convoca todos os conhecedores a guardar segredo, como se uma vontade maior não permitisse ser diferente disso, uma vontade desconhecida, mas soberana. Ouvia as pessoas em volta murmurando, talvez especulando. Por um momento teve a impressão de um silêncio surdo abafar todo o som, e então, de súbito, uma voz como vinda de outro lugar, firme, mas gentil, ocupou com sua gravidade todo o salão: "Agora, as bombas.".

Não houve tempo de reação; pelos cantos do salão, começaram a estourar em uma ordem caótica, mas que não parecia aleatória, "as bombas". Depois de cada pequeno estrondo, seguia-se a liberação de uma fumaça branca e luminosa

erguendo-se do chão, que agora esclarecia todo o entorno, e esclarecia mais, a cada explosão. No misto de medo e confusão que dominava seu espírito, conseguiu situar-se num amplo salão circular, e alto, altíssimo, no ponto de não distinguir seu fim, como um cilindro eterno. Viu as pessoas em volta correndo, a apreensão transmutada em desespero. "Gás lacrimogênio, gás lacrimogênio!", alguém gritou. "Eles querem nos ver chorar, nos fazer chorar!" – soltava em pânico uma voz atordoada.

Ele tremeu. As bombas dispunham-se equidistantemente no perímetro do salão, constantes, e infalíveis em sua ordem desconhecida. Logo uma estouraria perto de suas costas. Estourou. Não havia mais saída. Ele apenas se encolheu, tampando os olhos, esperando que o efeito das bombas se iniciasse; aguardando uma dor insuportável que ainda não lhe era familiar, mas que a imaginação garantia que seria a pior coisa – a pior coisa que haveria de lhe ter acontecido. Esperou. Sentiu a fumaça lhe rodear, uma fumaça úmida. Mas não sentiu nada nos olhos. O efeito talvez demore mais um pouco, pensou. Sua expectativa, entretanto, não se consolidava. Teve então a estranha sensação de uma calmaria dando lugar aos gritos de antes. Destampou os olhos. Em volta, os fios de fumaça liberados de cada bomba subiam em espiral, contornando o salão num regime geométrico, e sublime. Os olhares, antes indistinguíveis no caos anterior, agora contemplavam deslumbrados o desenho improvável que lhes cercava, e seguia se traçando em voltas pela parede do salão.

— Agora, voem. – pontuou a voz imponente no mesmo tom de antes. Era uma voz feminina.

Um absoluto estranhamento o dominava. Voar? Tudo aquilo inspirava absurdo; estava num lugar ininteligível. De súbito, olhando para cima, viu-se contemplando o corpo perfeito de uma mulher jovem, com modos de bailarina, flutuando graciosamente enquanto fazia gestos de voar. Ao fundo, mais corpos flutuavam; alguns com a graciosidade da bailarina desconhecida, outros com desajeitamento e incredulidade. Pontos dourados luminosos suspendiam-se no ar, entre os corpos. Ele mesmo, nesse momento, deu-se conta: estava flutuando. Olhando para baixo, não encontrou o chão; abaixo de si, apenas mais corpos, e pontos dourados luminosos, envoltos pelos feixes brancos de fumaça que ainda se erguiam em espiral. Não via fim acima nem abaixo de si; ou o chão sumira, ou, sem perceber, naquele pouco intervalo de tempo já subira tanto que o chão se tornara uma abstração.

Desejou voar, como aquela bailarina; não flutuar involuntariamente como estava, mas voar. Havia nesse gesto um signo de liberdade – não haveria de

estar cumprindo uma ordem anterior, pronunciada externamente, mas um impulso que vinha de seu próprio espírito; um desejo de sua própria vontade. Abriu os braços, enrijeceu os músculos das pernas e tronco, e voou, buscando a seu próprio modo a graciosidade expressada por aquela mulher e por outros em volta, aos lados, abaixo, acima dele – cada voo, absolutamente individual. Agora subia com mais velocidade, ultrapassava alguns corpos. Buscava aperfeiçoar o voar. Tornar cada movimento o movimento perfeito. Melhorar cada repetição executada por seus braços. Enquanto prosseguia a subida, no fundo de sua consciência, reverberando por todo salão, ouviu aquela mesma voz feminina dizendo algo novamente, mas não compreendeu o que. Fechou os olhos. Sentiu que agora deveria cair. Receou, hesitou. Um ímpeto dentro dele assegurava que não era preciso temer, garantia: quanto mais livre a queda, melhor. Relaxou os músculos, cessou os movimentos. Por um instante, parou no ar. E iniciou a cair; no ritmo acelerado próprio da gravidade. Aceleradamente. Teve medo do fim de sua descida – haveria colisão? Seria a morte. Enrijeceu-se. O ímpeto interno, com superioridade, lembrou: quanto mais livre a queda, melhor. Quanto mais livre a queda, melhor. Abriu seu corpo, e caiu, livre. Talvez fosse o fim, mas aquela voz dentro de si seguidamente garantia e repetia a mesma máxima constante – quanto mais livre a queda, melhor. Talvez, pensou fascinado, sua voz superior fosse aquela mesma que reverberara pelo salão. Talvez fosse aquela uma voz interna compartilhada por todas as pessoas na volta, universal. Talvez fosse Deus, o Deus dentro dele. E a essência divina em seu espírito seria assim: feminina.

Plinio Giannasi

Regente Feijó/SP

Cinderela da Rua Amarela

ELE é retirante, veio num trem das Alagoas até aqui, algumas décadas passadas.

Guardador de carros, aceita qualquer quantia por um espaço público que tomou para si, quando outro desafortunado foi flagrado por extorsão. E não é questionado, melhor não contrariar. Sem nome, tal e qual a ocupação que lhe sobrou.

Malandro conhecidíssimo.

Contam que quando chegou ainda era criança, com relatos de fugas de instituições, famílias substitutas, e que até de um convento de freiras havia sido expulso. Sabe-se que é adulto devido aos anos que está aqui, porque o tamanho aumentou pouco desde a chegada. A vestimenta não passa de uma bermuda surrada e camisa de campanha política, mistura tosca daquilo que consegue nas entidades assistenciais, associações, igrejas. Nos pés, sandálias de tiras de couro cru, típicas da terra natal. Comprou na feira, com algumas economias planejadas para este fim. Comprou ontem.

Seis da tarde, fim de expediente. Poucos carros estacionados e muitas vagas sobrando. O comércio já fechou e os trocados atirados com desdém, são raros. Começa a anoitecer na Rua Turíbio de Olivença, que recebe alguns contornos lúdicos devido às lâmpadas de vapor de sódio usadas na iluminação pública, que emitem luz amarela. Quando o relógio da catedral anuncia sete da noite, tudo passa a ser mais lento, o alarido estonteante da civilização aos poucos se acalma. Oito horas, e até os bares estão fechando. O malandro se vai com seu ganho diário.

Agora é a Rua Amarela. Apenas duas quadras, menos de duzentos metros. A rua tem este nome devido ao luminoso pálido, ambiente amarelo-fosco-

aveludado entre a fumaça de cigarros baratos e o som do declamar sem nexo de poetas embriagados. Não se sabe ao certo desde quantas luas e de quantas primaveras existe a tradição da Rua Amarela, em um trecho desde sempre delimitado. Nove horas no sino da catedral, táxis já evitam este espaço, surgem os seres da noite.

Surge ELA, com o dom natural de despertar lascívia. Dormiu o dia todo, trabalha na noite. Apertada naquele curtíssimo vestido vermelho, é muito popular no espaço de boemia informal. Contam que chegou aqui ainda criança, com os tradicionais relatos de fugas de instituições, famílias substitutas, sobrevivente nata. Tentou resistir sem família, que nunca conheceu. Sabe-se que é adulta devido ao corpanzil sempre sobrando aqui e ali, dentro de tão pouca roupa. O que encontra ainda tão cedo é um galanteador das antigas, que intenciona levá-la para uma vida decente, que não fosse se entregar ao primeiro que lhe pagasse uma bagatela cobrada por prazer rápido e efêmero.

Ela sabe que é lorota, o hálito de cerveja barata denuncia. Mas dá uma moral.

A catedral cantarola que são dez horas. Diferente das outras noites, ELE retorna ao local de "trabalho" na Rua Turíbio de Olivença, agora Rua Amarela, de banho tomado, barba feita, perfumado, outros trajes. Calça, camisa, relógio de pulso. Nos pés, as inseparáveis sandálias de couro cru, novinhas. Lembrança das Alagoas.

Os seres do lugar, jogadores, ladrões, loucos de toda a sorte, não conhecem o malandro, que só está aqui durante o dia. ELA também jamais lhe notara a presença, pois durante o dia dorme, enquanto ELE é flanelinha com espaço cativo. Histórias de vida semelhantes, ELE do dia, ELA da noite, não se conhecem. O sino sussurra onze vezes para anunciar que a Rua Amarela pode ferver mais uma hora. Quisera fosse um baile, eles têm uma hora para se conhecerem.

O malandro intimidado com o galanteador que não desgruda dela. Passa ao lado, pelas costas, gesticula, e ninguém lhe percebe a intenção. Ela entende a aliança na mão esquerda do inoportuno namorador, e pergunta se ele é casado.

Um indiferente virar as costas e sair. Tem início o encontro que há séculos estava marcado, sem nuances de arrancar suspiros de moças casadoiras, quiçá um final feliz. Momento de duas almas cândidas se tocarem, dançarem como se houvesse música, e que os demais noctívagos fossem convivas na festa. ELE é malandro do dia, não conhece da noite, e tudo parece tão óbvio. ELA tem conhecimento da noite e do lugar, vantagem indiscutível. Sem regras, passam-se os minutos, dez, vinte, meia hora naquela dança sem orquestra, abraçados no meio de um borbulhar de gatunos, viciados em roubar, agredir, é o crime.

O relógio já se foi, quarenta minutos depois de iniciada a valsa fantasiosa, carteira e camisa arrancadas sem dó ou piedade, e restam dez minutos. Mas não se soltam, dançam como se fosse o fim de seus dias, música imaginária. ELA, num arroubo de honestidade, é ousada o bastante para desafiar o bando, alerta o malandro para que se solte dela e corra até a viela de cima, fuja dali, pois é desastroso o que vem por aí.

Um beijo.

Despretensioso e ingênuo como todo o clássico recontado, ao som das doze badaladas do sino da catedral, e ele dispara rumo à salvação, perseguido pela multidão em fúria. Aquelas sandálias de tradição até que são práticas, mas não para uma fuga em estado de necessidade. Na confusão de agressões e tentarem tirar-lhe o que já não tem, a sandália esquerda se solta do pé, fica por ali.

Meia-noite e meia, todos se foram com a chegada da polícia, que finalizaria aquela balburdia, para a manutenção da ordem. No meio da sujeira toda, um silêncio soberano, iluminado pelo amarelo da rua, e uma sandália de tiras de couro de número indeterminado. Sem o esperado "e viveram felizes para sempre", porque não se sabe o que foi feito daqueles dois, a história há de ser recontado daqui há muitas luas, e outras tantas primaveras.

Renato Massari
Rio de Janeiro/RJ

Vamos Conversar?

Os passos no corredor pareciam dados por sapatos de cristal. Se eu tivesse sono pesado, não os ouviria, mas meu sono é leve como a pequena aranha que escorregou de um dos cantos do teto atrás de comida. Os passos. De quem poderiam ser senão de Angélica? Mas eram só 6 h da manhã, muito cedo para que ela já estivesse a postos, as mãos nervosas, a cara fechada por causa da bagunça que eu e a noite tínhamos deixado a seu encargo arrumar. Além disso, Angélica não usava sapatos de cristal. Pelos menos, nos dez anos em que trabalhava para mim, nunca os tinha visto em seus pés.

Por que chegara àquela hora? A inércia e a preguiça não me permitiam imaginar qualquer razão e nem me encorajavam a sair da cama. Mas os passos continuavam, rasgando a cera amarela do assoalho com seus rangidos de vidro fino. Num instante, a aranha também voltara ao teto, talvez para degustar com mais tranquilidade a presa que conseguira apanhar. Como fosse inverno, a claridade custava a transpor as cortinas e eu não teria visto a pequenina caçadora se o abajur não estivesse aceso. Em que momento da madrugada minha mão sonâmbula o acendeu? Pouco importava, afinal não era a primeira vez que eu acordava e já o via cuspindo luz. Caso naquela manhã não a cuspisse, a aranha seria apenas um átomo imperceptível de vida em meio à escuridão do quarto. Pensei, então, em pedir à Angélica que não a matasse. Que mal ela faria a mim? Nenhum, eu nunca estaria na lista das suas presas. Sendo assim, nada tinha contra os banquetes dela.

Se não tivesse ligado inadvertidamente o abajur, não veria a aranha e não me preocuparia com a sua existência. Mas os passos que atravessavam o corredor eu não poderia deixar de ouvir. Se não fossem de Angélica, seriam de quem?

Sempre acordava com uma secura de deserto na boca. Por sorte, daquela vez minha mão sonâmbula e estabanada pôs o abajur para cuspir luz sem derrubar o copo d'água que dormia todas as noites sob sua cúpula em forma de cone. Assim, eu poderia molhar a língua e a garganta sem precisar me levantar. Isso me agradava estupidamente porque não tinha a menor vontade de enxotar as cobertas amigas, tão cheias de maciez e calor.

Movi, bem lentamente, a câmera do meu olhar para a direita, em busca do melhor ângulo. Registrei sem esforço que o cabideiro parecia cansado de carregar tanto peso. Seus braços obliquamente esticados, com chapéus de Carlitos nas mãos, estavam abarrotados de blusas, calças, jaquetas, enfim, de toda a sorte de roupas que Angélica iria recolher. Não demoraria muito e ele logo poderia suspirar aliviado, para tristeza da máquina de lavar, cujo estômago ficaria nauseado de digerir tanta sujeira. Movendo a câmera depois para a esquerda, captei a imagem das sonolentas ninfeias de Monet, confortavelmente deitadas num colchão de MDF coberto com lençol de vidro. A bem da verdade, tinham um leito vertical, mas nem tudo no mundo é perfeito. De todo modo, pareciam tão preguiçosas quanto o marasmo que não saía de dentro de mim. Por um momento, pensei em tirá-las da parede; desisti, por achar a ideia ruim. Afinal, não apreciaria nem um pouco que elas tivessem mexido comigo enquanto ainda dormia no colo gostoso da madrugada.

Os passos persistiam. Bebi de uma só vez a alma líquida do copo, deixando seu corpo cheio de ar novamente sob a cúpula do abajur. Já bem desperto, embora alguns bocejos me dissessem que, como as ninfeias, poderia ainda fazer apelos ao sono, resolvi prestar atenção aos passos. Não eram erráticos como meus pensamentos costumam ser, mas ritmados e pareciam vir de um ponto, no começo do corredor, em direção à porta do meu quarto e depois retornar a ele. Tendo a preguiça por conselheira e a inércia como guia, resolvi não me mover, de modo a ficar bem atento aos movimentos repetitivos dos saltos que iam e vinham. Contei-os, então. Eram oito passos, tanto na ida quanto na volta.

Curioso, tratei de sentar na cama e me pus a fazer indagações que não teria como responder: Angélica enlouquecera? Ou queria apenas me irritar, por

motivo ignorado, com aquela sequência de passos ordenados, mas sem propósito algum?

Em dez anos de convivência, conheci várias manias de Angélica e ela, várias das minhas. Religiosamente às quartas-feiras, ela vinha limpar e arrumar meu templo sem religião. Volta e meia trazia imagens de santos para protegê-lo, que eu nunca me esquecia de esquecer no fundo de alguma gaveta ou armário. Quase sempre, também, ela reclamava dos preços das passagens e pedia algum aumento no fim do mês, modesto que fosse, para compensar os custos com o transporte. Agnosticamente, eu não dizia sim nem não, mas prometia estudar o assunto. Estudava-o como o governo, cujos estudos nunca resultavam em melhor remuneração para o meu trabalho de professor.

Os passos, inicialmente lentos, tornavam-se mais rápidos. Sem entender por que Angélica chegara duas horas antes do horário normal de serviço, resolvi finalmente sair da cama. Tirei, com algum pesar, as cobertas amigas que abraçavam meu corpo ainda imerso em letargia, calcei os chinelos e abri a porta do quarto, falando sem olhar:

— O que é que deu em você, Angélica?

— Angélica? Olha bem, Fabiano!

Quando olhei, uma mulher com cabelos cor de fogo e sapatos de cristal estava nua diante de mim. Fiquei sobressaltado ao vê-la, mas logo tive a impressão de que a conhecia, por isso disse com voz miúda:

— Acho que te conheço.

— Conhece, sim.

— De onde?

— De você.

Faltaram-me palavras. Ao meu espanto, ela respondia somente com sorrisos. Não sei por quanto tempo o silêncio comandou o discurso incrédulo dos meus olhos que, guiados pela coerência do absurdo, já diziam o que em algum momento eu acabei por dizer:

— Você só pode ser a...

— Sua loucura, nua em pelo. Vamos conversar?

Rian Lucas

Poço Dantas/PB

Conversa com um Zé

Eu a amava tanto que chegava a doer
Esse, por sinal, foi o maior motivo para ter partido
Porque se fosse bom, não doeria, não é?

Se fosse bom
Teria cheirinho de café recém saído do fogo
Cheirinho de terra molhada
Cheirinho do perfume da roupa da vó

Você me entende?
Ah, seu Zé.
Se ela soubesse a falta que faz
Voltaria correndo para os meus braços
Feliz da vida por ter tentado de novo.

Ela é forte pra'isso
Eu? Ah, não, eu sou fraco, Zé.
Deixei ela ir embora e nem insiti para que ficasse:
Não chorei;
Não bati perna;
Não esbravejei.

Eu só a vi ir embora por aqueles caminhos tortuosos
E não fiz, absolutamente, nada.

Diga-me, Zé, não é isso que os fracos fazem?
Porque foi isso que eu fiz
Mas, apesar de tudo, não me espanto
Sabe por qual motivo, Zé?
Porque já me importei demais com as pessoas
E nunca valorizaram o meu cuidado
Então, por que ela valorizaria?

"Nem todos são iguais, e seu futuro amor
não tem culpa do anterior ter dado errado"
disse-me o Zé.

E eu apenas chorei.

https://me-conte.tumblr.com/

https://www.instagram.com/tumblr_meconte/?hl=pt-br

.

Ricardo Ryo Goto

São Paulo/SP

Para Ricardo Reis

Alguém nos legou
Que todas as coisas importantes
Foram de algum
Modo faladas ou repetidas
Assim ou assado
Nesta vida ou em qualquer outra.

Eu, de minha parte
Anuncio: tudo vale a pena
Se a alma não
for pequena.

Aprendi também
que os mitos reproduzem sempre
O rito do mundo
Recriado nas mãos do herói.
Nos tornamos outro
Ao sermos plenamente nós mesmos

Poetagonista,
Finjo sentir a dor do neófito
Que ele de fato
Julga ter.

Portanto, se eu
Incapaz de ser original
Vestir tais ideias
Com roupas novas e colorido
assinar então
Com Homônimo, teu heterônimo

Deixar-me-ei qu'rer
Qu'embora tente ser poeta
Jamais poderei
ser Pessoa.

Roberto Schima

Salto/SP

O Menino e a Arraia

Ela estava voando...

Dava voltas no céu graciosamente, como o condor que o garoto vira em um documentário sobre os Andes.

Ela estava voando...

Pra lá e pra cá, de um lado para o outro num balé colorido sobre um pano de fundo do azul mais puro.

Ela estava voando...

Dir-se-ia que compartilhava com os pássaros a visão de um mundo pequenino, cheio de detalhes como as pinturas dos renascentistas europeus.

"Eu sou arraia ou raia", parecia dizer, "ou seja lá que nome vocês inventem. Eu sou a liberdade feita do nada, de papel de seda, finas varetas, linha e, sobretudo, amor. Sou feita dos desejos de vocês, crianças, que sonham um dia em ver o mundo daqui de cima. Sou feita da brisa a soprar ligeira nas manhãs de verão e do vento melancólico das tardes de outono. Sou como o anjo das velhas histórias contadas pelas avós em tardes de chuva. Sou para vocês um momento, uma imagem, um sorriso, uma lembrança a acompanhá-las para sempre, sempre mesmo, por toda a vida. Ainda que a pureza de ser criança lhes seja roubada, violada e ofuscada pela estupidez do mundo adulto, em algum lugar, em algum cantinho de seus corações eu lá estarei. Eu sou vocês, crianças, na sua mais pura essência."

— Voa! Voa! Voa! - gritava o menino, excitado.

As mãos do menino seguravam firmes a linha branca estendida, e esta se perdia lá em cima no céu. Seus olhos brilhavam como o luar refletido no mar. Seu corpo ora se agitava ao ver o brinquedo obedecer aos seus comandos, ora ficava quieto, sentindo o gostinho das nuvens a descer pela linha até os seus dedos.

— Voa! Voa! Voa! - repetia o menino.

E o menino ria e ria, não havia mais nada no mundo que lhe importasse. O que haveria de mais importante que o céu, as nuvens, os pássaros, a sensação de sentir nas mãos a vibração dos ventos repentinos?

"Ah, menino...", parecia dizer novamente a arraia, "... eu sou tudo para você. Você também é tudo para mim. Encontrou-me só, disperso e, então, remodelando minhas partes, criou-me. Deu-me vida com sua vida. Fez-me subir aqui, bem alto. Fez de seu sonho minha realidade. Mas não sou plenamente feliz, sinto muito. Suas mãos que me deram vida e fizeram-me voar, também me

detêm e me aprisionam. Sou sua liberdade, contudo, também sou sua prisioneira.

"Oh, que contradição mais estranha! Seu desejo de me ver voar só é superado pelo meu desejo de ir mais alto ainda. Por favor, liberte-me! Solte-me! Assim, eu serei realmente parte desta imensidão que me rodeia..."

De súbito, surgiu outro pássaro de papel. E aproximou-se...

— Não! Não! Não! - gritou o menino, apavorado. - Vai embora! Não faça isso! Não!

Ele se agitou. Era inexperiente naquele jogo. E puxou e puxou e puxou a linha, a arraia, tirando-lhe o céu, o vento, as nuvens e os pássaros. Mas foi em vão. Desesperado, sentiu a linha afrouxar em suas mãos pequeninas e seu pássaro, lá no céu, voar desgovernado.

O menino chorou.

Chorou abundantemente ao ver sua obra dar várias piruetas, ao ver a linha balançando em curvas pelo ar, ao ver outros meninos correrem, ambicionando ter seu pássaro para eles.

O menino chorou.

Chorou ao ver sua liberdade, seu sonho, fugir-lhe das mãos. Chorou por não sentir mais o gosto das nuvens descer até os seus dedos. Chorou porque retornou a um mundo que lhe era cruel, imenso e desconhecido.

E o menino correu para dentro de casa, para ninguém o visse chorar. Ele era menino, e meninos não choravam, meninos não podiam chorar.

A arraia foi girando no céu, e foi caindo, caindo...

"Ah, menino... Como me doeu tê-lo visto sofrer! Se eu pudesse, daria tudo para tê-lo aqui no alto, junto a mim. Se eu pudesse, transformá-lo-ia numa nuvem, para que você, para sempre, fizesse parte do céu. Por um breve instante, um efêmero instante, eu fui livre, realmente livre. Gostei disso, gostei muito, porém, ao vê-lo amargurado por me ver partir, minha felicidade egoísta se desfez e desejei do fundo do meu ser estar em suas mãos novamente.

"Juntos somos um só: somos sonho, somos a brisa da manhã, somos o mundo inteiro... o nosso mundo. Só agora eu percebi. E, agora, aqui estou presa neste fio de eletricidade, girando em torno de mim mesma. Voltei a ser prisioneira, a ver o mundo limitado por um fio. Mas agora é bem pior. Não tenho mais suas mãozinhas delicadas a orientar-me, nem o seu amor a elevar-me quase junto às estrelas.

"Estamos sós novamente."

https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima
rschima@bol.com.br

Robinson Silva Alves

Coaraci/BA

Grito

Um grito sufocado
Eclode dentro do peito
Cansado de esperar
Grita. Quero respeito

Promessas não cumpridas
Um povo tão sofrido
Direitos renegados
Trabalhadores oprimidos

Retorno ao passado
Paisagens da tortura
Herança maldita
Cálices da loucura

Pobres morrem
Diariamente executados
Tombam nas ruas
Cruelmente exterminados

Um grito grita
Grito de verdade
Grito da vida
Grito liberdade.

Rodrigo Leonardi
Mandaguaçu/PR

Aqui Jaz...

Aqui jaz...
Assim estava escrito em meu túmulo.
Coberto de lírios e já com um mármore claro sobre minha cova.
Uma foto feliz e um agradecimento da família.
Tento não acreditar.
Tento apenas observar.
O outro lado é assustador... para um novato como eu...
Observo... olho para o lado...
Outra alma... uma senhora chorando em seu túmulo...
Pele pálida, com um véu azul-claro...
Observo os céus... esta cinza,
Uma névoa... paira em mim
Firmo as vistas no horizonte...
Algo voando com asas, a minha esquerda
A minha direita, algo voando, também com asas. Mas de corvos...
Espero amargamente... para ver para que lado vou....
Na verdade, isso não importa... mais
Apenas preciso ir...

Rogério Costa
Cornélio Procópio/PR

Meu lugar à lua

Em um mundo de múltiplas verdades,
Onde a mentira reina soberba e soberana,
Eu sou apenas uma partícula de poeira,
Estática e indiferente, repousando em uma fenda:
O meu pedaço do mundo, minha trincheira.
Meu lugar, onde as cerdas não podem me alcançar.
E ainda que cercado por elas, tentando me varrer,
Seus olhos focados, cada qual no centro de seu ventre,
Não me podem ver.
Estou invisível, aparentemente protegido.
Mas, no meu pedaço do mundo, nunca estou sozinho,
Sempre me visitam as dores que me mantém acolhido.
Agora mesmo, mais alguém bate à minha porta.
— Bem-vindas, lágrimas! Aceitam uma taça de vinho?

Roman Lopes

Guarulhos/SP

Intervenções Espontâneas no Fluxo de Pensamento da Urbanidade Planejada ou James Joyce renasceu em Itabira

O fluxo branco do papel atravessado pela monocromia colorida da tinta que passeia por ruas de ideias e avenidas de espaços possíveis, contemplando edifícios cinzentos enfeitando-se com os dourados de um escudo de bronze, navegando no mar de automóveis que cortam rios de pessoas apressadas em seu cotidiano de pão e circo.

Homens e mulheres dançam no baile ensaiado dos espetáculos de gala, vestidos com seus trajes de banho noturno, calçando as sandálias do sarcasmo fabricado pelos donos de seus desejos. Uma festa em que todos são convidados e garçons, servindo um banquete onde o prato principal são as ilusões divinas de uma salvação distante e improvável.

Caminhos desenhados por compassos estridentes que sem nenhuma compaixão rasgam os céus com sua fumaça de deveres, levando os azuis e os amarelos do sol, traçando riscos de neutralidade naturalista nos eventuais expressionismos que tentam se manifestar em inocências perdidas de caixas de papelão e migalhas de pombos.

A suavidade fluida dos tempos transforma em gelo sólido o vapor dos sabores vendidos nas esquinas, acompanhados de refrescos calorosos com cheiro de frutas e cartazes de refeições onde as esperanças entram e os esfíncteres rotineiros da informalidade subempregatícia expulsam prêmios conquistados com sexo, drogas e rock and roll.

Dentro e fora ficam lado a lado, numa bidimensionalidade arquitetônica de projetos eficientes que usam a higienização pluriangular como linha de fuga dos receios libertários capazes de conquistar o espaço, direcionando olhares ao ponto único de convergência inventada por modelos de autorização e afetos, que habitam esses planos que agora andam de mãos dadas em direção ao futuro já existente.

O sistema circulatório que respira ares de indiferença e competição olímpica convida os habitantes dos castelos da hipocrisia sincera a levantarem de seus tronos carmins e despirem-se de suas coroas de louros, esquecendo-se dos resultados almejados em laudas e mais laudas de debates circundantes, onde a semelhança entre o pré e o pós não está mais somente na inicial, e sim na insistência da mesmice preponderante e póstuma, o que nos faz pensar em

zoológicos irregulares – todos eles – e manifestações processadas em liquidificadores.

Quando saem para entrarem nos campos das batalhas dos seus discursos, esses guerreiros de mentira sincera andam como cegos em busca das imagens que existem no fundo de não sei o quê, talvez imaginando que encontraram a pedra filosofal das revoluções transgressoras nas motivações tranquilas dos sofás diante da televisão. Andam pelos túneis de uma fé surda aos apelos pulsantes da verdade que habita bem longe do real, no mundo dos prazeres pervertidos e das dores indigestas.

Equilibrando-se nas cordas bambas das calçadas repletas de solas de sapato, os guerreiros combatem árvores de metal e dragões de carpintaria, sem notarem a pequena rosa que teima em furar as barreiras policiais, numa obstinação drummondiana, para conquistar um pouco de oxigênio, mesmo aquele carbonizado pelas queimas de gordura e pelos cânticos de brancura disfarçados de música de protesto.

A pequena rosa se torna araucária portentosa, no incessante ciclo de existência poética, dificultado pelas barreiras rompidas onde a riqueza multada pela incompetência entra, sai e retorna sempre pela mesma porta, de dobradiças espanadas e buracos de fechadura que só servem para que olhem através deles, edificando fetiches de lama e parindo bombas que explodem no colo dos detonadores da felicidade alheia.

Ela, porém, só quer exibir suas pétalas multicoloridas e brindar a luz da lua com seu perfume prateado, oferecendo em sacrifício sua própria beleza lúdica, para que possamos gozar as nossas próprias esperanças, que resolveram morar em casas de abandono e escadas de andaimes frágeis, fabricados com os bambus arrancados dos programas matinais de vida fácil.

As pedras no meio do caminho, carregadas em sacolas e carrinhos, deixam de ser obstáculos e se transformam em combustível para carimbarem a heroica e vaidosa rosa de forma definitiva nos jogos de tabuleiro e nas performances dos corpos, numa potenciação de expoente mineiro. Drummond está ao cubo, ao dodecágono e isso me faz lembrar que, infelizmente, essa rosa é só uma réstia fugidia da infância no caminho daqueles que insistem em me chamar daquilo que eu não sou, apenas para dizerem o que não sabem e para me presentearem com uma vida que, além de não ser minha, não é vida.

Ronaldo Dória Júnior

Rio de Janeiro/RJ

Sobrevivência ou morte?

Ouvi do meu barraco o estrondo forte
De um blindado dessa polícia revoltante
A bala, num raio fúlgido, trouxe a morte
De um inocente com uniforme de estudante

Existe mesmo essa igualdade?
Eu me pergunto, vendo o corpo no caixão
Tantos corruptos em liberdade
E o nosso sangue se esvaindo pelo chão

Ó pátria amada
Desgovernada
Há quem nos salve?

Brasil, de falsos líderes, falsos mitos
De falta de justiça nosso país padece
Nas cúpulas de Brasília eu vejo, aflito
A grandeza da corrupção que resplandece

Após desmandos de toda natureza
O povo não vê o quanto é grande e poderoso
E o nosso futuro é um mar de incertezas

Terra abandonada
De engodos mil
És tu, Brasil
Ó Pátria amada!
Lá no Planalto, só fraude, mentira, ardil
Triste piada
Brasil!

Roque Aloisio Weschenfelder

Santa Rosa/RS

Intrusos

Os sonhos fazem parte da vida. Desde a mais terra idade o ser humano sonha com agradáveis imagens ou tenebrosos monstros. O sono de qualquer mortal é agitado por pesadelos, às vezes, por inebriantes e idílicos passeios, outras. Há os sonhos dos adormecidos e há os sonhos acordados. Os primeiros nada podem fazer para impedir ou provocar os sonhos, os últimos sonham de acordo com os seus desejos e anseios.

Algumas pessoas querem fama, outras poder. Há quem queira riquezas. Os moradores de rua sonham com casa e conforto. O solitário deseja companhia e o doente almeja a saúde.

Os sonhos são motores da esperança. Movem-se pela energia da fé. Têm as feições da saudade de algo ainda não tido, Impulsionam a economia, promovem a cultura protejam a história do futuro. Integram a ficção, esculpem a arte, conotam a politica. Encenam as comédias e dramatizam a realidade.

Ao dormir é agradável saber que bons sonhos poderão advir. Atormentado por pesadelos, acordar é sentir-se liberto de terríveis angústias e aliviado de um depressivo tormento. Os sonhos dormidos esvaem-se na atividade da vigília. Os sonhos vividos no dia a dia persistem pela existência afora e quando realizados são imediatamente substituídos por outros de pretensões ampliadas.

O sonho dos enamorados pode resumir-se no primeiro beijo, o dos amantes apaixonados, pode limitar-se a um quarto de motel. Encontrar o grande amor da sua vida, a alma gêmea idealizada, não raras vezes é sonho de uma vida inteira. Viver um amor platônico quase sempre é um sonho do qual nem em sonhos se cogita a revelação da verdade. Sonhar o irrealizável é muitas vezes uma maneira de fugir dos sentimentos de inferioridade e frustação.

Há intérpretes de todas as categorias para os sonhos. Alguns predizem o futuro. Muitos veem vícios e virtudes nas imagens descritas. Tantos não dão importância aos relatos. Relacionar os sonhos com um número que ganhe na loteria ou com sorte no amor e sucesso numa empreitada são possibilidades com que é possível se deparar já na segunda-feira. Se no sábado seguinte o desejado encontro não aconteceu, o prêmio não apareceu e o peixe não mordeu a isca foi uma casual coincidência devido aos maus fluidos do momento. O domingo ainda poderá reservar surpresas. É a corrente esperançosa que nunca termina enquanto um coração palpita e uma mente sonha.

O mundo vive de sonhos. Osama Bin Laden sonhava em destruir George Bush e sua grande nação. A potência americana sonha com a possibilidade de

exterminar pela guerra os inimigos declarados e aos não identificados que presume em toda parte. Trump tenta antecipar até o sonho programado de concretizar um muro na fronteira com o México. O proletariado sonha com a tomada do poder pelas forças da esquerda. Os liberais procuram identificar em suas imagens oníricas os caminhos enveredados pelos governos para definirem melhor onde investir o capital especulativo. Os religiosos sonham com a vinda de um novo Messias que possa libertar a humanidade do terceiro milênio de todos os opressores criados e liderados por um capitalismo sem pátria. Enquanto isso as feministas sonham com a possível volta do patriarcado que permita a presença de um esteio em que possam apoiar suas vidas. Se os sonhos durante o sono têm imagens disformes, quase sempre com pouco crédito junto aos acordados, os destes têm matéria objetiva, muitas vezes, um pouco além do alcance da mão.

Ainda falta nascer alguém que esteja imune aos sonhos. O primeiro humano que vier a estar livre do fenômeno onírico certamente destoará os demais homens e provavelmente não restarão nele vestígios da alma.

Sonhar com uma convivência fraterna sem ódios e sem preconceitos, almejar uma vida mais digna e sem sobressaltos, ver a comida na mesa todos os dias e poder servir-se dela, estar amparado nos momentos difíceis da vida desde a primeira até a última idade, tudo isso é permitido. Falta a permissão de acreditar que um dia a realidade tenha a cara do sonho.

Sonhar com o belo de uma ingênua representação, estar atento aos detalhes das linhas e curvas dos contornos fugazes reprisados pela habilidade genial do artista, ouvir o som mavioso de uma suave e alegre melodia, deleitar-se nos versos geniais dos poetas, enveredar pelos meandros de um romance incrivelmente realista e verossímil, é a certeza de viver a realidade mesclada ao sonho da qual frui a inspiração para dizer, nas mais singelas palavras, "Eu te amo".

Os sonhos são os intrusos de nossa vida que lhe tiram a crua forma e a transformam na libélula que a lagarta nem sonhava que um dia viria a ser. Sem a sua intromissão todos acabaríamos reduzidos a uma massa sem leis como pudemos ter sido antes do "Big Bang". Um segundo depois eu já sonhava com você! Estou às ordens para que sonhe comigo!

www.facebook.com/roquealoisio.weschenfelder

Rosa Acassia Luizari
Rio Claro/SP

Do inevitável

Do cruzamento de olhares nasceu o irracional sentido da palavra amar. O amor, masculino gênero racional, recolheu-se em seu casulo, a esperar, ardentemente, alguém para amar. Certamente, perderá a razão.

Rosa Maria Soares Bugarin

Brasília/DF

Da universalidade do desequilíbrio

Aparentemente, tudo flui
em monótona, rotineira,
aparente e ineficaz,
repetição de momentos,
movimentos,
convencionalmente sociais.
Poderosos, fortes,
conectados com o respeito
a continuidades
sem alterações,
em conveniente autossuficiência...
Em confortável isolacionismo.
Tudo fluindo em falsa normalidade.
Imprevistamente,
a ideia do poder e da segurança
tem uma brusca mudança
e o forte é invisível
mínimo,
mas dominante,
preponderante
avassalador
capaz de mudar o ritmo da vida
na universalidade do desequilíbrio
surgem tantas díspares reações.
Vezes contraditórias.
Estertores de não aceitação.
Ou negação?
Revolta e busca de amparo.
Afogando em informações.
Medo, impotência, incredulidade,
apatia.
E o sentido real
do que acontece
que mergulha o mundo
no caos de um desassossego sem acalmia

no medo que fragiliza
e instala sombras
inquietudes
desconhecimento de um amanhã
Sem programações,
sem nítidas perspectivas
apenas o dominante
espaço das incertezas...
Mas surge a dolorida questão
        Por quê? Para que?
Um vírus, toxina, veneno... terror...
E surgem ponderações.
        Em sofrimento o mundo se humaniza.
O temor gera o princípio de apoio
e a visão do outro se instala dentro de nós
a gritar irmandade.
A buscar ressonâncias,
no igual do compasso da espera.
No desenvolver a responsabilidade.
Pessoal e social.
No sentir empaticamente a angústia do outro
repercutindo em nós.
Na disciplina dos cuidados.
Na luta contra o inimigo comum.
Mínimo e poderoso.
        Assim.
No universal desequilíbrio,
a luz da esperança
a rebrilhar em ondas de união.
Na fé que sustenta o comedimento,
a harmonia, para que outra vez,
a vida possa fluir,
em rotineira, consequente, eficaz,
repetição de momentos
sem sustos
e em concordância
com a humana universalidade.
        da continuidade
do vital equilíbrio.

Rosangela Maluf

Nova Petrópolis/RS

A História de Laurita

O sol apareceu depois de uma semana de chuva exagerada, quase um dilúvio. Muita gente nas ruas naquela tarde. Muita gente fugindo do sol escaldante. Muita gente espremida naquele ponto de ônibus, esperando com impaciência o A130. Do meu lado uma senhorinha, sem dentes, mal vestida, cabelo sujo, uma sacola de plástico nas mãos, querendo de todo jeito passar à minha frente.

Assim que o painel anunciou "aproximando" fomos para a rua, à espera do ônibus que já chegava. A pequena senhora passou à minha frente e eu recuei um pouco. Nenhum problema; havia uma poltrona vazia e sentei-me justamente ao seu lado; eu, na janela. Sem a menor dúvida ela havia bebido, cachaça. O mau cheiro era horrível, mas mesmo assim ela começou a falar, com a mão cobrindo a boca...

- A senhora mora no bairro Tupi?

- Sim, eu disse e você?

- Moro no Guarani. Tenho meu apartamento lá. Pequeno, simples, mas é meu mesmo. Tá em meu nome. Fiquei viúva e meu marido deixou um dinheirinho bom. Sabe quanto eu ganho de aposentadoria? Abriu a mão mostrando os cinco dedos.

- É mesmo? Que sorte a sua, hein? É um bom dinheiro, eu disse.

- Sorte nada. Aguentei aquele maldito por 22 anos. Fiquei aliviada quando ele morreu. E ainda tive que cuidar sozinha de dois meninos. Hoje já são adultos. Um deles, o mais velho, é um menino *bão*. Evangélico, trabalhador, tem namorada firme, rapaz de ouro.- E a senhora tem filhos? Ela pergunta no meio do relato. -Sim, respondo, tenho dois rapazes, como você.

- Pois é...o meu mais novo, sabe o que ele é? Traficante!

Diante da expressão tão tranquila daquela mãe, me assusto:

- Mesmo? Drogas? Pergunto assustada e surpresa com a naturalidade com que ela me conta sua vida.

- Tudo que a senhora imaginar. Ele é homem de confiança do Natanael 5. A senhora conhece o Natanael 5 ? Sabe quem é? É o maior chefão de toda a Comunidade. A favela inteira tem medo dele. Manda matar por qualquer motivo, qualquer coisa que aborreça ele. Dizem que matou 5 polícia e uma vez, numa emboscada. Por isto o nome dele, sabe? Mas a senhora já ouviu falar nele, né?

- Não, eu digo. Sou nova aqui no bairro.

- - Não? Uai, a senhora disse que mora no Tupi! Ah, é nova aqui; por isso então!

-Sabe, dona, o meu menino mais novo é homem de confiança do Natanael 5. Faz de tudo que for errado, pro chefe, né. Tem maconha, tem cocaína, tem bala, tem doce e (falando baixinho) tem tráfico de armas também. E a senhora adivinha de onde vêm as armas? Da polícia, a senhora sabia? Juro pelo que há de mais sagrado! (beija os dedos da mão suja). *Os polícia ajuda ele a traficar as armas, os revólver e até droga também.*

Não quis perguntar sobre bala e doce e, recolhida em minha parcial ignorância, concordei balançando a cabeça. Fiquei imaginando como teria sido aquela mulher em sua juventude: o cabelo imundo e mal cortado poderia ter sido uma bonita cabeleira, negra, meio ondulada. Os traços do rosto moreno não eram feios, nem eram bonitos, mas poderiam ser melhorados se ela assim o quisesse. A sobrancelha era marcada por lápis preto, totalmente fora de linha. Usava um batom arroxeado que enfeiava ainda mais a boca com poucos dentes. Vestida em trapos, camiseta, bermuda e chinelo. Ao invés de uma bolsinha, levava um saco plástico de onde tirou um cartão da Caixa Econômica e me mostrou dizendo que podia com ele tirar *dindin* do caixa eletrônico. Eu ouvia calada refletindo sobre toda a narrativa. Resolvi perguntar:

- E você vai visitar os filhos?

- Nada, hoje é 6ª. Feira, vou ficar com meu véio.

- Ah, você tem namorado? Pergunto na maior inocência.

- É quase outro marido! Só que a gente mora cada um no seu canto. No final da semana a gente encontra. Olha só pra isto: ela abaixa a camiseta e exibe um ombro marcado de roxo; abaixa o outro lado da camiseta e lá estão duas outras marcas, tão escuras quanto a primeira. Ela olha pra frente, se vira e olha pra trás do ônibus. Mostra a barriga e o peito: marcas iguais. Imagino o tamanho dos olhos que eu arregalei ao ver as marcas de agressão naquele corpo franzino.

- Mas o que é isso, pergunto assustada. Você permite que ele bata em você?

- Fala baixo, dona. Tem gente aqui que pode conhecer ele. Meu velho é muito ciumento. Posso falar um palavrão pra senhora? Ele machuca muito, até a minha b..... fica toda machucada.

- Mas você não pode permitir que ele te agrida assim, que ele bata em você, isto é um absurdo. Existe uma lei que te protege. Você não pode admitir que ele faça isto. Denuncia ele pra polícia. Fale com alguém do Serviço social. Os seus filhos falam o quê sobre isto...

- Ah, meu veio é bão, só é ciumento. Ele tem 78 anos e não dá no couro. A senhora sabe, eles gostam de...chupar (fala bem baixinho). E a gente tem que fazer o que ele quer. Mas é um homem *bão*. Tem hora que acho que ele gosta mesmo é do dinheiro que eu levo pra casa dele. Com meu dinheiro compro *as coisa* pra fazer pra nós. Compro bebida, cachaça e vinho tinto que ele gosta. Vou perguntar uma coisa: Quantos anos a senhora acha que eu tenho?

- Ah, difícil falar, sou muito ruim pra estas coisas.
- Tenho 43 vou fazer 44 em maio. Sou nova ainda. Vou aproveitar muito a vida. O meu filho mais novo vai tomar jeito, pelo sangue de Jesus, ah vai sim. Na semana passada bati na cara dele. Dei *muitos tapa* e ele nem se mexeu. Falei que se ele não parar com esta merda de vida não deixo mais ele morar comigo. Pode escolher: toma jeito de gente ou sai pra mundo e nunca mais procura eu nem o irmão.

Rapidamente faço uma conta: se o mais velho tem 28, esta mulher foi mãe aos 16. Nada pergunto. Só observo e ouço com toda atenção. Me interesso pela sua história e não preciso fazer perguntas, dela o relato sai espontaneamente, aos litros.

- A senhora é muito bonita, tira o óculos gosto de ver tudo.
- (Obedeço)
- Gostei da senhora, quando que a *gente vamos* se encontrar outra vez?
- Não sei, quem sabe? E ela me olhando, sorrindo.
- Se eu falar uma coisa pra senhora, a senhora jura que acredita em mim?

Não respondo e fico esperando.

Ela abre o saco plástico e tira uma carteira profissional, coloca no colo. Pega o cartão da Caixa que já me havia mostrado. Coloca no colo também. Um lenço encardido, dobrado. Um prendedor de cabelo. O batom roxo, imagino. E me mostra um papel.

- Tá vendo aqui? Ó, dia 19, só dia 19 a mulhé disse eu vou poder receber. Não tenho dinheiro nem pra pagar a passagem. Tá vendo como a gente sofre? E vou falar com a senhora, eu podia descer aqui, pela porta da frente, sem pagar como esta meninada sempre faz, mas não acho correto. Não sou aleijada nem velha. Não gosto de dar prejuízo pra ninguém. Sabe o que eu queria pedir pra senhora? Paga a passagem pra mim! É R$4,50. Vê aí se a senhora tem dinheiro. Vou agradecer muito.

Abro a bolsa, tiro a carteira e dou a ela uma nota de R$5,00 reais.

Quase próximo ao ponto, onde devo descer, o ônibus freia inesperadamente. Tudo que estava no colo dela se espalha pelo chão. Sem saber o que fazer ela pega da minha mão o dinheiro, me abençoa com a graça de Jesus, se levanta pra catar do chão todas as coisas espalhadas.

- *Puta que pariu, véi,* ela fala pro motorista. *Sacanage, hein* ?
- *Ô dona, meu nome é Laurita. Vai com Deus, viu dona, gostei muito da senhora*.
- Bonito nome, eu digo, vá com Deus você também, Laurita.

Desço do ônibus. Um pouco ainda aturdida com o teor da prosa, continuo conversando comigo mesma, até chegar em casa, a tarde já se fora e nem sol havia mais.

Ruan Mattos

São Paulo/SP

Verdades últimas

Conto esse fato não para ficar famoso, ou mesmo para ficar rico. Conto-o para retirar tal corda que me sufoca. Quero ser livre, poder andar pelas ruas e vielas. O único que pode me salvar sou eu mesmo. Fui a psicólogos, psiquiatras, padres e todo o tipo de ajuda. Sou louco! Os remédios não mais funcionam. As noites me são longas e entediadas. Acho, inclusive, que meus últimos dias se aproximam. Estou próximo da síncope última. Isso é o que há para saber. Entendo se você, quem lê isso, não entender nada... Eu mesmo não entendo! Acredito que este fato não deve ser entendido. O que posso fazer? Ele simplesmente me ocorreu...

Não me recordo bem o ano. Faz algum tempo, isso sim... Mas, sem dúvidas, posso dizer que há um antes e um depois desse fato. Havia me casado há pouco. Minha esposa era formidável, ao menos nos primeiros anos. Eu trabalhava em uma fábrica de tecidos, na esquina da Avenida Rebouças. Gostava muito do que fazia. Chegava a casa cedo. Minha esposa cuidava do lar. Morávamos em uma casa na Rua Artur de Azevedo. Estávamos muito felizes. Queríamos ainda ter um filho logo. Os negócios iam muito bem. Ganhava uma porcentagem sobre os lucros. Íamos comprando móveis novos, pintando as paredes da casa. Tudo seguia muito bem...

Depois do meio do ano, em agosto ou setembro, as coisas começaram a entrar em declínio. A dona da loja, que era uma idosa muito boa, foi acometida de uma doença terminal. Assim, sua filha mais velha assumiu o controle da loja. A partir disso minha vida virou um verdadeiro inferno! Não ganhávamos mais a porcentagem sobre os lucros. Começamos a sair do trabalho às 22 horas. Tentei explicar a minha esposa o que correra. Ela, sendo como era: ciumenta, achava que eu estava com outras na rua. Eu que nunca fui da vida boêmia. Já não cuidava da casa como antes. Fora muitos momentos em que cheguei a minha casa com montanhas de louças sujas.

O que de fato foi a sincope do casamento ocorrera em uma noite fria. As brigas já recorrentes e o divorcio uma opção. Ela ficaria mal falada, isso sim. Havia chegado cansado do trabalho. Já às 23 horas. Meus companheiros arquitetavam uma greve. Minha casa, com um portão de madeira que dividia a rua do gramado. Abri devagar aquele portão. O rangido causou-me um arrepio agudo. A noite uivava com os ventos que varriam a cidade. Se bem me recordo, um vento jocoso me derrubou o chapéu na grama. O quintal era grande. Abaixei-

me para pegar. Um gato cruzou o quintal rápido. Ali a pouco, já sumiu nas estrelas. Alguns passos até a porta também de madeira.

A porta rangeu alto. A vista que tive foi arrasadora. O sofá rabiscado pela tinta azul da caneta. Rabiscos disformes e de variadas formas. O vaso que ficava sobre a estante diante da televisão jazia em pedaços no chão. As paredes brancas com marcas vermelhas. Imaginei o pior. Palmilhei até o meio da sala. Cada passada me causava uma sensação iminente de perigo. O silêncio da noite era-me sufocante. A janela estava aberta e as cortinas se moviam rápido. No chão, mais vermelho. Adentrei a porta até a cozinha. Caos... No fogão, uma panela com um líquido vermelho transbordando. Os pratos todos quebrados no chão. Os copos também quebrados. Andei com cuidado até o fogão. Na panela, morangos. O barulho das borbulhas era a única coisa que se podia ouvir. Desliguei o fogo. A mesa parecia intacta. Pensei em chamar minha esposa. Sabia que seria inútil.

Sai da cozinha. O corredor que a ligava ao nosso quarto estava nu. Havia nas paredes alguns quadros. Todos foram retirados de onde estavam. A porta do nosso quarto estava fechada. Tive medo em abri-la. Com a mão na maçaneta, girei com calma. Naquele momento, senti a sensação de que alguém me observava. Uma figura grande, alta. Demorei em abrir. Já aberta, varri com o olhar, nada. A cama estava desorganizada, com o lençol no chão e o travesseiro sem a fronha. Os livros, que ficavam na estante, estavam com as folhas rasgadas. Os quadros que outrora estavam no corredor descansavam na cama. A sensação aumentara. Naquele instante quase senti uma pessoa atrás de mim. Tinha o dobro do meu tamanho. Virei para trás: nada!

Já não sabia o que fazer. Talvez devesse gritar, ou chorar. Não tinha vontade de fazer nada disso. O que queria fazer era fugir. Sair correndo. Aquela casa sozinha me causava enjoos. Um tipo de vertigem me acometeu, como se estivesse diante de um vazio profundo. Havia alguém na casa, mas, não parecia ser minha esposa ou algo assim. Era algo demoníaco. O vento forte derrubou algo na sala. Saí para ver o que era.

Cada passo, cada respiração, cada movimento... Tudo parecia denso, duro, frio. Noite, tão bela quanto à própria vida. O mistério é o mais doce sedutor. Naquele instante, o perigo e a dúvida me eram motivo de dor. Dor última. A morte era certeza. A figura que me perseguia se aproximava. Vinha calma, como se soubesse que sua presa já a aguardava. A sala seria meu descanso último. Já na porta, a ventania parecia aumentar. As estrelas podiam dançar uma lógica música. Tudo parecia ser mentira. Um pesadelo, um momento de febre. Um aviso me vinha.

Em pé na sala, vi mais uma vez aquela bagunça. Era como se minha vida houvesse se materializado. Ali estava olhando a minha alma: escura, desforme,

sozinha. A solidão é o que há. Esse estágio de medo quase que terminal me fazia existir. Fui afogado por frases sem sentido que cruzavam o horizonte da minha mente. Medo: o primeiro sentimento humano. Vi meu nascimento, coberto por um medo irracional. Vi minha morte, medo daquilo que não se sabe. Sentia medo, isso é o que se pode explicar. O resto era bagunça.

A sensação de ser observado me açoitava. Não estava só, e isso era o que causava solidão. Ouvi passos vindos da cozinha. Os passos tímidos, mas, firmes vinham na minha direção. Percorreu até mim. O medo que sentia era um medo estranho. Não tinha medo de morrer ou medo de ser atacado. Tinha medo de ver quem me persegue. Poderia ser qualquer ser e, esta variedade, me causava medo. Dei algumas passadas até o sofá. Os passos, leão faminto, aumentaram a velocidade.

A tristeza da noite me acometia. Um sentimento de abandono. Esta é a verdade última: o ser humano é um ser abandonado. Não havia como ser ajudado por alguém. Devia me salvar. O homem busca por um salvador, mas, na maioria das vezes não há um salvador. Frustação: esta é a sensação que me acometia. Frustrado comigo mesmo, com minha mulher... Frustrado por depositar confiar em um vazio. Os passos se aproximavam.

Fiquei parado, congelado. Não iria me virar. Ficaria ali, parado. A covardia me tomara. A verdade é que todos são covardes. E essa covardia era o que eu escondia. Era covarde! Ali, quando me foi revelado quem sou, me senti eu. Não era mais um mentiroso, eu não mais me esconde em afirmações levianas. Sou o que sou! Os passos haviam chegado até mim. Senti ali uma respiração ofegante atrás de mim. Estava atrás de mim o motivo de minha infelicidade.

Em um ato ímpar de valentia me virei. Quase tive um salto quando vi quem era. Os olhos fundos e baixos, a boca com meio sorriso. Sim! O ser que me perseguia era eu mesmo! Ao menos, era a mim que via. Era como um espelho, mas, não imitava meus movimentos. Olhamos um para o outro. O silêncio disse tudo. Quis abraçá-lo, apertá-lo, mas, contive-me. Este fato me foi de grande surpresa, mas, também de gratidão.

Ruan Sarmento

Santa Cruz/PB

Há Coisas

Há coisas que devem ser ditas,
outras vividas, como é o caso do amor.
Há coisas que devem ser apagadas,
outras lembradas, como é o caso do amor.

Há coisas que não deviam existir,
outras podiam se repetir, como é o caso do amor.
Há coisas que acorrentam,
outras que libertam, como é o caso do amor.

Há coisas que geram medo,
outras podiam ser segredo, como é o caso do amor.
Há coisas que dão resiliência,
outras, paz e resistência, como é o caso do amor.

Sem amor
seja como for,
tudo vira nada
e o nada
vira dor.

https://instagram.com/ruansarment?igshid=djzw4ngr4n0r

Saulo Jonas Borges Costa
Itapé/BA

O Big Bang, os elementos químicos e a vida na Terra: uma íntima relação

A grande explosão, ou o "Big Bang", o estudado nas disciplinas de ciências, e que para muitos desperta grande interesse, para outros nem tanto, por que este acontecimento é tão importante?

No estudo sobre a origem do universo somos levados à cerca de 4,6 bilhões de anos atrás, onde um imenso vazio, segundo relatos, existia, e apenas uma matéria, de grande instabilidade, ocupava este espaço, até que um dia aconteceu, o "boom" responsável por tudo o que existe no universo.

Quando observamos a nossa imagem, ou quando tocamos em algo, estamos vendo um aglomerado de elementos químicos formados à cerca de 4,6 bilhões de anos atrás, e que a grande explosão foi aquela responsável pela formação destes elementos.

Nos levamos a conhecer a química, a física, a matemática, a história e até as questões religiosas para compreender este acontecimento e o porquê existimos.

Um aglomerado de conhecimentos formados por mentes pensantes, alimentadas por um aglomerado de elementos químicos durante as refeições diárias, nutrem o questionar e o saber.

http://lattes.cnpq.br/6561552908732678

Sigridi Borges

São Paulo/SP

Poçante

Na sexta-feira, logo após o trabalho, recebo o telefonema de meu pai contando que o tio Orlando havia vendido seu FIAT 147 para o Ramalho.

Meu coração bateu mais forte, a garganta fechou. Engoli o choro e meus olhos lacrimejaram, sem derramar uma gota. Perdi "meu" *poçante* (que deixa poça de óleo mesmo) para o Ramalho. Dirigir aquele carro era um sonho antigo. Percorrer as ruas da cidade, mostrando aquela máquina sem igual era o objetivo que alimentava desde sempre. Minha paixão por carros deve ter começado nessa época. Cheguei a construir uns carrinhos de madeira e de papelão. Pintei, coloquei adesivos, incrementei. Tenho todos eles até hoje. Enfeitam minha parede de miniaturas que conservo e admiro num lugar especial da minha sala de estar. Minha frota de miniaturas tem aumentado. Gasto horas admirando cada detalhe: rodas, capô, volante, cada parte, cada item, cada pedacinho. Certa vez, em visita a uma das inúmeras feiras de carros antigos consegui encontrar uma miniatura do FIAT 147 do tio, exatamente da mesma cor. Comprei na hora, nem me lembro quanto paguei. Guardei em lugar de destaque na parede de miniaturas, como se fosse um troféu. Está lá até hoje.

Ramalho é um vendedor de carros na cidade onde o tio mora atualmente. Ele compra e revende carros de pessoas conhecidas. Coisas que acontecem em cidades pequenas do interior do Estado. O tio vendeu o carro para o Ramalho pois precisava comprar um mais novo, mais atual. O FIAT também era o xodó do tio. Com idade mais avançada, tinha medo de ter problemas na rua com um carro antigo. Decidiu comprar um moderno.

Aquele FIAT 147, ocre, saiu da fábrica em 1.978, zerinho, cheirando a novo. Eu, com apenas 8 anos, entrei no carro do tio e imaginei que, um dia, ele seria meu. Não fazia ideia de como dirigir, nem tinha idade para isso, mas foi amor à primeira vista. O barulho do motor, o volante grande, o câmbio enorme. Aliás, nem sabia para que servia um câmbio. Achava o máximo quando o tio engatava a marcha, a velocidade aumentava. Para mim, era um passeio num parque de diversões. Na época, amava andar no porta-malas. Eu e meus dois primos ficávamos espremidos lá no fundo do carro. Não existia brincadeira melhor. Sempre que possível, nos finais de semana, tocava a campainha da casa do tio e pedia para ele me levar a dar uma voltinha no FIAT.

A notícia da venda do carro me deixou triste mesmo. Desde sempre imaginei que ele seria meu. Por diversas vezes falei para o tio que compraria o FIAT quando ele fosse vender. Ele achava que era brincadeira. O tio andava com esse carro todos os dias. Deixava o motor esquentando uns 10 minutos antes de sair para o trabalho. Eu morava bem pertinho dele e ouvia o som que alimentava minha alma. O ronco do motor me fazia viajar na imaginação. Sonhava em pegar a estrada, sem rumo, andar, andar e andar. Sem destino certo. Um menino que sequer sabia ligar um carro já imaginava dirigir aquele carro.

Logo no sábado, pela manhã, bem cedinho, fui até a casa do tio para conversar e saber mais detalhes sobre a venda do "meu" FIAT. Coitado do tio. Tamanha decepção em descobrir que eu falava a verdade. Não era brincadeira. Eu queria mesmo comprar o carro. O sonho surgiu naquela tarde de 1.978. Como uma criança que sonha em saborear um sorvete ou um doce, era eu pilotando aquela máquina. Nada, nenhum outro carro me chamava a atenção.

Ele me deu o endereço do Ramalho e lá fui eu, tentar comprar o carro, torcendo para que ainda não tivesse vendido a ninguém. Senti o FIAT escorrendo por entre meus dedos. Não tinha tempo a perder. Cheguei. Avistei a máquina. Ainda estava lá. Meu coração voltou a bater forte. Ele seria meu. O FIAT.

Era sábado. Uma manhã de 2.004. Sonho realizado. Comprei a máquina. Do Ramalho. O carro não chegou a ficar com ele nem vinte e quatro horas. Agora era meu. Hoje ocupa um lugar especial na minha garagem. Na minha prateleira. Na minha vida. No meu coração.

Sirineu Bezerra De Oliveira
Sobral/CE

Os Poetas

Os poetas se enraízam
No sentimento do próximo
Nas inúmeras tristezas e alegrias
Nos mais belos sonhos,
Nas noites frias, quentes, húmidas...
Os poetas e seus super poderes
Narrando vidas!
Dominando o tempo
Imortalizando seus corpos,
Em seus versos.
O que seria da humanidade
Sem esses homens?
Que ameniza as dores da vida.
Deixando bem evidente,
O quanto ela pode ser bela! e triste!
Doce e amarga!
Obrigado poetas! Obrigado(...)

Sonia Regina Rocha Rodrigues
Santos/SP

Um milagre

Até a idade de trinta anos o Dr. Hélio não acreditava em milagres.

Ele clinicava em Terra Roxa, cidadezinha situada em um lindo vale distante vinte e cinco quilômetros de Bebedouro, centro regional, à qual se ligava por estradas de terra íngremes e sinuosas, intransitáveis durante as chuvas, quando testemunhou um fato extraordinário.

Uma mulher trouxe para consulta seu filho de três anos. O Dr. Hélio notou uma cicatriz extensa no lado esquerdo do abdome do garoto, uma cicatriz pálida e retilínea, como a de uma cirurgia antiga, e perguntou o motivo daquela marca. Ouviu então uma estranha estória, no português cheio de erros dos caipiras:

"Doutor, eu nem sei o que lhe diga, nem eu mesma entendo o acontecido. O ano passado teve uma vez que caiu uma chuvarada que durou três dias. Nós mora a três quilômetros daqui, nós num tem carro, não, quando precisa tem a caminhonete do patrão, mas num dava jeito nem de a gente sair à procura do patrão tanta era a água que chovia, tudo era uma lama só, de noite, um breu que só vendo e o menino dana a se queimar de febre. Um febrão que dava inté medo. Como eu chorei aquela madrugada e me apeguei com minha Santa Rita a rezar por meu menino. De manhã cedinho o moleque aquietou-se e dormiu. A gente esperou um pouco até a água abaixar e fomo pra casa do patrão, que trouxe nós até o hospital. Daí quando eu vou abrir a camisa do moleque pro outro doutor examinar, dou um grito de susto, tava esta marca aí, só que vermelha e grossa, assim como uma carne inflamada e o médico perguntou:

- Que cirurgia foi essa?

- Mas num foi cirurgia nenhuma, não. Até ontem de noite num tinha nada aí, meu filho é sadio, nunca operou de nada, não.

- Como não tinha nada? Isso aqui é marca de cirurgia recente.

Eu fiquei toda arrepiada. O menino tava espertinho, sem febre, querendo comer, o doutor não achou nada e nós fomo embora, ainda levando bronca por não saber explicar que marca era aquela e ocupar o tempo do médico à toa.

Ora, vai que uma prima minha sabe da estória e diz que ouviu falar de um centro espírita e eu não queria ir não, que eu sou católica e não gosto dessas coisas de terreiro, não, mas tava encafifada e fui. Chegamo lá um senhor muito distinto olhou o meu menino, me olhou, eu nem falei nada, não, eu tava quieta, com medo, e o menino assim no meu colo, vestido e tudo. Pois o tal senhor distinto me diz:

- Você foi abençoada, filha. Essa marca em seu menino é de uma cirurgia espiritual. O menino teve uma inflamação no intestino, ia morrer, era de noite, chovia forte, você não tinha como chegar na cidade, então os espíritos operaram ele para salvar a vida dele. Agradeça a Deus, minha filha.

Eu tremia tanto que nem falar podia. Como é que aquele homem podia saber daquilo se eu nem falei nem mostrei nada?

Com o tempo a marca foi afinando, abaixando, agora está assim, este risquinho branco tão reto que inté parece feito com régua.

Eu nunca mais que voltei no centro.

Rezo toda noite a Deus agradecendo a vida de meu menino, mas não sei de explicação pra isso não. A minha Santa Rita dos Impossíveis é quem deve saber."

https://www.facebook.com/soniareginarocharodrigues/?ref=bookmarks

Tácito Cortes de Carvalho e Silva
Presidente Venceslau/SP

O Lobisomem da Baixada

Sexta feira! Sexta feira 13! Para muitos, dia aziago, para Berto dia importante e esperado com ansiedade. O menino, adolescente, rola na cama e se prepara para levantar. Este será o dia em que vai provar para todos, principalmente para o tio Fernandão e para si mesmo, que é corajoso, verdadeiro macho! Tudo começou há algum tempo quando mudou para o bairro, lá na baixada, bem na curva do rio, a família dos Ferreira. Família grande: pai, mãe e sete filhos, todos homens. O caçula, da idade de Berto, porém muito mais alto, com tez pálida, olheiras e penugem no rosto indicando barba precoce. Henri era de poucas palavras, mas ao conhece-lo Berto sentiu entusiasmo pela maneira como o garoto o tratava e, inexplicavelmente, sentiu que seriam muito amigos. Quando tia Genoveva, solteirona espirituosa e contadora de casos, veio almoçar num domingo em sua casa e contou na mesa a estória do lobisomem, colhido de surpresa, Berto teve atitude tão estranha que, pelo menos para a mãe que o conhecia do ventre, algo inusitado acontecera. O menino com olhos arregalados e boca seca ouviu a tia contar que o lobisomem era sempre o sétimo filho homem de uma família com sete filhos todos homens, que nas noites de sexta feira se transformava em um monstro, metade homem metade cachorro e saía a vagar pelas ruas buscando pequenos animais, ovos e excrementos para saciar sua fome e cumprir seu encanto causando enorme alvoroço. No amanhecer o encanto se dissipava e o monstro voltava à sua condição humana. Henri era o sétimo filho homem da família recém-chegada e, imediatamente, surgiu no íntimo de Berto a impressão de que o novo amigo poderia ser uma potestade das trevas. Um medo profundo, visceral, se instalou em seu ser. Não podia ser possível! Henri era gentil e educado, o tratava com muita atenção e, se não brincava com os mesmos brinquedos da turma, aceitava as brincadeiras com paciência e alegria. Tinha por Berto especial atenção e, quando estavam sós, gostava de falar sobre arte, música e literatura pegando em sua mão e olhando em seus olhos com imensa ternura. Mas, havia algo de estranho em Henri. As vezes aparecia com alguns sinais no rosto como se tivesse se maquiado, como se estivesse escondendo alguma coisa. A imaginação na adolescência é fértil e a mente humana é capaz das maiores fantasias. Berto passou a acreditar piamente que o novo amigo era lobisomem. A noite tinha dificuldades para dormir e acordava assombrado nas madrugadas ouvindo os uivos dos cães e o barulho das ruas.

Tinha medo e muitas vezes chamou a mãe para ficar ao seu lado. Tio Fernandão, quando soube, começou a chamá-lo de maricas e isto lhe trouxe ódio ao coração. Tia Genoveva, no entanto, de outra vez, lhe contou que para quebrar o encanto do lobisomem alguém precisava, com coragem, jogar água de rosas nas costas do bicho numa sexta feira, 13, antes da madrugada. Meu Deus! Impossível! Necessário muita coragem coisa que Berto achava que não tinha. Os dias foram passando e cada vez mais o menino gostava do amigo e, por isso, começou a planejar uma maneira de quebrar o encanto que transformava Henri em um monstro...conseguiu água de rosas na feira, um escapulário com São Francisco de Assis, o santo dos animais, para usar contra aquele demônio e....conseguiu a promessa de Totonho, amigo grande e forte, de que o ajudaria!

A sexta 13 finalmente chegou e, ainda na cama, Berto começou a fazer seus planos; à noite iria com Totonho até o caramanchão em frente à casa de Henri e ali, quietinhos, esperariam chegar a madrugada e o momento certo para agir e livrar o amigo de sua sina. Berto estava tremendo de medo, mas o amor que sentia pelo outro era muito intenso e lhe dava coragem. A noite chegou e Totonho não apareceu. Berto pensou em desistir, mas uma força interior o impeliu para a baixada. Não era uma noite comum. Tudo parecia diferente. A lua escondida atrás das nuvens e uma brisa fria que vinha lá do rio e penetrava nos ossos faziam o menino tremer mais do que o normal e, o medo faz coisas, ele ouvia ruídos de todos os lados e tinha a nítida impressão de que uivos estranhos se misturavam ao vento. Uma música esquisita saindo da casa de Henri piorava a sensação de pavor do menino e, assim, num tremendo esforço, na hora em que a "Parsifal" de Vagner emitia seus sons derradeiros Berto chegou ao portão e dali pode ver a sala com a janela aberta e lá, em seu interior, de colam e sapatilhas, com o rosto todo maquiado, Henri fazendo passos de balé. Então entendeu porque o amava!

Tauã Lima Verdan Rangel
Mimoso do Sul/ES

Grito Seco

Mais uma vez, minha voz se exalta em dor
Não restou nada, apenas uma lancinante dor
Perdas acumuladas em uma senda chorosa
Será que estou vivo? Apenas a trilha tortuosa

Diante dos meus olhos umedecidos e marcados
Está aquele conhecido caminho de passos dados
Inúmeros sofrimentos vividos, choros condoídos
Entre soluços, muitos espantos e um pranto vertido

Acredito que, de mim, nada restou além do sofrimento
Ou será que restou sequer um desejoso e doce alento?
Não! Enfático respondo a mim na busca de dissimulação
Quero um amparo para minha dor, choro em sofreguidão

Duvido dos versos, das rimas, das minhas composições
É tudo mentira, é tudo apenas um jogo vil de inversões
Engano-me com palavras doces, com melodias poéticas
Achincalho-me trabalhando em tentativas de métricas

Teresa Azevedo
Campinas/SP

O "Rei Arthur" de Penny

Penny era uma destas figuras emblemáticas, tinha cinquenta e dois anos, mas quem a visse não lhe dava mais de trinta e com um corpão de dar inveja a qualquer garota de vinte. Sempre usava jeans apertados, corpetes, coturnos, cabelos longos rosados, tinha tatuagens no braço, pescoço, tornozelo, e óculos escuros era uma de suas paixões, sendo que neste quesito só perdia para Elton John. Amava todo tipo de acessório: cinto, brinco, muitos anéis nas mãos e pulseiras, mas o que mais amava na vida e juntos paravam o trânsito por onde passavam, era o seu "Rei Arthur", nome que dera ao seu maravilhoso carro Escalibur SS, ano 1965 branco, que ganhou de presente de seu pai quando fez dezoito anos. Desde então não se separou dele por nada. Ele foi projetado por Brook Stevens, construído sobre o chassi do Studebaker Lark Daytona, motor do esportivo Corvette e o desenho baseado nos famosos Mercedes-Benz SS produzidos em 1920 e começo de 1930 com para-brisa e capota de lona vermelha. O bagageiro cromado protegia o estepe, que era fixado sobre a tampa do falso porta-malas. Lindíssimo, chamava a atenção com os para-choques cromados, belas rodas raiadas que usavam pneus diagonais 7,75-15 e três canos de escapamento de cada lado, que iam do capô dianteiro até o eixo traseiro. O capô trazia ainda entradas de ar, ornamentado de uma grossa correia. Na frente, a grade do radiador também chamava a atenção pelo mascote que ostentava, uma mulher de braços abertos inseridos em um arco de metal. Havia três faróis circulares, sendo um no meio, apoiados em uma estrutura de tubos. Atrás, o para-choque era discreto com pequenas lanternas. Ele media 4,25 metros de comprimento, 2,77 metros de eixos, 1,77 metro de largura e 1,19 metro de altura. Pesava 1.080 kg. A carroceria era feita com plástico reforçado de fibra de vidro, apoiada em uma longarina de aço. Os bancos tinham apoio de braço central revestidos de couro vermelho, assim como toda a forração das portas e

painel, que possuía seis instrumentos circulares imitando os da época antiga. O volante com aro de madeira e formato moderno destoava um pouco do estilo vintage. O motor Chevrolet V8 tinha 2358 cilindradas (327 polegadas cúbicas), taxa de compressão de 10,5:1; potência de 305 cavalos e torque generoso de 49,7 kgf (valores brutos). Era alimentado por um carburador de corpo quádruplo da marca Carter. Com tração traseira, powerglide automática com duas velocidades, onde a máxima original era de 185 km/h, porém, ela o turbinou permitindo que alcançasse 250 km/h, o que não era muito recomendado em função da aerodinâmica, mas ela lhe dava uns tapinhas sobre o motor e dizia – Sei que você é capaz de se superar e me surpreender, meu Rei. A suspensão era independente na frente, com molas helicoidais e a traseira com eixo rígido, com molas semielípticas. Os freios dianteiros usavam discos e os traseiros tambores. Era produzido em Milwaukee no estado de Wisconsin, também a sede da Harley-Davidson. Tratava-se de um carro para desfilar – vários artistas da música e cinema tiveram este carro, como por exemplo Frank Sinatra, Steve McQueen e Tony Curtis. Foi também apreciado por poderosos de Las Vegas e milionários do petróleo do Oriente Médio[1], mas sem dúvida Penny era dígna dele, afinal, ambos eram exóticos, ousados e ostentavam beleza e vigor. Com ele Penny participava de corridas em todo o país e até no exterior.

Inseparáveis, belos e inconfundíveis, permaneceram unidos até que em uma noite de inverno, enquanto Penny e seu Rei Artur subiam a serra para irem à uma festa na cidade vizinha, ela teve um infarto e tombou sobre a direção. Rei Artur, como que desesperado e tentando sacudir sua amada dona, saiu da pista e capotou inúmeras vezes, caindo de um penhasco e explodindo. Dos dois, restaram apenas as suas cinzas, muitas belas lembranças e a triste história do acidente fatal.

http://www1.uol.com.br/bestcars/ph2/323-excalibur-1.htm

Thiago Henrique Fernandes Coelho
Minas Gerais/Uberlândia

A tal liberdade

O menino tinha que fazer sua lição
Um texto sobre a liberdade devia escrever
Pegou o lápis com um pouco de aflição
O que a liberdade deve ser?
Resolveu perguntar ao vovô João
Que devia algo sobre saber

Vovô João disse que era como o mar
Pois era um marinheiro aposentado
Com a idade já não podia navegar
Como foi bom seu passado
Das aventuras no oceano se pôs a recordar
Agora estava ali, há anos parado

Ouviu a campainha, era o carteiro
Nas ruas sempre a ir e vir
Respondeu se tivesse liberdade, seria fazendeiro
Como era a vida no campo, sentir
Liberdade é coisa de aventureiro
Viajando pelo mundo, sempre a descobrir

Ouviu a buzina do carro da vizinha
Que era médica em um grande hospital
Liberdade é poder caminhar, lhe respondeu Teresinha
É um cavalo que nunca foi preso no curral
Como o vôo da andorinha
Só experimentada plenamente no carnaval

Sentiu cheiro de pão, foi a padaria
Liberdade é como o perfume dessas quitandas
Afirmou o padeiro Antônio, enquanto o aroma do bolo de fubá sentia

Não tem pressa, nem destino, anda por todas as bandas
Uma menina cheia de valentia
Como a suave brisa que percorre nossas varandas

O menino voltou para casa olhando suas anotações
Quantas coisas era essa tal de liberdade
Como o mar a desafiar embarcações
Coisa de aventureiro enfrentando adversidade
São os animais em suas ações
É o cheiro da comida, que nos faz sentir saudade

Suas lembranças faz o coração de um velho aquecer
Leva um carteiro a sonhar pela rua
Uma médica sorrir, cansada ao entardecer
O padeiro que faz suas receitas, enquanto sova a massa crua
Liberdade, cada um tem uma forma de ver
É minha, é nossa, é sua

Tinga das Gerais

Corinto/MG

Se Soubesses...

Se ao menos soubesses
O quanto em sonhos
Amamos sem limites...

Se ao menos soubesses
O quanto em pensamentos
Perco a noção do tempo por ti...

Se ao menos soubesses
O quanto o meu desejo
Pertence a ti...

Se ao menos soubesses
O quanto a minha pele
Tem sede da tua...

Se ao menos soubesses
O quanto a minha saliva
Procura a tua...

Não seria a protagonista
Desta louca saudade
Que me faz refém
Deste amor sem fim...

Voltarias como uma ventania
Louca e me amaria
Abraçava-me fortemente
Tomando conta de mim...

Volte...

Uliz Camargo

Votuporanga/SP

Lá vem a onda

Lá vem a onda!
Suba aqui marinheiros,
Para ver o fim.

Lá vem a onda!
Afrontosa, gélida,
Agitada pelos ventos.

Lá vem a onda!
Trazendo um gemido,
Angustiada e frustrada.

Lá vem a onda!
Afastada do corpo de Poseidon,
Trocada pelo corpo de uma sereia.

Lá vem a onda!
Empurrando o meu destino,
Engolindo os meus fracassos.

Lá vem a onda!
Pule marinheiro,
Antes que ela te engula também...

Lá vem a onda!
Talvez ela me ame...
Talvez eu a ame...

Van Toledo

Catanduva/SP

Hai kai

Vanuza Silva

Belo Horizonte/MG

Mãe Natureza

Acordei e olhei pela janela
E diante da suprema beleza
Parecia uma ilha, de tão bela.

OH! Minha mãe natureza
De tão exuberante
Parece dona da Realeza

Árvores verdejantes
Rio e céu azuis
Pássaros cantantes

Oh! Minha mãe natureza
Como pode o ser humano
Destruir ferozmente sua grandeza

Meu olhar se modifica
Envergonha-me perceber
Como a cidade se edifica

Pássaros foram embora,
Rios todos canalizados
Oh! Minha mãe natureza isso me apavora.

Oh! Minha mãe natureza
Hoje tenho em mente
Que amar a vida, e toda sua beleza
É viver plenamente.

@vanuza.silva.1253

Vinícius Amâncio
Itápolis/SP

Quarta-Feira

É o final da terça-feira. Meia-noite. Banheiro, escova os dentes, bebe meia garrafa de água. Confere as trancas e os aparelhos eletrônicos. Programa o despertador. Deita e demora a pegar no sono. Um dia a menos.

Acorda às seis da manhã. Faz a higiene e bebe meia garrafa de água. Programado. Após 10 anos fazendo a mesma coisa todos os dias ele aprendeu a realizar suas atividades matinais mais básicas sem precisar acordar. Seu corpo levanta e faz tudo sozinho, com isso ganha alguns minutos a mais de sono. Desperta. Tenta beber um pouco de água, mas a barriga está cheia. Não sabe por que. Come um pedaço de pão puro e arruma a sua bolsa com os papéis do serviço. Procura o celular. Descarregado. Procura o carregador e quando o acha enfia na bolsa de qualquer jeito. Sobe na moto estacionada no quintal, saindo e parando na calçada para olhar o céu e as casas ao lado. Dirige até o trabalho, admirando o seu redor: as árvores com suas folhas balançando e as pessoas atrasadas. Gosta de ver a cidade acordar.

Se perguntassem com o que ele trabalha não saberia responder. Não lembra mais qual é o seu cargo. Trabalha nos recursos humanos de uma repartição pública e controla os documentos de todos os funcionários da prefeitura, mas qual é o nome disso? Tanto faz, não importa, ninguém vai perguntar mesmo. Apenas segue fazendo o que faz sempre, sem se preocupar com mais nada.

Entra oito horas. Cumprimenta as pessoas que vê com um falso "bom-dia" à medida que vai caminhando para o seu setor. Tem poucos amigos ali. Na verdade, nenhum. Dá bom dia para eles por educação, mas sabe que se passasse por lá sem falar nada ninguém daria a sua falta. Chega à sala dos recursos humanos. Poucos colegas de setor haviam chegado. Cumprimenta-os com um balançar de cabeça. Senta e põe-se a trabalhar. Organiza papéis em pastas, papéis que parecem brotar na pequena mesa conforme a manhã vai andando. Tenta arrumar tudo rápido, mas sempre tem algum documento chegando ou alguma conversa aleatória rodando. Uma estagiária entra na sala. Ele religiosamente para tudo que esta fazendo apenas para exercer a sua masculinidade programática. A jovem conversa com a diretora do setor, cuja mesa fica bem a frente da dele. Assim como todos os homens da sala, ele para de respirar. Apenas admira a bunda em sua frente. A calça de lycra preta

delineando bem as curvas da moça, a calcinha marcando e parte das costas nuas exibindo a uma fresta da pele branca que não vê sol em tempos. A mesma atenção que um crítico de arte tem ao ver uma obra renascentista. Ela se vira, caminha para a porta. Ele ainda admira e aproveita seus poucos segundos de felicidade. Volta ao serviço.

Meio-dia. Passa o cartão e sai para o almoço. Vai num barzinho que fica na frente do serviço, pede uma marmita e come ali mesmo. Passa seu almoço assistindo a TV presa na parede do bar. Primeiro o jornal e depois o esporte. Descobre que o camisa 10 do Grêmio se machucou para o jogo da noite contra o Corinthians. Comemora contidamente. Dá uma hora e ele tem que voltar para os seus papéis. Faz o caminho de volta vagarosamente, tentando tardar o encontro com o seu tédio. O período da tarde é mais tranquilo, quase nada acontece e ele também vai mais devagar nos seus afazeres. Conversa superficialmente com seus colegas de serviço sobre mulheres, esporte e televisão. Bebe café, come umas bolachas horríveis de água e sal. Checa o celular, uma mensagem da namorada. Responde.

Chegando cinco horas, corre para passar o cartão e encara a fila. Todo mundo cansado, conversando sobre banalidades. Chega sua vez, passa o cartão e vai embora. Antes de subir na moto, dá um soco em uma parede. Hoje tem Corinthians, porra! No caminho para casa, olha a noite nascendo, as luzes dos postes se acendendo e algumas pessoas indo para casa, carregadas de sacolas. Ao chegar à sua, joga a bolsa no sofá, tira o tênis e a camisa como se fosse um Sísifo se libertando. Liga para Amanda. Combinam sair para comer alguma coisa na sexta à noite. "Beijo, te amo, tchau." Mexe um pouco no computador e depois assiste o jornal. Quando acaba, vai tomar um banho. Deixa a água cair devagar, morna, levando todo o cansaço e o estado de espírito da sua quarta-feira.

Ainda está passando a novela. Liga na pizzaria, afinal não é dia de fazer comida. Pede uma meia frango com catupiry, meia portuguesa. A novela acaba. Vai começar o jogo.

Sobrevive a uma bateria de comerciais antes do começo da transmissão. Confere a escalação do time. Fica nervoso pelo técnico não tirar lateral direito que não acerta uma bola cruzada. Rola a bola. Acompanha a partida nervoso, esbraveja alguns palavrões, xinga. Aos 20 minutos do primeiro tempo a pizza chega e, enquanto pegava o dinheiro, o Grêmio abre o placar. Recebe a pizza com cara de poucos amigos. A televisão está alta e o entregador pergunta interessado: "Quanto tá?" "Um a zero" "Pra quem?" "Pro Grêmio" "Puta que pariu, tá foda esse ano". Balança a cabeça em sinal de concordância e volta para dentro. Come dois pedaços até o fim do primeiro tempo e bebe um copo de

refrigerante. No intervalo, confere os jogos da rodada. Palmeiras vencendo o Flamengo por três a zero e o Inter empatando com o Goiás.

Logo no começo do segundo tempo, gol do Corinthians. Comemora com um grito: "Agora vamos virar essa porra!" Pega mais um pedaço de pizza, a de frango, a favorita. O Corinthians domina o jogo no segundo tempo, até que aos vinte e seis minutos a equipe vira o jogo. Ele grita, xinga, comemora. Fica apertado no sofá como o time na defesa, angustiado. Após quase vinte minutos de pressão, o árbitro apita o fim do jogo, tudo que precisava para respirar aliviado. Pensa em comer mais um pedaço de pizza. Se comer talvez fique com azia na manhã seguinte. No fim come. Espera a tabela de classificação atualizada para confirmar que o time havia entrado no G-4. Feliz, desliga a TV. Fica parado em frente dela por alguns segundos. É como se todo aquele dia tedioso fosse recompensado por essa sensação de prazer que só as quartas-feiras podem lhe propiciar. Sente saudade, liga a TV de novo. Após um curto sentimento de decepção, volta a desligá-la.

É o final da quarta-feira. Meia-noite. Banheiro, escova os dentes, bebe meia garrafa de água. Confere as trancas, os aparelhos eletrônicos. Programa o despertador. Deita e demora a pegar no sono. Um dia a mais.

Vinicius Morais de Souza
João Pessoa/PB

Carta para a rua

Essa noite me perguntei
Que tipos de coisas ouve a rua
Que mensagem recebe
Que água que bebe
Que troca, além do sol pela lua?

Me disseram numa canção
"Eles odeiam os que são espertos
E desprezam os que não são"
Nos davam as ruas pra morrer
Mesmo antes da isolação

Nossas ruas são projetadas sem saídas
Nossa água escorre pra cima
Desde os tempos de barco a vela
E ainda não desce em nossos tempos de favela
Quando desce é em forma de barro

Nossa higiene é lama corrida
Nosso tempo é o tempo das cinzas
Do cinza metálico que invade nosso pulmão
No nosso mundo as cartas não tem endereço
E nossas ruas não tem destinação

https://www.instagram.com/vicius_morais/?hl=pt-br

Vitor Sergio de Almeida

Uberlândia/MG

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura

Sempre gostei de frases feitas: aquelas que dão impacto, transmitem sabedoria,
Sempre soube que tais sábios provérbios já foram testados e provados ao longo dos anos...
Sempre compreendi que "a idade está na cabeça... e não no tempo vivido..."
Sempre acreditei que "colhemos o que plantamos"...
Sempre defendi que "nada como um dia após o outro"...
Sempre achei que "nada é por acaso" e que "tudo tem um porquê"...
Sempre ouvi os conselhos dos mais velhos...
Sempre achei que significativos pensamentos nos levam a olhar mais longe em direção ao inimaginável. Não obstante,
Só tem um insólito e pequeno problema: Nunca soube dosar a sabedoria destas expressões com a vida prática...
Isto é, nunca soube plantar para colher, esperar um dia nascer, ter uma justificativa para uma perda.
Eita ansiedade, mania incorrigível de sempre querer tudo para ontem e não poder esperar...

Por fim, um brinde a quem sorri, pois, um sorriso bem dado pode valer muito...
Por fim, um cumprimento a quem estende a mão, pois, um aperto de mão forte tem vários e bons significados...
Por fim, dê valor aquele que repara, pois, um olhar afetuoso e firme abre portas...
Por fim, no menor indício, fique atento, pois "onde há fumaça, há fogo"...
Por fim, paciência, pois, "devagar se vai longe", apesar que deves dizer com quem tu andas...
Por fim, espere o fim, mesmo não deixando para amanhã aquilo que se pode fazer hoje...
É no fim, por fim, que se dá certo e que se entende os porquês...
Mesmo com ansiedade e com a ânsia em acertar, "viva intensamente"...
Por fim do fim, despeço-me, pois, um adeus bem dado pode ser a certeza de um volta prazerosa...
Adeus. "Quem espera sempre alcança".

https://www.facebook.com/vitor.s.almeida.33

Wagner Azevedo Pereira
Nova Iguaçu/RJ

Na Canção

Hoje acordei e resolvi tirar você do sonho
Para colocar na canção, pois só em dizer
Ao mundo que és a mais linda, suponho
Não ser o que realmente faz alguém viver

É melhor fazer algo tão belo e mais sublime
Que tê-la apenas no pensamento em vão
Como um idealizador depois vai e suprime
Mas tê-la verdadeiramente além do coração

É nessa melodia que transformo tão bem
Tudo aquilo que é necessário e preciso
Deixando me guiar pela voz que donde vem

Do lugar, que de tão perto nem se perceba
O amor que está no sentimento escondido
Mas que ao entrar na canção você aconteça!

William Fontana

Rio de Janeiro/RJ

Porta 42

Desde criança tinha prazer em ver meu poder exercido sobre criaturas menores, tão logo fora uma questão de tempo para que o prazer no poder se tornasse em sadismo ao exercê-lo, o impondo em sofrimento e dor as pobres criaturas. Minha primeira vítima fora um periquito, percebi como sua vida se esvaia lentamente enquanto o esmagava com minha mão o torcendo, sua vulnerabilidade clamava pela destruição! Se inicialmente ele se debatia tão logo os movimentos cessaram dando lugar aos últimos espasmos até o último suspiro. Achei aquilo fascinante e tão logo passei a reproduzir o mesmo de modos diferentes a outras criaturas. O segundo assim fora uma gata, a encurralei no alto do prédio de onde morava de modo a assusta-la para que se matasse jogando-se da janela. A fitei caindo e ainda hoje degusto essa imagem em minha mente com um prazer esquisito de se explicar, certamente relés homens comuns não seriam capazes de entender a grandeza desse poder que detenho em tirar as vidas e atormenta-las a meu bel prazer. Me sinto como um deus.

Aleguei naturalmente a minha mãe que fora um acidente, ela acreditou e comprou um cachorro. Nessa época já tinha 16 anos e tinha interesses nas mais variadas drogas. Inicialmente os remédios de meu pai que usava de medicamentos para problemas neurológicos que possuía. Quando dei início ao experimento que fazia no meu cachorro e observava com prazer as reações dele. Mas com meus contatos no colégio que usavam de maconha me levaram a conhecer seu fornecedor de modo que peguei ectasy e cocaína para ele. Ao aplicar notei que a agitação do pobre animal era intensa de modo que suas pupilas alteradas naquele estado o levava a salivar, fiz isso na frente de meu amigo enquanto fumávamos e tomava vinho se divertindo com a situação ultrajante ao bicho.

A seguir fiz o mesmo com drogas alucinógenas a notar o desnorteio do animal que girava e tropeçava nas próprias patas, ele latia para o vazio como se um espectro maligno adviesse a ele. Ele viveu até o dia em que resolvi fazer experiências sexuais com ele, mas vocês jamais seriam capazes de entender a beleza disso. Como o poder é prazeroso!

Quando minha mãe encontrou o cão morto ela entrou em pânico, a bondade, amor e empatia humana sempre fora a fraqueza de pessoas comuns, mas sou maior que isso. Aleguei para ela que o encontrei na rua após ele fugir da coleira quando passeava na rua, ela não estava preparada para a verdade divina. Novamente ela acreditou mesmo que a essa altura eu mesmo passava a usar as

drogas alucinógenas que punha para esse cão, o Billy. Usava as drogas especialmente durante as sessões de tortura que se seguia com animais que achava na rua, junto com aquele meu amigo, o Roberto.

Roberto inicialmente gostava, mas ele não era forte o bastante para o que estava por vir. Tolo, nega a verdadeira essência do poder divino! Naquela época estudava para o vestibular e achava lindo sacrifício de animais em terreiros de umbanda, analisava suas mortes e as reproduzia. Passei então a desovar uma grande gama de material de pesquisa dos principais serial killers da história. Estudava com muito carinho seus modos operandi e assinaturas em seus crimes, era muito lindo! O que mais me fascinava e fazia-me sentir vivo era os detalhes dos assassinatos, dos que estripam a estupros, sejam eles feito em rituais diabólicos ou não todos expressavam beleza singular, era grandioso demais suas obras primas!

Naquela época tentava reproduzir isso em alguns animais, mas sua anatomia não era igual a humana e precisava de corpos humanos para conseguir entender a dimensão magnifica daquilo.

Fora por isso que escolhi medicina no vestibular, a possibilidade de dissecar corpos humanos e esquadrinhar seus órgãos me permitia um prazer ímpar. Fora assim que um dia uma colega minha percebeu meu jeito com os órgãos de um indigente espalhados sobre a mesa, absorto em meus pensamentos sorria ao contemplar o interior do morto nas minhas mãos, meu poder sobre o corpo, meu domínio sobre eles era incrível!

Porém, o colega de classe comentou o comportamento atípico com os demais da turma o que levou a rumores a típicos, a solução óbvia para isso seria deliberar rumores contra o próprio o que fiz com eficiência pois para mim minha reputação era mais do que tudo, queria ser louvado e adorado pelas pessoas. Como os tolos dizem é a vaidosa necessidade hipócrita de dissimular a bondade para ter louvor de pessoas que ignoram a verdade. E como amo os ignorantes que sendo idiotas úteis logo presenciaram minha ascensão onde a desgraça daquela colega ao colocar fotos de crianças dentro de sua mochila e um bilhete impresso onde ele expressava seu ódio contra mim e como queria fazer o mesmo comigo. Era muito importante a projeção de deméritos próprios em terceiros, especialmente nas vítimas, tocar fogo em tudo e assistir de longe enquanto fumo, aquilo era como um quase orgasmo.

Todos trataram me pedir desculpas, tapinhas nas costas e o linchamento público por palavras de meu inimigo fraco demais para provar a verdade. Ao estudar os históricos dos serial killers e sociopatas diziam que a objetificação e coisificação das pessoas que usavam eram comuns, e compreendo perfeitamente o motivo, eles são apenas engradados a espera para serem abertos e libertos de suas vidas medíocres que anseiam apenas pelo cotidiano, casar-se, ter filhos e

um bom trabalho onde possam exercer suas vocações. Mas minhas aspirações trilhavam caminhos mais altos que a compreensão de relés medíocres.

No fim da faculdade havia tido apenas duas namoradas com quem tinha relações sexuais frequentes. Mas aquelas tolas vadias apesar da beleza cismavam apenas que o prazer estava no carinho e no amor, tolas! Frequentemente durante os atos sexuais observa seus órgãos sexuais como um caminho óbvio para desvelar suas entranhas, imaginava como elas seriam por dentro, imaginava sobre tudo como seria enforca-las e espanca-las durante o ato, e sempre nesses momentos eram meu ápice do orgasmo. Necessitava assim realizar aquelas fantasias urgentemente, precisava do ato sexual com força queria que elas dissessem não, que elas gritassem e pedissem socorro, mas não poderia fazer isso em qualquer lugar.

Fora assim que um belo dia convidei uma das idiotas a ir comigo para uma fábrica abandonada no interior do estado. Kelly mal sabia o que a esperava e como uma cadela obediente após carícias e juras estúpidas de amor aceitou com um sorriso ingênuo no rosto. Como essas vacas são cegas, e por isso devem ir para o abatedouro mesmo que antes houvesse dado demonstrações de minhas aspirações sexuais ao dar tapas na cara dela enquanto a chamava de vagabunda num ato sexual. Pus uma música idiota daquelas melosas que elas gostam dentro de um lugar escuro, apenas entrecortado pelas luzes de vela as quais achando ela ser por romance, eram por um ritual de dor que se iniciaria. Toda dor afligida é um ritual que me conecta a esse poder sublime. Mas nunca entendi bem o que as pessoas sentem quando tocam músicas melosas, mas ela me olhava como se estivesse apaixonada, olhava sem ver a verdade que lhe aguardava. Sua beleza seria excitante ao ser denegrida!

Tão logo que o ato sexual começou após algumas carícias e beijos a puxei pelo cabelo forçando-a. Ela se remexeu gemendo e aquilo me excitou mais. Os detalhes não serão expostos pois mentes fracas achariam sórdidos demais, mas aquilo me energizava de prazer radiante!

Obviamente não gostaram quando descobriram o corpo dela jazido na fábrica, fiz tudo que tinha desejo me saciando e deleitando-me na aflição dela, não sem antes obriga-la a ser drogada. Porém, o efeito do poder que adquiria com aquilo se esvaiu me tornando sedento por mais, sobretudo me sentia injustiçado e incompreendido. Precisava de pessoas com quem compartilhas aquela linda obra que realizava, precisava de uma assinatura para compartilhar entre pares de semelhantes que encontrava na *Deep Web*. Era meu apogeu, lá as pessoas do grupo fantasiavam comigo novos modos de tortura, compartilhavam livros sobre torturas medievais até as modernas, tal como fotos de crimes brutais onde os estudávamos com muito carinho. Um belo dia senti vontade de voltar ao local do crime antes do próximo crime, ao estar lá ainda podia sentir a aura da

aflição e dor de Kelly. Respirei fundo e sorri, fiquei excitado e me masturbei ali lembrando dos derradeiros momentos de aflição dela. Ainda bem que tudo fora muito bem planejado e consegui bons álibis antes do crime.

Fora então quando caminhando pelo lugar notei haver uma porta bloqueada por entulho e pedaços de madeira. Curioso com aquilo resolvi tirar as madeiras da frente quando notei que era uma porta dentre várias, todavia aquela porta estava fora da ordem inúmeras ou as portas apresentavam uma ordem que não era capaz de compreender. Era a porta 42.

Ainda não sei bem o motivo que me levou a ir justamente aquela porta, mas fosse o que fosse mudou por completo o que acreditava do mundo. Mas como sentindo-me um anjo da dor senti-me compelido a abri-la.

O que fitei ao iluminar seu interior remetia a um relés espelho, todavia ao lançar o facho de luz sobre ele vi a mim mesmo, mas não era eu mesmo, este 'eu' parecia ter vida própria ao contrário de um mero reflexo. O reflexo me fitou de volta e lançou-me um sorriso malicioso. Assustado olhei para minha mão e em seguida para o espelho quando o ouvi murmurar.

— Sou o demônio do que você faz, sou o que estais se tornando. Sou você em sua essência.

Sem compreender bem aquilo, me sobreveio um arrepio tenebroso que jamais senti, de repente me peguei sentindo toda aflição e dor que tinha prazer nas vítimas que impunha. Agonizei e grunhi um grito comedido.

De alguma forma aquele espelho refletia o âmago das pessoas em sua essência, mostrava a verdade do que a pessoa era, do que ela realmente praticava e a submetia o que mesmo fazia com terceiros, era o reflexo dos próprios atos sobre o refletido. Se a pessoa fosse decente e honesta ela teria prazer no que sentiria, caso contrário não.

Mas agora com os pulmões rufando, pouco me importava o que era aquilo, queria sair, mas era como se eu fosse assombrado por mim mesmo. Era horrível colher os próprios atos, aquilo era bom apenas com minhas vítimas!

Sentindo todo horror das vítimas que fiz ao longo da vida decidi então me matar, eu era meu próprio fantasma em vida! Assim droguei-me em meio a aflição e termino esse texto antes de dar cabo de minha vida, a culpa é da porta 42! Pois apenas com ela fitei para meu próprio abismo interior e ele olhou para mim! Tenho que fechar essa porta a todo custo, mas é tarde, não posso mais!

A noite me persegue, tentando pelas sombras me tragar. Ante o abismo traiçoeiro resta-me esperar alguém me resgatar!

Wilson Carvalho

Itapororoca/PB

Uma loba feia

Numa sala escura estavam três mulheres a fiar. Uma delas pegou uma linha em meio ao emaranhado da cesta de retalhos, que foi examinada e esticada.

Nós céus de uma cidade brilhante alguém carregava uma bolsa com vários pontinhos, cada um com seu destino marcado, pronto pra ser deixado em um lugar específico e predestinado. Mas como a beleza da vida é incompreensível, também foi decidido pelo destino que um dos pontinhos devia cair longe de seu futuro lar, e assim aconteceu.

Quando aquele pingo de luz cresceu e se tornou uma menina, ninguém queria brincar com ela, pois era redonda demais e os outros, quadrados, funcionavam como engrenagens. Não havia espaço para ela. Sua mãe sempre a defendia, dizendo que ela iria ser normal logo, logo, mas ela se tornou uma jovem adolescente e isso não aconteceu, então sua mãe desistiu.

— Minha filha, às vezes eu só queria que você não existisse... - Disse-lhe a progenitora já cansada, e um nó foi dado na linha.

A jovem deixou sua casa e procurou abrigo nas ruas. Encontrou pessoas que a ajudaram por um tempo, mas com as quais não podia se sentir conectada, pois não conseguia fazer isso com ninguém. Ela sempre acabava tratada como estranha e desagradável. Passou por muitos rostos, muitas casas, muitas famílias, mas não pertencia a nenhuma.

Em uma noite fria, pois já era inverno, olhou por uma janela e viu ali uma família brincando. Um dos pais estava tocando alguns instrumentos musicais, enquanto os filhos rodopiavam tentando dançar, e o outro pai trazia biscoitos coloridos para eles. Era somente um recorte de uma família, de quatro vidas, mas a moça sentiu paz olhando pra eles, e desejou poder encontrar um lugar onde pudesse ser ela com pessoas que a entendiam.

Passou-se muito tempo, e foram gastos muitos passos, até que durante uma noite ela se viu perdida, com fome e com ninguém ao seu lado. Acabou caindo e desistindo de tentar, e ali ficou por muito tempo. Outro nó foi dado na linha.

Após muito caminhar pelo chão árido, uma velha senhora havia encontrado, em ossos, um pedaço de panturrilha e parte de um ombro, que a contaram de como foram despedaçados, de como se tornaram fragmentos, e a velha, conhecida como La Loba, chorou por aquela parte da história, mas também encontrou pedaços da cintura que a mostraram como aquela jovem havia se sentido feliz em alguns poucos momentos de sua existência anterior, na maioria quando estava sozinha. Os mais importantes, entretanto, e que só vieram a ser encontrados muitos dias depois dos primeiros, foram o crânio quase intacto e um pedaço de costela. Com essas partes tão determinantes da vida e da morte, o

esqueleto daquela jovem pôde enfim ser remontado na caverna de La Loba, a velha andarilha que cuidava dos mortos e abandonados. Diziam que recolhia ossos pelo deserto, principalmente de lobos, e que quando cantava para eles em sua caverna, a carne voltava aos seus corpos, e a vida reinava para que pudessem correr livres.

Nesse início de noite, sob a luz da fogueira, pouco tempo depois do sol descer e a lua crescente surgir, acompanhada dos uivos dos lobos, a velha La Loba terminava de arrumar os pedaços que encontrara enquanto preparava em sua mente a próxima canção. Era sempre um trabalho árduo. Isto é, as músicas refletiam mais do que a renovação daquela vida, refletiam tudo o que ela já havia sido e o que poderia vir a ser. Uma das etapas menos complicadas havia passado, agora chegava a hora do verdadeiro trabalho.

Com a forma básica daquela jovem à sua frente, La Loba começou a cantar sobre sua vida. Cantou para lhe dar forças, para mostrar que não estava sozinha e que poderia ser inteira novamente. A canção logo deu energia, e os ossos tremiam e se uniam cada vez mais uns aos outros. Não demorou para que se formasse a carne, que o coração voltasse a bater e espalhasse a vida pelo corpo, que o cabelo se formasse e que as unhas crescessem. A jovem recuperava seus sentidos de novo, e encarava La Loba.

— Você tem visitantes que querem lhe falar - Disse a velha senhora cansada após o trabalho.

Ao seu lado estavam três mulheres, uma velha, uma adulta e uma adolescente, embora às vezes a que era adulta parecesse ter os cabelos brancos, a jovem apresentasse ter a coluna curvada e a velha parecesse não ter rugas. Elas seguravam uma linha nas mãos, e uma terminou de dar mais um nó.

— Você conseguiu se refazer, criança, te admiro por isso - Disse a velha, mas sua voz era nova.

— Está enganada, não consegui esse feito - Respondeu a moça ainda se acostumando a poder de novo falar. - Não é obra minha.

— A velha Loba só segura a tua mão, mas tu fazes o teu próprio caminho - Disse a mulher adulta, mas sua voz era grave e áspera.

— Eu deixei de existir há muito tempo, não poderia voltar sem auxílio - Continuou a moça ficando em pé em seu novo corpo. - E nem sei se mereço ou quero isso.

— De fato não podias, mas voltaste. E o que fazes disso a partir de então é escolha tua, e somente tua - Disse a mulher jovem, mas sua voz era segura.

A moça notou por trás das três mulheres um ser com a face oculta, segurando algo nas mãos.

— Quem é essa de casaco preto atrás das senhoras? - Perguntou a moça se agasalhando com um pano contra o frio.

— Ela é a Morte, minha jovem - Disse a velha La Loba. - Você tem medo dela?

— Não sei dizer...

— Não deveria. Ela pegou a semente do que restou de uma vida e deixou no ventre de sua mãe, para que pudesse existir.

— Mas minha mãe não é a minha mãe de verdade.

— Eu sei disso. Em meio à beleza do caos, às vezes acontecem acidentes, mas você poderá encontrar o seu verdadeiro lar. Ele está esperando por você, depois da colina que encerra esse deserto. Mas não podemos ir contigo, terá de encontrar o caminho sozinha, junto com a natureza. Você vai até lá?

Ela hesitou por um momento, pensando no que aquilo significaria. Nunca sentiu que podia existir em qualquer lugar no qual pisou, e não achava que seria capaz de encontrar um canto no qual poderia ser livre, a não ser...

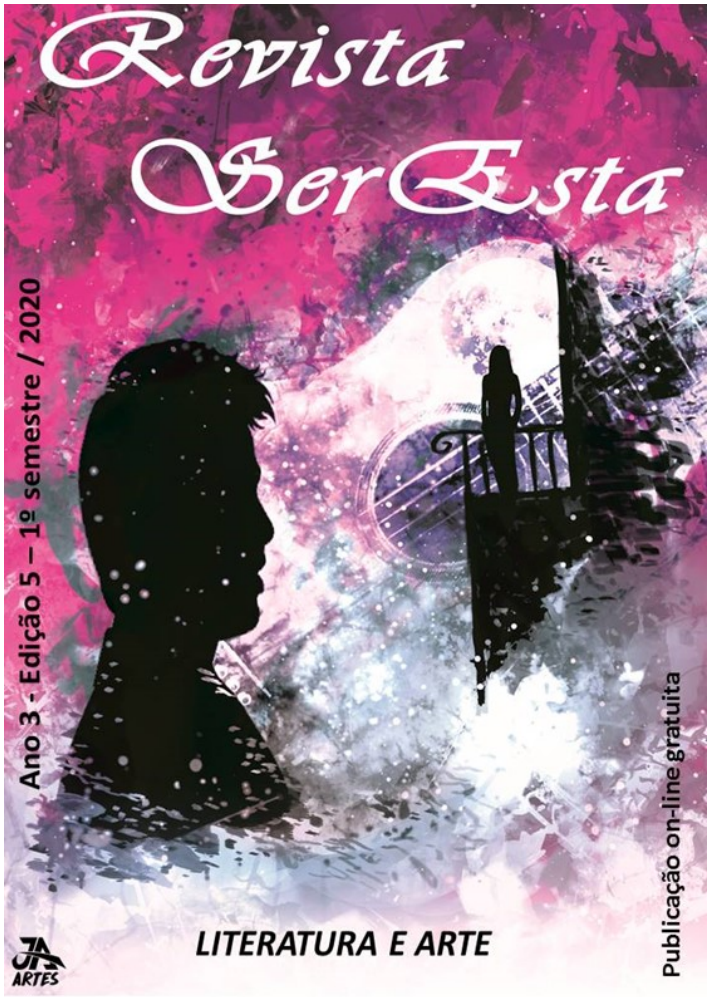
— Eu vou.

As três mulheres que seguravam o fio deram juntas mais um nó e se afastaram para o fundo da caverna, deixando de ser vistas. A moça recém reconstruída caminhou até a saída e deixou o vento do deserto passar por seu cabelo. À frente no céu a lua se erguia, iluminando muito pouco, mas o suficiente para guiar os animais noturnos e aquela jovem alma.

Ela desceu pelas colinas e correu com toda a sua energia pelas areias do deserto. Foi acelerando com calma, mas não demorou a acompanhar os lobos selvagens que corriam em bando. Ela os acompanhou, e em meio à poeira foi se misturando cada vez mais à natureza selvagem. Seu cabelo era o vento, suas pernas soavam como a água do rio e sua voz era como o uivo dos lobos. Dizem que ela cruzou toda a planície do deserto, cada vez brilhando mais à luz da noite, e que encontrou a colina que o finalizava. Contam que lá ela se desfez para a vida, deparando-se com uma nova realidade em meio ao vento, a lua e aos lobos no deserto.

Lançamento da 5ª Edição da Revista SerEsta

Criada por um grupo de escritores, ilustradores e fotógrafos, a Revista SerEsta é uma publicação semestral, virtual e independente, que nos traz mais um importante espaço para divulgação da literatura e da arte.
A quinta edição traz uma entrevista com a nossa editora Ana Rosenrot e homenageia a escritora Adélia Prado.



Link para leitura:

https://pt.calameo.com/read/006141126445b8588095c?page=1

PDF:

https://revistaseresta.blogspot.com/p/blog-page.html

Corvo Literário – um novo espaço para os autores

O Corvo literário é um espaço para propagação da arte, em especial da literatura. Mas também para discussões e debates, por isso sempre traremos opiniões, entrevistas, notícias, e contamos com a participação de todos.

Acessem o site e enviem seus textos com tema livre:

https://corvoliterario.com/

https://corvoliterario.com/contact/

Conheçam e participem do “Sarau na Favela”

O Sarau na Favela nasce por conta do isolamento social e da necessidade de movimentar as diversas linguagens artísticas.

A princípio foi pensando nos amigos da favela e hoje é um espaço para todos, do país ao mundo. Estamos na 24ª Edição com diversas e com atividades, as terças, sextas, e aos domingos semanalmente e as quintas-feiras quinzenalmente, basta acessar a página do Sarau no Youtube e no Facebook.

Envie o seu vídeo para Whatsapp 55 (21) 988918862.
Aproveita se inscreva no Canal e compartilhe e venha fazer parte do Sarau que seguirá com a celebração da vida.

Página do Facebook:

https://www.facebook.com/saraunafavela/

Canal do Youtube:

https://www.youtube.com/channel/UCKgHHTfDJgKOsiD0XW3DhTQ

Inscrevam-se na Antologia Devires Poéticos

A Devires Poéticos: Antologia de poesias, contos e ilustrações está com inscrições abertas.

Escreva seu conto, crie sua poesia, desenhe sua tela, fotografe seu instante e participe da Devires Poéticos.

Não perca essa oportunidade de publicação poética.

Saiba mais no edital de seleção disponível através do site:

https://devirespoeticos.wixsite.com/antologia/edital

Concurso literário "Vida e obra de Adélia Prado"

A quinta edição da Revista SerEsta,
publicada em maio de 2020,
homenageou a escritora Adélia Prado.
Anunciamos agora a abertura de um concurso literário sobre a poetisa.
O objetivo do concurso é estimular a produção,
do público em geral, de textos e ilustrações sobre
"A vida e a obra de Adélia Prado",
a serem publicados no Suplemento da quinta edição da revista,
prevista para outubro do presente ano.
Acesse EDITAL DE CONCURSO na aba verde do MENU
e, para se inscrever, em INSCRIÇÃO.

Link para o edital:

https://revistaseresta.blogspot.com/p/edital-de-concurso.html

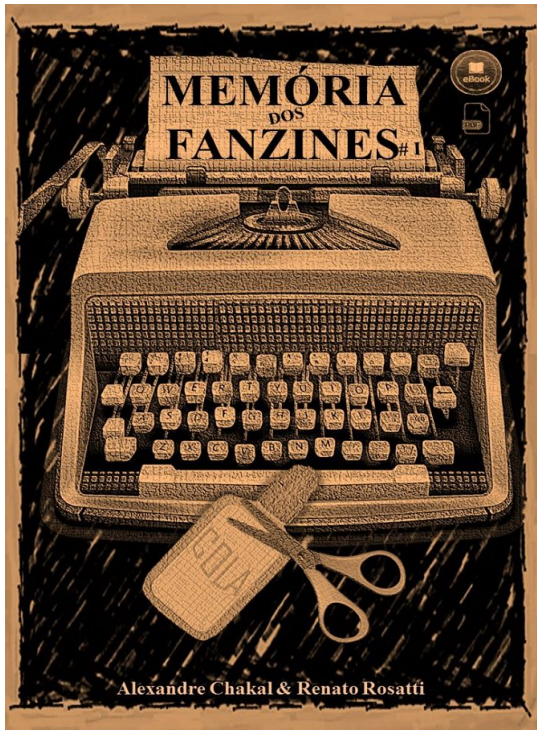
Memória dos Fanzines – e-book gratuito

Já se encontra disponível para download gratuito o E-Book "Memória dos Fanzines" #1, material que reúne cinquenta postagens da coluna "Memória dos Fanzines", publicadas desde 2018 no Blog "Metal Reunion Zine" por Alexandre Chakal e Renato Rosatti.
Este projeto teve colaboração e participação ativa de Fabio da Silva Barbosa ("Reboco Caído Zine"), que realizou algumas entrevistas com Zineiros das antigas, coletando depoimentos e contribuições extra de outras publicações independentes, com a sua incansável pesquisa nas artes literárias editadas em diversas partes do Brasil, assim como alguns países da América do Sul e Europa.
Este E-book contem 183 páginas e 600 capas e informações de zines de várias épocas.
O material está disponível para download gratuito na "Cadaveric Noise Bibilotech", um espaço virtual que a Murder Records resolveu abrir como um cemitério destinado à Fanzines, Manifestos, Livros e outras publicações independentes relacionadas com as artes do submundo.
Em paralelo, os editores informam que também já está em andamento o projeto Memória dos Fanzines" #2 e convidamos todos os interessados em enviar as suas contribuições e participações na próxima edição não deixem de entrar em contato.

MEMÓRIA DOS FANZINES

Contatos:
memoriadosfanzines@gmail.com
https://memoriadosfanzines.blogspot.com/

Download: http://www.murder-records.com/444998089



Participem do Projeto "Cartas para a Vida"

Texto: Ananda Lima

O Projeto *"Cartas para a Vida",* nasceu de uma parceria da Academia Barreirense de Letras - ABL e a Polícia Militar da Bahia.

A proposta do projeto é levar palavras de esperança, de acalento a quem está vivendo problemas emocionais, especialmente os que têm pensamentos de morte e depressão.

Qualquer pessoa pode escrever, qualquer idade, formação...

Temos recebido cartas de cunho religioso, cartas simples, cartas mais elaboradas, cartas com relatos de superação... uma diversidade. Inclusive temos recebido poemas com mensagens lindas.

Quem escreve, tem ciência que as cartas serão publicizadas. Então, a pessoa decide se identifica ou deixa anônima. Temos as duas situações. Há quem usa pseudônimo.

Em qualquer ponto do planeta a pessoa pode escrever ou pode ter acesso à carta. Quem escreve, envia para o e-mail: *cartasparaavida2018@gmail.com*

As cartas serão publicadas nas redes sociais que poderão ser amplamente compartilhadas até chegarem aos seus destinatários, que pode ser eu, você, qualquer pessoa a depender do dia que estamos vivendo.

O projeto nasceu em setembro de 2018, com a força do Setembro Amarelo, mas não se restringe apenas a este mês. Ocorre permanentemente.

Agora, estamos organizando para ter um livro com as cartas já recebidas.

facebook - https://www.facebook.com/cartasparaavida/

Instagran - @cartasparaavida1

WhatsApp: (77) 9-9998-3406

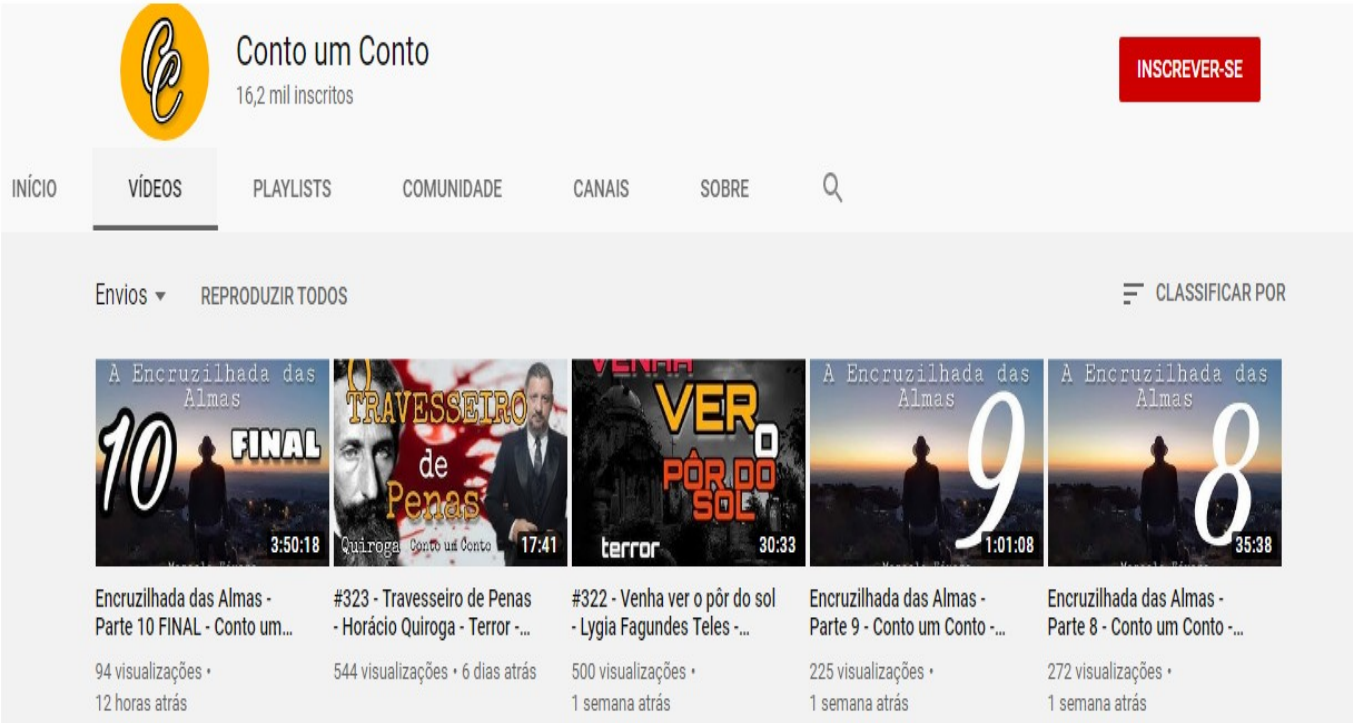
LiteraAmigos

Espaço dedicado a todas as entidades e projetos amigos que de alguma forma nos ajudam ou possuem proposta de trabalho semelhante a nossa:

Canal "Conto um Conto" - Canal do Youtube criado pelo locutor Marcelo Fávaro, onde podemos "ouvir" clássicos da literatura mundial. O canal proporciona entretenimento inclusivo e de qualidade para todos os amantes da boa literatura; tem Guimarães Rosa, Monteiro Lobato, Stephen King, Edgar Allan Poe, Machado de Assis e muito mais.

Conheçam, se inscrevam e aproveitem.
Ouvir histórias é relaxante e instrutivo!!

https://www.youtube.com/channel/UCsqheVzvPGoI6S3pP3MBlhg



"Blog Concursos Literários"

Blog criado em 2011, com o objetivo de divulgar editais e resultados de concursos literários e prêmios literários.

É considerado por muitos autores como uma fonte completa e acessível de editais e resultados de premiações realizadas no Brasil e em todo o mundo. O projeto também é elogiado por não incluir em suas postagens os concursos que cobram quaisquer taxas de inscrição ou publicação dos autores. Além disso, muitos organizadores de concursos literários reconhecem este espaço como uma referência no apoio à divulgação.

Acessem o site e conheçam os Concursos do mês, do ano e as seleções permanentes:

Blog: **https://concursos-literarios.blogspot.com.br/**

Facebook: **https://www.facebook.com/concursosliterarios/**

CONCURSOS

LITERÁRIOS

AAAHHrte é um zine-colagem de coisas interessantes encontradas por aí. O objetivo é apenas divulgar e valorizar a cultura, em suas variadas vertentes, para que seja apreciada, fomentada e preservada.
Quem quiser receber por mail o AAAHHrte, é só pedir no wnyhyw@gmail.com .

Acesse para ler:

Zineteca Digital colaborativa:

https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1VOSRYuN_id71RG9ks00clzH9nSTGxyGE

Academia Independente De Letras (AIL)

A ACADEMIA INDEPENDENTE DE LETRAS (AIL), situada na cidade de São João/PE é uma associação civil de direito privado, com finalidades culturais, sem fins lucrativos.

http://academiaindependentedeletrasail.blogspot.com/

Blog Alan Rubens

No blog do autor Alan Rubens, o leitor terá a oportunidade de ler textos incríveis escritos pelo próprio Alan e também de autores convidados de todos os lugares, numa reunião de talentos eclética e divertida.

https://alanrubens.wordpress.com/

O Sabor do Medo

Contos semanais de terror, escritos pelo autor Allan Fear, para ler gratuitamente!

Link do site:

https://noitesdehalloween.wixsite.com/allanfear

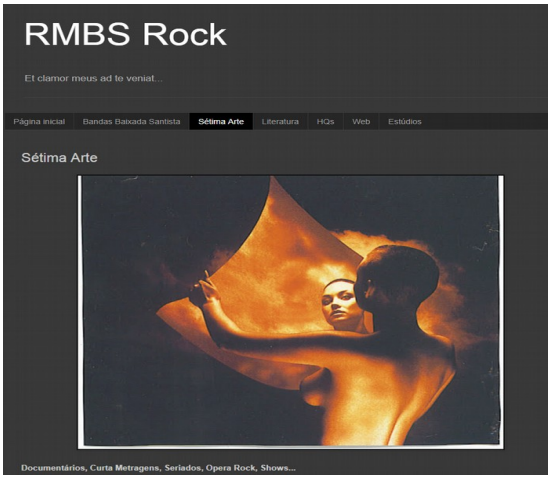
Blog RMBS Rock

Criado pelo talentoso J. Marcos B., o blog RMBS Rock, traz um pouco de tudo: Música, Cinema, Literatura, HQs e muito, mais muito entretenimento de qualidade e bom gosto.

Com uma interface bonita e bem organizada, o blog é uma ótima alternativa para quem procura conteúdo variado e eclético.

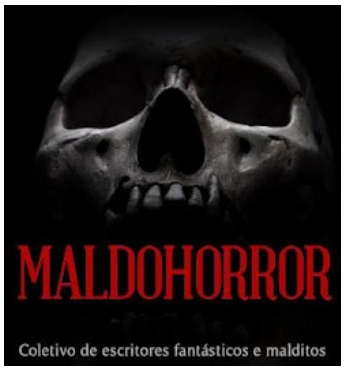
Visitem e prestigiem o RMBS Rock!!

https://rmbsrock.blogspot.com/



"Mulheres Audiovisual" - uma plataforma criada para unir as mulheres e a arte em geral, cadastre seu portfólio e participe:

http://mulheresaudiovisual.com.br/



Maldohorror - Coletivo de escritores fantásticos e malditos

Aventurem-se lendo o que há de melhor na literatura de Terror/Horror. Visite o site do Coletivo Maldohorror, que reúne os melhores contos de terror, poesias malditas, crônicas ácidas e histórias imorais, escritos por autores consagrados e também por iniciantes, numa grande mistura de estilos.

Site oficial:
www.maldohorror.com.br

Página do facebook:
https://www.facebook.com/maldohorror/

Mulheres Pela Paz - Frauen für Frieden - Ong criada na cidade da paz Augsburg, na Baviera - Alemanha, que promove ações entre cidadãs e cidadãos da Terra, criando um intercâmbio cultural de Paz através das Artes.

O projeto, que tem como curadora a escritora e Embaixadora da Paz Alexandra Magalhães Zeiner, tem realizado ações por todo o mundo, promovendo encontros, saraus e apoiando iniciativas que visam a inclusão social, a defesa do meio ambiente, a igualdade e a paz para todos os povos.

https://www.facebook.com/Mulheres-pela-Paz-Frauen-f%C3%BCr-Frieden-6642538000869/

"Elemental Editoração"

Elemental Editoração é um selo editorial independente do qual edita e publica livros nos formatos impressos e digitais sem qualquer vínculo com editoras.

Revista LiteraLivre
ISSN 2595-363X

Modelo de envio de textos para publicação na revista

No meio do caminho **(título)**

Carlos Drummond de Andrade **(nome para publicação – este nome não será trocado)**

Rio de Janeiro/RJ **(cidade e estado onde vive – país somente se for do exterior)**

(no máximo 3 textos com até 3 páginas)

(texto – utilize fonte arial ou times new roman)

No meio do caminho tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
tinha uma pedra,
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento,
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho,
tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
no meio do caminho tinha uma pedra.

https://www.pensador.com/melhores_poemas_de_carlos_drummond_de_andrade/

(site, página ou blog – pessoal ou de divulgação de obras)

Vamos mudar o mundo através das Palavras!!!

https://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre

https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre/